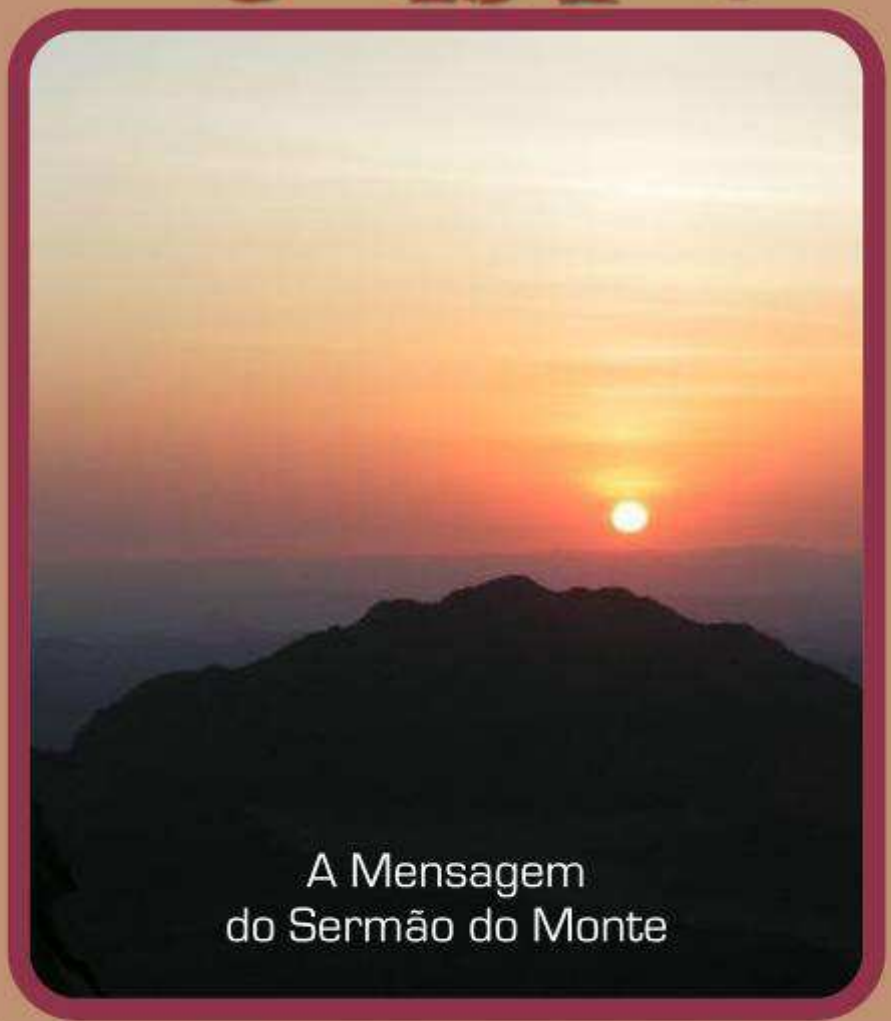
A BÍBLIA FALA HOJE

JOHN R. W. STOTT

CONTRACULTURA CRISTÃ



A Mensagem do Sermão do Monte

abu

A Bíblia fala hoje

Editores da série: J. A. Motyer (AT)
John R.W.Stott (NT)

Contracultura cristã
A mensagem do Sermão do Monte

CONTRACULTURA CRISTÃ

A mensagem do Sermão do Monte

John R. W. Stott
Reitor emérito de All Souls' Church, Londres

ABU Editora

CONTRA CULTURA CRISTÃ

Traduzido do original em inglês
CHRISTIAN COUNTER-CULTURE
Inter-Varsity Press, Inglaterra
©John R.W. Stott, 1978

Direitos reservados pela

ABU Editora S/C
C. Postal 30505
01000 — S. Paulo — SP — Brasil.

A ABU Editora é a publicadora da Aliança Bíblica Universitária do Brasil —A.B.U.B.

Tradução de Yolanda M. Krievin

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

lª Edição —1981

Digitalizado, revisado e formatado por:

Fabricio Valadão Batistoni

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/



Prefácio Geral

A Bíblia Fala Hoje constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento, caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.

Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

J. A. MOTYER J. R. W. STOTT *Editores da série*

Conteúdo

Prefácio Geral 4
Prefácio do Autor 5
Principais Abreviações e Bibliografia 6
Mateus 5:1, 2 Introdução: Que sermão é este? 7
Mateus 5:3-12 O caráter do cristão: as bem-aventuranças 14
Mateus 5:13-16 Á influência do cristão: o sal e a luz 27
Mateus 5:17-20 A justiça do cristão: Cristo, o cristão e a lei 33
Mateus 5:21-30 A justiça do cristão: esquivando-se à cólera e à concupiscência 39
Mateus 5:31-37 A justiça do cristão: fidelidade no casamento e honestidade nas palavras 43
Mateus 5:38-48 A justiça do cristão: não-vingança e amor ativo 48
Mateus 6:1-6, 16-18 A religião do cristão: não hipócrita, mas real 58
Mateus 6:7-15 O oração do cristão: não mecânica, mas refletida 66
Mateus 6:19-34 A ambição do cristão: não a segurança material, mas a direção de Deus 71
Mateus 7:1-12 Os relacionamentos do cristão: com os seus irmãos e com o seu Pai 81
Mateus 7:13-20 Os relacionamentos do cristão: os falsos profetas 90
Mateus 7:21-27 O compromisso cristão: uma escolha radical 95
MATEUS 7:28, 29 Conclusão: quem é esse pregador? 98

Prefácio do Autor

O Sermão do Monte exerce um fascínio sem par. Ele parece encerrar a essência do ensino de Jesus. Ele torna a justiça atrativa; envergonha o nosso fraco desempenho; gera sonhos de um mundo melhor.

É como expressou John Donne, num sermão pregado na quaresma de 1629, não sem uma pequena mas perdoável hipérbole: "Todos os artigos de nossa religião, todos os cânones de nossa igreja, todas as injunções de nossos príncipes, todas as homílias de nossos pais, todo o corpo de doutrinas estão contidos nestes três capítulos, neste Sermão do Monte."[1]

Devo confessar que me rendi ao seu fascínio, ou antes ao fascínio daquele que o pregou. Durante os últimos sete anos, pelo menos, tenho constantemente meditado nele. Em conseqüência, minha mente tem se debatido com os seus problemas, e o meu coração se abrasou pela nobreza dos seus ideais. Durante esse período, tentei compartilhar meus pensamentos e meu entusiasmo com estudantes da Universidade de Cambridge, com outros grupos de estudantes nos Estados Unidos e no Canadá, com a congregação da Igreja de All Souls, e com aquelas centenas de peregrinos de todo o mundo, na Convenção de Keswick, em 1972.

É claro que sobre o Sermão do Monte já se escreveram centenas de comentários. Eu mesmo pude estudar cerca de vinte e cinco deles, e o leitor irá notar minha dívida para com eles. De fato, meu texto está liberalmente salpicado de citações desses comentários, pois penso que devemos valorizar a tradição muito mais do que freqüentemente o fazemos, e que devemos assentar-nos mais humildemente aos pés dos mestres.

Meu propósito com esta exposição foi atentar cuidadosamente para o texto. Acima de tudo, o meu propósito foi deixar o próprio texto falar, ou melhor, deixar Cristo proferi-lo novamente, desta vez ao mundo contemporâneo. Assim, procurei encarar com integridade os dilemas que o Sermão levanta para os cristãos de hoje, e não esquivar-me deles, já que Cristo não nos deu um tratado acadêmico, calculado simplesmente para estimular a mente. Creio que ele desejava que o seu Sermão do Monte fosse obedecido. De fato, se a Igreja tivesse aceitado realisticamente os seus padrões e valores, como aqui demonstrados, e tivesse vivido segundo eles, ela teria sido a sociedade alternativa que sempre tencionou ser, e poderia oferecer ao mundo uma autêntica contracultura cristã.

Sou extremamente grato a John Maile, professor de Novo Testamento na Faculdade Spurgeon, em Londres, pela leitura do manuscrito e por várias proveitosas sugestões. Da mesma forma devo agradecimentos a Frances Whitehead e Vivienne Curry pela datilografia do texto.

JOHN R. W. STOTT

[1] Citado por McArthur, p. 12.

Principais Abreviações e Bibliografia

AG	*A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early Christian literature* de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (University of Chicago Press e Cambridge University Press, 1957)
Allen	*A criticai and exegetical commentary on the Gospel according to St Matthew* de W. C. Allen *(International Criticai Commentary*, 1907: T. and T. Clark, terceira edição, 1912).
Antiquities	*The Antiquities of the Jews* em *The Works of Flavius Josephus*, c. 75-95 d.C, traduzido por William Whiston (Londres, sem data).
Agostinho	*Our Lord's Sermon on the Mount*, uma exposição feita por Agostinho de Hippo. Início do século cinco d.C. Tradução de William Findlay na série *Library of Nicene and Post-Nicene Fathers*, vol. VI, editada por Philip Schaff, 1887. (Eerdmans, 1974.)
BLH	*A Bíblia na Linguagem de Hoje* (Sociedade Bíblica do Brasil).
Bonhoeffer	*Discipulado* de Dietrich Bonhoeffer (Sinodal, 1980).
Bruce	*Commentary on the Synoptic Gospels* de A. B. Bruce, na série *The Expositor's Greek Testament*, editada por W. Robertson Nicholl (Hodder, 1897).
Calvino	*Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark and Luke, I,* de João Calvino (1558: traduzido por William Pringle, 1845: Eerdmans, sem data)
Crisóstomo	*Homilies on the Gospel of St Matthew, Part I*, de João Crisóstomo (sem data: traduzido por George Prevost, Oxford, 1843).
Daube	*The New Testament and Rabbinic Judaism* de David Daube (Universiry of London, Athlone Press, 1956).
Davies	*The Setting of the Sermon on the Mount* de W. D. Davies (Cambridge Universiry Press, 1964).
ERAB	Edição Revista e Atualizada no Brasil (Sociedade Bíblica do Brasil).
ERC	Edição Revista e Corrigida (Imprensa Bíblica Brasileira).
Glover	*A Teacher's Commentary on the Gospel of St Matthew* de Richard Glover (Marshall, Morgan and Scott, 1956).
Homilies	*The Second Book of Homilies (1571)* na série *Homilies and Canons* (SPCK, 1914),
Hunter	*Design for Life: an Exposition of the Sermon on the Mount* de A. M. Hunter (SCM, 195,3; edição revisada 1965).
BJ	*A Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas).
Jeremias	*The Sermon on the Mount* de Joachim Jeremias Universiry of London, Athlone Press, 1961).
Lenski	*The Interpretation of St Matthew's Gospel* de R. C. H. Lenski (1943: Augsburg, 1964).
Lloyd-Jones	*Studies in the Sermon on the Mount* de D. Martyn Lloyd-Jones (IVP: vol. I, 1959, vol. II, 1960. As referências dadas referem-se à edição conjunta, 1977).
Lutero	*The Sermon on the Mount* de Martinho Lutero (1521: traduzido por Jaroslav Pelikan: vol 21 de *Luther's Works*, Concórdia, 1956)
McArthur	*Understanding the Sermon on the Mount* debey McArthur (Harper, 1960; Epworth, 1961).
McNeile	*The Gospel according to St Matthew: the Greek text with introduction, notes and indexes* de A. H. McNeile (1915: Macmillan**,** 1965).
NTV	*O Novo Testamento Vivo* (Mundo Cristão).
Plummer	*An exegetical commentary on the Gospel according to St Matthew* de Alfred Plummer (Alliot Stock, 1910).
Ryle	*Expository Thoughts on the Gospels* de J. C. Ryle (1856: edição de aniversário de *Matthew and Mark*, Zondervan).
Spurgeon	*The Gospel of the Kingdom* de C. H. Spurgeon (Passmore and Alabaster, 1893).
Stier	*The Words of the Lord Jesus*, I, de Rudolf Stier, traduzido por William B. Pope, 1855 (T. & T. Clark, 1874).
Stonehouse	*The Witness of Matthew and Mark to Christ* de N. B. Stonehouse (Tyndale Press, 1944; segunda edição 1958).
Tasker	*Evangelho Segundo Mateus* de R. V. G. Tasker (Vida Nova e Mundo Cristão, 1980).
Thielicke	*Life can begin again: sermons on the Sermon on the Mount* de Helmut Thielicke (1956: traduzido por John W. Doberstein, Fortress, 1963).
Tolstoy	*A Confession, The Gospel in Brief e What I Believe* de Leo Tolstoy (1882-1884: traduzido por Aylmer Maude na série *World's Classics*, n? 229; Oxford University Press, edição nova 1940)

War	*The Jewish War* em *The Works of Flavius Josephus*, c. 75-95 d.C, traduzido por William Whiston (London, sem data).
Windisch	*The Meaning of the Sermon on the Mount* de Hans Windisch (1929: segunda edição 1937: tradução em inglês, Westminster, 1941).

Mateus 5:1, 2
Introdução: Que sermão é este?

O Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida. De tudo o que ele disse, essas suas palavras são as que mais se aproximam de um manifesto, pois descrevem o que ele desejava que os seus seguidores fossem e fizessem. Penso que nenhuma outra expressão resume melhor a intenção de Jesus, ou indica mais claramente o seu desafio para o mundo moderno, do que a expressão "contracultura cristã". Vou lhes dizer por quê.

Os anos que se seguiram ao fim da segunda guerra mundial, em 1945, foram marcados por um idealismo inocente. O horrível pesadelo terminara. "Reconstrução" era o alvo universal. Seis anos de destruição e devastação eram coisas do passado; a tarefa agora era construir um novo mundo de cooperação e paz. Mas a irmã gêmea do idealismo é a desilusão, desilusão com aqueles que não participam do ideal, ou (pior) com os que se lhe opõem, ou (pior ainda) com os que o traem. E a desilusão com o que *é* continua alimentando o idealismo do que *poderia ser*.

Parece que atravessamos décadas de desilusão. Cada geração que se levanta odeia o mundo que herdou. Às vezes, a reação tem sido ingênua, embora não possamos dizer que tenha sido hipócrita. Os horrores do Vietnã não terminaram com aqueles que distribuíam flores e rabiscavam o seu lema "Faça amor, não faça guerra", embora o seu protesto não tenha passado despercebido. Hoje em dia, há pessoas que repudiam a opulência ávida do ocidente, que parece ficar cada vez mais gordo, através do esbulho do meio-ambiente natural, ou através da exploração de nações em desenvolvimento, ou através de ambas as coisas ao mesmo tempo; essas pessoas exprimem a totalidade da sua rejeição vivendo com simplicidade, vestindo-se negligentemente, andando descalças e evitando o desperdício. Em lugar do simulacro da socialização burguesa, estão famintas de relacionamentos de amor autênticos. Desprezam a superficialidade, tanto do materialismo descrente como do conformismo religioso, pois sentem que há uma "realidade" impressionante muito maior do que essas trivialidades, e buscam essa dimensão "transcendental" ilusória através da meditação, de drogas ou do sexo. Abominam até o próprio conceito do corre-corre da sociedade de consumo e acham que é mais honesto "cair fora" do que participar. Tudo isso é sintoma da incapacidade da geração mais jovem de adaptar-se ao *status quo* ou de aclimatar-se à cultura prevalecente. Não se sentem à vontade. Estão alienados.

E em sua busca de uma alternativa, "contracultura" é a palavra que usam. Ela expressa um amplo raio de ação de idéias ou ideais, experiências e alvos. Encontramos uma boa documentação a esse respeito em *The Making of a Counter-culture* (A Criação de uma Contracultura, 1969) de Theodore Roszak; em *The Dust of Death* (A Poeira da Morte, 1973) de Os Guinness, e em *Youthquake* (Terremoto Jovem, 1973) de Kenneth Leech.

De um certo modo, os cristãos consideram esta busca de uma cultura alternativa um dos mais promissores, e até mesmo excitantes, sinais dos tempos. Pois reconhecemos nisso a atividade do Espírito, o qual, antes de confortar, perturba; e sabemos a quem a busca deles conduzirá, se quiserem encontrar a resposta. Na verdade, é significativo que Theodore Roszak, encontrando dificuldade para expressar a realidade que a juventude contemporânea procura, alienada como está pela insistência dos cientistas quanto à "objetividade", sente-se obrigado a recorrer às palavras de Jesus: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"[2]

Mas, ao lado da esperança que esta disposição de protesto e busca inspira aos cristãos, há também (ou deveria haver) um sentimento de vergonha. Pois, se a juventude de hoje está à procura das coisas certas (significado, paz, amor, realidade), ela as tem procurado nos lugares errados. O primeiro lugar onde deveriam procurar é um lugar que normalmente ignoram, isto é, a Igreja. Pois, com demasiada freqüência, o que vêem nas igrejas não é a contracultura, mas o conformismo; não uma nova sociedade que concretiza seus

[2] *The Making of a Counter-Culture*, Anchor Books, Doubleday, 1969, p. 233.

ideais, mas uma versão da velha sociedade a que renunciaram; não a vida, mas a morte. Prontamente endossariam o que Jesus disse de uma igreja do primeiro século: "Tens nome de que vives, e estás morto".[3]

Urge que não somente vejamos, mas também sintamos, a grandeza dessa tragédia, pois, na medida em que uma igreja se conforme com o mundo, e as duas comunidades pareçam ser meramente duas versões da mesma coisa, essa igreja está contradizendo a sua verdadeira identidade. Nenhum comentário poderia ser mais prejudicial para o cristão do que as palavras: "Mas você não é diferente das outras pessoas!"

O tema essencial de toda a Bíblia, desde o começo até o fim, é que o propósito histórico de Deus é chamar um povo para si mesmo; que este povo é um povo "santo", separado do mundo para lhe pertencer e obedecer; e que a sua vocação é permanecer fiel à sua identidade, isto ê, ser "santo" ou "diferente" em todo o seu pensamento e em todo o seu comportamento.

Foi assim que Deus falou ao povo de Israel logo depois que o tirou da escravidão egípcia e fez dele o seu povo especial através da aliança: "Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos. Fareis segundo os meus juízos, e os meus estatutos guardareis, para andardes neles: Eu sou o Senhor vosso Deus."[4] Este apelo que Deus fez a seu povo, é preciso notar, tanto começou como terminou com a declaração de que ele era o Senhor seu Deus. Pelo fato de ser o seu Deus, com quem eles firmaram um pacto, e porque eles constituíam o seu povo especial, tinham de ser diferentes de quaisquer outras pessoas. Tinham de seguir os mandamentos de Deus e não os padrões daqueles que os cercavam.

Através dos séculos seguintes, o povo de Israel continuou se esquecendo da sua singularidade como povo de Deus. Embora nas palavras de Balaão fosse "povo que habita só, e (que) não será reputado entre as nações", na prática, entretanto, eles continuaram assimilando-se aos povos que os rodeavam: "Antes se mesclaram com as nações, e lhes aprenderam as obras".[5] Por isso exigiram que um rei os governasse "como todas as nações", e quando Samuel os advertiu com base no fato de ser Deus o rei deles, foram obstinados em sua insistência: "Não, mas teremos um rei sobre nós. Para que sejamos também como todas as nações."[6] Pior ainda do que o estabelecimento da monarquia foi a sua idolatria. "Seremos como as nações", diziam para si mesmos, ". . . servindo ao pau e à pedra."[7] Por isso Deus continuou lhes enviando os seus profetas para que lembrassem quem eram e para insistir com eles a seguirem o caminho de Deus. "Não aprendais o caminho dos gentios", falou-lhes através de Jeremias e Ezequiel, "não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor vosso Deus."[8] Mas o povo de Deus não queria ouvir-lhe a voz, e o motivo específico apresentado, pelo qual o juízo de Deus caiu primeiro sobre Israel e, depois, cerca de 150 anos mais tarde, sobre Judá, foi o mesmo: "Os filhos de Israel pecaram contra o Senhor seu Deus . . . andaram nos estatutos das nações . . . Também Judá não guardou os mandamentos do Senhor seu Deus; antes, andaram nos costumes que Israel introduziu."[9]

Tudo isso constitui um cenário essencial para se compreender o Sermão do Monte. O Sermão encontra-se no Evangelho de Mateus, logo no começo do ministério público de Jesus. Imediatamente após o seu batismo e tentação, Cristo começou a anunciar as boas novas de que o reino de Deus, há muito prometido no período do Velho Testamento, estava agora às portas. Ele mesmo viera para inaugurá-lo. Com ele nascia a nova era e o reinado de Deus irrompia na História. "Arrependei-vos", clamava, "porque está próximo o reino dos céus."[10] Na verdade, "percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino" (v. 23). O Sermão do Monte, então, deve ser visto neste contexto. Descreve o arrependimento *(metanóia,* a total transformação da mente) e a retidão, que fazem parte do reino; isto é, descreve como ficam a vida e a comunidade humana quando se colocam sob o governo da graça de Deus.

E como é que ficam? Tornam-se diferentes! Jesus enfatizou que os seus verdadeiros discípulos, os cidadãos do reino de Deus, tinham de ser inteiramente diferentes. Não deveriam tomar como padrão de conduta as pessoas que os cercavam, mas sim Deus, e assim provar serem filhos genuínos do seu Pai celestial. Para mim, o texto-chave do Sermão do Monte é 6:8: "Não vos assemelheis, pois, a eles." Imediatamente nos faz lembrar a palavra de Deus a Israel, na antigüidade: "Não fareis como eles."[11] É o mesmo convite para serem diferentes. E este tema foi desenvolvido através de todo o Sermão do Monte. O caráter deles teria de ser completamente diferente daquele que era admirado pelo mundo (as bem-

[3] Ap3:l.
[4] Lv 18:1-4.
[5] Nm 23:9; SI 106:35.
[6] lSm8:5,19,20.
[7] Ez 20:32.
[8] Jr 10:1, 2;Ez20:7.
[9] 2Rs 17:7, 8,19;cf. Ez5:7; 11:12.
[10] Mt4:17.

[11] Lvl8:3.

aventuranças). Deveriam brilhar como luzes nas trevas reinantes. A justiça deles teria de exceder à dos escribas e fariseus, tanto no comportamento ético quanto na devoção religiosa, enquanto que o seu amor deveria ser maior, e a sua ambição mais nobre do que a dos pagãos vizinhos.

Não há um parágrafo no Sermão do Monte em que não se trace este contraste entre o padrão cristão e o não-cristão. É o tema subjacente e unificador do Sermão; tudo o mais é uma variação dele. Às vezes, Jesus contrasta os seus discípulos com os gentios ou com as nações pagãs. Assim, os pagãos amam-se e saúdam-se uns aos outros, mas os cristãos têm de amar os seus inimigos (5:44-47); os pagãos oram segundo um modelo, com "vãs repetições", mas os cristãos devem orar com a humilde reflexão de filhos do seu Pai no céu (6:7-13); os pagãos estão preocupados com as suas próprias necessidades materiais, mas os cristãos devem buscar primeiro o reino e a justiça de Deus (6:23, 33).

Em outros pontos, Jesus contrasta os seus discípulos, não com os gentios, mas com os judeus, ou seja, não com pessoas pagãs mas com pessoas religiosas; especificamente, com os "escribas e fariseus". O Professor Jeremias, sem dúvida, está certo ao dizer que são "dois grupos de pessoas totalmente diferentes", pois "os escribas são os mestres de teologia que tiveram alguns anos de estudo; os fariseus, por outro lado, não são teólogos, mas sim grupos de leigos piedosos de todas as camadas da sociedade".[12] Certamente Jesus opõe a moral cristã à casuística ética dos escribas (5:21-48) e a devoção cristã à piedade hipócrita dos fariseus (6:1-18).

Assim, os discípulos de Jesus têm de ser diferentes: tanto da igreja nominal, como do mundo secular; tanto dos religiosos, como dos irreligiosos. O Sermão do Monte é o esboço mais completo, em todo o Novo Testamento, da contracultura cristã. Eis aí um sistema de valores cristãos, um padrão ético, uma devoção religiosa, uma atitude para com o dinheiro, uma ambição, um estilo de vida e uma teia de relacionamentos: tudo completamente diferente do mundo que não é cristão. E esta contracultura cristã é a vida do reino de Deus, uma vida humana realmente plena, mas vivida sob o governo divino.

Chegamos à introdução editorial dada por Mateus ao Sermão, a qual é breve mas impressionante: indica a importância que ele lhe atribuía.

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos, e ele passou a ensiná-los, dizendo. .. (5:1, 2)

Não há dúvida de que o propósito principal de Jesus ao subir uma colina ou montanha para ensinar era fugir das "numerosas multidões" da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão[13], que o seguiam. Ele passara os primeiros meses do seu ministério público vagando por toda a Galiléia, "ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo". Como resultado, "sua fama correu por toda a Síria", e o povo vinha em grandes multidões, trazendo os seus doentes para serem curados.[14] Por isso Jesus precisava fugir, não só para ter uma oportunidade de ficar sozinho e orar, mas também para dar uma instrução mais concentrada aos seus discípulos.

Além disso, parece (conforme muitos comentaristas antigos e modernos têm sugerido) que ele deliberadamente *subiu ao monte* para ensinar, a fim de traçar um paralelo entre Moisés (que recebeu a lei no Monte Sinai) e ele próprio (que então explicou aos seus discípulos as conseqüências dessa lei, no chamado "Monte das Bem-aventuranças", o local tradicional do Sermão, junto às praias ao norte do Lago da Galiléia). Pois, embora Jesus fosse maior do que Moisés, e embora a sua mensagem fosse mais evangelho do que lei, ele também escolheu doze apóstolos para formar o núcleo de um novo Israel, em correspondência aos doze patriarcas e tribos da antigüidade. Ele também proclamou ser Mestre e Senhor, deu a sua própria interpretação autorizada da lei de Moisés, enunciou mandamentos e esperou obediência. Até mesmo convidou, mais tarde, os seus discípulos a tomarem o seu "jugo", ou submeterem-se aos seus ensinamentos, assim como anteriormente carregaram o jugo do Torá.[15]

Alguns mestres desenvolveram esquemas muito elaborados para demonstrar este paralelo. B. W. Bacon, em 1918, por exemplo, argumentou que Mateus deliberadamente estruturou o seu Evangelho em cinco partes, cada uma terminando com a fórmula "quando Jesus acabou . . ." (7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1), a fim de que os "cinco livros de Mateus" correspondessem aos "cinco livros de Moisés" e fossem uma espécie de Pentateuco do Novo Testamento.[16]

Um paralelismo diferente foi sugerido por Austin Farrer, a saber, que Mateus 5-7 teve por modelo Êxodo 20-24, as oito bem-aventuranças correspondendo aos dez mandamentos, com o restante do Sermão dissertando sobre as mesmas e aplicando-as, assim como os mandamentos também foram dissertados e

[12] p.23.
[13] 4:25.
[14] 4:23,24.
[15] Mt 11:29,30.
[16] A teoria de B. W. Bacon foi resumida e criticada por W. D. D avies, pp. 15-25.

explicados.[17]

Estas tentativas engenhosas de descobrir paralelos são compreensíveis porque em muitas passagens do Novo Testamento a obra salvadora de Jesus está descrita como um novo êxodo,[18] e a vida cristã como uma alegre celebração disso: "Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso celebremos a festa."[19] Embora Mateus não compare explicitamente Jesus a Moisés, e não possamos reivindicar mais do que isso no Sermão, "a *essência* da Nova Lei, o Novo Sinai, o Novo Moisés estão presentes".[20]

Em todos os eventos, Jesus *assentou-se,* assumindo a posição de um rabi ou legislador, e *seus discípulos aproximaram-se dele,* para aprender dos seus ensinamentos. Então *ele passou* (uma expressão que indica a solenidade do seu pronunciamento) *a ensiná-los.*

Três perguntas básicas formam-se imediatamente na mente do leitor moderno, ao estudar o Sermão do Monte. Tal pessoa não se sentirá receptiva para com os ensinamentos desse sermão se não receber respostas satisfatórias às seguintes perguntas: Primeiro, o Sermão do Monte é um autêntico pronunciamento de Jesus? Foi realmente pregado por ele? Segundo, o seu conteúdo é relevante para o mundo contemporâneo, ou é totalmente fora de moda? Terceiro, os seus padrões são atingíveis, ou devemos esquecê-los por serem em larga escala um ideal impraticável?

1. O Sermão é autêntico?

O Sermão do Monte aparece só no primeiro Evangelho (Mateus). No terceiro Evangelho (Lucas) há um sermão semelhante, às vezes chamado de "o Sermão da Planície".[21] Lucas diz que foi pregado "numa planura" à qual Jesus "desceu" depois de retirar-se "para o monte" a fim de orar.[22] Mas a aparente diferença de localização não deve nos deter, pois a "planura" pode muito bem ter sido um platô sobre os montes e não uma planície ou um vale.

Uma comparação do conteúdo dos dois sermões revela imediatamente que não são idênticos. O de Lucas é consideravelmente mais curto, consistindo de apenas 30 versículos, em contraste com os 107 de Mateus, e cada um inclui matérias que estão ausentes no outro. Não obstante, há também óbvias semelhanças entre eles. Os dois sermões começam com "bem-aventuranças", terminam com a parábola dos dois construtores, e no meio contêm a regra áurea, a ordem para amar os nossos inimigos e oferecer a outra face, a proibição de julgar as pessoas, e as vivas ilustrações da trave no olho e da árvore com os seus frutos. Esta matéria comum aos dois sermões, com um começo e um final em comum, sugere que os dois são versões do mesmo sermão. Qual é, entretanto, a relação entre eles? Como explicar a combinação de semelhanças e variações?

Muitos têm negado que o Sermão do Monte tenha sido um "sermão" (qualquer que seja o sentido desta palavra) pregado por Jesus numa ocasião específica. É um aspecto bem conhecido da prática editorial do primeiro evangelista a reunião, no texto de um capítulo, de ensinamentos de Jesus que são relacionados entre si. O melhor exemplo disto é a sua série de sete parábolas de Jesus.[23] Há quem tenha argumentado, assim, que Mateus 5 a 7 representa uma coleção de pronunciamentos de Jesus, habilmente ligados em forma de sermão pelo evangelista, ou por uma comunidade cristã primitiva, da qual ele o teria recebido. Até Calvino acreditava nisso: "O plano desses dois evangelistas era o de reunir num só lugar os pontos principais da doutrina de Cristo que se relacionam com uma vida devota e santa."[24] Como resultado, o Sermão é "um pequeno resumo . . . extraído de seus muitos e variados discursos".[25]

Alguns comentaristas modernos foram mais francos. Bastará citar um exemplo. W. D. Davies chama o Sermão de "simplesmente uma coleção de pronunciamentos não relacionados entre si, de diversas origens, uma colcha de retalhos"; e, depois de fazer uma crítica da fonte, da forma e da liturgia neste texto, ele conclui: "Assim, o impacto da recente crítica em todas as suas formas é lançar dúvidas sobre a conveniência de procurar entender este trecho . . . como um todo inter-relacionado que se origina dos ensinamentos genuínos de Jesus."[26] Mais tarde, ele admite que a maré se virou para a chamada "crítica de redação", o que pelo menos concede aos próprios evangelistas o mérito de verdadeiros autores, que deram forma à tradição que preservaram. Não obstante, continua cético sobre quanto dos ensinamentos originais de Jesus está contido no Sermão do Monte.

---

[17] A teoria de Austin Farrer foi criticada por W. D. Davies, pp. 9-13.
[18] cf. Mt2:15.
[19] 1 Co 5:7, 8.
[20] Davies, p. 108.
[21] Lc6:17-49.
[22] Lc 6:12,17
[23] Mt 13.
[24] p. 258.
[25] p. 259.
[26] pp. 1,5

A reação a esta espécie de crítica literária depende das pressuposições teológicas fundamentais que se tenha sobre o próprio Deus, sobre a natureza e o propósito da revelação de Deus em Cristo, sobre a obra do Espírito Santo e sobre o senso de verdade do evangelista. Pessoalmente, acho difícil aceitar qualquer ponto de vista sobre o Sermão que atribua o seu conteúdo à igreja primitiva e não a Jesus, ou que até mesmo o considere como uma amálgama de seus pronunciamentos em diversas ocasiões. A razão principal é que tanto Mateus como Lucas apresentam essa matéria como um sermão de Cristo, e parecem pretender que seus leitores o entendam assim. Ambos lhe dão um contexto histórico e geográfico preciso, atribuindo-o ao começo do ministério de Jesus na Galiléia e declarando que ele o transmitiu "no monte" e "numa planura" sobre os montes. Mateus registra a reação de perplexidade das multidões, quando Jesus terminou de proferi-lo, destacando que foi por causa da autoridade com que ele falava.[27] E ambos dizem que, quando terminou, "entrou em Cafarnaum".[28]

Isto não significa, entretanto, que os dois evangelistas nos tenham transmitido todo o sermão *ipsissima verba*. Está claro que não o fizeram, pois, em ambos os casos, Jesus falou em aramaico, e os dois Evangelhos têm uma versão grega. Além disso, conforme já vimos, suas versões diferem uma da outra. Há diversos outros modos possíveis de explicá-lo. Assim também ambos apresentaram a sua seleção e tradução individual, de uma fonte comum ou de fontes independentes. Ou Lucas apresenta um resumo menor, omitindo grande parte, enquanto que Mateus registra mais, senão a maior parte dele; ou Mateus elabora um sermão originalmente mais curto, aumentando-o com o acréscimo de outros contextos autênticos e pronunciamentos apropriados de Jesus. Podemos ainda afirmar que o Espírito Santo orientou a seleção e o arranjo.

Quanto a mim, prefiro a sugestão que o Professor A. B. Bruce fez em seu comentário de 1897. Ele acreditava que o material contido em Mateus 5 a 7 representa a instrução "não de uma simples hora ou dia, mas de um período de retiro".[29] Conjecturava que Jesus poderia ter reunido consigo os discípulos no monte para uma espécie de "Acampamento de Verão". Por isso não chamava aqueles capítulos de "Sermão do Monte" (expressão usada pela primeira vez por Agostinho), mas de "Ensinamentos do Monte".[30] Mais ainda, o Sermão, conforme registrado em Mateus, teria a duração de apenas cerca de dez minutos, por isso é possível que os evangelistas nos tenham dado apenas versões condensadas.

2. O Sermão é relevante?

Se o Sermão é ou não relevante para a vida moderna, só se pode julgar através de um detalhado exame do seu conteúdo. O que salta à vista é que, não importando como ele foi composto, forma um todo maravilhosamente coerente. Descreve o comportamento que Jesus esperava de cada um dos seus discípulos, que são também cidadãos do reino de Deus. Vemos como Jesus é em si mesmo, em seu coração, em suas motivações, em seus pensamentos, e também quando afastado, sozinho com o seu Pai. Vemo-lo na arena da vida pública, relacionando-se com o próximo, exercendo misericórdia, patrocinando a paz, sendo perseguido, agindo como sal, deixando a sua luz brilhar, amando e servindo aos outros (até mesmo aos seus inimigos), e dedicando-se acima de tudo à expansão do reino de Deus e da sua justiça no mundo.

Talvez uma rápida análise do Sermão ajude a demonstrar a sua relevância para nós, no século vinte.

a. O caráter do cristão (5:3-12)

As bem-aventuranças enfatizam oito sinais principais da conduta e do caráter cristãos, especialmente em relação a Deus e aos homens, e as bênçãos divinas que repousam sobre aqueles que externam estes sinais.

b. A influência do cristão (5:13-16)

As duas metáforas do sal e da luz indicam a influência que os cristãos devem exercer para o bem na comunidade se (e tão somente se) mantiverem o seu caráter distinto, conforme descrito nas bem-aventuranças.

c. A justiça do cristão (5:17-48)

Qual deve ser a atitude do cristão para com a lei moral de Deus? Ficaria a lei propriamente dita abolida na vida cristã, como estranhamente afirmam os advogados da filosofia da "nova moralidade" e da escola dos "não-mais-sob-a-lei"? Não. Jesus não tinha vindo para abolir a lei e os profetas, disse ele, mas para cumpri-los. E mais, ele chegou a declarar que a grandeza no reino de Deus se media pela conformidade com os

[27] 7:28,29.
[28] Mt8:5;Lc7:l.
[29] p.94.
[30] p.95.

ensinamentos morais da lei e dos profetas, e que até mesmo entrar no reino era impossível sem uma justiça maior do que a dos escribas e fariseus (5:17-20). Jesus deu, então, seis ilustrações desta justiça cristã melhor (5:21-48), relacionando-a com o homicídio, com o adultério, com o divórcio, com o juramento, com a vingança e com o amor. Em cada antítese ("Ouvistes que foi dito ... eu, porém, vos digo . . ."), rejeitou a acomodada tradição dos escribas, reafirmou a autoridade das Escrituras do Velho Testamento e apresentou as decorrências plenas e exatas da lei moral de Deus.

d. A piedade do cristão (6:1-18)

Em sua "piedade" ou devoção religiosa, os cristãos não devem se acomodar nem com o tipo hipócrita dos fariseus, nem com o formalismo mecânico dos pagãos. A piedade cristã deve destacar-se acima de tudo pela realidade, pela sinceridade dos filhos de Deus que vivem na presença de seu Pai celestial.

e. A ambição do cristão (6:19-34)

O "mundanismo" do qual os cristãos devem fugir pode ter aparência religiosa ou secular. Por isso, devemos ser diferentes dos não-cristãos, não apenas em nossas devoções, mas também em nossas ambições. Cristo modifica especialmente a nossa atitude para com a riqueza e os bens materiais. É impossível adorar a Deus e ao dinheiro; temos de escolher um dos dois. As pessoas do mundo estão preocupadas com a busca do alimento, da bebida e do vestuário. Os cristãos devem ficar livres destas ansiedades materiais ego-centralizadas e, em lugar disso, devem dedicar-se à expansão do governo e da justiça de Deus. É o mesmo que dizer que a nossa ambição suprema deve ser a glória de Deus e não a nossa própria glória, nem mesmo o nosso próprio bem-estar material. É uma questão do que buscamos "em primeiro lugar".

f. Os relacionamentos do cristão (7:1-20) Os cristãos estão presos em uma complexa teia de relacionamentos, todos eles partindo do nosso relacionamento com Cristo. Quando nos relacionamos devidamente com ele, os nossos demais relacionamentos são todos afetados. Novos relacionamentos surgem, e os antigos se modificam. Assim, não devemos julgar o nosso irmão, mas servi-lo (vs. 1-5). Devemos também evitar oferecer o evangelho àqueles que decididamente o rejeitam (v. 6); devemos continuar orando ao nosso Pai celestial (vs. 7-12) e tomar cuidado com os falsos profetas, que impedem que muita gente encontre a porta estreita e o caminho difícil (vs. 13-20).

g. Uma dedicação cristã (7:21-27)

O último item apresentado pelo todo do Sermão relaciona-se com a autoridade do pregador. Não basta chamá-lo de "Senhor" (vs. 21-23) ou ouvir os seus ensinamentos (vs. 24-27). A questão básica é se nós somos *sinceros* no que dizemos e se *fazemos* o que ouvimos. Deste compromisso depende o nosso destino eterno. Só quem obedece a Cristo como Senhor é sábio. Pois quem assim procede está edificando a sua casa sobre o alicerce da rocha, que as tempestades da adversidade e do juízo não serão capazes de solapar.

As multidões ficaram perplexas com a autoridade com que Jesus ensinava (vs. 28, 29). É uma autoridade à qual os discípulos de Jesus de cada geração devem submeter-se. A questão do senhorio de Cristo é relevante hoje em dia, tanto com referência a princípios como à aplicação prática, da mesma maneira que o era quando originalmente ele pregou o Sermão do Monte.

3. O Sermão é prático?

A terceira questão é pragmática. Uma coisa é convencer-se da relevância do Sermão em teoria; mas outra totalmente diferente é ter a certeza de que funcionará na prática. Seus padrões são atingíveis? Ou devemos quedar-nos satisfeitos, admirando-os melancolicamente à distância?

Talvez a maioria dos leitores e comentaristas, encarando a realidade nua e crua da perversidade humana, tenha chegado à conclusão de que os padrões do Sermão do Monte são inatingíveis. Dizem que os seus ideais são nobres mas impraticáveis, atraentes à imaginação mas impossíveis de se cumprir. Conhecendo bastante o agressivo egoísmo humano, questionam: como pode, então, alguém ser manso? Conhecem a imperiosa paixão sexual humana; como pode, então, alguém refrear os seus olhares e os seus pensamentos concupiscentes? Conhecem a preocupação humana com os problemas da vida; como, então, proibir-se a apreensão? Sabem da prontidão humana em irar-se e em ter sede de vingança; como então, esperar que alguém ame seus inimigos? Mais do que isto: a exigência não é voltar a outra face a um assaltante, o que é perigoso para o bem-estar da própria sociedade? E não ultrapassa essa exigência a capacidade individual? Provocar mais a violência dessa maneira não só permite que ela permaneça sem castigo, mas até a incentiva. Não! O Sermão do Monte não teria valor prático para os indivíduos ou comunidades. Na melhor das hipóteses, representaria o idealismo impraticável de um visionário. Seria um sonho que jamais se poderia

realizar.

Uma modificação deste ponto de vista, pela primeira vez expressa por Johannes Weiss em 1892, e mais popularizada por Albert Schweitzer, é que Jesus fazia exigências excepcionais para uma situação excepcional. Acreditando eles que Jesus esperava que o fim da História acontecesse quase imediatamente, argumentavam que ele dava a seus discípulos uma "ética provisória", que exigia deles sacrifícios totais, como abandonar as suas propriedades e amar os seus inimigos, sacrifícios apropriados só para aquele momento de crise. Neste caso, o Sermão do Monte transforma-se numa espécie de "lei marcial",[31] que só uma emergência maior poderia justificar. Enfaticamente, não seria uma ética para o quotidiano.

E tem havido muitas tentativas de acomodar o Sermão do Monte aos baixos níveis de nossa capacidade moral. Nos capítulos quarto e quinto do seu livro *Understanding the Sermon on the Mount* (Compreendendo o Sermão do Monte), Harvey McArthur primeiro examina e depois avalia nada menos de doze maneiras diferentes de interpretar o Sermão.[32] Diz que poderia muito bem intitular esta seção de "Versões e Evasivas do Sermão do Monte", pois todas menos uma das doze interpretações oferecem qualificações prudentes de suas exigências aparentemente absolutas.

No extremo oposto ficam aquelas almas superficiais que desembaraçadamente afirmam que o Sermão do Monte expressa padrões éticos que são manifestamente verdadeiros, comuns a todas as religiões e fáceis de obedecer. "Eu vivo de acordo com o Sermão do Monte", dizem. A reação mais caridosa para com essa gente é presumir que nunca leram o Sermão que tão confiantemente consideram uma coisa comum, normal. Bem diferente foi Leo Tolstoy (embora ele também cresse que o Sermão foi pregado a fim de ser obedecido). É verdade que ele se reconhecia um fracasso sem limites, mas continuava crendo que os preceitos de Jesus poderiam ser postos em prática, e colocou a sua convicção nos lábios do Príncipe Nekhlyudov, o herói de sua última grande obra, *Ressurreição*, publicada em 1899-1900.

O príncipe de Tolstoy geralmente é considerado como um auto-retrato, e muito mal disfarçado. No final da novela, Nekhlyudov relê o Evangelho de Mateus. Vê no Sermão do Monte "não lindos pensamentos abstratos, que apresentam principalmente exigências exageradas e impossíveis, mas mandamentos simples, claros, práticos que, se fossem obedecidos (e isto parecendo ser bastante exeqüível), estabeleceriam uma ordem completamente nova na sociedade humana, onde a violência que enchia Nekhlyudov de indignação não só cessaria sozinha, mas também a maior de todas as bênçãos que o homem pode esperar, o reino dos céus na terra, seria alcançada."

"Nekhlyudov ficou parado olhando para a luz da lâmpada que bruxuleava, e seu coração parou de bater. Lembrando toda a monstruosa confusão da vida que levamos, imaginou como esta vida poderia ser, caso as pessoas fossem ensinadas a obedecer a estes mandamentos; e sua alma foi invadida por um êxtase jamais sentido antes, Foi como se, depois de muito anelar e sofrer, finalmente encontrasse paz e libertação.

Não dormiu naquela noite e, como acontece com a imensidão dos que lêem os Evangelhos, compreendeu pela primeira vez o pleno significado das palavras tantas vezes lidas no passado, mas não entendidas. Como uma esponja que chupa a água, ele bebeu aquela vital, importante e alegre novidade que o livro lhe revelou. E tudo o que lia lhe parecia familiar, confirmando e tornando real o que já conhecia há muito tempo mas que jamais compreendera totalmente nem crera realmente. Mas agora entendia e cria...

Disse para si mesmo: 'Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Mas nós buscamos todas estas coisas e obviamente fracassamos em alcançá-las. Esta, portanto, deve ser a tarefa de minha vida. Uma tarefa foi completada e outra está por fazer.'

Naquela noite uma vida inteiramente nova teve início em Nekhlyudov, não tanto porque penetrasse em novas condições de vida, mas porque tudo o que lhe acontecia daquele momento em diante estava revestido de um significado totalmente diferente para ele. Como este novo capítulo de sua vida terminará, o futuro há de mostrar."[33]

Tolstoy personificava a tensão entre o ideal e a realidade. De um lado estava convencido de que obedecer ao Sermão do Monte é "realidade exeqüível", enquanto que, de outro lado, a sua própria atuação medíocre dizia-lhe que não é. A verdade não se encontra em nenhuma das posições extremas. Os padrões do Sermão não podem ser imediatamente atingidos por todo o mundo, nem totalmente alcançados por qualquer um. Colocá-los além do alcance de qualquer pessoa é ignorar o propósito do Sermão de Cristo; colocá-los como sendo atingíveis por qualquer pessoa é ignorar a realidade do pecado. Esses padrões são atingíveis, mas só por aqueles que experimentaram o novo nascimento, condição esta que Jesus disse a Nicodemos ser indispensável para se ver e para se entrar no reino de Deus. Pois a justiça que ele descreveu no Sermão é uma

[31] A expressão é do Prof. Jeremias (p. 14).
[32] pp. 105-148.

[33] Penguin Classics, 1966, pp. 566-568.

justiça interior. Embora se manifeste externa e visivelmente em palavras, em atos e em relacionamentos, continua sendo essencialmente uma justiça do coração. O que se pensa no coração, e onde o coração é colocado, isso é o que realmente importa.[34] E aqui também que jaz o problema, pois os homens são "maus" por natureza.[35] Pois é do seu coração que saem as coisas más[36] e do seu coração é que saem as suas palavras, assim como é a árvore que estabelece os frutos que produzirá. Portanto, só há uma solução: "Fazei a árvore boa, e o seu fruto será bom".[37] Um novo nascimento é essencial. Só a crença na necessidade e na possibilidade de um novo nascimento pode evitar que leiamos o Sermão do Monte com um tolo otimismo ou um desespero total. Jesus proferiu o Sermão para aqueles que já eram seus discípulos e, portanto, também cidadãos do reino de Deus e filhos da família de Deus.[38] O alto padrão que estabeleceu só é apropriado para tais pessoas. Não podemos, e na verdade é impossível, alcançar este *status* privilegiado por obedecer ao padrão estabelecido por Cristo. Antes, quando seguimos o seu padrão ou, pelo menos, quando nos aproximamos dele, damos prova de que a livre graça e o dom de Deus já operaram em nós.

Mateus 5:3-12
O caráter do cristão: as bem-aventuranças

3 *Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.*
4 *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*
5 *Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.*
6 *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serãofartos.*
7 *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*
8 *Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.*
9 *Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.*
10 *Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.*
11 *Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.*
12 *Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.*

Quem é que, tendo ouvido falar de Jesus de Nazaré, e sabendo um pouco acerca do que ele ensinou, não está familiarizado com as bem-aventuranças que dão início ao Sermão do Monte? A simplicidade de palavras e a profundidade de idéias deste Sermão têm atraído cada nova geração de cristãos, além de muitas outras pessoas. Quanto mais exploramos suas implicações, mais fica por ser explorado. Suas riquezas são inexauríveis. Não podemos sondar suas profundezas. Na verdade, "Aproximamo-nos do céu".[39]

Antes de estarmos prontos para considerar separadamente cada bem-aventurança, há três perguntas de caráter geral que precisamos responder. Referem-se às pessoas descritas, às qualidades recomendadas e às bênçãos prometidas.

a. As pessoas descritas

As bem-aventuranças descrevem o caráter equilibrado e diversificado do povo cristão. Não existem oito grupos separados e distintos de discípulos, alguns dos quais são mansos, enquanto outros são misericordiosos e outros, ainda, chamados para suportarem perseguições. São, antes, oito qualidades do mesmo grupo de pessoas que, ao mesmo tempo, são mansas e misericordiosas, humildes de espírito e limpas de coração, choram e têm fome, são pacificadoras e perseguidas.

Além disso, o grupo que exibe estes sinais não é um conjunto elitista, uma pequena aristocracia espiritual distante da maioria dos cristãos. Pelo contrário, as bem-aventuranças são especificações dadas pelo próprio Cristo quanto ao que cada cristão deveria ser. Todas estas qualidades devem caracterizar todos os seus discípulos. Da mesma forma que o fruto do Espírito, descrito por Paulo, deve amadurecer em seus nove

[34] cf. Mt 5:28; 6:21
[35] Mt7:11
[36] cf. Mc 7:21-23.
[37] Mt 7:16-20; 12:33-37
[38] p. ex. 5:16,48; 6:9,32,33; 7:11.
[39] Bruce,p.95.

aspectos no caráter de cada cristão, também as oito bem-aventuranças que Cristo menciona descrevem o seu ideal para cada cidadão do reino de Deus. Ao contrário dos dons do Espírito, que ele distribui a diferentes membros do corpo de Cristo a fim de equipá-los para diferentes espécies de serviço, o mesmo Espírito está interessado em produzir todas estas graças cristãs em todos nós. Não podemos fugir à nossa responsabilidade de cobiçá-las todas.

b. As qualidades recomendadas

Sabemos muito bem que há uma discrepância, pelo menos verbal, entre as bem-aventuranças do Evangelho de Mateus e as de Lucas. Assim, Lucas diz: "Bem-aventurados vós os pobres", enquanto que Mateus declara: "Bem-aventurados os humildes (pobres) de espírito". Em Lucas temos: "Bem-aventurados vós os que agora tendes fome", e em Mateus: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça".

Por causa disto, alguns argumentam que a versão de Lucas é a verdadeira; que Jesus estava julgando os pobres e os famintos do ponto de vista social ou sociológico; que ele estava prometendo alimento aos subnutridos e ao proletariado no reino de Deus; e que Mateus espiritualizou o que constituía originalmente uma promessa material.

Mas esta interpretação é impossível, a não ser que estejamos prontos a crer que Jesus se contradisse ou que os evangelistas foram demasiado ineptos para fazê-lo parecer assim. No deserto da Judéia, nas tentações descritas por Mateus no capítulo anterior, Jesus recusou-se a transformar pedras em pão e repudiou a idéia de estabelecer um reino material. De maneira consistente, através de todo o seu ministério, rejeitou a mesma tentação. Quando alimentou os cinco mil e, por causa disto, induziu a multidão a "arrebatá-lo para o proclamarem rei", Jesus imediatamente se retirou sozinho para o monte.[40] E quando Pilatos perguntou-lhe se havia qualquer verdade nas acusações dos líderes judeus contra ele, e se realmente tinha alguma ambição política, sua resposta foi inequívoca: "O meu reino não é deste mundo."[41] Isto é, tinha uma origem diferente e, portanto, caráter diferente.

Com isso não sugerimos que Jesus ficasse indiferente à pobreza e fome físicas. Pelo contrário, ele sentia compaixão pelos necessitados e alimentava os famintos, e disse aos seus discípulos que fizessem o mesmo. Mas a bênção do seu reino não era em primeiro lugar uma vantagem econômica.

Mais ainda, se ele não oferecia alívio físico imediato, não o prometia tampouco num céu futuro e, enquanto isso, anunciava que os pobres e famintos eram "bem-aventurados". Na verdade, em algumas circunstâncias, Deus pode usar a pobreza como instrumento de bênção espiritual, exatamente como a riqueza pode ser um impedimento à mesma. Mas isto não transforma a pobreza por si mesma em condição desejável, que Jesus abençoe.

A igreja sempre esteve errada quando usou a primeira bem-aventurança para fechar os olhos diante da pobreza das massas, ou para elogiar a pobreza voluntária dos monges e de outros que fizeram voto de renúncia aos bens materiais. Cristo pode, realmente, chamar alguns para uma vida de pobreza, mas essa chamada não pode ser, honestamente, percebida nesta bem-aventurança.

A pobreza e a fome a que Jesus se refere nas bem-aventuranças são condições espirituais. São "os humildes (pobres) *de espírito"* e aqueles que "têm fome e sede *de justiça"* que ele declara bem-aventurados. E podemos certamente deduzir disso que as outras qualidades por ele mencionadas também são espirituais. É verdade que a palavra aramaica que Jesus usou poderia significar simplesmente os "pobres", como na versão de Lucas. Mas "os pobres", os pobres de Deus, já constituíam um grupo claramente definido no Velho Testamento, e Mateus estaria correto traduzindo para "pobres de espírito". Pois "os pobres" não eram tanto os maltratados pela pobreza, mas os piedosos, assim chamados em parte porque passavam necessidades, eram oprimidos, tiranizados e afligidos de outras maneiras, mas tinham firmado a sua fé e esperança em Deus.

c. As bênçãos prometidas

Cada qualidade foi elogiada, enquanto cada pessoa que a possui foi declarada "bem-aventurada". A palavra grega *makarios* significa "feliz". A Bíblia na Linguagem de Hoje assim traduz as palavras iniciais de cada bem-aventurança: "Felizes os que . . .". E diversos comentaristas têm explicado que essas palavras constituem a receita de Jesus para a felicidade humana. A explicação mais simples que conheço foi feita por Ernest M. Ligon, do Departamento de Psicologia do "Union College", de Schenectady, Nova Iorque, em seu livro *The Psychology of Christian Personality*[42] (A Psicologia da Personalidade Cristã). Reconhecendo sua dívida para com Harry Emerson Fosdick, ele traça a interpretação do Sermão do Monte "do ponto de vista da

[40] Jo 6:15.
[41] Jo 18:36.
[42] Macmillan, 1935; brochura, 1961.

saúde mental". "O erro mais significativo que se tem cometido interpretando estes versículos de Jesus *(sc.* as bem-aventuranças)", ele escreve, "foi deixar de perceber a primeira palavra de cada um deles: *'felizes'"*[43] No seu ponto de vista, "constituem a teoria de Jesus sobre a felicidade".[44] Não constituem tanto deveres éticos, mas "uma série de oito atitudes emocionais fundamentais. O homem que reagir ao seu ambiente com esse espírito terá uma vida feliz",[45] pois terá descoberto a "fórmula básica para a saúde mental".[46] De acordo com o Dr. Ligon, o Sermão enfatiza as "forças" da fé e do amor, da "fé experimental" e do "amor paternal". Estes dois princípios são indispensáveis para o desenvolvimento de uma "personalidade sadia e forte".[47] Não só o caos do medo pode ser vencido pela fé, e a ira destrutiva pelo amor, mas também "o complexo de inferioridade e seus muitos subprodutos" pela Regra Áurea.[48]

Não é preciso rejeitar esta interpretação como totalmente ilusória. Ninguém melhor do que o nosso Criador sabe como podemos nos tornar humanos verdadeiros. Ele nos criou. Ele sabe como funcionamos melhor. É através da obediência às suas próprias leis morais que nos encontramos e nos realizamos. E todos os cristãos podem testemunhar da experiência de que há uma relação íntima entre a santidade e a felicidade.

Não obstante, traduzir *makarios* por "feliz" induz a um erro sério, pois a felicidade é um estado subjetivo, enquanto que Jesus está julgando objetivamente essas pessoas. Ele não está declarando como se sentirão ("felizes"), mas sim o que Deus pensa delas e o que são por causa disso: são "bem-aventuradas".

Que bênção é essa? A segunda parte de cada bem-aventurança elucida a questão. Possuem o reino dos céus e herdarão a terra. Os que choram são consolados e os famintos satisfeitos. Recebem misericórdia, vêem a Deus, são chamados filhos de Deus. Sua recompensa celestial é grande. E todas estas bênçãos estão reunidas. Exatamente como as oito qualidades descrevem cada cristão (pelo menos em ideal), da mesma forma as oito bênçãos são concedidas a cada cristão. É verdade que a bênção específica prometida em cada caso é apropriada à qualidade particularmente mencionada. Ao mesmo tempo, é totalmente impossível herdar o reino dos céus sem herdar a terra, ser consolado sem ser satisfeito ou ver a Deus sem alcançar sua misericórdia e ser chamado seu filho. As oito qualidades juntas constituem as responsabilidades; e as oito bênçãos, os privilégios, a condição de cidadão do reino de Deus. Este é o significado do desfrutar do governo de Deus.

Estas bênçãos são para o presente ou para o futuro? Pessoalmente, penso que a única resposta possível é "tanto para o presente como para o futuro". Alguns comentaristas, entretanto, têm insistido que são para o futuro, e têm enfatizado a natureza "escatológica" das bem-aventuranças. É verdade que a segunda parte da última bem-aventurança promete que os perseguidos receberão uma grande recompensa no céu, e isto deve referir-se ao futuro (v. 12). Certamente também é apenas na primeira e na oitava bem-aventuranças que a bênção foi expressa no tempo presente, "deles ê o reino dos céus" (vs. 3, 10); e, mesmo assim, este verbo não se encontrava aí quando Jesus falou em aramaico. As outras seis beatitudes contêm um verbo no futuro simples (serão, herdarão, alcançarão). Não obstante, está claro nos demais ensinamentos de Jesus que o reino de Deus é uma realidade presente que podemos "receber", "herdar" ou "entrar" agora. Do mesmo modo, podemos alcançar misericórdia e consolo agora, podemos nos tornar filhos de Deus agora e podemos, nesta vida, ter a nossa fome satisfeita e a nossa sede mitigada. Jesus prometeu todas estas bênçãos a seus discípulos aqui e agora. A promessa de que "verão a Deus" pode parecer uma referência à "visão beatífica" final,[49] e sem dúvida a inclui. Mas nós já começamos a ver Deus nesta vida, na pessoa do seu Cristo[50] e com a visão espiritual.[51] Já começamos a "herdar a terra" nesta vida, considerando que, se somos de Cristo, todas as coisas já são nossas, "seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as cousas presentes, sejam as futuras".[52]

Portanto, as promessas de Jesus nas bem-aventuranças têm cumprimento presente e futuro. Desfrutamos agora das primícias; a colheita propriamente dita ainda está por vir. E, como destacou acertadamente o Professor Tasker, "O tempo verbal futuro. . . enfatiza sua certeza, e não simplesmente o seu aspecto futuro. Os que choram serão *certamente* consolados, etc."[53]

Isto nos coloca diante de mais uma pergunta sobre as "bênçãos" que Jesus prometeu. É um problema que não podemos evitar. Será que as bem-aventuranças não ensinam uma doutrina de salvação pelos méritos humanos e pelas boas obras, o que é incompatível com o evangelho? Será que Jesus não declara expli-

---

[43] p.89.
[44] p.24.
[45] p.27
[46] p.91
[47] p. 18.
[48] pp.332ss.
[49] cf. 1 Co 13:12; Hb 12:14; 1Jo 3:2; Ap22:4
[50] Jo 14:9.
[51] 1 Jo3:6; 3Jo 11
[52] 1 Co 3:22, 23.
[53] pp.48,49

citamente, por exemplo, que os misericordiosos alcançarão misericórdia e que os limpos de coração verão a Deus? E será que isto não dá a entender que é demonstrando misericórdia que recebemos misericórdia e que, tornando-nos limpos de coração, recebemos uma visão de Deus?

Alguns intérpretes têm ousadamente defendido esta tese. Tentaram apresentar o Sermão do Monte como nada mais que uma débil forma cristianizada da lei do Velho Testamento e da ética do Judaísmo. Eis aí Jesus, o Rabi, o legislador, dizem, enunciando mandamentos, esperando obediência e prometendo salvação àqueles que lhe atendem. Provavelmente o expoente máximo desta opinião seja Hans Windisch, no seu *The Meaning of the Sermon on the Mount* (1929, "O Significado do Sermão do Monte"). Ele enfatiza a "exegese histórica" e rejeita o que chama de "exegese paulinizante", referindo-se à tentativa de interpretar o Sermão de maneira que harmonize com o evangelho da graça de Paulo. Na opinião dele, isto não pode ser feito: "Do ponto de vista de Paulo, Lutero e Calvino, a soteriologia do Sermão do Monte é irremediavelmente herética."[54] Em outras palavras, prega a lei, não o evangelho, e oferece justiça pelas obras e não pela fé. Portanto, "aqui há entre Jesus e Paulo um abismo que nenhum artifício de exegese teológica pode transpor".[55] Mas Windisch vai mais além. Especula que a ênfase de Paulo sobre a salvação pela graça tem levado muitos a considerar as boas obras como supérfluas, e que Mateus deliberadamente compôs o Sermão do Monte como uma espécie de tratado anti-paulino! [56]

Foi esse mesmo temor de que as promessas do Sermão do Monte dependessem dos méritos humanos para o seu cumprimento, que levou J. N. Darby a relegá-las para a futura "dispensação do reino". Seu dispensacionalismo ficou popularizado pela "Scofield Reference Bible" (1909), a qual, comentando 5:2, chama o Sermão de "lei pura", embora admitindo que os seus princípios têm "uma linda aplicação moral para o cristão".

Mas tanto as especulações de Windisch quanto os temores dos dispensacionalistas são infundados. Na verdade, a primeira das bem-aventuranças proclama a salvação pela graça e não pelas obras, pois ela promete o reino de Deus aos "humildes de espírito", isto é, às pessoas que são tão pobres espiritualmente que nada têm a oferecer para mérito seu. O leitor pode imaginar com que veemente indignação Lutero repudiou a sugestão, feita por alguns contemporâneos seus, de que o Sermão do Monte ensina a salvação pelos méritos! Acrescentou à sua exposição um longo pós-escrito de dez páginas, a fim de se opor a esta idéia monstruosa. Nele, criticou severamente "aqueles estúpidos falsos mestres" que "chegaram à conclusão de que entramos no reino dos céus e somos salvos por nossas próprias obras e ações".[57] Esta "abominação dos sofistas" inverte o evangelho de tal forma, ele declara, que "se compara a jogar o telhado no chão, a tombar os alicerces, a edificar a salvação sobre simples água, a derrubar Cristo completamente do seu trono, colocando em seu lugar as nossas obras".[58]

Como, então, podemos explicar as expressões que Jesus usou nas bem-aventuranças, toda a ênfase que deu à justiça no Sermão? A resposta certa parece ser que o Sermão do Monte, como uma espécie de "nova lei", igual à antiga, tem dois propósitos divinos, os quais o próprio Lutero entendia claramente. Primeiro, mostrar a quem não é cristão que não pode agradar a Deus por si mesmo (porque não consegue obedecer à lei), conduzindo-o, então, a Cristo para ser justificado. Segundo, mostra ao cristão, que buscou em Cristo a justificação, como deve viver para agradar a Deus. Mais simplesmente, de acordo com a síntese dos reformadores puritanos, a lei nos envia a Cristo para sermos justificados, e Cristo nos manda de volta à lei para sermos santificados.

Não pode haver dúvidas de que o Sermão do Monte tem, sobre muitas pessoas, o primeiro efeito já notado. Quando o lêem, ficam desesperadas. Vêem nele um ideal inatingível. Como poderiam desenvolver esta justiça de coração, voltar a outra face, amar os seus inimigos? E impossível! Exatamente! Neste sentido, o Sermão é "Moisíssimo Moisés" (expressão de Lutero); "é Moisés quadruplicado, é Moisés multiplicado ao mais alto grau",[59] porque é uma lei de justiça interior a que nenhum filho de Adão jamais pode obedecer. Portanto, apenas nos condena e torna indispensável o perdão de Cristo. Não poderíamos dizer que esta é uma parte do propósito do Sermão? É verdade que Jesus não o disse explicitamente, embora esteja na primeira bem-aventurança, como já mencionamos. Mas a implicação está em toda a nova lei, exatamente como na antiga.

Lutero é ainda mais explícito quanto ao segundo propósito do Sermão: "Cristo nada diz neste Sermão sobre como nos tornamos cristãos, mas apenas sobre as obras e os frutos que ninguém pode produzir se já

---

[54] p.6.
[55] P-107
[56] Por exemplo, Windisch, p. 96. W. D. Davies examina e rejeita esta reconstrução; pp. 316-341.
[57] p. 285
[58] p. 288.
[59] Jeremias, p. 12.

não for um cristão e não estiver em estado de graça."[60] Todo o Sermão realmente pressupõe uma aceitação do evangelho (como Crisóstomo e Agostinho o entenderam), uma experiência de conversão e de novo nascimento, e a habitação do Espírito Santo. Descreve as pessoas nascidas de novo que os cristãos são (ou deveriam ser). Portanto, as bem-aventuranças apresentam as bênçãos que Deus concede (não como uma recompensa aos méritos, mas como um dom da graça) àqueles nos quais ele está desenvolvendo um caráter assim.

O Professor Jeremias, que se refere à primeira explicação ("a teoria do ideal impossível"), chamando-a de "ortodoxia luterana",[61] deixando de mencionar que o próprio Lutero também deu esta segunda explicação, sugere que o Sermão foi usado como "um catecismo cristão primitivo" e, portanto, pressupõe que os ouvintes já eram cristãos: "Foi precedido pela proclamação do Evangelho; e foi precedido pela conversão, pelo poder das Boas Novas."[62] Assim, o Sermão "foi dirigido a homens que já tinham recebido o perdão, que encontraram a pérola de grande preço, que foram convidados para as bodas, que mediante a sua fé em Jesus pertenciam à nova criação, ao novo mundo de Deus".[63] Neste sentido, então, "o Sermão do Monte não é Lei, mas Evangelho". Para tornar clara a diferença entre ambos, ele prossegue, é preciso fugir de termos tais como "moralidade cristã", falando, outrossim, em "fé vivida", pois "fica claramente explícito que o dom de Deus precede suas exigências".[64]

O Professor A. M. Hunter insere este assunto no contexto de todo o Novo Testamento: "O Novo Testamento torna claro que a mensagem da Igreja primitiva sempre . . . teve dois aspectos, um teológico, outro ético: (1) o Evangelho que os apóstolos pregavam; e (2) o Mandamento, produto do Evangelho, que eles ensinavam àqueles que aceitavam esse Evangelho. O Evangelho era uma declaração do que Deus, na sua graça, tinha feito pelos homens através de Cristo; o Mandamento era uma declaração do que Deus exigia dos homens que se tornaram objeto de sua graciosa ação."[65] O apóstolo Paulo costumava dividir as suas cartas desse jeito, com uma parte doutrinária seguida de outra, prática. "Mas nisto", continua Hunter, "Paulo só estava fazendo o que o seu Senhor fizera antes dele. Jesus não só proclamou que o reino de Deus viera com ele e com sua obra; também apresentou aos seus discípulos o ideal moral do reino . . . É o ideal esboçado no Sermão do Monte".[66]

Resumindo estes três pontos introdutórios relacionados com as bem-aventuranças, podemos dizer que as pessoas descritas são de modo geral os discípulos cristãos, pelo menos em ideal; que as qualidades elogiadas são qualidades espirituais; e que as bênçãos prometidas(como dons da graça imerecida) são as bênçãos gloriosamente compreendidas pelo governo de Deus, experimentadas agora e consumadas depois, incluindo a herança de ambos, terra e céu, consolo, satisfação e misericórdia, visão e filiação de Deus.

Agora estamos prontos para examinar detalhadamente as bem-aventuranças. Diversas tentativas de classificação foram experimentadas. Não são certamente um catálogo fortuito, mas, nas palavras de Crisóstomo, "uma espécie de cadeia de ouro".[67] Talvez a divisão mais simples seja considerar as quatro primeiras descritivas do relacionamento do cristão com Deus, e as outras quatro, do seu relacionamento e deveres para com o próximo.

1. Os humildes de espírito (v. **3)**

Já mencionamos que o Velho Testamento fornece os antecedentes necessários para a interpretação desta bem-aventurança. No princípio, ser "pobre" significava passar necessidades literalmente materiais. Mas, gradualmente, porque os necessitados não tinham outro refúgio a não ser Deus,[68] a "pobreza" recebeu nuances espirituais e passou a ser identificada como uma humilde dependência de Deus. Por isso o salmista intitulou-se "este aflito" que clamou a Deus em sua necessidade, "e o Senhor o ouviu, e o livrou de todas as suas tribulações".[69] O "aflito" (homem pobre) no Velho Testamento é aquele que está sofrendo e não tem capacidade de salvar-se por si mesmo e que, por isso, busca a salvação de Deus, reconhecendo que não tem direito à mesma. Esta espécie de pobreza espiritual foi especialmente elogiada em Isaías. São "os aflitos e necessitados", que "buscam águas, e não as há", cuja "língua se seca de sede", aos quais Deus promete abrir "rios nos altos desnudos, fontes no meio dos vales" e tornar "o deserto em açudes de águas, e a terra seca em

[60] p. 291.
[61] p. 11.
[62] p. 24.
[63] p. 30.
[64] p.32
[65] p. 110.
[66] pp. 110,111.
[67] p.209.
[68] Sf3:12.
[69] S134:6.

mananciais".[70] O "pobre" também foi descrito como "o contrito e abatido de espírito", para quem Deus olha (embora seja "o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo"), e com quem se deleita em habitar.[71] É para esse que o ungido do Senhor proclamaria as boas novas da salvação, uma profecia que Jesus conscientemente cumpriu na sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados."[72] Mais ainda, os ricos inclinavam-se a transigir com o paganismo que os rodeava; eram os pobres que permaneciam fiéis a Deus. Por isso, a riqueza e o mundanismo, bem como a pobreza e a piedade, andavam juntas.

Assim, ser "humilde (pobre) de espírito" é reconhecer nossa pobreza espiritual ou, falando claramente, a nossa falência espiritual diante de Deus, pois somos pecadores, sob a santa ira de Deus, e nada merecemos além do juízo de Deus. Nada temos a oferecer, nada a reivindicar, nada com que comprar o favor dos céus.

"Nada em minhas mãos eu trago, Simplesmente à tua cruz me apego; Nu, espero que me vistas; Desamparado, aguardo a tua graça; Mau, à tua fonte corro; Lava-me, Salvador, ou morro."

Esta é a linguagem do pobre (humilde) de espírito. Nosso lugar é ao lado do publicano da parábola de Jesus, clamando com os olhos baixos: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" Como Calvino escreveu: "Só aquele que, em si mesmo, foi reduzido a nada, e repousa na misericórdia de Deus, é *pobre de espírito."*[73]

Esses, e tão somente esses, recebem o reino de Deus. Pois o reino de Deus que produz salvação é um dom tão absolutamente de graça quanto imerecido. Tem de ser aceito com a dependente humildade de uma criancinha. Assim, bem no começo do Sermão do Monte, Jesus contradisse todos os juízos humanos e todas as expectativas nacionalistas do reino de Deus. O reino é concedido ao pobre, não ao rico; ao frágil, não ao poderoso; às criancinhas bastante humildes para aceitá-lo, não aos soldados que se vangloriam de poder obtê-lo através de sua própria bravura. Nos tempos de nosso Senhor, quem entrou no reino não foram os fariseus, que se consideravam ricos, tão ricos em méritos que agradeciam a Deus por seus predicados: nem os zelotes, que sonhavam com o estabelecimento do reino com sangue e espada; mas foram os publicanos e as prostitutas, o refugo da sociedade humana, que sabiam que eram tão pobres que nada tinham para oferecer nem para receber. Tudo o que podiam fazer era clamar pela misericórdia de Deus; ele ouviu o seu clamor.

Talvez o melhor exemplo desta mesma verdade seja a igreja nominal de Laodicéia, à qual João recebeu ordem de enviar uma carta do Cristo glorificado. Ele citou as complacentes palavras dela, e acrescentou o seu próprio comentário: "Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu."[74] Esta igreja visível, apesar de toda a sua profissão cristã, não era de modo algum verdadeiramente cristã. Auto-satisfeita e superficial, era composta (de acordo com Jesus) de cegos e mendigos nus. Mas a tragédia era que não o admitiam. Eram ricos, não pobres, de espírito.

Ainda hoje, a condição indispensável para se receber o reino de Deus é o reconhecimento de nossa pobreza espiritual. Deus continua despedindo vazios os ricos.[75] Como disse C. H. Spurgeon: "Para subirmos no reino é preciso rebaixarmo-nos em nós mesmos."[76]

2. Os que choram (v. 4)

Quase que se poderia traduzir esta segunda bem-aventurança por "Felizes os infelizes", a fim de chamar a atenção para o surpreendente paradoxo que contém. Que espécie de tristeza é essa que pode produzir a alegria da bênção de Cristo naqueles que a sentem? Está claro no contexto que aqueles que receberam a promessa do consolo não são, em primeiro lugar, os que choram a perda de uma pessoa querida, mas aqueles que choram a perda de sua inocência, de sua justiça, de seu respeito próprio. Cristo não se refere à tristeza do luto, mas à tristeza do arrependimento.

Este é o segundo estágio da bênção espiritual. Uma coisa é ser espiritualmente pobre e reconhecê-lo; outra é entristecer-se e chorar por causa disto. Ou, numa linguagem mais teológica, confissão é uma coisa, contrição é outra.

Precisamos, então, notar que a vida cristã, de acordo com Jesus, não é só alegria e risos. Há cristãos que parecem imaginar, especialmente se estão cheios do Espírito, que devem exibir um sorriso perpétuo no rosto e viver continuamente exuberantes e borbulhantes. Que atitude antibíblica! Na versão de Lucas, Jesus acrescentou a esta bem-aventurança uma solene advertência: "Ai de vós os que agora rides!"[77] A verdade é que existem lágrimas cristãs e são poucos os que as vertem.

---

[70] Is 41:17,18.
[71] Is57:15;66:l,2.
[72] Is 61:1; Lc 4:18; cf. Mt 11:5.
[73] p. 261.
[74] Ap3:17.
[75] Lc 1:53
[76] p. 21.
[77] Lc 6:25.

Jesus chorou pelos pecados de outros, pelas amargas conseqüências que trariam no juízo e na morte, e pela cidade impenitente que não o receberia. Nós também deveríamos chorar mais pela maldade do mundo, como os homens piedosos dos tempos bíblicos. "Torrentes de águas nascem dos meus olhos", o salmista podia dizer a Deus, "porque os homens não guardam a tua lei".[78] Ezequiel ouviu o povo de Deus descrito como aqueles que "suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio (de Jerusalém)".[79] E Paulo escreveu sobre os falsos mestres que perturbavam as igrejas do seu tempo: "Pois muitos andam entre nós . . . e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo."[80]

Mas não são apenas os pecados dos outros que deveriam nos levar às lágrimas, pois temos os nossos próprios pecados para chorar. Ou será que eles nunca nos entristeceram? Será que Thomas Cranmer exagerou quando, num culto comemorando a Ceia do Senhor, em 1662, colocou nos lábios das pessoas da igreja as palavras: "Reconhecemos e *lamentamos* nossos múltiplos pecados e maldades"? Será que Esdras errou quando orava fazendo confissão, "chorando prostrado diante da casa de Deus"?[81] Será que Paulo errou ao gemer: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" e quando escreveu à pecadora igreja de Corinto: "Não chegastes a lamentar?"[82] Penso que não. Temo que os cristãos evangélicos, exagerando a graça, às vezes fazem pouco do pecado por causa disso. Não existe suficiente tristeza por causa do pecado entre nós. Deveríamos experimentar mais "tristeza segundo Deus" no arrependimento cristão,[83] como aconteceu com o sensível missionário cristão junto aos índios americanos do século dezoito, David Brainerd, que escreveu em seu diário, a 18 de outubro de 1740: "Em minhas devoções matinais minha alma desfez-se em lágrimas, e chorou amargamente por causa da minha extrema maldade e vileza." Lágrimas como estas são a água santa que se diz Deus guardar em seu odre.[84]

Tais pessoas que choram, que lamentam a sua própria maldade, serão consoladas pelo único consolo que pode aliviar o seu desespero, isto é, o perdão da graça de Deus. "O maior de todos os consolos é a absolvição enunciada sobre cada pecador contrito que chora."[85] "Consolação" de acordo com os profetas do Velho Testamento, seria uma das missões do Messias. Ele seria "o Consolador" que curaria "os quebrantados de coração".[86] Por isso, homens piedosos como Simeão esperavam ansiosos "a consolação de Israel".[87] E Cristo derrama óleo sobre nossas feridas e concede paz às nossas consciências magoadas e marcadas. Mas ainda choramos pela devastação do sofrimento e da morte que o pecado alastra pelo mundo inteiro! Só no estado final de glória o consolo de Cristo será completo, pois só então o pecado não existirá mais e "Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".[88]

3. Os mansos (v. 5)

O adjetivo grego *praüs* significa "gentil", "humilde", "atencioso", "cortês" e, portanto, o que exerce autocontrole, sem o qual estas qualidades seriam impossíveis. Embora imediatamente recuemos ante a imagem de nosso Senhor quando intitulado "Jesus, suave e meigo", porque evoca uma figura fraca e efeminada, ele mesmo descreveu-se como "manso *(praüs)* e humilde de coração"; e Paulo falou de sua "mansidão e benignidade".[89] Portanto, lingüisticamente falando, podemos parafrasear esta bem-aventurança dizendo: "aqueles que têm um espírito gentil". Mas que espécie de gentileza é esta, para que seus possuidores sejam declarados bem-aventurados?

(Parece importante notar que, nas bem-aventuranças, "os mansos" encontram-se entre aqueles que choram por causa do pecado e entre aqueles que têm fome e sede de justiça. A forma particular de mansidão que Cristo exige de seus discípulos está certamente relacionada com esta seqüência. Creio que o Dr. Martin Lloyd-Jones está certo ao enfatizar que essa mansidão denota uma atitude humilde e gentil para com os outros, determinada por uma estimativa correta de si mesmo. Ele destaca que é comparativamente fácil ser honesto consigo mesmo diante de Deus e se reconhecer pecador diante dele. E prossegue: "Mas como é muito mais difícil permitir que as *outras pessoas* digam uma coisa dessas de mim! Instintivamente eu me ofendo. Todos nós preferimos nos condena"r a nós mesmos do que permitir que outra pessoa nos condene."[90]

Por exemplo, vamos aplicar este princípio à prática eclesiástica cotidiana. Sinto-me muito feliz ao

---

[78] Sl 119:136
[79] Ez9:4.
[80] Fp3:18.
[81] Ed 10:l.
[82] Rm 7:24; 1 Co5:2; cf. 2 Co 12:21.
[83] 2 Co 7:10.
[84] Sl 56:8.
[85] Lenski, p. 187.
[86] Is 61:1; cf. 40:1.
[87] Lc 2:25.
[88] Ap7:17.
[89] Mt 11:29; 2Co 10:1; cf.Zc9:9.
[90] p. 65.

recitar a confissão de pecados na igreja, chamando-me de "miserável pecador". Não há problema algum. Nem me incomodo. Mas se alguém vier a mim, depois do culto, e me chamar de miserável pecador, vou querer dar-lhe um soco no nariz! Em outras palavras, não estou preparado para permitir que outras pessoas pensem ou falem de mim aquilo que acabei de reconhecer diante de Deus. É uma grande hipocrisia, e sempre será, quando a mansidão estiver ausente. O Dr. Lloyd-Jones resume isso admiravelmente: "A mansidão é, em essência, a verdadeira visão que temos de nós mesmos, e que se expressa na atitude e na conduta para com os outros . . . O homem verdadeiramente manso é aquele que fica realmente pasmo ante o fato de Deus e os homens poderem pensar dele tão bem quanto pensam, e de que o tratem tão bem.[91] Isto o torna gentil, humilde, sensível, paciente em todos os seus relacionamentos com os outros.

Essas pessoas "mansas", Jesus acrescentou, "herdarão a terra". Era de se esperar o contrário. Achamos que as pessoas "mansas" nada conseguem porque são ignoradas por todos, ou, então, tratadas com descortesia ou desprezo. São os valentões, os arrogantes, que vencem na luta pela existência; os covardes são derrotados. Até mesmo os filhos de Israel tiveram de lutar por sua herança, embora o Senhor seu Deus lhes desse a terra prometida. Mas a condição pela qual tomamos posse de nossa herança espiritual em Cristo não é a força, mas a mansidão, pois, conforme já vimos, tudo é nosso se somos de Cristo.[92]

Era esta a confiança dos homens de Deus, santos e humildes, no Velho Testamento, quando os perversos pareciam triunfar. Isto jamais foi expresso com mais exatidão do que no Salmo 37, o qual parece que Jesus citou nas bem-aventuranças: "Não te indignes por causa dos malfeitores ... os mansos herdarão a terra . . . Aqueles a quem o Senhor abençoa possuirão a terra . . . Espera no Senhor, segue o seu caminho, e ele te exaltará para possuíres a terra; presenciarás isso quando os ímpios forem exterminados."[93] O mesmo princípio continua operando hoje em dia. Os ímpios podem vangloriar-se e exibir-se, mas a verdadeira possessão foge ao seu controle. Os mansos, por outro lado, embora sejam despojados e privados dos seus direitos pelos homens, sabem o que é viver e reinar com Cristo, e podem desfrutar e até mesmo "possuir" a terra, a qual pertence a Cristo. Então, no dia da "regeneração", haverá "um novo céu e uma nova terra" para herdar.[94] Portanto, o caminho de Cristo é diferente do caminho do mundo, e cada cristão, mesmo sendo como Paulo e "nada tendo", pode dizer-se "possuindo tudo".[95] Conforme Rudolf Stier: "A auto-renúncia é o caminho para o domínio do mundo."[96]

4. Os que têm fome e sede de justiça (v. 6)

Já no cântico de Maria, o Magnificat, os espiritualmente humildes e famintos foram associados, e ambos declarados bem-aventurados: pois Deus "encheu de bens os *famintos* e despediu vazios os *ricos*".[97] Este princípio generalizado ficou aqui particularizado. Os famintos e os sedentos que Deus satisfaz são aqueles que "têm fome e sede de justiça". Tal fome espiritual é uma característica do povo de Deus, cuja ambição suprema não é material, mas espiritual. Os cristãos não são como os pagãos, que vivem absorvidos pela busca dos bens materiais; eles se determinaram a "buscar primeiro" o reino de Deus e a sua justiça.[98]

A justiça na Bíblia tem pelo menos três aspectos: o legal, o moral e o social. A justiça legal é a justificação, um relacionamento certo com Deus. Os judeus "buscavam a lei da justiça", escreveu Paulo mais tarde, mas não a alcançaram porque a buscaram pelo modo errado. Procuraram "estabelecer a sua própria" justiça e "não se sujeitaram à que vem de Deus", que é o próprio Cristo.[99] Alguns comentaristas acham que Jesus se refere a isso, mas é provável que não, pois Jesus está se dirigindo àqueles que já lhe pertencem.

A justiça moral é aquela justiça de caráter e de conduta que agrada a Deus. Jesus prossegue, depois das bem-aventuranças, contrastando essa justiça cristã com a do fariseu (v. 20). Esta última era uma conformidade exterior às regras; a primeira é uma justiça interior, do coração, da mente e das motivações. É desta que devemos sentir fome e sede.

É um erro, entretanto, supor que a palavra bíblica "justiça" significa apenas um relacionamento correto com Deus, de um lado, e uma justiça moral de caráter e conduta, do outro. Pois a justiça bíblica é mais do que um assunto particular e pessoal; inclui também a justiça social. E a justiça social, conforme aprendemos na lei e nos profetas, refere-se à busca pela libertação do homem da opressão, junto com a promoção dos direitos civis, da justiça nos tribunais, da integridade nos negócios e da honra no lar e nos relacionamentos familiares. Assim, os cristãos estão empenhados em sentir fome de justiça em toda a comunidade humana

---

[91] pp.68,69.
[92] 1Co 3:22.
[93] Sl 37:1,11, 22,34; cf. Is 57:13; 60:21.
[94] Mt 19:28, literalmente; 2 Pe 3:13; Ap 21:1.
[95] 2 Co 6:10.
[96] p. 105.
[97] Lc 1:53.
[98] Mt 6:33.
[99] cf. Rm 9:30-10:4.

para agradar a um Deus justo.

Lutero expressou este conceito com o costumeiro vigor: "A ordem para você não é rastejar para um canto ou para o deserto mas, sim, sair correndo e oferecer as suas mãos e os seus pés e todo o seu corpo, e empenhar tudo o que você tem e pode fazer."[62] É preciso ter, ele prossegue, "uma fome e sede de justiça que jamais possam ser reprimidas, ou sustadas, ou saciadas, que não procurem nada e não se importem com nada a não ser com a realização e a manutenção do que é justo, desprezando tudo o que possa impedir a sua consecução. Se você não puder tornar o mundo completamente piedoso, então faça o que você puder."[100]

"Talvez não exista um segredo maior no progresso da vida cristã do que um apetite sadio e robusto. As Escrituras repetem muitas vezes as promessas aos famintos. Deus "dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta".[101] Se estamos conscientes de um crescimento lento, não será devido a um apetite embotado? Não basta chorar o pecado cometido no passado; precisamos também ter fome de justiça futura.

Mas, nesta vida, a nossa fome nunca será totalmente satisfeita, nem a nossa sede plenamente mitigada. É verdade que recebemos a satisfação que a bem-aventurança promete. Mas a nossa fome é satisfeita apenas para tornar a se manifestar. Até mesmo a promessa de Jesus, de que todo aquele que beber da água que ele dá "nunca mais terá sede", só é cumprida se continuarmos bebendo.[102] Cuidado com aqueles que proclamam estar satisfeitos e que olham para as experiências do passado mais do que para o desenvolvimento do futuro! Como todas as qualidades incluídas nas bem-aventuranças, a fome e a sede são características perpétuas dos discípulos de Jesus, tão perpétuas como a humildade de espírito, a mansidão e as lágrimas. Só lá no céu "jamais terão fome" e "nunca mais terão sede", pois só então Cristo, nosso Pastor, nos levará às "fontes da água da vida".[103]

Mais do que isso, Deus prometeu um dia de juízo, em que a justiça triunfará e a injustiça será derrotada, e após o qual haverá "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça".[104] Por esta vindicação final da justiça também aspiramos e não seremos desapontados.

Voltando os olhos para trás, podemos ver que as quatro primeiras bem-aventuranças revelam uma progressão espiritual de inexorável lógica. Cada passo conduz ao seguinte e pressupõe o anterior. Começando, temos de ser "humildes de espírito", reconhecendo nossa completa e total falência espiritual diante de Deus. Depois, temos de "chorar" por causa disto, por causa dos nossos pecados, sim, por causa do nosso pecado: a corrupção de nossa natureza decaída, e o poder do pecado e da morte no mundo. Terceiro, temos de ser "mansos", humildes e gentis para com os outros, permitindo que nossa pobreza espiritual (confessada e chorada) condicione o nosso comportamento em relação a eles e também para com Deus. E, quarto, temos de ter "fome e sede de justiça". Pois de que vale confessar e lamentar o nosso pecado, ou reconhecer a verdade a nosso respeito diante de Deus e dos homens, se pararmos aí? A confissão do pecado deve levar à fome de justiça.

Na segunda metade das bem-aventuranças (as quatro últimas), parece que nos afastamos ainda mais de nossa atitude para com Deus e nos voltamos para os seres humanos. Certamente os "misericordiosos" demonstram misericórdia para com os homens, e os "pacificadores" procuram reconciliar os homens uns com os outros, e aqueles que são "perseguidos" são perseguidos por homens. Do mesmo modo, parece que a sinceridade demonstrada na "pureza do coração" também diz respeito à nossa atitude e ao nosso relacionamento com os demais seres humanos.

5. Os misericordiosos (v. 7)

"Misericórdia" é compaixão pelas pessoas que passam necessidade. Richard Lenski proveitosamente distinguiu-a da "graça": "O substantivo *eleos* (misericórdia) . . . sempre trata da dor, da miséria e do desespero, que são resultados do pecado; e *charis* (graça) sempre lida com o pecado e com a culpa propriamente ditos. A primeira concede alívio; a segunda, perdão; a primeira cura e ajuda, a segunda purifica e reintegra."[105]

Aqui, Jesus não especifica as categorias de pessoas que tinha em mente e a quem os seus discípulos deveriam demonstrar misericórdia. Não indica se está pensando principalmente naqueles que foram derrotados pela desgraça, corno o viajante que ia de Jerusalém a Jericó e foi assaltado e a quem o bom samaritano "demonstrou misericórdia"; ou se pensa nos famintos, nos doentes e nos rejeitados pela sociedade, dos quais ele mesmo costumava apiedar-se; ou ainda naqueles que nos fazem mal, de modo que a Justiça clama por castigo, mas a misericórdia concede perdão. Não havia necessidade de Jesus desenvolver o

[100] p.27
[101] Sl 107:9.
[102] Jo4:13, 14; 7:37.
[103] Ap 7:16, 17.
[104] 2Pe3:13.
[105] p. 191.

assunto. Nosso Deus é um Deus misericordioso e dá provas de misericórdia continuamente; os cidadãos do seu reino também devem demonstrar misericórdia.

Naturalmente, o mundo (pelo menos quando é fiel à sua própria natureza) é cruel, como também a Igreja freqüentemente o tem sido em seu mundanismo. O mundo prefere isolar-se da dor e da calamidade dos homens. Acha que a vingança é deliciosa e que o perdão é sem graça quando comparado a ela. Mas os que demonstram misericórdia encontram misericórdia. "Felizes os que tratam os outros com misericórdia — Deus os tratará com misericórdia também! (BLH).[106] Não que possamos merecer a misericórdia através da misericórdia, ou o perdão através do perdão, mas porque não podemos receber a misericórdia e o perdão de Deus se não nos arrependermos, e não podemos proclamar que nos arrependemos de *nossos* pecados se não formos misericordiosos para com os pecados dos outros. Nada nos impulsiona mais ao perdão do que o maravilhoso conhecimento de que nós mesmos fomos perdoados. Nada prova mais claramente que fomos perdoados do que a nossa própria prontidão em perdoar. Perdoar e ser perdoado, demonstrar misericórdia e receber misericórdia andam indissoluvelmente juntos, como Jesus ilustrou em sua parábola do credor incompassivo.[107] Ou, interpretando no contexto das bem-aventuranças, "o manso" também é "o misericordioso". Pois ser manso é reconhecer diante dos outros que *nós* somos pecadores; ser misericordioso é ter compaixão pelos outros, pois *eles* também são pecadores.

6. Os limpos de coração (v. 8)

Fica imediatamente óbvio que as palavras "de coração" indicam a que espécie de pureza Jesus se refere, assim como as palavras "de espírito" indicam o tipo de humildade que ele tinha em mente. Os "humildes de espírito" são os espiritualmente pobres, que diferem daqueles cuja pobreza é apenas material. De quem, então, os "limpos de coração" estão sendo distinguidos?

A interpretação popular considera a pureza de coração como uma expressão de pureza interior, a qualidade daqueles que foram purificados da imundície moral, em oposição à imundície cerimonial. E temos bons antecedentes bíblicos acerca disso, especialmente nos Salmos. Sabe-se que ninguém podia subir ao monte do Senhor ou ficar no seu santo lugar se não fosse "limpo de mãos e puro de coração". Por isso Davi, consciente de que o seu Senhor desejava "a verdade no íntimo", orou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabaljavel."[108] Jesus adotou este tema na sua controvérsia com os fariseus e queixou-se da obsessão deles pelo exterior e pela pureza cerimonial: "Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade." Eles eram como "sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de hipocrisia e de iniqüidade".[109]

Lutero deu a esta diferença entre a pureza interior e a exterior uma interpretação caracteristicamente natural, contrastando a pureza de coração não só com a contaminação cerimonial, mas também com a simples sujeira física. "Cristo . . . quer um coração limpo, embora exteriormente a pessoa possa estar confinada à cozinha encardida e cheia de fuligem, fazendo toda espécie de trabalho sujo."[110] E novamente: "Embora um trabalhador comum, um sapateiro ou um ferreiro possa estar sujo e cheio de fuligem ou mesmo cheirar mal porque está coberto de pó e piche, . . . e embora cheire mal externamente, no interior é puro incenso diante de Deus" porque, em seu coração, medita na palavra do Senhor e lhe obedece.[111]

Esta ênfase dada ao interior e à moral, quando comparado com o exterior e cerimonial, ou com o exterior e físico, certamente torna-se consistente com o todo do Sermão do Monte, que exige justiça de coração em lugar de simples justiça proveniente de regras. Não obstante, no contexto das outras bem-aventuranças, "pureza de coração" parece referir-se, num certo sentido, aos nossos relacionamentos . O Professor Tasker define os limpos de coração como "os íntegros, livres da tirania e um 'eu' dividido".[112] Neste caso, o coração limpo é o coração sincero que abre o caminho para o "olho bom" mencionado por Jesus no capítulo seguinte.[113]

Mais precisamente, a referência primária é à sinceridade. Já no Salmo 24, nos versículos que citamos, a pessoa "limpa de mãos e pura de coração" é aquela "que não entrega a sua alma à falsidade *(sc.* um ídolo), nem jura dolosamente" (v. 4). Isto é, em seu relacionamento com Deus e com o homem, está livre de falsidade. Portanto, os limpos de coração são os inteiramente sinceros. Toda a sua vida, pública e particular,

---

[106] 6:14
[107] Mt 18:21-35
[108] Sl 24:3,4; 51:6,10; cf. Sl 73:1; At 15:9; 1 Tm 1:5.
[109] Lc 11:39; Mt 23:25-28.
[110] p. 33.
[111] p. 50; cf. Sl 86:11, 12
[112] p.34.
[113] 6:22.

é transparente diante de Deus e dos homens. O íntimo do seu coração, incluindo pensamentos e motivações, é puro, sem mistura de nada que seja desonesto, dissimulado ou desprezível. A hipocrisia e a fraude lhes são repugnantes, e não têm malícia.

Contudo, como são poucos os que, dentre nós, vivem uma vida aberta! Somos tentados a usar uma máscara diferente e a representar um papel diferente, de acordo com cada ocasião. Isto não ê realidade, mas representação, que é a essência da hipocrisia. Algumas pessoas tecem à sua volta um tal emaranhado de mentiras que já não conseguem mais dizer qual a parte real e qual a criada pela imaginação. Só Jesus Cristo, entre os homens, foi absolutamente limpo de coração, foi inteiramente sem malícia.

Só os limpos de coração verão a Deus (vêem-no agora com os olhos da fé e, no porvir, verão a sua glória), pois só os totalmente sinceros podem suportar a deslumbrante visão, em cuja luz as trevas da mentira têm de se desvanecer, e em cujas chamas todas as simulações são consumidas.

7. Os pacificadores (v. 9)

A seqüência de idéias — de "limpos de coração" para "pacificadores" — é natural, pois uma das mais freqüentes causas de conflito é a intriga, enquanto que a franqueza e a sinceridade são essenciais a todas as reconciliações verdadeiras.

Cada cristão, de acordo com esta bem-aventurança, tem de ser um pacificador, tanto na igreja como na sociedade. É verdade que Jesus diria mais tarde que não viera "trazer paz, mas espada", pois veio "causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra", de modo que os inimigos do homem seriam "os da sua própria casa".[114] E com isso ele queria dizer que o conflito seria o resultado inevitável da sua vinda, até mesmo dentro da família, e que, para sermos dignos dele, teríamos de amá-lo mais e colocá-lo em primeiro lugar, até mesmo acima de nossos entes mais próximos e mais queridos.[115] Entretanto fica mais do que explícito, através dos ensinamentos de Jesus a seus apóstolos, que jamais deveríamos nós mesmos procurar o conflito ou ser responsáveis por ele. Pelo contrário, somos chamados para pacificar, devemos ativamente "buscar" a paz, "seguir a paz com todos" e, até onde depender de nós, "ter paz com todos os homens".[116]

Mas a pacificação é uma obra divina, pois paz significa reconciliação, e Deus é o autor da paz e da reconciliação. Na verdade, exatamente o mesmo verbo que foi usado nesta bem-aventurança o apóstolo Paulo aplicou ao que Deus fez através de Cristo. Através de Cristo, Deus se agradou em "reconciliar consigo mesmo todas as cousas", "havendo feito *a paz* pelo sangue da sua cruz". E o propósito de Cristo foi "que dos dois *(sc*. judeu e gentio) criasse em si mesmo novo homem, *fazendo a paz"*.[117] Portanto, quase não nos surpreende que a bênção particularmente associada aos pacificadores é que eles "serão chamados filhos de Deus", pois estão procurando fazer o que seu Pai fez, amando as pessoas com o amor dele, como Jesus logo tornaria explícito.[118] O diabo é que é agitador; Deus ama a reconciliação e, através dos seus filhos, tal como fez antes através do seu Filho unigênito, está inclinado a fazer a paz.

Isto nos faz lembrar que as palavras "paz" e "apaziguamento" não são sinônimas; e a paz de Deus não é paz a qualquer preço. Ele fez a paz conosco a um preço imenso, o preço do sangue que era a vida do seu Filho unigênito. Nós também, embora em escala menor, vamos descobrir que fazer a paz é um empreendimento custoso. Dietrich Bonhoeffer tornou-nos familiarizados com o conceito de "graça barata";[119] existe também um tipo de "paz barata". Proclamar "paz, paz", onde não há paz, é obra do falso profeta, não da testemunha cristã. Muitos exemplos poderiam ser dados de paz através do sofrimento. Quando nós mesmos estamos envolvidos numa disputa, ou haverá a dor do pedido de desculpas à pessoa que prejudicamos, ou a dor de repreender a pessoa que nos prejudicou. Às vezes, há a dor importuna de termos de nos recusar a perdoar a parte culpada até que esta se arrependa. É claro que uma paz barata pode ser comprada por um perdão barato. Mas a verdadeira paz e o verdadeiro perdão são tesouros caros. Deus só nos perdoa quando nos arrependemos. Jesus nos disse para fazer o mesmo: "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe."[120] Como podemos perdoar uma injúria se ela não foi admitida nem lastimada?

Ou, então, podemos não estar pessoalmente envolvidos numa disputa, porém lutando pela reconciliação de duas pessoas ou dois grupos que estão separados, em divergência. Neste caso, será o sofrimento de ouvir, de despir-se de preconceitos, de tentar entender com simpatia os dois pontos de vista oponentes, de arriscar-se a ser mal interpretado, de receber ingratidão, ou de até fracassar.

---

[114] Mt 10:34-36.
[115] Mt 10:37.
[116] 1 Co **7:15;** Pe 3:11; Hb 12:14; Rm 12:18.
[117] Cl 1:20; Ef 2:15.
[118] 5:44,45.
[119] pp. 9ss.
[120] Lc17:3.

Outros exemplos de pacificação são o trabalho pela união e a evangelização, isto é, procurando de um lado unir igrejas e, de outro, levar pecadores a Cristo. Nos dois casos, a verdadeira reconciliação pode ser aviltada a um baixo preço. A visível união da igreja compete ao cristão buscar, mas só quando tal união não é buscada às expensas da doutrina. Jesus orou pela união do seu povo. Ele também orou que fossem guardados do mal e na verdade. Não temos nenhuma ordem de Cristo para buscarmos a união sem a pureza, pureza de doutrina e de conduta. Havendo uma coisa tal como a "união barata", também há a "evangelização barata", isto ê, a proclamação do evangelho sem o custo do discipulado, a exigência da fé sem o arrependimento. São atalhos proibidos. Transformam o evangelista em um fraudulento. Degradam o evangelho e prejudicam a causa de Cristo.

8. Os perseguidos por causa da justiça (vs. 10-12)

Pode parecer estranho que Jesus passasse dos pacificadores para a perseguição, da obra de reconciliação à experiência de hostilidade. Mas, por mais que nos esforcemos em fazer a paz com determinadas pessoas, elas se recusam a viver em paz conosco. Nem todas as tentativas de reconciliação têm sucesso. Na verdade, alguns tomam a iniciativa de opor-se a nós e, particularmente, de nos injuriar e perseguir. Não por causa de nossas fraquezas ou idiossincrasias, mas "por causa da justiça" (v. 10) e "por minha causa" (v. 11), isto é, porque não gostam da justiça, da qual sentimos fome e sede (v. 6), e porque rejeitaram o Cristo que procuramos seguir. A perseguição é simplesmente o conflito entre dois sistemas de valores irreconciliáveis.

Como Jesus esperava que os seus discípulos reagissem diante da perseguição? O versículo 12 diz: *Regozijai-vos e exultai!* Não devemos nos vingar como o incrédulo, nem ficar de mau humor como uma criança, nem lamber nossas feridas em autopiedade como um cão, nem simplesmente sorrir e suportar tudo como um estóico, e muito menos fazer de conta que gostamos disso como um masoquista. Então, como agir? Devemos nos regozijar como um cristão, e até mesmo "pular de alegria"[121] Por quê? Em parte porque, Jesus acrescentou, *é grande o vosso galardão nos céus* (y. 12a). Podemos perder tudo aqui na terra, mas herdaremos tudo nos céus, não como uma recompensa meritória, mas porque "a promessa da recompensa é gratuita".[122] E, por outro lado, porque a perseguição é um sinal de genuinidade, um certificado da autenticidade cristã, *pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós* (v. 12b). Se somos perseguidos hoje, pertencemos a uma nobre sucessão. Mas o motivo principal pelo qual deveríamos nos regozijar é porque estamos sofrendo, disse ele, *por minha causa* (v.) 11), por causa de nossa lealdade para com ele e para com os seus padrões de verdade e de justiça. Certamente os apóstolos aprenderam esta lição muito bem, pois, tendo sido açoitados pelo Sinédrio, "eles se retiraram . . . regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome".[123] Eles sabiam, assim como nós devemos saber, que "ferimentos e contusões são medalhas de honra"[124]

É importante notar que esta referência à perseguição é uma bem-aventurança como as demais. Na verdade, tem o privilégio de ser uma bem-aventurança dupla, pois Jesus primeiro declarou-a na terceira pessoa como as outras sete *(Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça*, v. 10) e, então, repetiu-a na oração direta da segunda pessoa *(Bem-aventurados sois quando . . . vos injuriarem e vos perseguirem . . .*, v. 11). Considerando que todas as bem-aventuranças descrevem o que cada discípulo cristão deve ser, concluímos que a condição de ser desprezado e rejeitado, injuriado e perseguido, é um sinal do discipulado cristão, da mesma forma que um coração puro ou misericordioso. Cada cristão deve ser um pacificador, e cada cristão deve esperar oposição. Aqueles que têm fome de justiça sofrerão por causa da justiça que anseiam. Jesus disse que seria assim em qualquer lugar. Também o disseram seus apóstolos Pedro e Paulo.[125] Tem sido assim em todas as épocas. Não deveremos nos surpreender se a hostilidade anticristã aumentar, mas, antes, se ela não existir. Precisamos nos lembrar do infortúnio complementar registrado por Lucas: "Ai de vós, quando vos louvarem!"[126] A popularidade universal está para os falsos profetas, assim como a perseguição para os verdadeiros. Poucos homens deste século têm entendido melhor a inevitabilidade do

[121] Lc6:23.
[122] Calvino, p. 267
[123] At5:41.
[124] Lenski, p. 197.

[125] Por exemplo Jo 15:18-25; 1 Pe4:13,14; At 14:22; 2 Tm 3:12.

[126] Lc6:26.

sofrimento do que Dietrich Bonhoeffer. Ele parece nunca ter vacilado em seu antagonismo cristão contra o regime nazista, embora isto significasse prisão, ameaça de tortura,

perigo para a sua própria família e, finalmente, morte. Ele foi executado por ordem direta de Heinrich Himmler, em abril de 1945, no campo de concentração de Flossenburg, a apenas poucos dias antes da libertação. Era o cumprimento do que ele sempre crera e ensinara: O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. O discípulo não está acima do seu mestre. O discipulado é "passio passiva", é sofrimento obrigatório. Por isso também o Dr. M. Lutero incluiu o sofrimento no rol dos sinais da verdadeira Igreja. Um anteprojeto da Confissão de Augsburg definiu a Igreja como comunidade dos que são 'perseguidos e martirizados por causa do Evangelho' ... O discipulado é união com Cristo sofredor. Por isso nada há de estranho no sofrimento do cristão, antes é graça, ê alegria."[127] As bem-aventuranças pintam um retrato compreensivo do discípulo cristão. Primeiro, vemo-lo de joelhos diante de Deus, reconhecendo sua pobreza espiritual e chorando por causa dela. Isto o torna manso ou gentil em todos os seus relacionamentos, considerando que a honestidade o compele a permitir que os outros pensem dele aquilo que, diante de Deus, já confessou. Mas longe dele aquiescer em seu pecado, pois ele tem fome e sede de justiça; anseia crescer na graça e na bondade.

Vemo-lo, depois, junto aos outros, lá fora, na comunidade humana. Seu relacionamento com Deus não o faz fugir da sociedade nem o isola do sofrimento do mundo. Pelo contrário, permanece no meio deste, demonstrando misericórdia àqueles que foram golpeados pela adversidade e pelo pecado. Ele é transparentemente sincero em todos os seus relacionamentos e procura desempenhar um papel tão construtivo como pacificador. Mas ninguém lhe agradece pelos esforços; antes, é hostilizado, injuriado, insultado e perseguido por causa da justiça que defende e por causa do Cristo com o qual se identifica.

Tal é o homem ou a mulher que é "bem-aventurado", isto é, que tem a aprovação de Deus e alcança realização própria como ser humano.

Mas, nisso tudo, os valores e padrões de Jesus estão em conflito direto com os valores e padrões comumente aceitos pelo mundo. O mundo considera bem-aventurados os ricos, não os pobres, tanto na esfera material como na espiritual; os despreocupados e folgazões, não aqueles que consideram o mal com tanta seriedade que choram por causa dele; os fortes e impetuosos, não os mansos e gentis; os saciados, não os famintos; aqueles que cuidam de sua própria vida, não aqueles que se envolvem nos assuntos dos outros e se ocupam em fazer o bem, "demonstrando misericórdia" e "fazendo a paz"; aqueles que alcançam seus propósitos, mesmo apelando para meios escusos, e não os limpos de coração, que se recusam a comprometer sua integridade; aqueles que são confiantes e populares e que vivem sossegados, não aqueles que têm de sofrer perseguição.

Provavelmente ninguém odiou mais a "suavidade" do Sermão do Monte do que Friedrich Nietzsche. Embora sendo filho e neto de pastores luteranos, rejeitou o Cristianismo quando estudante. O seu livro, *The Anti-Christ (O Anticristo,* um título que ele ousou aplicar a si mesmo em seu esboço autobiográfico *Ecce homo),*[128] é a sua mais violenta polêmica, escrita em 1888, um ano antes de ficar louco. Nele, define como sendo "bom" "tudo o que eleva o sentimento de poder, a força de vontade, o poder propriamente dito no homem", considerando "mau" "tudo o que procede da fraqueza".[129] Conseqüentemente, em resposta à sua própria pergunta, "O que é mais prejudicial do que qualquer vício?", ele responde: "Simpatia ativa pelo que é mal constituído e fraco: o Cristianismo."[130] Ele considera o Cristianismo como uma religião de piedade e não uma religião de poder; por isso, "nada em nossa modernidade doentia é mais doentio do que a piedade cristã".[131] Ele despreza "o conceito cristão de Deus, Deus como espírito", um conceito do qual "tudo o que é forte, corajoso, dominador, orgulhoso", foi eliminado.[132] "Em todo o Novo Testamento, só encontramos uma *única* figura solitária que é preciso respeitar", ele afirma, e esta é Pôncio Pilatos, o governador romano.[133] Jesus, por outro lado, é desprezado como sendo o "Deus sobre a cruz", e o Cristianismo como "a maior das desgraças da humanidade".[134] A razão de sua malevolência está clara. O ideal que Jesus elogiou é a criancinha. Ele não deu apoio algum ao elogio do "super-homem" de Nietzsche. Por isso, este repudiou todo o sistema de valores de Jesus. "Eu *condeno* o Cristianismo", escreveu. "A igreja cristã não deixou nada intacto com sua depravação; transformou cada valor em um desvalor."[135] Ele, pelo contrário (nas últimas

[127] Bonhoeffer, p. 46
[128] Primeira edição 1895: Penguin Classics 1968.
[129] p.15.
[130] p. 116.
[131] pp. 118-119.
[132] pp. 127-128.
[133] p. 162.
[134] pp. 168ss
[135] p.186.

palavras do seu livro), convocou a uma "reavaliação de todos os valores".[136]

Mas Jesus não transigirá nos seus padrões para acomodar-se a Nietzsche, ou aos seus seguidores, ou a qualquer um de nós que possa, inconscientemente, ter assimilado traços ou partes da filosofia do poder de Nietzsche. Nas bem-aventuranças, Jesus apresenta um desafio fundamental ao mundo não-cristão e ao seu ponto de vista, e exige que seus discípulos adotem o seu sistema de valores, totalmente diferente. Como Thielicke disse, "qualquer pessoa que entre em comunhão com Jesus tem de passar por uma reavaliação de valores".[137]

Foi isto que Bonhoeffer (que, aliás, foi criado na mesma tradição luterana de Nietzsche) chamou de os "extraordinários" da vida cristã. "A cada nova bem-aventurança aprofunda-se o abismo entre os discípulos e o povo. A separação do discipulado torna-se cada vez mais evidente." Isso é particularmente óbvio na bênção dos que choram. Jesus está falando dos que "não sintonizam com o mundo, os que não podem equiparar-se ao mundo. Choram sobre o mundo, sua culpa, seu destino e sua sorte. Enquanto o mundo festeja, ficam à parte; enquanto o mundo chama: 'Gozai a vida!', os discípulos choram. Sabem que o navio festivamente engalanado já faz água. O mundo sonha com o progresso, com o poder, com o futuro — os discípulos sabem do fim, do juízo e da vinda do reino dos céus para o qual o mundo não está apto. Por esta razão são os discípulos estranhos ao mundo, hóspedes indesejáveis, perturbadores que são rejeitados."[138]

Tal inversão dos valores humanos é básica na religião bíblica. Os métodos do Deus das Escrituras parecem uma confusão para os homens, pois exaltam o humilde e humilham o orgulhoso; chamam de primeiros, os últimos, e de últimos, os primeiros; atribuem grandeza ao servo, despedem o rico de mãos vazias e declaram que os mansos serão seus herdeiros. A cultura do mundo e a contracultura de Cristo estão em total desarmonia uma com a outra. Resumindo, Jesus parabeniza aqueles que o mundo mais despreza, e chama de "bem-aventurados" aqueles que o mundo rejeita.

Mateus 5:13-16
Á influência do cristão: o sal e a luz

Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.
14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; 15 nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa.
16 Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

As bem-aventuranças descrevem o caráter essencial dos discípulos de Jesus; o sal e a luz são metáforas que denotam a sua influência para o bem no mundo.

Ademais, a simples idéia de que os cristãos podem exercer uma influência sadia no mundo deveria nos causar um sobressalto. Que influência poderiam exercer as pessoas descritas nas bem-aventuranças, neste mundo violento e agressivo? Que bem duradouro poderiam proporcionar o humilde e o manso, os que choram e os misericordiosos, ou aqueles que tentam fazer paz e não guerra? Não seriam simplesmente tragados pela enchente do mal? O que poderiam realizar aqueles cuja única paixão é um apetite pela justiça, e cuja única arma é a pureza de coração? Essas pessoas não seriam frágeis demais para conseguir realizar alguma coisa, especialmente se constituem uma minoria no mundo?

É evidente que Jesus não participava desse ceticismo. Antes, o contrário. O mundo, sem dúvida, perseguirá a igreja (10-12); apesar disso, a igreja é chamada para servir a este mundo que a persegue (13-16). "Vossa única vingança", expressou Rudolf Stier, "deve ser o amor e a verdade contra o ódio e as mentiras".[139] Por mais incrível que pareça, Jesus referiu-se àquele punhado de camponeses palestinos, chamando-os de sal da terra e luz do mundo, por causa do alcance que sua influência teria. Também é notável providência divina que, neste mais judaico dos quatro Evangelhos, haja uma tal alusão a toda a terra,

[136] p.187.
[137] p.77.
[138] pp. 58,59.
[139] p. 121

ao poder benéfico de alcance mundial dos discípulos de Cristo.

A fim de definir a natureza de sua influência, Jesus recorreu a duas metáforas domésticas. Todo lar, por mais pobre que seja, usava e ainda usa tanto o sal como a luz. Durante a sua própria infância, Jesus devia ter observado freqüentemente sua mãe usando o sal na cozinha e acendendo as luzes quando o sol se punha. Sal e luz são utilidades domésticas indispensáveis. Diversos comentaristas citam o ditado de Plínio, de que nada é mais útil do que "o sal e o sol" *(sale et sole).*[140] A necessidade da luz é óbvia. O sal, por outro lado, tem uma variedade de usos. É condimento e preservativo. Parece que já era reconhecido desde os tempos imemoriais como componente essencial da dieta humana e um tempero ou condimento alimentar: "Comer-se-á sem sal o que é insípido? "[141] Entretanto, particularmente nos séculos antes do invento da refrigeração, ele era usado para preservar a carne do apodrecimento. E na verdade ainda o é. Qual é o brasileiro que nunca comeu ou pelo menos não ouviu falar da famosa carne-de-sol, ou charque, jabá, carne-do-ceará . . .? Qualquer que seja o nome dado, de acordo com a região, o segredo é sempre o mesmo: o sal, que a conserva e lhe dá sabor. A verdade básica que jaz por trás destas metáforas, sendo comum às duas, é que a Igreja e o mundo são comunidades separadas. De um lado está "a terra"; de outro, "vós" que sois

O sal da terra. De um lado está "o mundo"; de outro, "vós" que sois a luz do mundo. É verdade que as duas comunidades ("eles" e "vós") estão relacionadas uma com a outra, mas essa relação depende da sua diferença. É importante declará-lo hoje em dia, quando é teologicamente elegante tornar obscuras as fronteiras entre a Igreja e o mundo, bem como referir-se a toda a humanidade indiscriminadamente como "o povo de Deus".

Mais ainda, as metáforas nos dizem algo sobre as duas comunidades. O mundo é evidentemente um lugar escuro, com pouca ou nenhuma luz própria, pois precisa de uma fonte de luz externa para iluminá-lo. É verdade que ele "sempre está falando sobre a sua iluminação",[142] mas na realidade grande parte de sua pretensa luz não passa de trevas. O mundo manifesta também uma tendência constante à deterioração. A idéia não é que o mundo seja insípido e que os cristãos o tornam menos insípido ("a idéia de que se possa tornar o mundo mais agradável a Deus é totalmente absurda"),[143] mas que o mundo está apodrecendo. Ele não pode impedir a sua própria deterioração. Apenas o sal, quando introduzido de fora, pode fazê-lo. A Igreja, por outro lado, foi colocada no mundo com duplo papel: como sal, para interromper, ou pelo menos retardar, o processo da corrupção social; e, como luz, para desfazer as trevas.

Quando examinamos mais detalhadamente as duas metáforas, vemos que foram deliberadamente proferidas a fim de serem comparadas uma com a outra. Nos dois casos, Jesus primeiro faz uma afirmação ("Vós sois o sal da terra", "Vós sois a luz do mundo"). Depois, ele acrescenta um apêndice, a condição da qual depende a afirmação (o sal deve manter sua qualidade de salgar e a luz deve brilhar). O sal para nada serve se perder a sua salinidade; a luz torna-se inútil, se for escondida.

1. O sal da terra (v. 13)

A afirmação é direta: "Vós sois o sal do mundo". Isto significa que, quando cada comunidade se revela tal como é, o mundo se deteriora como o peixe ou a carne estragada, enquanto que a Igreja pode retardar a sua deterioração.

É claro que Deus estabeleceu outras influências restringentes na comunidade. Em sua graça comum, ele mesmo estabeleceu certas instituições, que controlam as tendências egoístas do homem e evitam que a sociedade acabe na anarquia. A principal delas é o Estado (com a sua autoridade de estruturar e executar leis) e o lar (incluindo o casamento e a vida em família). Estes exercem uma influência sadia sobre a comunidade. Não obstante, Deus planejou que a mais poderosa coibição de todas, dentro da sociedade pecadora, fosse o seu próprio povo redimido, regenerado e justificado. Como R. V. G. Tasker o explicou, os discípulos são "chamados a ser um purificador moral em um mundo onde os padrões morais são baixos, instáveis, ou mesmo inexistentes."[144]

A eficácia do sal, entretanto, é condicional: tem de conservar a sua salinidade. Mas, em termos precisos, o sal nunca pode perder a sua salinidade. Entendo que o cloreto de sódio é um produto químico muito estável, resistente a quase todos os ataques. Não obstante, pode ser contaminado por impurezas, tornando-se, então, inútil e até mesmo perigoso.[145] O sal que perdeu a sua propriedade de salgar não serve nem mesmo para adubo, isto é, fertilizante. O Dr. David Turk me explicou que, naquele tempo, chamava-se de "sal" um

---

[140] Natural history, xxxi, 102.
[141] Jó 6:6.
[142] Lloyd-Jones, p. 164.
[143] Lenski, p. 199.
[144] pp.50,51.
[145] Sou devedor ao Sr. G. J. Hobson, um químico de Carnforth, Inglaterra, por me escrever em agosto de 1972 sobre este assunto, corrigindo uma cincada minha e preenchendo uma lacuna do meu conhecimento científico.

pó branco (talvez apanhado à volta do Mar Morto), o qual, embora contivesse cloreto de sódio, também continha muita coisa mais, pois antigamente não existiam refinarias. Nesse pó, o cloreto de sódio era provavelmente o componente mais solúvel e, portanto, o que mais facilmente desaparecia. O resíduo de pó branco ainda parecia ser sal, e sem dúvida era chamado de sal, mas não tinha o seu gosto nem agia como tal. Não passava de pó do chão.

Da mesma forma, o cristão. "Tende sal em vós mesmos", disse Jesus em outra ocasião.[146] A salinidade do cristão é o seu caráter conforme descrito nas bem-aventuranças, é discipulado cristão verdadeiro, visível em atos e palavras.[147] Para ter eficácia, o cristão precisa conservar a sua semelhança com Cristo, assim como o sal deve preservar a sua salinidade. Se os cristãos forem assimilados pelos não-cristãos, deixando-se contaminar pelas impurezas do mundo, perderão a sua capacidade de influenciar. A influência dos cristãos na sociedade e sobre a sociedade depende da sua diferença e não da identidade. O Dr. Lloyd-Jones enfatizou: "A glória do Evangelho é que, quando a Igreja é absolutamente diferente do mundo, ela invariavelmente o atrai. É então que o mundo se sente inclinado a ouvir a sua mensagem, embora talvez no princípio a odeie. "[148] Caso contrário, se nós, os cristãos, formos indistinguíveis dos não-cristãos, seremos inúteis. Teremos de ser igualmente jogados fora, como o sal sem salinidade, "lançado fora" e "pisado pelos homens". "Mas que decadência!", comenta A. B. Bruce, "De salvadores da sociedade a material de pavimentação de estradas!"[149]

2. A luz do mundo (vs. 14-16)

Jesus apresentou a sua segunda metáfora com uma afirmação semelhante: *vós sois a luz do mundo.* É verdade, mais tarde ele diria: "Eu sou a luz do mundo."[150] Mas, por derivação, nós também o somos, pois brilhamos com a luz de Cristo no mundo, como estrelas no céu à noite.[151] Às vezes, fico imaginando como seria esplêndido se os não-cristãos, curiosos por descobrir o segredo e a fonte de nossa luz, viessem a nós e nos indagassem sobre isso.

Jesus esclarece que essa luz são as nossas "boas obras". Que os homens *vejam as vossas boas obras,* disse, e *glorifiquem a vosso Pai que está nos céus,* pois é através dessas boas obras que a nossa luz tem de brilhar. Parece que "boas obras" é uma expressão generalizada, que abrange tudo o que o cristão diz e faz porque é cristão, toda e qualquer manifestação externa e visível de sua fé cristã. Considerando que a luz é um símbolo bíblico comum da verdade, a luz do cristão deve certamente incluir o seu testemunho verbal. Assim, a profecia do Velho Testamento de que o Servo de Deus seria uma "luz para os gentios", cumpriu-se não só no próprio Cristo, a luz do mundo, mas também nos cristãos que dão testemunho de Cristo.[152] A evangelização deve ser considerada como uma das "boas obras" pelas quais a nossa luz brilha e o nosso Pai é glorificado.

Lutero tinha razão quando enfatizava isto, mas errou (na minha opinião) ao fazer disto referência exclusiva: "Mateus não tem em mente as obras comuns que as pessoas deveriam fazer umas pelas outras por causa do amor . . . Antes, ele estava pensando principalmente na obra que distingue o cristão quando ensina corretamente, quando dá ênfase à fé e quando mostra como fortalecê-la e preservá-la; é assim que testemunhamos de que realmente somos cristãos." Ele prossegue em seu comentário traçando um contraste entre as primeiras e as últimas tábuas do decálogo, isto é,, os dez mandamentos que expressam o nosso dever para com Deus e o nosso próximo. "As obras que agora comentamos tratam dos três primeiros grandes mandamentos, que se referem à honra, ao nome e à Palavra de Deus."[153] É bom lembrar-se de que crer, confessar e ensinar a verdade também fazem parte das "boas obras" que evidenciam a nossa regeneração pelo Espírito Santo.[154] Contudo, não devemos nos limitar a isto. "Boas obras" são obras também do amor, além da fé. Elas expressam não só a nossa lealdade a Deus, mas também o nosso interesse pelos nossos semelhantes. Na verdade, o significado primário de "obras" tem de ser atos práticos e visíveis gerados pela compaixão. Quando os homens vêem tais obras, disse Jesus, glorificam a Deus, pois elas encarnam as boas novas do seu amor que nós proclamamos. Sem elas, o nosso evangelho perde a sua credibilidade!; e Deus, a sua honra.

Assim como acontece: com o sal, também a afirmação referente à luz foi seguida de uma condição: *Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens.* Se o sal pode perder a sua salinidade, a luz em nós pode transformar-se em trevas.[155] Mas nós temos de permitir que a. luz de Cristo dentro de nós brilhe para fora, a

[146] Mc 9:50
[147] Lc 14:34, 35; Cl 4:6
[148] p.41.
[149] p. 102.
[150] Jo 8:12; 9:5.
[151] cf.Fp2:15.
[152] s 42:6; 49:6; Lc 2:32; At 26:23; 13:47.
[153] p.66.
[154] cf. Jo 6:28; 1 Co 12:3; IJo 3:23, 24; 5:1
[155] 6:23.

fim de que as pessoas a vejam. Não devemos ser como uma cidade ou vila aninhada em um vale, cujas luzes ficam ocultas, mas sim como uma *cidade edificada sobre um monte*, que *não se pode esconder* e cujas luzes são claramente visíveis a quilômetros de distância. E mais, devemos ser como uma lâmpada acesa, como João Batista,[156] "que ardia e alumiava", colocada no velador, numa posição de destaque na casa a fim de iluminar *a todos que se encontram na casa,* e não ficando "debaixo da gamela" ou "debaixo do balde", onde não produz bem algum.

Isto é, na qualidade de discípulos de Jesus, não devemos esconder a verdade que conhecemos ou a verdade do que somos. Não devemos fingir que somos diferentes;, mas devemos desejar que o nosso Cristianismo seja visível a todos. "Refugiar-se no invisível é uma negação do chamado. Urna comunidade de Jesus que procura esconder-se deixou de segui-lo."[157] Antes, nós devemos ser cristãos autênticos, vivendo abertamente a vida descrita nas bem-aventuranças, sem nos envergonhar de Cristo. Então as pessoas nos verão, e verão as nossas boas obras e, assim, glorificarão a Deus, pois reconhecerão inevitavelmente que é pela graça de Deus que somos assim, que a *nossa* luz é a luz *dele*, e que as nossas obras são obras dele feitas em nós e através de nós. Desse modo, louvarão a luz, e não a lâmpada que a transmite, glorificarão a nosso Pai que está nos céus, e não aos filhos que ele gerou e que têm traços da sua família. Até mesmo aqueles que nos injuriam não poderão deixar de glorificar a Deus por causa da própria justiça pela qual eles nos perseguem (vs. 10-12).

3. Lições a aprender

As metáforas usadas por Jesus, referentes ao sal e à luz têm muito a nos ensinar sobre nossas responsabilidades cristãs no mundo. Três lições se destacam.

a. Há uma diferença fundamental entre os cristãos e os não-cristãos, entre a igreja e o mundo É verdade que alguns não-cristãos adotam uma falsa aparência de cultura cristã. Por outro lado, alguns cristãos professos parecem indiscerníveis dos não-cristãos e, assim, negam o nome de cristão através do seu comportamento não-cristão. Mas a diferença essencial permanece. Podemos dizer que são tão diferentes quanto o alho do bugalho. Jesus disse que são tão diferentes como a luz e as trevas, tão diferentes como o sal e a deterioração ou a doença. Quando tentamos obliterar, ou até mesmo reduzir ao mínimo esta diferença, não servimos a Deus, nem a nós mesmos, nem ao mundo.

Este tema é básico no Sermão do Monte. O Sermão foi elaborado na pressuposição de que os cristãos *são* por natureza diferentes, e convoca-nos a *sermos* diferentes na prática. Provavelmente, a maior de todas as tragédias da Igreja através de sua longa história, cheia de altos e baixos, tem sido a sua constância de conformar-se à cultura prevalecente, em lugar de desenvolver uma contracultura cristã.

b. Temos de aceitar a responsabilidade que esta diferença coloca sobre nós Quando em cada metáfora reunimos a afirmação e a condição, a nossa responsabilidade se destaca. Cada afirmação começa, em grego, com o enfático pronome "vocês", que seria o mesmo que dizer "vocês e tão somente vocês" são o sal da terra e a luz do mundo. E, *portanto,* (a condição segue-se com lógica inexorável), vocês simplesmente não podem falhar para com o mundo ao qual foram chamados a servir. Vocês têm de ser o que são. Vocês são o sal e, por isso, têm de conservar a sua salinidade e não podem perder o seu sabor cristão. Vocês são a luz e, por isso, devem deixar que a sua luz brilhe e não devem escondê-la de modo algum, quer seja através do pecado ou da transigência, pela preguiça ou pelo medo.

Esta vocação para assumir a nossa responsabilidade cristã, por causa do que Deus fez de nós e por causa de onde ele nos colocou, é particularmente relevante aos jovens que se sentem frustrados no mundo moderno. Os problemas da comunidade humana são tão grandes e eles se sentem tão pequenos, tão frágeis, tão ineficientes! "Alienação", um termo popularizado por Marx, é a palavra comumente usada hoje para descrever estes sentimentos de frustração.

Que mensagem temos, então, para essas pessoas que se sentem estranguladas pelo "sistema", esmagadas pela máquina da moderna tecnologia, dominadas pelas forças políticas, sociais e econômicas que as controlam e sobre as quais elas não têm controle? Sentem-se vítimas de uma satisfação que não têm poder de mudar. O que podemos fazer? É no solo desta frustração que os revolucionários são produzidos, dedicados à violenta subversão do sistema. É exatamente deste mesmo solo que podem brotar os revolucionários de Jesus, igualmente ativistas dedicados, e até mais; mas antes, comprometidos a propagar a sua revolução do amor, da alegria e da paz. E esta revolução pacífica é mais radical do que qualquer programa de violência, por causa dos seus padrões incorruptíveis e porque modifica as pessoas e as estruturas. Perdemos a nossa

[156] Jo5:35
[157] Bonhoeffer, p. 106.

confiança no poder do evangelho de Cristo? Então, ouçam Lutero: "Com a simples palavra de Cristo eu posso ser mais desafiador e mais jactancioso do que eles com todo o seu poder, suas espadas e suas armas."[158] Portanto, apesar de tudo, não somos indefesos e impotentes! Temos Jesus Cristo, o seu evangelho, seus ideais e o seu poder. E Jesus Cristo é todo o sal e toda a luz de que este mundo tenebroso e arruinado precisa. Mas precisamos ter o sal em nós mesmos, e devemos deixar que a nossa luz brilhe.

c. Temos de considerar a nossa responsabilidade cristã como sendo dupla "O sal e a luz têm uma coisa em comum: eles se dão e se gastam, e isto é o oposto do que acontece com qualquer tipo de religiosidade egocentralizada."[159]

Não obstante, o tipo de serviço que cada um presta é diferente. Na verdade, seus efeitos são complementares. A função do sal é principalmente negativa: evitar a deterioração. A função da luz é positiva: iluminar as trevas.

Assim, Jesus chama os seus discípulos para exercerem uma influência dupla na comunidade secular: uma influência negativa, de impedir a sua deterioração, e uma influência positiva, de produzir a luz nas trevas. Pois impedir a propagação do mal é uma coisa; e promover a propagação da verdade, da beleza e da bondade é outra.

Reunindo as duas metáforas, parece-nos legítimo discernir nelas a relação correta entre a evangelização e a ação social, na totalidade da missão de Cristo no mundo, uma relação que deixa perplexos muitos crentes hoje em dia. Somos chamados a ser as duas coisas, sal e luz, na comunidade secular.

Examinemos, primeiro, a nossa vocação para sermos sal. O apóstolo Paulo pinta um quadro sinistro no final do primeiro capítulo da sua carta aos Romanos, falando do que acontece quando a sociedade abafa (por causa do amor ao mal) a verdade que conhece por natureza. Ela deteriora. Seus valores e padrões declinam rapidamente, até ficar totalmente corrompida. Quando os homens rejeitam o que sabem de Deus, ele os abandona às suas próprias noções distorcidas e paixões perversas, até que a sociedade cheire mal às narinas de Deus e de todas as pessoas honestas.

Os cristãos foram colocados por Deus numa sociedade secular para retardar este processo. Deus pretende que penetremos no mundo. O sal cristão não tem nada de ficar aconchegado em elegantes e pequenas dispensas eclesiásticas; nosso papel é o de sermos "esfregados" na comunidade secular, como o sal é esfregado na carne, para impedir que apodreça. E quando a sociedade apodrece, nós, os cristãos, temos a tendência de levantar as mãos para o céu, piedosamente horrorizados, reprovando o mundo não-cristão; mas não deveríamos, antes, reprovar-nos a nós mesmos? Ninguém pode acusar a carne fresca de deteriorar-se. Ela não pode fazer nada. O ponto importante é: onde está o sal?

Jesus ensinava em algum ponto perto do mar da Galiléia. Menos de 160 quilômetros ao sul, o Rio Jordão corre para outro mar, que, por ser tão salgado, é chamado de Mar Morto. E, do lado ocidental, vivia naquele tempo uma Comunidade do Mar Morto, cuja biblioteca de pergaminhos causou verdadeira sensação ao ser acidentalmente descoberta há alguns anos atrás. Era uma comunidade monástica de essênios que tinham se afastado do mundo iníquo. Eles se intitulavam "os filhos da luz", mas não tomavam providência alguma para que a sua luz brilhasse. Assim, no seu gueto, seu sal era tão inútil como os depósitos de sal sobre as praias do mar ali perto. Será que Jesus estava pensando neles? W. D. Davies pensa que Jesus deu "uma olha-dela de lado" na direção deles.[160] É uma conjectura atraente.

O que significa, na prática, ser o sal da terra? Em primeiro lugar, nós, o povo cristão, deveríamos ser mais corajosos, mais francos na condenação do mal. A condenação é negativa, é verdade, mas a ação do sal é negativa. Às vezes, os padrões de uma comunidade afrouxam-se por falta de um explícito protesto cristão. Lutero deu grande importância a isto, enfatizando que a denúncia e a proclamação andam de mãos dadas, quando o evangelho é verdadeiramente pregado: "O sal arde. Embora eles nos critiquem como sendo desagradáveis, sabemos que é assim que tem de ser e que Cristo ordenou que o sal fosse forte e continuamente cáustico ... Se você quiser pregar o Evangelho e ajudar as pessoas, terá de ser rude e esfregar sal nas feridas, mostrando o outro lado e denunciando o que não está certo . . . O verdadeiro sal é a verdadeira exposição das Escrituras, que denuncia todo o mundo e não deixa nada de pé a não ser a simples fé em Cristo. "[161]

Helmut Thielicke aborda este mesmo tema da necessária qualidade incisiva ou "ardida" do verdadeiro testemunho cristão. Ao olharmos para alguns cristãos, diz ele, "poderíamos pensar que a sua ambição é ser a cumbuca de mel do mundo. Eles adoçam e açucaram a amargura da vida com um conceito demasiadamente

---

[158] p.55.
[159] Thielicke, p. 33.
[160] p.250.
[161] pp. 55,56,59.

complacente de um Deus amoroso. Mas Jesus, evidentemente, não disse: 'Vocês são o mel do mundo.' Ele disse: 'Vocês são o sal da terra.' O sal arde, e a mensagem não adulterada do juízo e da graça de Deus sempre tem sido uma coisa que machuca".[162]

E ao lado desta condenação do que é falso e mau, deveríamos com ousadia apoiar o que é verdadeiro, bom e decente, em nossa vizinhança, em nosso colégio, profissão ou negócio, ou na esfera mais ampla da vida nacional, incluindo os meios de comunicação de massa.

O sal cristão faz efeito através de atos e também de palavras. Já vimos que Deus criou a ambos, o Estado e a família, como estruturas sociais para reprimir o mal e incentivar o bem. E os cristãos têm a responsabilidade de verificar se essas estruturas estão sendo preservadas, e também se estão operando com justiça. Com demasiada freqüência, os cristãos evangélicos têm interpretado a sua responsabilidade social em termos de apenas ajudar às vítimas de uma sociedade doente, nada fazendo para mudar as estruturas que provocam os acidentes. Exatamente como os médicos não se preocupam apenas com o tratamento dos pacientes, mas também com a medicina preventiva e a saúde pública, nós deveríamos nos preocupar com o que poderíamos chamar de "medicina social preventiva" e padrões mais elevados de higiene moral. Por menor que seja a nossa contribuição, não podemos optar pela dispensa da busca da criação de melhores estruturas sociais, que garantam a justiça na legislação e o cumprimento das leis, a liberdade e a dignidade do indivíduo, os direitos civis para as minorias e a abolição da discriminação social e racial. Não devemos nem desprezar essas coisas nem fugir de nossa responsabilidade para com elas. Isso faz parte do propósito de Deus para o seu povo. Sempre que os cristãos são cidadãos conscientes, agem como sal numa comunidade. Como Sir Frederick Catherwood expôs em sua contribuição ao simpósio *Is Revolution Change?* (A Revolução Muda Alguma Coisa?): "Tentar melhorar a sociedade não é mundanismo, mas amor. Lavar as mãos diante da sociedade não é amor, mas mundanismo."[163]

Mas os seres humanos decaídos precisam de mais do que barricadas que os impeçam de se tornarem tão maus quanto possível. Precisam de regeneração, vida nova através do Evangelho. Por isso, nossa segunda vocação é para sermos "a luz do mundo", pois a verdade do Evangelho é a luz, contida, é verdade, em frágeis lâmpadas de barro, mas brilhando através de nossa mortalidade com a mais conspícua das claridades. Fomos chamados a propagar o Evangelho e estruturar nosso modo de viver de um jeito que seja digno do Evangelho.[164]

Portanto, nunca deveríamos colocar nossas duas vocações (sal e luz) e nossas responsabilidades cristãs (social e evangelística) em posições antagônicas, como se tivéssemos de escolher entre as duas. Não podemos exagerar uma delas, nem desacreditar uma às expensas da outra. Uma não pode substituir a outra. O mundo precisa de ambas. Ele está em decomposição e precisa de sal; ele é trevas e precisa de luz. Nossa vocação cristã é para sermos ambas. Jesus Cristo o declarou, e isso basta.

Nos Estados Unidos da América do Norte, um dos ministérios que se diz ter sido formado sob os auspícios do chamado "Jesus Movement" é chamado de "Casa de Luz e Força de Jesus Cristo".

É uma comunidade cristã em Westwood, administrada por Hal Lindsey e Bill Counts, que ministra ensino bíblico aos seus residentes. "Luz e Força" é uma ótima combinação, e ambas se encontram em Jesus Cristo. Mas quando alguém organizará na América uma "Sociedade do Sal e Luz de Jesus Cristo"?

Na Inglaterra surgiu nestes últimos anos um movimento quase espontâneo conhecido como o "Festival da Luz". Agradeço a Deus pelo testemunho corajoso e exuberante dos seus componentes, na sua maioria jovens. Procuram combinar um protesto contra a pornografia e uma campanha pela lei moral de Deus na vida pública, ao lado de um testemunho claro de Jesus Cristo. Talvez pudesse transformar-se em um "Festival de Sal e Luz" mais autoconsciente.

De qualquer modo, não devemos nos envergonhar de nossa vocação de sermos sal e também luz, ou seremos culpados de separar o que Jesus uniu.

O caráter do cristão, conforme descrito nas bem-aventuranças, e a influência do cristão, conforme definida nas metáforas do sal e da luz, estão organicamente relacionados um com o outro. Nossa influência depende de nosso caráter. Mas as bem-aventuranças apresentam um padrão extremamente elevado e exigente. Seria útil, portanto, como conclusão deste capítulo, examinar novamente os dois parágrafos e observar os incentivos que Jesus deu à justiça.

Primeiro, é assim que nós mesmos seremos abençoados. As bem-aventuranças identificam aqueles a quem Deus declara "bem-aventurados", aqueles que lhe agradam e que se realizam. A verdadeira bem-aventurança se encontra na bondade, e em nenhum outro lugar.

---

[162] p.28.
[163] Editado por Brian Griffiths (IVP, 1972), p. 35.
[164] cf.Fpl:27.

Segundo, é assim que o mundo será melhor servido. Jesus oferece aos seus seguidores o imenso privilégio de serem o sal e a luz do mundo, contanto que vivam pelas bem-aventuranças.

Terceiro, é assim que Deus será glorificado. Aqui, no começo do seu ministério, Jesus diz aos seus discípulos que se deixarem a sua luz brilhar de modo que as suas obras sejam vistas, seu Pai no céu será glorificado. No fim do seu ministério, no cenáculo, ele expressou a mesma verdade com palavras semelhantes: "Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tomareis meus discípulos."[165]

Esta, então, é a grande vantagem da vida honesta e semelhante à de Cristo, e também da contracultura cristã. Produz bênçãos para nós mesmos, salvação para os outros e, finalmente, glória para Deus.

Mateus 5:17-20
A justiça do cristão: Cristo, o cristão e a lei

Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. **18***Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra.* **19***Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus.* **20***Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.*

Até então, Jesus falara sobre o caráter do cristão e sobre a influência que este teria no mundo, caso manifestasse tal caráter, produzindo, assim, o fruto de "boas obras". Agora, ele prossegue definindo melhor este caráter e estas boas obras em termos de justiça. Ele explica que a justiça, já duas vezes mencionada, e da qual os seus discípulos têm fome (v. 6) e por cuja causa eles sofrem (v, 10), é uma correspondência à lei moral de Deus e ultrapassa a justiça dos escribas e fariseus (v. 20). As "boas obras" são obras da obediência. Ele começou o seu Sermão com as bem-aventuranças na terceira pessoa ("Bem-aventurados os humildes de espírito"); continuou na segunda pessoa ("Vós sois o sal da terra"); e, agora, muda para a primeira pessoa, usando, pela primeira vez, sua fórmula característica e dogmática: *Porque . . . (eu) vos digo* (vs. 18 e 20).

Este parágrafo é de grande importância, não só por causa da definição que ele dá da justiça cristã, mas também por causa da luz que lança sobre a relação entre o Novo e o Velho Testamento, entre o Evangelho e a lei. Divide-se em duas partes: primeiro, Cristo e a lei (vs. 17, 18) e, segundo, o cristão e a lei (vs. 19, 20).

1. Cristo e a lei (vs. 17,18)

Ele começa dizendo-lhes que não imaginem, nem por um momento, que ele veio para *revogar a lei ou os profetas,* isto é, todo o Velho Testamento ou qualquer parte dele.[166] O modo como Jesus enunciou esta declaração negativa dá a entender que alguns já pensavam exatamente isso que ele agora estava contradizendo. Embora o seu ministério público tivesse começado há tão pouco tempo, os seus contemporâneos estavam profundamente perturbados com a sua suposta atitude para com o Velho Testamento. Talvez a controvérsia sobre o sábado já tivesse explodido (tanto o incidente das espigas arrancadas no sábado quanto a cura do homem da mão mirrada, também no sábado, são colocados por Marcos antes mesmo da escolha dos doze).[167] Certamente, desde o começo do seu ministério, as pessoas foram atingidas por sua autoridade. "Que vem a ser isto?" perguntavam. "Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem" (Mc 1:27). Portanto, era natural que muitos perguntassem que relação havia entre a *sua* autoridade e a autoridade da lei de Moisés. Eles sabiam que os escribas submetiam-se à lei, pois eram "mestres da lei". Dedicavam-se à sua interpretação e declaravam não haver qualquer outra autoridade além daquela que citavam. Mas, com Jesus, a coisa não era tão clara assim. Ele falava com autoridade própria. Gostava de usar uma fórmula jamais usada por qualquer profeta antigo ou escriba contemporâneo. Ele apre-

[165] Jo 15:8.
[166] cf. 7:12.
[167] Mc 2:23-3:6.

sentava alguns de seus mais impressionantes pronunciamentos com "Em verdade digo", falando em seu próprio nome e com sua própria autoridade. E que autoridade era esta? Será que estava se colocando como uma autoridade que se opunha à sagrada lei, à palavra de Deus? Parecia assim, para alguns. Por isso a pergunta, enunciada ou não, à qual Jesus agora respondia inequivocamente: *Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas.*

Muita gente continua perguntando, hoje em dia, embora de diferentes maneiras, que relação existe entre Jesus e Moisés, entre o Novo e o Velho Testamento. Considerando que Jesus aproveitou a oportunidade, falando explicitamente sobre o assunto, não devemos nos acanhar de imitá-lo. Ele veio (observe-se, a propósito, que ele tinha consciência de que viera ao mundo com uma missão) não para *revogar* a lei e os profetas, deixando-os de lado ou anulando-os, nem tampouco para endossá-los de maneira estéril e literal, mas para *cumpri-los.*

O verbo traduzido por "cumprir" *(plërösai)* significa literalmente "encher" e indica, como Crisóstomo disse, que "suas palavras *(sc.* de Cristo) não eram uma revogação daquelas primeiras, mas uma exposição e o cumprimento delas".[168] Para captarmos o sentido total dessas palavras, precisamos nos lembrar de que "a lei e os profetas", isto é, o Velho Testamento, contêm diversos tipos de ensinamentos. A relação de Jesus Cristo com eles difere, mas a palavra "cumprimento" abrange todos eles.

Primeiro, o Velho Testamento contém *ensinamento doutrinário.* "Tora", geralmente traduzido por "lei", significa, na verdade, "instrução revelada"; e o Velho Testamento realmente instrui-nos sobre Deus, sobre o homem, sobre a salvação, etc. Todas as grandes doutrinas bíblicas se encontram nele. Mas, ainda assim, foi apenas uma revelação parcial. Jesus o "cumpriu" todo, no sentido de completá-lo com a sua pessoa, seus ensinamentos e sua obra.[169] O Rev. Ryle resumiu-o assim: "O Velho Testamento é o Evangelho em botão, o Novo Testamento é o Evangelho em flor. O Velho Testamento é o Evangelho no limbo; o Novo Testamento é o Evangelho na espiga."[170]

Segundo, o Velho Testamento contém *profecia preditiva.* Grande parte dela contempla o dia do Messias, profetizando-o por meio de palavras ou apresentando-o em figuras e tipos. Mas não passa de previsões. Jesus a "cumpriu" integralmente, no sentido de que o predito aconteceu com ele. A primeira declaração do seu ministério público foi: "O tempo está cumprido . . ." (Mc 1:14). Suas próprias palavras aqui, *(Eu) vim,* denotam essa mesma verdade. Repetidas vezes ele declarou que as Escrituras deram testemunho dele, e Mateus enfatiza isto mais do que qualquer outro evangelista, através da sua repetida fórmula: "Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta . . ."[171] O clímax foi a sua morte na cruz, na qual todo o sistema cerimonial do Velho Testamento, sacerdócio e sacrifício, cumpriu-se perfeitamente. Então as cerimônias cessaram. Sim, como Calvino com razão comentou: "Apenas o uso deles foi abolido, pois o seu significado foi confirmado mais plenamente."[172] Não passavam de uma "sombra" do que estava por vir; a "substância" pertencia a Cristo.[173]

Terceiro, o Velho Testamento contém *preceitos éticos,* ou a lei moral de Deus. Mas eles são freqüentemente mal interpretados e até mesmo desobedecidos. Jesus os "cumpriu", em primeiro lugar, obedecendo-os, pois ele "nasceu sob a lei" e estava determinado (como já dissera João Batista) a "cumprir toda a justiça".[174] "Ele, na verdade, nada tinha a acrescentar aos mandamentos de Deus", escreveu Bonhoeffer, "exceto isto, que ele os guardou".[175] Ele fez mais do que obedecê-los pessoalmente; ele explica o que a obediência implicará para os seus discípulos. Ele rejeita a interpretação superficial da lei, dada pelos escribas c fornece ele mesmo a verdadeira interpretação. O seu propósito não é mudar a lei, muito menos anulá-la, mas "revelar toda a profundidade do significado que pretendia conter".[176] Portanto, ele a cumpre, anunciando as exigências radicais da justiça de Deus".[177] É isto que ele destaca no restante de Mateus 5, apresentando exemplos, conforme veremos.

Em cada geração da era cristã, sempre houve aqueles que não conseguiram acomodar-se à atitude de

---

[168] p. 229.
[169] cf.Hb 1:1,2.
[170] p. 38.
[171] 1:22; cf. 2:23; 3:3; 4:14, etc. cf. 11:13 onde se diz que a lei, assim como os profetas, "profetizaram até João". Ambos apontavam para Cristo e ambos se cumpriram nele.
[172] p. 278; cf. Lc 22:16.
[173] Cl 2:17.
[174] Gl 4:4; Mt 3:15.
[175] p. 111.
[176] McNeile, p. 58.
[177] Stonehouse, p. 209.

Cristo para com a lei. O famoso herege do segundo século, Marcion, que reescreveu o Novo Testamento, eliminando as referências que este faz ao Velho, naturalmente apagou esta passagem.[178] Alguns dos seus discípulos foram mais além. Atreveram-se até a inverter o seu significado, mudando os verbos de modo que a sentença, então, passasse a dizer o seguinte: "Eu vim, não para cumprir a lei e os profetas, mas para abolilos!" Seus correlativos hoje em dia parecem ser aqueles que abraçaram a chamada "nova moralidade", pois declaram que a própria categoria da lei fica abolida para o cristão (embora Cristo tenha dito que não veio para aboli-la), que nenhuma lei tolhe agora o povo cristão, exceto a lei do amor, e que na realidade a ordem para amar é agora o único absoluto. Sobre estes, voltarei a falar mais tarde. Por ora, basta enfatizar que, de acordo com este versículo (v. 17), a atitude de Jesus para com o Velho Testamento não foi de destruição e descontinuidade mas, antes, de continuidade construtiva, orgânica. Ele resumiu sua posição numa simples palavra: não "abolição", mas "cumprimento".

O apóstolo Paulo ensinou esta mesma verdade com muita clareza.[179] Sua declaração de que Cristo é "o fim da lei",[180] não significa que agora estamos livres para desobedecê-la, mas justamente o oposto.[181] Significa, antes, que a aceitação de Deus não é através da obediência à lei, mas através da fé em Cristo, e a própria lei dá testemunho destas boas novas.[182]

Após declarar que o seu propósito em vir era o cumprimento da lei, Jesus prossegue, apresentando a causa e a conseqüência disto. A causa é a permanência da lei até que seja cumprida (v. 18); e a conseqüência é a obediência à lei, que os cidadãos do reino de Deus devem prestar (vs. 19, 20).

Isto é o que Jesus tem a dizer sobre a lei que ele veio cumprir: *Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um i (yod,* a menor das letras do alfabeto grego, quase tão pequena como uma vírgula) *ou um til (keraia,* um acento, sinal que distinguia algumas letras hebraicas de outras) *passará da lei, até que tudo se cumpra.* Sua referência agora era apenas "à lei" e não "à lei e aos profetas", como no versículo anterior. Mas não temos razão para supor que estava deliberadamente omitindo os profetas; "a lei" era um termo compreensivo para o todo da revelação divina no Velho Testamento. Nenhuma parte dela passará ou será posta em desuso, diz ele, nem uma simples letra ou parte de uma letra, antes que seja inteiramente cumprida. E este cumprimento não se completará até que o céu e a terra passem, pois um dia eles passarão, num grandioso renascimento do universo.[183] Então, o tempo, como nós o conhecemos, deixará de existir, e as palavras escritas da lei de Deus já não serão mais necessárias, pois todas as coisas que ela encerra estarão cumpridas. Assim, a lei tem a duração do universo. O cumprimento final de uma e o novo nascimento do outro coincidirão. Ambos "passarão" juntos *(parelthê* é repetido). Jesus não poderia ter declarado com mais clareza sua própria opinião sobre as Escrituras do Velho Testamento.[184]

2. O cristão e a lei (vs. 19,20)

A palavra "pois" introduz a dedução que Jesus agora apresenta a seus discípulos para a validade duradoura da lei e a sua própria atitude com referência a ela. Revela uma conexão vital entre a lei de Deus e o reino de Deus. Porque ele não veio para aboli-la, mas para cumpri-la e, considerando que nem um i ou um til passarão da lei até que toda ela se cumpra, a grandeza no reino de Deus será medida pela conformidade à lei. A obediência pessoal não basta; o discípulo cristão deve também ensinar aos outros a natureza permanentemente obrigatória dos mandamentos da lei. É verdade que nem todos os mandamentos têm o mesmo "peso".[185] Mas *um destes mandamentos, posto que dos menores,* exatamente porque é um mandamento de Deus, o Rei, é importante. Relaxá-los, isto é, afrouxar o controle que têm sobre nossa consciência e diminuir a sua autoridade em nossa vida, é uma ofensa a Deus, pois é sua lei. Ignorar um dos "menores" mandamentos da lei (quer na obediência, quer na instrução) é rebaixar-se a um dos "menores" súditos no reino; a grandeza no reino pertence àqueles que são fiéis no cumprir e no ensinar toda a lei moral. "A nobreza no reino de Cristo", escreveu Spurgeon, "será conferida de acordo com a obediência."[186]

Agora Jesus vai ainda mais além. A grandeza no reino não é apenas avaliada pela justiça que se conforma à lei, mas a entrada no reino torna-se impossível se não houver um comporta^ mento que exceda em muito (a expressão grega é mesmo bastante enfática) ao dos escribas e fariseus, pois o reino de Deus é um reino de justiça. Mas alguém pode protestar: não eram os escribas e fariseus famosos por sua justiça? Não era a obediência à lei de Deus a grande paixão de suas vidas? Não tinham calculado que a lei contém

[178] Veja *Against Marcion* de Tertuliano, iv. 7
[179] por exemplo At 26:22, 23.
[180] Rml0:4.
[181] Rm8:14.
[182] Rm3:21.
[183] Mt 24:35; cf. 19:28.
[184] cf. Lc 16:16,17.
[185] cf. 23:23.
[186] p. 25.

248 mandamentos e 365 proibições, e não desejavam obedecer a todos? Como pode, então, a justiça cristã verdadeiramente *exceder* a justiça farisaica, e como pode essa justiça cristã superior tornar-se condição para a entrada no reino de Deus? Será que isto não ensina a doutrina da salvação pelas boas obras, contradizendo a primeira bem-aventurança, que afirma pertencer o reino dos "humildes de espírito", que não têm nada, nem mesmo justiça, para apresentar?

A declaração de nosso Senhor deve, certamente, ter deixado perplexos os seus primeiros ouvintes e também nos deixa, hoje em dia. Mas a resposta a estas perguntas não é tão difícil de se achar. A justiça do cristão ultrapassa de longe a justiça dos fariseus, em espécie mais do que em grau. Poderíamos dizer que não é uma questão de os cristãos conseguirem obedecer a 248 mandamentos enquanto os melhores fariseus só conseguiram fazer 230 pontos. Não. A justiça do cristão é maior do que a justiça dos fariseus porque é mais profunda, porque é uma justiça do coração. Desde Freud, fala-se muito em "psicologia profunda"; a preocupação de Jesus era pela "moralidade profunda". Os fariseus contentavam-se com uma obediência externa e formal, uma conformidade rígida à letra da lei; Jesus ensina-nos que as exigências de Deus são muito mais radicais do que isto. A justiça que lhe agrada é uma justiça interna, de mente e de motivação, pois "o Senhor (vê) o coração".[187]

Era uma nova justiça de coração, que os profetas tinham previsto como uma das bênçãos da dispensação messiânica. "Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei", Deus prometeu através de Jeremias (31:33). Como ele o faria? Ele disse a Ezequiel: "Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (36:27). Assim coincidem as duas promessas de Deus: de colocar a sua lei dentro de nós e de pôr em nós o seu Espírito. Não devemos imaginar (como alguns pensam hoje em dia) que, quando temos o Espírito, podemos dispensar a lei, pois o que o Espírito faz em nossos corações é exatamente escrever neles a lei de Deus. Portanto, "Espírito", "lei", "justiça" e "coração" todos se relacionam. Os fariseus pensavam que uma conformidade externa à lei seria uma justiça suficiente. O "Mestre da Justiça" que aparece nos pergaminhos do Mar Morto era mais rigoroso, pois "definia as exigências da lei mais exaustivamente e até mais rigorosamente do que os próprios fariseus, e impunha à seita *(sc.* os essênios de Qumran) obediência radical a *todos* eles". Mas Jesus era ainda mais radical, pois se os essênios pediam "cada vez mais obediência", ele pedia "obediência cada vez mais profunda".[188] Portanto é esta obediência profunda, que ê a justiça do coração e que só é possível naqueles em quem o Espírito Santo operou a regeneração e nos quais agora habita. É por isso que a entrada no reino de Deus é impossível sem uma justiça maior (isto é, mais profunda) do que a dos fariseus. É porque tal justiça é evidência do novo nascimento, e ninguém entra no reino sem ter nascido de novo.[189]

O restante de Mateus 5 contém exemplos desta justiça maior, ou, antes, mais profunda. Consiste de seis parágrafos paralelos, que ilustram o princípio que Jesus acabou de propor nos versículos 17 a 20, sobre a perpetuidade da lei moral, da sua vinda para cumpri-la e da responsabilidade dos discípulos em obedecê-la mais completamente do que os escribas e fariseus. E cada parágrafo contém um contraste ou uma "antítese", introduzida pela mesma fórmula (com variações menores): *Ouvistes que foi dito aos antigos . . . Eu, porém, vos digo . . .* (21, 22).

Qual é esta antítese? Está claro quem é o *eu (egõ)* enfático. Mas com quem Jesus está se contrastando? Torna-se essencial considerar esta pergunta agora, antes de, nos próximos três capítulos, examinarmos mais detalhadamente as seis antíteses propriamente ditas. Muitos comentaristas têm defendido que, nestes parágrafos, Jesus está se colocando contra Moisés; que está, aqui, deliberadamente inaugurando uma nova moralidade, e contradizendo e repudiando a antiga; e que sua fórmula introdutória poderia ser assim parafraseada: "Vocês sabem o que ensinava o Velho Testamento . . . Mas eu ensino uma coisa totalmente diferente." Por mais popular que esta interpretação possa ser, não hesito em dizer que está errada. E mais do que errada; é insustentável. O que Jesus contradisse não foi a lei propriamente dita, mas certas perversões da lei, das quais os escribas e fariseus eram culpados. Longe de contradizer a lei, Jesus a endossa, insiste sobre a sua autoridade e fornece a sua verdadeira interpretação. Quatro argumentos serão suficientes para provar que isso é verdade.

Primeiro, temos a substância das próprias antíteses. A primeira vista, em cada exemplo o que Jesus cita parece ter vindo da lei mosaica. Todos os seis exemplos, ou consistem de algum eco, ou incluem algum eco da lei. Por exemplo: *Não matarás* (v. 21); *Não adulterarás* (v. 27); *Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio* (v. 31). Só depois que chegamos à sexta e última antítese é que vemos claramente que alguma coisa está faltando, pois ela diz: *Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo* (v. 43). A primeira metade desta sentença é uma ordem explícita da lei (Lv 19:18), embora também seja um mandamento

[187] 1 Sm 16:7; cf. Lc 16:15.
[188] Davies, p. 216.
[189] Jo3:3,5.

truncado, que omite as palavras vitais que estabelecem o padrão de nosso amor ao próximo, isto é, "como a ti mesmo". A segunda metade da sentença, entretanto, não se encontra em parte alguma da lei. Não está em Levítico 19:18, nem em qualquer outro lugar. Portanto, era uma adição contemporânea à lei, que pretendia interpretá-la, mas na verdade a distorcia. Quando examinamos mais detalhadamente as outras cinco antíteses (conforme o faremos nos próximos capítulos), torna-se claro que uma distorção semelhante está implícita. Foram estas distorções da lei que Jesus rejeitou, não a lei propriamente dita. Afinal, as duas primeiras antíteses não dizem: "Ouvistes que foi dito 'Não matarás e não cometerás adultério', mas eu vos digo que podeis fazê-lo". Antes, "mas eu vos digo que não deveis nem sequer ter pensamentos odiosos ou concupiscentes".

Segundo, temos a fórmula introdutória, começando com *ouvistes que foi dito aos antigos* (vs. 21, 33), ou *ouvistes que foi dito* (vs. 27, 38, 43); ou, mais resumidamente ainda, *também foi dito* (v. 31). As palavras comuns para estas fórmulas são *foi dito,* que representam o verbo grego *errethé.* Esta não era a palavra que Jesus usava quando citava as Escrituras. Ao apresentar uma citação bíblica, tanto o verbo como o tempo eram diferentes, isto é, *gegraptai* (perfeito, "está escrito"), e não *errethé* (aoristo, "foi dito"). Nas seis antíteses, o que Jesus contradizia não eram as Escrituras, mas a tradição; não a palavra de Deus que eles tinham "lido",[190] mas a instrução oral que fora dada "aos antigos" e que eles também tinham "ouvido", uma vez que os escribas continuavam ensinando-a nas sinagogas.

O Professor David Daube confirma isto com o seu conhecimento profundo da língua hebraica usada pelos rabinos. O verbo "ouvir" está associado, diz ele, com "o significado superficial, literal, das Escrituras". Portanto, nas duas partes da fórmula introdutória, "a primeira apresenta uma regra bíblica rigorosamente interpretada, e a segunda, uma exigência mais ampla feita por Jesus". E, de novo, "estas declarações: 'Ouvistes . . . eu, porém, vos digo', têm a intenção de provar que Jesus é o defensor da lei, não o destruidor . . . é a revelação de um significado mais completo para uma nova época. A segunda parte tem antes a intenção de revelar do que de revogar a primeira".[191] Poder-se-ia dizer que, em relação às distorções dos escribas, o termo "antítese" descreve corretamente o ensinamento de Jesus, enquanto que, em relação à lei propriamente dita, "exegese" seria a palavra mais exata. Sua disputa não era a respeito da lei, pois os líderes judeus e ele próprio aceitavam a autoridade divina daquela, mas sobre a sua correta interpretação.

Terceiro, temos o contexto imediato. Já vimos que, nos versículos precedentes e introdutórios das antíteses (vs. 17-20), Jesus afirmou, de maneira bastante inequívoca, qual era a sua própria atitude para com a lei e qual deveria ser a dos seus discípulos. No seu caso, era "cumprimento" e, no caso deles, "obediência". Nem um til ou um i passaria; tudo tinha de se cumprir. Nenhum dos menores mandamentos podia ser ignorado; todos tinham de ser obedecidos. Será que poderíamos, com seriedade, supor que Jesus se contradissesse? Que ele praticasse o que tinha acabado de declarar categoricamente que não viera fazer, e que eles não deveriam fazer? Pois este é o dilema: se nas antíteses Jesus contradizia Moisés, estava com isso contradizendo-se a si mesmo. "Comentaristas esgotaram sua inventividade", escreve W. C. Allen, "na tentativa de explicar esta passagem ao seu gosto".[192] Ele prossegue, exercitando a sua própria engenhosidade na suposição de que os versículos 18 e 19 "não pertenciam originalmente ao sermão, mas que foram ali colocados pelo editor". Ele raciocina que, sob o seu ponto de vista, "a atitude para com a lei aqui descrita é inconsistente com o teor geral do sermão". Mas este é um julgamento inteiramente subjetivo e, além de tudo, não resolve o dilema. Tudo o que consegue fazer é remover a suposta discrepância dos ensinamentos de Jesus, atribuindo-a ao primeiro evangelista ou, através dele, a alguma primitiva comunidade cristã. O melhor é aceitar as declarações dos versículos 17 a 20 como genuínas e demonstrar que são coerentes, não só com o Sermão como um todo, mas com o restante dos ensinamentos de Jesus que foram registrados. Isto nos traz ao último argumento.

Quarto, temos a conhecida atitude de Cristo para com o Velho Testamento. No capítulo anterior, Mateus apresentou a narrativa de suas tentações durante quarenta extenuantes dias no deserto da Judéia. Cada sutil tentação do diabo foi enfrentada com uma citação apropriada do Velho Testamento. Jesus não precisou discutir ou argumentar com o diabo. Cada questão foi resolvida cabalmente com uma simples menção do que estava escrito *(gegraptai).* E esta reverente submissão da Palavra encarnada à palavra escrita continuou através de sua vida, não só no seu comportamento pessoal mas também em sua missão. Ele estava resolvido a cumprir o que estava escrito a respeito dele, e não podia ser removido do caminho que as Escrituras tinham traçado para ele. Por isso, suas declarações em Mateus 5:17, dizendo que não viera abolir mas cumprir a lei e os profetas, são totalmente coerentes com a sua atitude para com as Escrituras em qualquer outra passagem.

---

[190] cf. 12:3,5; 19:4; 21:16, 42; 22:31.
[191] p. 55-60.
[192] p.45.

Dos quatro fatores apresentados, fica evidente que as antíteses não colocam Cristo e Moisés em oposição um ao outro, nem o Velho Testamento oposto ao Novo, ou o Evangelho à lei; mas que a verdadeira interpretação que Cristo apresentou da lei é que se opõe às falsas interpretações dos escribas, e, conseqüentemente, a justiça cristã é que se opõe à dos fariseus, como o versículo 19 preconiza.

O que, então, os escribas e fariseus estavam fazendo? Quais eram os "métodos tortuosos", como Calvino os chamou,[193] através dos quais rebaixavam a lei? De um modo geral, estavam tentando diminuir o desafio da lei, ou "relaxar" (v. 19) os mandamentos de Deus, tornando suas exigências morais mais manejáveis e menos rigorosas. Achavam que o Tora era um jogo e um fardo (na verdade, eles o chamavam assim), e desejavam tornar o jugo mais leve e o fardo menos pesado. O modo como eles o faziam variava de acordo com a forma de cada lei, especialmente se era um mandamento (preceito ou proibição) ou uma permissão. Quatro das seis antíteses encaixam-se na categoria de "mandamentos", sendo as três primeiras negativas (proibindo o homicídio, o adultério e o falso juramento) e a última, positiva (prescrevendo o amor ao próximo). Estas quatro são ordens explícitas de Deus para fazer ou deixar de fazer alguma coisa. As duas antíteses restantes (a quarta e a quinta) descrevem-se melhor como "permissões". Não pertencem à mesma categoria de ordem moral das outras quatro. Ambas não têm as palavras imperativas. A quarta antítese é relativa ao divórcio, que jamais foi ordenado, mas sim permitido em determinadas circunstâncias e sob certas condições. A quinta refere-se à vingança ("Olho por olho . . ."), que era permitida nos tribunais e que se restringia ao equivalente exato das penalidades que os juizes israelitas poderiam impor. Portanto, ambas as permissões ficavam circunscritas por limites definidos.

O que os escribas e fariseus estavam fazendo, a fim de tornar a obediência mais fácil de praticar, era restringir os mandamentos e esticar as permissões da lei. Tornavam as exigências da lei menos exigentes e as permissões da lei mais permissivas. O que Jesus fez foi inverter as duas tendências. Insistiu que fossem aceitas todas as implicações dos mandamentos de Deus sem a imposição de quaisquer limites artificiais, enquanto que os limites que Deus estabelecera às suas permissões também deviam ser aceitos e não arbitrariamente ampliados. Talvez seja útil observar a aplicação destes princípios às antíteses, resumidamente, antes de considerá-las em detalhe.

Os escribas e fariseus estavam evidentemente restringindo as proibições bíblicas do homicídio e do adultério apenas ao ato; Jesus estendeu-as incluindo pensamentos coléricos, palavras insultuosas e olhares concupiscentes. Eles restringiam o mandamento sobre o juramento apenas a certos votos (envolvendo o nome divino), e o mandamento sobre o amor ao próximo apenas a certas pessoas (às da mesma raça e religião). Jesus disse que todas as promessas têm de ser cumpridas e todas as pessoas amadas, sem limitações.

Mas os escribas e fariseus não se contentavam simplesmente em restringir os mandamentos da lei para que se adaptassem às suas conveniências; procuravam atender às suas conveniências ainda mais, ampliando as permissões. Assim, tentavam ampliar a permissão do divórcio além do simples fundamento de "alguma indecência" para incluir qualquer capricho do marido, e alargar a permissão da vingança além dos tribunais para incluir a vingança pessoal. Jesus, entretanto, reafirmou as restrições originais. Chamou o divórcio de "adultério", se baseado em outros fundamentos, e insistiu nos relacionamentos pessoais com a renúncia de qualquer vingança.

Este exame preliminar das antíteses mostrou-nos que Jesus não contradisse a lei de Moisés. Pelo contrário, os fariseus é que o estavam fazendo. O que Jesus fez foi explicar o verdadeiro significado da lei moral, com todas as suas implicações inquietantes. Ele ampliou os mandamentos que eles estavam restringindo e restringiu as permissões que eles estavam alargando. Para ele, a lei de Moisés era a lei de Deus, cuja validade era permanente e cuja autoridade tinha de ser aceita. No Sermão do Monte, como Calvino já expressou corretamente, vemos Jesus não "como um novo legislador, mas como o fiel explanador da lei que já fora dada".[194] Os fariseus tinham "obscurecido" a lei; Jesus "restaurou-a em sua integridade".[195]

E, neste assunto, os discípulos cristãos têm de seguir a Cristo, não aos fariseus. Não temos liberdade de tentar rebaixar os padrões da lei para torná-la mais fácil de obedecer. Essa era a casuística dos fariseus, não dos cristãos. A justiça cristã tem de exceder à justiça dos fariseus.

Mas os defensores da "nova moralidade" ou da "ética situacional" estão, em princípio, tentando fazer exatamente o que os fariseus faziam. É verdade que proclamam estarem do lado de Cristo contra os fariseus, mas parecem-se com fariseus em sua antipatia à lei. Consideram a lei rígida e autoritária e (exatamente como os fariseus) tentam "relaxar" a sua autoridade, afrouxar o seu poder. Declaram que a lei foi abolida (quando Jesus disse que não veio para aboli-la) e colocam a lei e o amor em mútua discrepância (de uma maneira tal

[193] p. 282.
[194] p. 290.
[195] *Institutas,* I. viü. 7.

como Jesus nunca o fez). Mas não é assim. Jesus discordou da *interpretação* farisaica da lei; ele jamais discordou de aceitarem a *autoridade* dela. Antes, o contrário. Com os termos mais fortes possíveis, Jesus afirmou a autoridade da lei por ser a Palavra de Deus escrita, e convocou os seus discípulos a aceitarem a sua verdadeira e profunda interpretação.

Mateus 5:21-30
A justiça do cristão: esquivando-se à cólera e à concupiscência

As duas primeiras ilustrações que Jesus apresentou sobre o seu tema (isto é, que estava aprofundando e não destruindo as exigências da lei) relacionam-se com o sexto e o sétimo dos dez mandamentos, que proíbem o homicídio e o adultério.

1. Esquivando-se à cólera (vs. 21-26)

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. [22]*Eu, porém, vos digo que todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.* [23]Se, *pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma cousa contra ti,* [24]*deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.* [25]*Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.* [26]*Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.*

O mandamento *Não matarás* seria melhor expresso assim: "Não cometerás homicídio", pois não é uma proibição contra a supressão da vida humana em qualquer circunstância, mas particularmente contra o homicídio ou assassinato. Isto fica claro diante do fato de que a mesma lei de Moisés, que no Decálogo proibia matar, em outro lugar ordena a morte, tanto na forma da pena capital como nas guerras, cuja finalidade era exterminar as corruptas tribos pagãs que habitavam a terra prometida. A guerra e a pena de morte, ambas são questões debatidas que sempre deixaram perplexas as consciências de cristãos sensíveis. E sempre houve cristãos a favor ou contra esta ou aquela posição. O que sempre se torna necessário frisar pelos cristãos envolvidos nesses debates é que, se o conceito de "guerra justa" é defensável e se a retenção da pena de morte é justificável, a vida humana não é uma coisa insignificante e facilmente descartável, mas exatamente o oposto, isto é, ela é preciosa por ser a vida de uma criatura feita à imagem de Deus. Aqueles que lutam pela abolição da pena de morte com base no fato de a vida humana (a do homicida) não poder ser tirada, esquecem-se do valor da vida da vítima do homicida: "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; *porque Deus fez o homem segundo a sua imagem "*.[196] E aqueles que lutam pelo pacifismo incondicional esquecem que, embora o mutilamento e a morte indiscriminada dos civis seja totalmente indefensável, Deus deu à sociedade (quer ao Estado ou, por extensão, a alguma organização internacional) o direito e a responsabilidade de punir os malfeitores.[197] Menciono estas coisas agora, não porque as complexas questões envolvidas na guerra e na pena de morte possam ser aqui resolvidas, mas para argumentar que não podem ser resolvidas através de um apelo simplista ao mandamento *Não matarás.*

Os escribas e fariseus estavam evidentemente procurando restringir a aplicação do sexto mandamento apenas ao ato do homicídio, isto é, ao derramamento de sangue humano. Se pudessem esquivar-se disso, achavam que tinham obedecido ao mandamento. E, evidentemente, era o que os rabinos ensinavam ao povo. Mas Jesus discordou deles. A verdadeira aplicação da proibição era muito mais ampla, assegurou; incluía pensamentos e palavras, além de atos; cólera e insultos, além do homicídio.

A ira foi mencionada no começo do versículo 22: *todo aquele que (sem motivo) se irar contra seu irmão.* As palavras adicionais *sem motivo* aparecem na maioria dos manuscritos gregos, mas não nos melhores. Provavelmente são um comentário posterior e, portanto, foram omitidas nas revisões e traduções modernas. Não obstante, temos motivos para crer que a interpretação do que Jesus quis dizer é correta. Nem toda ira é maligna, conforme evidencia-se da ira de Deus, que sempre é santa e pura. E até mesmo os seres humanos pecadores podem, às vezes, sentir a ira justa. Contudo, sendo pecadores, devemos assegurar que até

[196] Gn9:6.
[197] Rm 13:l ss.

mesmo esta ira justa seja tardia em aparecer e rápida em desaparecer.[198] Lutero certamente sabia, de sua própria experiência, qual o significado da ira justa. Ele a chamava de "ira do amor, aquela que não deseja mal algum a ninguém, aquela que é simpática para com a pessoa, mas hostil para com o pecado".[199] A referência de Jesus, então, é à ira injusta, à ira do orgulho, da vaidade, do ódio, da malícia e da vingança.

Os insultos foram mencionados no final do versículo 22. Jesus nos adverte contra o chamar a nosso irmão de *raça* (provavelmente o equivalente à palavra aramaica que significa "oco") ou *more* (a palavra grega para "tolo"). Parece que "raça" é um insulto à inteligência da pessoa, dizendo que ela é "cabeça-oca", e os comentaristas rivalizam-se entre si, propondo paralelos, tais como "pateta",[200] "estúpido",[201] "parvo" ou "cabeça-dura"![202] Um *débil mental* também é tolo, mas dificilmente a palavra seria usada neste sentido, pois até Jesus chamou os fariseus e seus discípulos de "tolos"[203] e os apóstolos, em determinadas ocasiões, acusaram seus leitores de estultícia.[204] Por isso, é preciso lembrar que a palavra adquiriu uma nuance religiosa e moral, tendo sido aplicada no Velho Testamento àqueles que negavam a existência de Deus e, como resultado, mergulhavam na prática temerária do mal.[205] Alternativamente, como alguns mestres sugerem, *möre* pode transliterar uma palavra hebraica que significa "rebelde", "apóstata" ou "renegado"[206] Neste caso, Tasker propõe seu parecer: "O homem que diz a seu irmão que este está condenado ao inferno, está ele mesmo em perigo de ir para o inferno. "[207]

Fica alguma dúvida sobre o significado preciso destes dois termos de insulto. Eram claramente derrisórios, epítetos insultuosos e a BLH assim se expressa: Quem disser a seu irmão: "Você não vale nada . . . quem chamar seu irmão de idiota." Ao mesmo tempo, A. B. Bruce provavelmente preserva a principal diferença entre as palavras, ao escrever: *"Raça* expressa desprezo pela cabeça da pessoa: Você, seu estúpido! *Möre* expressa desprezo pelo seu coração e caráter: você, seu patife!"[208]

Estas coisas, pensamentos coléricos e palavras insultuosas, talvez não levem nunca à consumação do ato homicida. Mas, diante de Deus, são equivalentes ao homicídio. Conforme João escreveria mais tarde: "Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino."[209] A ira e o insulto são maus sintomas do desejo de acabar com uma pessoa que está no nosso caminho. Nossos pensamentos, olhares e palavras indicam que, como algumas vezes nos atrevemos a dizer, "gostaríamos que morresse". Um desejo assim é uma infração do sexto mandamento. E torna a pessoa culpada sujeita às mesmas penalidades às quais o homicida se expõe, não literalmente em um tribunal humano (pois nenhum tribunal poderia acusar um homem por causa da ira), mas diante do tribunal de Deus.

O significado exato dos vários julgamentos tem sido muito discutido, mas pelo menos está claro que Jesus estava proferindo uma solene advertência quanto ao julgamento divino. Os rabinos talvez estivessem ensinando não só que o homicídio era a única infração ao sexto mandamento, mas também que a única penalidade para o homicídio era a sentença humana: *Quem matar estará sujeito a julgamento* (v. 21). Por isso Jesus acrescentou que *todo aquele que sem motivo se irar* também *estará sujeito a julgamento.* Embora as mesmas palavras gregas sejam usadas para "julgamento", no versículo 22 e no versículo 21, agora a referência deve ser ao julgamento de Deus, uma vez que nenhum tribunal humano é competente para julgar um caso de ira interna. Semelhantemente, Jesus continuou, o insulto não só nos exporá *a julgamento do tribunal,* mas também *ao inferno de fogo* (v. 22). Em ambos os casos, Jesus ampliava tanto a natureza da penalidade como a do crime. Não só a ira e o insulto são equivalentes ao homicídio, disse ele, mas o castigo ao qual nos deixam sujeitos é nada menos que o juízo divino do inferno.

"Se, pois . . .", continuou Jesus dizendo (v. 23), e prosseguiu dando uma aplicação prática dos princípios que acabava de enunciar. Seu tema era que, sendo a,ira e o insulto tão sérios e tão perigosos, então devemos fugir deles como se fossem praga e tomar precauções o mais rapidamente possível. Ele apresentou duas ilustrações: a primeira, da pessoa que vai ao templo oferecer sacrifícios a Deus (vs. 23, 24); e a segunda, da pessoa que vai ao tribunal responder a acusações (vs. 25, 26). Jesus expressou-as em termos culturais do seu tempo, quando o templo ainda existia e quando ainda se ofereciam sacrifícios. Talvez seja bom traduzir suas ilustrações em palavras um pouco mais modernas:

---

[198] cf.Tg 1:19 e Ef 4:26,27.
[199] P-76.
[200] Tasker, p. 68.
[201] Hunter.p.50.
[202] Lenski, pp. 217, 219.
[203] Mt 23:17; Lc 24:25.
[204] p.ex. 1 Co 15:36; Gl 3:1; Tg 2:20.
[205] Sl 14:1-4; SI 53:1-4
[206] p. ex. Sl 78:8; Jr 5:23.
[207] p. 69.
[208] p. 107.
[209] Jo3:15.

"Se você estiver na igreja, no meio de um culto de adoração, e de repente se lembrar de que seu irmão tem um ressentimento contra você, saia da igreja imediatamente e vá fazer as pazes com ele. Não espere que o culto termine. Procure seu irmão e peça-lhe perdão. Primeiro vá, depois venha. Primeiro vá reconciliar-se com o seu irmão, depois venha e ofereça sua adoração a Deus."

E, ainda: "Se você tiver uma dívida e o seu credor levá-lo ao tribunal para receber o dinheiro dele de volta, acerte as contas com ele rapidamente. Entre num acordo antes de chegarem ao tribunal. Faça-o enquanto ainda estiverem a caminho do tribunal e pague a sua dívida. Caso contrário, ao chegarem no tribunal, será tarde demais. O seu acusador o processará diante do juiz e o juiz o entregará à polícia e você acabará na cadeia. Você não sairá de lá até que tenha pago o último centavo. Por isso, o pagamento *antes* da prisão seria muito mais sensato."

As figuras são diferentes: uma é extraída da igreja; a outra, do tribunal. Uma diz respeito a um "irmão" (v. 23) e a outra refere-se a um inimigo (v. 25). Mas, em ambos os casos, a situação básica é a mesma (alguém tem um ressentimento contra nós) e a lição básica é também a mesma (a necessidade de ação imediata, urgente). No próprio ato da adoração, se nos lembrarmos da ofensa, deveremos interromper a nossa adoração, sair e acertar a situação. No próprio ato de irmos para nos apresentar ao tribunal, enquanto estamos nos dirigindo para lá, devemos acertar **a** nossa dívida.

Mas com que raridade atendemos à chamada de Cristo para a ação imediata! Se o homicídio é um crime horrível, a ira e o insulto malévolos também o são. E, do mesmo modo, é qualquer atitude, palavra, olhar ou pensamento através do qual ferimos ou ofendemos um outro ser humano. Precisamos ser mais sensíveis no que se refere a essas coisas. Nunca deveríamos permitir que uma desavença permanecesse, muito menos que se desenvolvesse. Não devemos retardar o fazer as pazes. Não devemos nem permitir que o sol se ponha sobre a nossa ira. Mas, *imediatamente,* logo que tivermos consciência de um relacionamento estremecido, devemos tomar a iniciativa de restaurá-lo, de pedir desculpas pelo ressentimento que provocamos, de pagar a nossa dívida, de fazer restituições. E Jesus extraiu estas instruções extremamente práticas do sexto mandamento como suas implicações lógicas! Se queremos evitar o homicídio perante Deus, devemos tomar todas as possíveis medidas positivas para vivermos em paz e em amor com todos os homens.

2. Esquivando-se à concupiscência (vs. 27-30)

Agora Jesus volta-se do sexto para o sétimo mandamento, da proibição do homicídio para a proibição do adultério.

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. [28]Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela. [29]5e o *teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. [30]E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno.*

Novamente os rabinos estavam tentando limitar o alcance do mandamento: *Não adulterarás.* Embora o pecado de cobiçar a mulher de outro homem esteja incluído no décimo mandamento, que trata da cobiça, eles evidentemente achavam mais confortável ignorá-lo. No seu ponto de vista, eles e seus alunos guardavam o sétimo mandamento contanto que evitassem o ato do adultério propriamente dito. Assim, davam uma definição convenientemente estreita ao pecado sexual e uma definição convenientemente ampla à pureza sexual.

Mas Jesus ensinou diferente. Ele estendeu as implicações da proibição divina. Antes, afirmou que o verdadeiro significado da ordem divina era muito mais amplo do que á mera proibição de atos de imoralidade sexual. Assim como a proibição do homicídio incluía o pensamento colérico e a palavra insultuosa, a proibição do adultério incluía o olhar concupiscente e a imaginação. Podemos cometer assassinato com nossas *palavras;* podemos cometer adultério em nossos *corações* ou mentes. Na verdade, (v. 28) *qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela.*

Talvez seja necessário destacar dois pontos antes de prosseguirmos. Não há aqui a mais leve sugestão de que as relações sexuais naturais dentro dos votos do casamento não sejam algo lindo que Deus nos deu. Podemos agradecer a Deus pelos Cantares de Salomão, que foram incluídos no cânon das Escrituras, pois ali não encontramos puritanismo vitoriano, mas, pelo contrário, o prazer desinibido de dois amantes, o esposo e a esposa, um com o outro. Os ensinamentos de Jesus aqui referem-se ao sexo ilegal fora do casamento, praticado por pessoas casadas ou solteiras. Ele não nos proíbe de olhar para uma mulher, mas, sim, de fazê-lo concupiscentemente. Todos nós sabemos a diferença que há entre o olhar e o cobiçar.

Isto nos leva ao segundo ponto. A alusão de Jesus é a todas as formas de imoralidade. Argumentar que a referência apenas diz respeito a um homem cobiçando uma mulher e não vice-versa, ou que só se refere ao homem casado e não ao solteiro, uma vez que o transgressor está cometendo "adultério" e não "fornicação",

é incorrer na mesma casuística que Jesus condenou nos fariseus. Ele enfatizou que toda e qualquer prática sexual que é imoral no ato, também é imoral no olhar e no pensamento.

O que é particularmente importante é assimilar a sua equação de olhar concupiscentemente para uma mulher e cometer adultério com ela no coração. É esta relação entre os olhos e o coração que leva Jesus, nos dois versículos seguintes, a dar algumas instruções muito práticas sobre como manter a pureza sexual. O argumento é o seguinte: se olhar concupiscentemente é cometer adultério no coração, em outras palavras, se o adultério do coração é o resultado do adultério dos olhos (os olhos do coração sendo estimulados pelos olhos da carne), então a única maneira de tratar do problema é no início, isto é, no nosso olhar. Jó, o justo, declarou que já tinha aprendido esta lição. "Fiz aliança com meus olhos", ele disse, "como, pois, os fixaria numa donzela?" Depois ele prossegue falando a respeito do seu coração: "Se o meu coração segue os meus olhos ... Se o meu coração se deixou seduzir por causa de mulher . . .", ele reconheceria que tinha pecado e que merecia o juízo de Deus.[210] Mas Jó não fizera tais coisas. O controle do seu coração se devia ao controle dos seus olhos.

Este ensinamento de Jesus, confirmado na experiência de Jó, continua sendo verdade atualmente. Atos vergonhosos procedem de pensamentos vergonhosos, e a imaginação se inflama por causa da indisciplina dos olhos. Nossa vivida imaginação (uma das muitas faculdades que distinguem os humanos dos animais) é um precioso dom de Deus. Nenhuma das artes do mundo e poucas das mais nobres realizações teriam sido possíveis se não fosse ela. A imaginação enriquece a qualidade da vida. Mas todos os dons de Deus precisam ser usados com responsabilidade; podem facilmente ser aviltados e abusados. Isto certamente se aplica à nossa imaginação. Duvido que os seres humanos seriam vítimas da imoralidade, se antes não abrissem as comportas da paixão através dos seus olhos. Do mesmo modo, sempre que os homens e as mulheres aprendem a controlar o sexo na prática, é porque antes aprenderam a fazê-lo nos olhos da carne e do pensamento. Este pode ser um momento apropriado para mencionar de passagem como as jovens se vestem. Seria tolo legislar sobre modas, mas sábio (creio eu) é pedir-lhes que façam esta distinção: uma coisa é fazer-se atraente; outra coisa é fazer-se deliberadamente sedutora. As jovens sabem qual ê a diferença; e nós, os homens, também.

Isto nos leva aos versículos 29 e 30: *Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti. . . E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti. . .* Evidentemente esse era um ditado de que Jesus gostava, pois ele o citou mais de uma vez. Ele torna a citá-lo mais tarde neste mesmo Evangelho,[211] onde acrescenta o pé, o olho e a mão, e a referência é generalizada às "tentações", não explicitamente à tentação sexual. Portanto, o princípio tem uma aplicação mais ampla. Não obstante, foi neste setor específico que Jesus o aplicou no Sermão do Monte. O que ele quis dizer com isto?

Superficialmente parece um mandamento assustador: arrancar um olho transgressor, cortar uma mão ou um pé infrator. Alguns cristãos, cujo zelo excedia grandemente a sua sabedoria, tomaram as palavras de Jesus ao pé da letra e se mutilaram. Talvez o mais conhecido exemplo seja o do mestre Orígenes de Alexandria, do terceiro século. Ele foi aos extremos do ascetismo, renunciando propriedades, alimento e até mesmo sono e, numa interpretação supra literal desta passagem e de Mateus 19:12, tornou-se realmente um eunuco. Algum tempo depois, em 325 d.C, o Concilio de Nicéia acertadamente proibiu esta prática bárbara.

A ordem de desfazer-se dos olhos, das mãos e dos pés que causam problemas é um exemplo do uso dramático que o nosso Senhor fazia das figuras de linguagem. O que ele pretendia não era uma automutilação literal física, mas uma abnegação moral sem concessões. Não mutilação, mas mortificação, é o caminho da santidade que ele ensinou; e "mortificação" ou "tomar a cruz" para seguir a Cristo significa rejeitar as práticas do pecado com tal resolução que ou morremos para elas ou as condenamos à morte.[212]

O que isto envolve, na prática? Vou explanar e interpretar o ensinamento de Jesus assim: "Se o seu olho o faz pecar porque a tentação o assola através dos seus olhos (os objetos que você vê), então arranque os seus olhos. Isto é, não olhe! Comporte-se como se você realmente tivesse arrancado os seus olhos e os tivesse jogado fora, e estivesse agora cego e sem *poder* ver os objetos que anteriormente o levavam a pecar. Repito, se a sua mão ou o seu pé o fazem pecar, porque a tentação o assola através de suas mãos (coisas que você faz) ou de seus pés (lugares que você visita), então corte-os fora. Isto é: não faça! Não vá! Comporte-se como se na realidade você tivesse cortado e jogado fora seus pés e suas mãos, e estivesse agora aleijado e sem *poder* fazer as coisas ou visitar os lugares que anteriormente o levavam a pecar." Este é o significado de "mortificação".

Ficamos imaginando se já houve uma geração na qual este ensinamento de Jesus foi mais necessário ou mais obviamente aplicável do que na nossa, quando o rio de obscenidades (literatura pornográfica e filmes

---

[210] Jó 31:1, 7, 9. Contrastar com 2 Pe 2:14 onde os falsos mestres são descritos como tendo "olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado".
[211] Mt l8:8,9.
[212] cf.Mc8:34;Rm8:13;G15:24;C13:5.

sobre sexo) está transbordando e inundando. A pornografia ofende os cristãos (e, dizendo a verdade, a qualquer pessoa de mente sadia) em primeiro lugar e principalmente porque rebaixa a mulher da sua condição de ser humano para a de objeto sexual, mas também porque oferece ao espectador um estímulo sexual que não é natural. Se temos um problema de falta de controle sexual e se, apesar disso, nossos pés nos levam a ver tais filmes, nossas mãos manejam tal literatura e nossos olhos deleitam-se com as figuras que nos oferecem, não só estamos pecando, como também abrindo as portas à tragédia.

Ao dizer estas palavras, longe de mim desejar estabelecer leis ou criar regras humanas sobre que livros ou revistas o cristão pode ler, a que peças de teatro ou a quais filmes pode assistir (ao vivo ou na TV), ou que exposições de arte pode visitar. Pois nós temos de reconhecer que todos os homens e mulheres foram criados diferentes. O desejo sexual é mais facilmente despertado em alguns do que em outros, e coisas diferentes o estimulam. A autodisciplina sexual e o autocontrole é mais fácil para uns do que para outros. Alguns podem olhar abertamente para quadros sexuais (em revistas ou filmes) e permanecer totalmente ilesos, enquanto outros os acham terrivelmente corruptores. Nossos temperamentos variam e, conseqüentemente, também as nossas tentações. Por isso, não temos o direito de julgar os outros sobre o que sentem que podem permitir-se.

O que temos liberdade de dizer é apenas isto (pois é o que Jesus disse): *se* o seu olhar o faz pecar, não olhe; se o seu pé o faz pecar, não vá; e *se* a sua mão o faz pecar, não faça. A regra que Jesus estabeleceu é hipotética, não universal. Não exigiu que todos os seus discípulos (metaforicamente falando) arrancassem os olhos ou se mutilassem, mas só aqueles cujos olhos, mãos e pés eram a causa do pecado. São eles que devem agir; outros podem manter os dois olhos, ambas as mãos e ambos os pés, impunemente. É claro que até estes devem refrear-se de certas liberdades por causa do amor por aqueles que têm a consciência ou a vontade mais fraca; mas este é um outro princípio de que não se trata aqui.

O que se torna necessário a todos àqueles que têm forte tentação sexual e, na verdade, a todos nós, em princípio, é a disciplina na vigilância contra o pecado. A colocação de sentinelas é comum nas táticas *militares;* colocar sentinelas *morais* é igualmente indispensável. Será que somos tão tolos a ponto de deixarmos que o inimigo nos domine, simplesmente porque não colocamos sentinelas para nos advertir de sua aproximação?

Obedecer a este mandamento de Jesus envolverá, para muitos de nós, um certo "mutilamento". Teremos de eliminar de nossas vidas determinadas coisas que (embora algumas possam ser inocentes em si mesmas) são, ou poderiam facilmente tornar-se, fontes de tentação. Em sua própria linguagem metafórica, podemos tornar-nos sem olhos, sem mãos ou sem pés. Isto ê, deliberadamente declinaremos da leitura de determinada literatura, de assistir a certos filmes, e visitar certas exposições. Se o fizermos, seremos considerados por alguns dos nossos contemporâneos como pessoas de mentalidade estreita, como bárbaros filisteus. "O quê?", eles dirão com incredulidade, "Você não leu esse livro? Não viu aquele filme? Você está por fora, cara!" Talvez estejam certos. Talvez tenhamos de nos tornar culturalmente "mutilados" a fim de preservar a nossa pureza de mente. A única pergunta que permanece é se, por amor a tal proveito, estamos prontos a suportar essa perda e esse ridículo.

Jesus foi bastante claro sobre isso. É melhor perder um membro e entrar na vida mutilado, disse ele, do que conservar todo o nosso corpo e ir para o inferno. É o mesmo que dizer: é melhor perder algumas das experiências que esta vida oferece, a fim de entrar na vida que é vida realmente; é melhor aceitar alguma amputação cultural neste mundo do que arriscar-se à destruição no outro. É claro que este ensinamento vai totalmente contra os padrões modernos da permissividade. Baseia-se no princípio de que a eternidade é mais importante do que o tempo, que a pureza é mais do que a cultura, e que qualquer sacrifício é válido nesta vida se for necessário para assegurar a entrada na outra. Temos simplesmente de decidir se queremos viver para este mundo ou para o outro, se queremos seguir a multidão ou a Jesus Cristo.

Mateus 5:31-37
A justiça do cristão: fidelidade no casamento e honestidade nas palavras

A terceira antítese (sobre o divórcio) é uma seqüência natural da segunda (sobre o adultério). Pois, em determinadas circunstâncias, Jesus diz agora, um novo casamento de uma pessoa divorciada, ou com uma pessoa divorciada, é equivalente a adultério. Esta terceira antítese é essencialmente um chamamento à fidelidade matrimonial.

Confesso minha relutância básica em tentar fazer a exposição destes versículos. Parcialmente porque o divórcio é um assunto complexo e controvertido, mas muito mais porque é um assunto que afeta

profundamente as emoções das pessoas. Pode-se dizer que talvez não haja infelicidade tão pungente quanto a de um casamento infeliz. Talvez não haja tragédia maior que a degeneração, numa separação de amargura, discórdia e desespero, do relacionamento que Deus pretendia que fosse cheio de amor e satisfação. Embora eu creia que o caminho divino, em muitos casos, não é o divórcio, espero escrever com sensibilidade, pois conheço a dor de muitos e não desejo contribuir ainda para o seu desespero. Mas, como estou convencido de que o ensinamento de Jesus sobre este assunto, como sobre qualquer outro, é bom, intrinsecamente bom, tanto para cada indivíduo como para a sociedade, encho-me de coragem para escrever.

1. A fidelidade no casamento (vs. 31,32)

Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. [32]Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de adultério, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada, comete adultério.

Estes dois versículos dificilmente poderiam ser considerados como a totalidade das instruções dadas por nosso Senhor a respeito do divórcio, ali no monte. Parece serem um sumário abreviado dos seus ensinamentos, dos quais Mateus registra uma versão mais completa no capítulo 19. É melhor reunir as duas passagens para interpretar a mais curta à luz da mais longa. Foi assim que, mais tarde, aconteceu o debate de Cristo com os fariseus:

19:3 *Vieram a ele alguns fariseus, e o experimentavam, perguntando: E lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? [4]Então respondeu ele: Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher,* [5]e *que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? [6]De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. [7]Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta de divórcio e repudiar? [8]Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração ê que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio. [9]Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério.*

Sabemos que havia uma controvérsia sobre o divórcio entre as duas escolas rabínicas rivais de Hillel e de Shammai. O Rabi Shammai adotava uma linha rigorosa e ensinava, com base em Deuteronômio 24:1, que a única base para o divórcio era grave ofensa matrimonial, algo evidentemente "impróprio" ou "indecente". O Rabi Hillel, por outro lado, defendia um ponto de vista muito relaxado. Se é que podemos confiar no historiador judeu Josefo, esta era a atitude comum, pois ele aplicava a provisão mosaica a um homem que "deseja divorciar-se de sua esposa por qualquer motivo".[213] Do mesmo modo, Hillel, argumentando que a base para o divórcio era alguma coisa "imprópria", interpretava este termo da maneira mais ampla possível para incluir as mais triviais ofensas de uma esposa. Se ela se ordem de toda a passagem; naturalmente não há ordem alguma para o marido divorciar-se de sua esposa, nem qualquer incentivo para que o faça. Tudo o que temos, por outro lado, é uma referência a certos procedimentos necessários *se* o divórcio acontecer; e, conseqüentemente, uma permissão muito relutante fica implícita e uma prática costumeira é tolerada.

Como, então, Jesus respondeu à pergunta dos fariseus sobre a regulamentação de Moisés? Ele a atribuiu à dureza dos corações das pessoas. Fazendo assim, não negou que a regulamentação vinha de Deus. Deu a entender, entretanto, que não era uma instrução divina, mas apenas uma concessão de Deus por causa da fraqueza humana. Foi por isso que "Moisés vos permitiu repudiar . . .", disse ele (v. 8). Mas, então, imediatamente referiu-se de novo ao propósito original de Deus, dizendo: "Entretanto, não foi assim desde o princípio." Assim, até mesmo a própria concessão divina era, em princípio, incoerente com a divina instituição.

c. Os fariseus tratavam o divórcio com leviandade; Jesus o considerou tão seriamente que, com uma única exceção, chamou a todo novo casamento depois do divórcio de adultério

Esta foi a conclusão da sua discussão com os fariseus, e isto é o que se registrou no Sermão do Monte. Talvez seja conveniente ver os seus dois argumentos conjuntamente.

5:32 Eu *porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada, comete adultério.* [19:9] *Eu, porém, vos digo: Quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra, comete adultério.*

Parece que se presume que o divórcio levava ao novo casamento das partes divorciadas. Só esta presunção explica a declaração de que um homem que se divorcia de sua esposa sem motivo "a expõe a tornar-se adúltera". Sua ação teria tal resultado apenas se ela se casasse novamente. Além disso, uma separação sem divórcio — em termos legais, *a mensa et toro* (de mesa e cama) mas não *a vinculo* (dos laços

[213] *Antiquities* IV. viii. 23.

matrimoniais) — é um arranjo moderno desconhecido no mundo antigo.

Considerando que Deus instituiu o casamento como uma união exclusiva e permanente, uma união que ele faz e que o homem não deve quebrar, Jesus chega à inevitável conclusão de que divorciar-se de um parceiro e casar-se com outro, ou casar-se com uma pessoa divorciada, é assumir um relacionamento proibido, adúltero, pois a pessoa, que conseguiu um divórcio aos olhos da lei humana, ainda está casada, aos olhos de Deus, com o seu primeiro parceiro.

Apenas uma única exceção foi feita a este princípio: *exceto em caso de relações sexuais ilícitas* (5:32) ou *sendo por causa de relações sexuais ilícitas* (19:9). A chamada "cláusula de exceção" é um enigma muito conhecido. Os comentaristas não são unânimes quanto à sua autenticidade ou quanto ao seu significado.

Em primeiro lugar, esta cláusula é autêntica. Eu gostaria de argumentar, como o fazem quase todos os comentaristas conservadores, que temos de aceitar esta cláusula não só como parte genuína do Evangelho de Mateus (pois nenhum manuscrito a omite), mas também como palavra autêntica de Jesus. O motivo por que muitos a rejeitaram, considerando-a como uma interpolação de Mateus, é que está ausente de passagens paralelas nos evangelhos de Marcos e Lucas. Mas Plummer estava certo quando taxou de "hipótese violenta"[214] essa rejeição apressada da cláusula de exceção, considerando-a um acréscimo editorial. Parece muito mais provável que a sua ausência em Marcos e Lucas deve-se não à ignorância deles, mas por pressuporem que esta cláusula fosse assunto do conhecimento de todos. Afinal de contas, sob a lei mosaica o adultério era punido com a morte (embora a pena de morte para esta transgressão possivelmente tenha caído em desuso no tempo de Jesus)[215]; portanto, ninguém teria duvidado que a infidelidade conjugai fosse motivo para o divórcio. Até mesmo os rabinos rivais, Shammai e Hillel, concordavam com isso. Só discordavam quanto à amplitude com que esta expressão "alguma coisa indecente" em Deuteronômio 24:1 poderia ser interpretada.

A segunda dúvida sobre a cláusula de exceção refere-se ao que significa *por causa de relações sexuais ilícitas,* conforme traduz a Edição Revista e Atualizada. A palavra grega é *porneia.* Normalmente é traduzida por "fornicação", indicando a imoralidade dos que não são casados, e freqüentemente distingue-se de *moicheia* ("adultério"), a imoralidade dos casados. Por causa disto, alguns têm argumentado que a cláusula de exceção permite o divórcio no caso de descobrir-se algum pecado sexual pré-marital. Alguns acham que "a coisa indecente" de Deuteronômio 24:1 tem o mesmo significado. Mas a palavra grega não é bastante precisa para ficar assim limitada. *Ponteia* deriva de *ponte,* prostituta, sem especificar se esta é casada ou solteira. Também não especifica o estado civil do seu cliente. Mais ainda, foi usada na Septuaginta referindo-se à infidelidade de Israel, a esposa de Jeová, conforme exemplificado em Gomer, esposa de Oséias.[216] Devemos, então, concordar com R. V. G. Tasker, que concluiu que *ponteia* é um "termo abrangente, incluindo adultério, fornicação e perversão sexual".[217] Ao mesmo tempo, não temos liberdade de cair no extremo oposto e argumentar que *ponteia* abranja toda e qualquer ofensa que tenha de alguma forma até mesmo vaga, qualquer coisa a ver com o sexo. Isto seria praticamente o mesmo que igualar *porneia* com "incompatibilidade", e não temos apoio etimológico para isso. Não; *porneia* significa "falta de castidade", algum ato de imoralidade sexual física.

O que, então, Jesus ensinou? N. B. Stonehouse oferece uma boa paráfrase da primeira parte da antítese do Sermão do Monte: "Vocês ouviram a apelação dos mestres judeus sobre Deuteronômio 24:1, com a intenção de consubstanciar uma prática que permita aos maridos divorciar-se, livremente e a seu bel-prazer, de suas esposas, fornecendo-lhes simplesmente um estúpido documento legal de transação."[218] "Mas eu digo a vocês", continuou Jesus, que tal comportamento irresponsável da parte do marido fará com que ele, sua esposa e os novos parceiros tenham uniões que não constituem casamentos, mas adultérios. Neste princípio geral, temos uma exceção. A única situação em que o divórcio e o novo casamento são possíveis sem transgredir o sétimo mandamento é quando o casamento já foi quebrado por algum sério pecado sexual. Neste caso, e só neste caso, Jesus parece ter ensinado que o divórcio seria permissível, ou pelo menos poderia ser obtido sem que a parte inocente adquirisse mais tarde o estigma do adultério. A tendência moderna dos países ocidentais de estruturar a legislação para o divórcio com base, antes, na "separação irrecuperável" ou "morte" do casamento e não na "ofensa matrimonial" precisa de leis melhores e mais justas; não se pode dizer que seja compatível com os ensinamentos de Jesus.

Não obstante, o assunto não pode ser abandonado aqui, pois esta relutante permissão de Jesus continua

---

[214] p. 82.
[215] Dt 22:22; Jo 8:1-11. G. E. Ladd escreve: "O Velho Testamento condenou o adultério com a penalidade de morte. O Novo Testamento diz que um adúltero deve ser considerado como morto, e a parte inocente fica livre dos seus votos matrimoniais como se o seu cônjuge estivesse morto" — *The Gospel of the Kingdom,* (Eerdmans, 1959) p. 85.
[216] Os 1:2,3; 2:2,4.
[217] p. 146.
[218] p. 203.

precisando ser considerada pelo que é, a saber, uma acomodação sustentada por causa da dureza dos corações humanos. Além disso, deve-se sempre ler no contexto imediato (o endosso enfático de Cristo à permanência do casamento no propósito de Deus) e também no contexto mais amplo do Sermão do Monte e de toda a Bíblia, que proclama um evangelho de reconciliação. Não significa muito o fato de que o Amante Divino estivesse sempre pronto a atrair novamente Israel, sua esposa adúltera?[219] Portanto, que ninguém comece uma discussão sobre este assunto, indagando sobre a legitimidade do divórcio. Estar preocupado com os motivos para o divórcio é ser culpado daquele mesmo farisaísmo que Jesus condenou. Toda a sua ênfase na discussão com os rabinos foi positiva, isto é, foi colocada sobre a instituição original divina do casamento como um relacionamento exclusivo e permanente, no qual Deus junta duas pessoas numa união que nenhum homem pode interromper; e (é preciso acrescentar) ele enfatizou a sua ordem dada a seus seguidores para amarem-se e se perdoarem uns aos outros, e para serem pacificadores em cada situação de luta e discórdia. Crisóstomo reuniu, adequadamente, esta passagem às bem-aventuranças e comentou em sua homília: "Pois aquele que é manso, pacificador, humilde de espírito e misericordioso, como poderia repudiar sua esposa?

Aquele que está acostumado a reconciliar os outros, como poderia discordar daquela que é a sua própria carne?"[220] Com este ideal, propósito **e** chamamento divinos, o divórcio só pode ser considerado uma trágica deterioração.

Portanto, falando pessoalmente como pastor cristão, sempre que alguém me pede para conversar sobre o divórcio, já há alguns anos me recuso firmemente a fazê-lo. Adotei como regra não falar com ninguém sobre o divórcio, sem antes falar sobre dois outros assuntos, isto é, casamento e reconciliação. Às vezes, uma discussão destes tópicos torna desnecessária a outra. Finalmente, apenas depois de se ter compreendido e aceitado o ponto de vista divino do casamento e o chamamento divino à reconciliação, é que há a possibilidade de se criar um contexto dentro do qual se possa falar com pesar sobre o divórcio. Acho que este princípio de prioridades pastorais é coerente com os ensinamentos de Jesus.[221]

2. Honestidade no falar (v. **33)**

Os rabinos não só pendiam para a permissividade em sua atitude para com o divórcio, mas também eram permissivos em seus ensinamentos sobre o juramento. É outro exemplo de como se desviaram das Escrituras do Velho Testamento, a fim de as tornarem mais fáceis de serem obedecidas. Precisamos primeiro examinar a lei mosaica, depois a distorção farisaica e, finalmente, as verdadeiras aplicações da lei sobre as quais Jesus insistiu.

Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.

Esta não é uma citação exata de nenhuma lei de Moisés. Ao mesmo tempo, não se trata de um resumo impreciso de diversos preceitos do Velho Testamento, de preceitos que exigem das pessoas o cumprimento dos votos que fizeram. E tais votos são, estritamente falando, "juramentos" nos quais a pessoa invoca a Deus como testemunha do seu voto para puni-lo se não o cumprir. Moisés freqüentemente parecia enfatizar o perigo do juramento falso e o dever de cumprir os votos feitos ao Senhor. Eis alguns exemplos:

"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão" (Ex. 20:7, o terceiro mandamento). "Não jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus" (Lv 19:12). "Quando um homem fizer voto ao Senhor, . . . não violará a sua palavra" (Nm 30:2). "Quando fizeres algum voto ao Senhor teu Deus, não tardarás em cumpri-lo" (Dt 23:21).

Até mesmo uma leitura superficial destes mandamentos torna clara a sua intenção. Proíbem o juramento falso ou perjúrio, isto é, fazer um voto e, depois, quebrá-lo.

Mas os fariseus casuístas trabalhavam sobre estas proibições incômodas e tentavam limitá-las. Afastavam a atenção das pessoas do voto propriamente dito e da necessidade de cumpri-lo, destacando a fórmula usada no voto. Argumentavam que o que a lei realmente proibia não era tomar o nome do Senhor *em vão*, mas *tomar o nome do Senhor* em vão. "Jurar falsamente", eles concluíram, significava profanação (um uso profano do nome divino), não perjúrio (empenhar a palavra desonestamente). Por isso, desenvolveram regras elaboradas para fazer votos. Fizeram listas de quais fórmulas eram permissíveis, e acrescentaram que apenas aquelas fórmulas que incluíam o nome de Deus tornavam o voto obrigatório. Ninguém precisa ser tão cuidadoso, diziam, sobre a guarda de votos nos quais o nome de Deus não fora usado.

Jesus expressou o seu desprezo por esse tipo de sofisticaria num dos "ais" contra os fariseus ("guias cegos", ele os chamou) que Mateus registrou mais tarde (23:16-22):

---

[219] Jr 2:1; 3:1; 4:1; Os 2:1-23.
[220] p.260.
[221] Para informações mais completas sobre o material bíblico veja *Divorce: The Biblical Teaching*, (Falcon, 1972).

Ai de vós, guias cegos! que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou. [17]Insensatos e cegos!Pois, qual é maior: o ouro, ou o santuário que santifica o ouro? [16]E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar, fica obrigado pelo que jurou. [19]Cegos! Pois, qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta? [20]Portanto, quem jurar pelo altar, jura por ele e por tudo o que sobre ele está. [21]Quem jurar pelo santuário, jura por ele e por aquele que nele habita; [22]e quem jurar pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado.

Os ensinamentos de nosso Senhor no Sermão do Monte são semelhantes. A segunda parte de sua antítese, na qual ele apresenta os seus ensinamentos em oposição aos dos rabinos, diz o seguinte:

[5:34] *Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus;* [35]nem *pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei;* [36] *nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. [37]Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno.*

Ele começa argumentando que a pergunta sobre a fórmula usada para se fazer votos é totalmente irrelevante e, particularmente, que a diferença feita pelos fariseus entre a fórmula que menciona Deus e aquelas que não o mencionam é inteiramente artificial. Contudo, por mais que vocês tentem, disse Jesus, não podem evitar alguma referência a Deus, pois o mundo todo é mundo de Deus e vocês não O podem eliminar, de modo algum. Se vocês jurarem pelo "céu", é o trono de Deus; se pela "terra", é o estrado dos seus pés; se por "Jerusalém", é a sua cidade, *cidade do grande Rei.* Se vocês jurarem por sua cabeça, na verdade é sua no sentido de não pertencer a qualquer outra pessoa, mas ainda assim é criação de Deus e está sob o seu controle. Você não pode sequer mudar a cor natural de um simples fio de cabelo, preto na juventude e branco na velhice.

Portanto, sendo irrelevante o enunciado preciso de uma fórmula para fazer votos, então a preocupação com as fórmulas não é ponto importante da lei. Na verdade, considerando que todo aquele que faz um voto deve cumpri-lo (seja qual for a fórmula usada para sua confirmação), falando estritamente todas as fórmulas são supérfluas, pois a fórmula nada acrescenta à solenidade do voto. Um voto é obrigatório, independentemente da fórmula utilizada. Sendo assim, a verdadeira implicação da lei é que devemos cumprir as nossas promessas e ser pessoas de palavra. Então os votos se tornam desnecessários. *De modo algum jureis* (v. 34), *seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não* (v. 37). Como diria mais tarde o apóstolo Tiago: "Seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não."[222] E o *que disto passar,* Jesus acrescentou, *vem do maligno,* tanto da maldade dos nossos corações com o seu grande engano, como do maligno, que Jesus descreveu como "mentiroso e pai da mentira".[223] Assim como o divórcio é devido à dureza do coração humano, os juramentos se devem à falsidade humana. Ambos foram permitidos por lei; nenhum foi ordenado;[224] nem seriam necessários.

Duas perguntas podem surgir em nossas mentes, a esta altura. Primeira, se os juramentos são proibidos, por que Deus mesmo usou juramentos nas Escrituras? Por que, por exemplo, ele disse a Abraão: "Jurei por mim mesmo . . . que deveras te abençoarei .. ."?[225] A isto creio que devemos responder que o propósito dos votos divinos não foi aumentar a sua credibilidade (considerando que 'Deus não é homem para que minta'),[226] mas sim despertar e confirmar a nossa fé. A falha que levou Deus a condescender com o nível humano não se deve a qualquer falsidade da parte dele, mas da nossa incredulidade.

Em segundo lugar, se os juramentos ficam proibidos, esta proibição é absoluta? Por exemplo, deveriam os cristãos, a fim de ser coerentes em sua obediência, abster-se de jurar em alguma declaração juramentada diante de um oficial da justiça, e testemunhar sob juramento num tribunal legal? Os anabatistas adotavam esta linha de comportamento, no século dezesseis, e a maioria dos *quakers* ainda o faz hoje em dia. Embora admiremos o seu desejo de não transigir, surge a questão: tal interpretação não é excessivamente literal? Afinal nem mesmo Jesus, Mateus registra mais tarde, se recusou a responder quando o principal dos sacerdotes o colocou sob juramento, dizendo: "Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus." Jesus confessou que era e que, mais tarde, eles o veriam entronizado à direita de Deus.[227] O que Jesus enfatizou em seus ensinamentos foi que os homens honestos não precisam recorrer a juramentos; não que eles devam recusar-se a prestar juramento, se tal coisa for exigida por alguma autoridade externa.

A aplicação moderna não é difícil de se achar, pois os ensinamentos de Jesus são eternos. Jurar (isto é, assumir votos) é realmente uma confissão patética de nossa própria desonestidade. Por que achamos

---

[222] Tg5:12.
[223] Jo8:44.
[224] cf.Dt 23:22
[225] Gn22:16,17. cf.Hb 6:13-18.
[226] Nm 23:19.
[227] Mt 26:63, 64.

necessário introduzir nossas promessas com alguma fórmula tremenda: "eu juro pelo arcanjo Gabriel e todo o exército dos céus", ou "eu juro pela Santa Bíblia"? O único motivo é que sabemos que as nossas simples palavras não são dignas de crédito. Por isso, tentamos induzir as pessoas a acreditarem em nós, acrescentando um juramento solene. Interessante é notar que os essênios (uma seita judaica contemporânea de Jesus) tinham altos padrões neste ponto. Josefo escreveu sobre eles: "São conhecidos pela fidelidade e são ministros da paz. Qualquer coisa que digam é mais firme que um juramento. Mas eles evitam o juramento e o consideram pior que o perjúrio, pois dizem que aquele em quem não se pode crer sem (jurar por) Deus, já está condenado."[228] O mesmo acontece com todas as formas de exagero, hipérboles e o uso de superlativos. Nós não nos contentamos em dizer que passamos horas agradáveis; temos de descrevê-las como "fantásticas" ou "fabulosas" ou até mesmo "fantabulosas" ou qualquer outra invenção. Mas quanto mais recorremos a tais expressões, mais desvalorizamos a linguagem e as promessas humanas. Os cristãos deveriam dizer o que pretendem e pretender o que dizem. Nosso "sim" e "não" sem adornos deveria ser o suficiente. E quando um monossílabo é suficiente, por que perder tempo e fôlego acrescentando algo mais?

Mateus 5:38-48
A justiça do cristão: não-vingança e amor ativo

As duas antíteses finais levam-nos ao ponto mais alto do Sermão do Monte, pelo qual ele tem sido mais admirado e, ao mesmo tempo, objeto da maior indignação. Trata-se da atitude de amor total que Cristo manda que demonstremos *ao perverso* (v. 39) e aos nossos *inimigos* (v. 44). Em nenhum outro ponto o Sermão é mais desafiador do que neste. Em nenhum outro ponto a nitidez da contracultura cristã é mais óbvia. Em lugar nenhum nossa necessidade do poder do Espírito Santo (cujo primeiro fruto é o amor) é mais constrangedora.

1. Atitude passiva e **sem vingança (vs. 38-42)**

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. [39]*Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;* [40] *e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.* [41]*Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.* [42]*Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.*

O extrato dos ensinamentos orais dos rabinos, que Jesus citou, vem direto da lei mosaica. Ao examiná-lo, precisamos lembrar que a lei de Moisés era um código civil, além de moral. Por exemplo, Êxodo 20 contém os dez mandamentos (a destilação da lei moral). Êxodo 21 a 23, por outro lado, contém uma série de "ordenanças", nas quais os padrões dos dez mandamentos são aplicados à vida da jovem nação. Uma grande variedade de "casos legais" é apresentada, com ênfase sobre prejuízos causados a pessoas e propriedades. É no decorrer desta legislação que aparecem as palavras: "Se homens brigarem ... se houver dano grave, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe."[229]

O contexto torna claro que, sem dúvida alguma, esta era uma instrução para os juizes de Israel. Na verdade, eles são mencionados em Deuteronômio 19:17, 18. É uma expressão da *lex talionis,* o princípio de uma retribuição exata, cujo propósito era estabelecer o fundamento da justiça, especificando o castigo que o culpado merecia, e limitar a compensação de sua vítima a um equivalente exato e não mais. Assim, tinha o duplo efeito de caracterizar a justiça e refrear a vingança. Também proibia que membros de famílias inimigas tomassem a lei em suas próprias mãos para atos de vingança.

Semelhantemente, na lei islâmica, a *lex talionis* especificava o máximo castigo admissível. Este era administrado literalmente (e ainda o é, por exemplo, na Arábia Saudita), a não ser que a pessoa ferida desistisse de cobrar a penalidade, ou que seus herdeiros (em caso de assassinato) preferissem o dinheiro de sangue.[230]

É quase certo que, no tempo de Jesus, a retaliação literal pelos prejuízos já fora substituída pela prática legal judaica das penalidades em dinheiro ou "custos". Já temos evidência disso muito mais cedo. Os versículos logo após a *lex talionis* em Êxodo decretam que, se um homem ferir seu escravo de modo a lhe

---

[228] *War,* II. viii. 6.
[20] p.55.
[229] Êx 21:22-25. cf. Lv 24:19, 20; Dt 19:21.
[230] Devo estes fatos a Sir Norman Anderson, um técnico em lei islâmica.

destruir o olho ou quebrar-lhe um dente, em lugar de perder o seu próprio olho ou dente (o que ele bem mereceria, mas que não representaria compensação alguma para o escravo incapacitado), deveria perder o seu escravo: "deixá-lo-á ir forro pelo seu olho (ou dente)".[231] Podemos ter toda certeza de que, em outros casos, esta penalidade não era fisicamente executada, exceto no caso do homicídio ("vida por vida"), sendo convertida em pagamento de prejuízos.

Mas os escribas e fariseus evidentemente estendiam este princípio da justa retribuição dos tribunais legais (aos quais pertencia) para o reino dos relacionamentos pessoais (ao qual não pertencia). Tentavam usá-lo para justificação de vingança pessoal, embora a lei o proibisse explicitamente: "Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo."[232] Assim, "este excelente, ainda que severo, princípio de retribuição judicial estava sendo utilizado com desculpa exatamente para aquilo que devia abolir, isto é, a vingança pessoal".[233]

Em sua resposta, Jesus não contradisse o princípio da retribuição, pois é um princípio verdadeiro e justo. Mais tarde, no Sermão, ele mesmo o expôs da seguinte maneira: "Não julgueis, para que não sejais julgados" (7:1), e todos os seus ensinamentos sobre a terrível realidade do juízo divino, no último dia, repousam sobre o mesmo princípio fundamental. O que Jesus afirmou na antítese era, antes, que este princípio, embora pertença aos tribunais legais e ao juízo de Deus, não é aplicável aos nossos relacionamentos pessoais. Estes têm de se basear no amor, não na justiça. Nosso dever para com os indivíduos que nos prejudicam não é a vingança, mas a aceitação da injustiça (v. 39).

Mas qual é exatamente o significado deste chamamento à não-resistência? O verbo grego *(anthistëmi)* é explícito: é resistir, opor-se, enfrentar ou indispor-se com alguém ou com alguma coisa. Portanto, a quem ou a que somos proibidos de resistir?

Talvez outros usos do verbo no Novo Testamento nos ajudem a formar o contexto do nosso pensamento. De acordo com seu principal uso negativo, não devemos acima de tudo resistir a Deus, à sua vontade, à sua verdade ou à sua autoridade.[234] Entretanto, constantemente somos instados a resistir ao diabo. Os apóstolos Paulo, Pedro e Tiago nos dizem que nos oponhamos àquele que é "o maligno" *por excelência* e a todos os poderes do mal que estão à sua disposição.[235] Então, como é possível que Jesus nos tenha mandado não resistir ao perverso? Não podemos absolutamente interpretar este mandamento como um convite a transigir com o pecado ou com Satanás. A primeira pista para a compreensão correta deste seu ensinamento é reconhecer que as palavras *tö ponërö* ("o perverso") aqui são masculinas e não neutras. Não estamos proibidos de resistir ao mal propriamente dito, ao mal abstrato, "ao maligno" (que significa o diabo), mas à pessoa má, ou "os que fazem mal a vocês" (BLH). Jesus não nega que a pessoa é má. Ele não nos pede que imaginemos que essa pessoa seja diferente do que é, nem que fechemos os olhos ao seu mau comportamento. O que ele não nos permite é a vingança.

As quatro mini-ilustrações que se seguem, todas se aplicam ao princípio da não-retaliação cristã, e indicam até onde deve ir. São pequenos vividos camafeus extraídos de diferentes situações da vida. Cada um deles apresenta uma pessoa (no contexto, uma pessoa que, sob um certo aspecto, é "perversa") que procura nos fazer o mal, uma nos batendo na face, outra levando-nos às barras da justiça, a terceira recrutando nossos serviços compulsoriamente e a quarta pedindo-nos dinheiro. Todos têm um toque muito atual, exceto o terceiro, que parece um pouquinho arcaico. O verbo traduzido para *obrigar (angareusei),* de origem persa, foi usado por Josefo, referindo-se ao "transporte compulsório da bagagem militar".[236] Poderia ser aplicado hoje a qualquer forma de serviço ao qual fôssemos recrutados e não voluntários. Em cada uma das quatro situações, Jesus disse, nosso dever cristão é abster-nos tão completamente da vingança que até permitamos à pessoa "perversa" dobrar a injúria.

Vamos dizer logo de início, não obstante nosso grande desconforto, que haverá ocasiões em que não poderemos nos esquivar desta exigência e teremos de obedecê-la literalmente. Pode parecer fantástica a idéia de oferecermos a face esquerda a alguém que já nos tenha batido na direita, especialmente quando nos lembramos de que "bater na face direita, com as costas da mão, continua sendo ainda hoje, no Oriente, um golpe insultuoso" e que Jesus provavelmente tinha em mente não um insulto comum, mas "um golpe insultuoso bastante específico: o golpe desferido contra os discípulos de Jesus na qualidade de heréticos".[237] Mas esse é o padrão que Jesus exige, e é o padrão que ele mesmo cumpriu. As Escrituras do Velho Testamento disseram sobre ele: "Ofereci as costas aos que me feriam, e as faces aos que me arrancavam os

---

[231] Êx 21:26, 27.
[232] Lv 19:18.
[233] John W. Wenham, *Christ and the Bible.* (Tyndale Press, 1972) p. 35.
[234] Quanto a resistir à sua vontade, cf. Rm 9:19; sua verdade, 2 Tm 3:8; 4:15; Lc 21:15; At 6:10; 13:8; e sua autoridade delegada ao Estado, Rm 13:2.
[235] Ef 6:13; lPe 5:9; Tg 4:7.
[236] Allen, p. 54.
[237] Jeremias, pp. 27,28.

cabelos; não escondi o meu rosto dos que me afrontavam e me cuspiam." E na ocasião do acontecimento, primeiro a polícia judia cuspiu nele, vendou-lhe os olhos e bateu-lhe no rosto e, então, os soldados romanos fizeram o mesmo. Coroaram-no com espinhos, vestiram-no com um manto imperial, colocaram em sua mão um cetro de cana, zombaram dele: "Salve, rei dos judeus!" Ajoelharam-se diante dele, em reverência zombeteira, cuspiram-lhe no rosto e bateram-lhe com as mãos.[238] E Jesus, com a infinita dignidade do autocontrole e do amor, permaneceu calado. Demonstrou sua total recusa em vingar-se, permitindo que continuassem naquela zombaria cruel por quanto tempo quisessem. Mais ainda, antes de nos apressarmos em fugir ao desafio do seu ensino e comportamento, declarando-os como um mero idealismo impraticável, precisamos lembrar que Jesus chamou os seus discípulos para o que Bonhoeffer intitulou de "comunhão da cruz", uma participação visível da cruz.[239] Foi assim que Pedro o expressou: "Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos . . . pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente."[240] No dizer impressionante de Spurgeon, nós "temos de ser como a bigorna quando homens perversos são martelos".[241]

Sim, mas uma bigorna é uma coisa, e um capacho é outra. As ilustrações de Jesus e o seu exemplo pessoal não se referem ao covarde que não oferece resistência; ele mesmo desafiou o principal dos sacerdotes, quando foi por este interrogado na corte.[242] Antes, referem-se ao homem forte, cujo controle de si mesmo e cujo amor aos outros é tão poderoso que rejeita absolutamente qualquer forma concebível de retaliação. Mais ainda, por mais conscientes que estejamos em nossa determinação de não fugir às implicações do ensinamento de Jesus, não podemos aceitar os quatro pequenos camafeus com literalismo inexpressivo, sem imaginação. Em parte porque não foram apresentados como regulamentos detalhados, mas como ilustrações de um princípio; e em parte porque devem ser aceitos em apoio ao princípio que pretendem ilustrar. Esse princípio é o amor, o amor altruísta de uma pessoa que, quando ferida, recusa-se a satisfazer o seu ego através da vingança, mas contempla o supremo bem-estar da outra pessoa e da sociedade, e determina reagir de acordo. Certamente jamais revidará, pagando o mal com o mal, pois está totalmente liberta da animosidade pessoal. Pelo contrário, procura pagar o mal com o bem. Por isso está pronta a dar o máximo de seu corpo, de suas roupas, de seu trabalho, de seu dinheiro, até onde estes dons forem requisitados pelo amor.

Portanto, o único limite para a generosidade cristã é o limite estabelecido pelo próprio amor. Por exemplo, o apóstolo Paulo "resistiu" (a mesma palavra grega), certa vez, ao apóstolo Pedro "face a face". O comportamento de Pedro fora errado, mau. Ele fugira da confraternização com os irmãos gentios, contradizendo, assim, o Evangelho. Será que Paulo se deu por vencido e deixou que Pedro escapasse impune? Não. Opôs-se, publicamente, repreendendo-o e denunciando a atitude de Pedro. E acho que temos de defender a atitude de Paulo como verdadeira expressão de amor, pois, de um lado, não havia qualquer animosidade pessoal para com Pedro (ele não o espicaçou, nem o insultou, nem o machucou), enquanto que, por outro lado, havia um grande amor pelos cristãos gentios, a quem Pedro desrespeitara, e um grande amor pelo Evangelho que Pedro negara.[243]

Do mesmo modo, as ilustrações de Cristo não devem ser tomadas como carta patente de algum tirano, desordeiro, mendigo ou assassino inescrupuloso. Seu propósito foi proibir a vingança, não incentivar a injustiça, a desonestidade ou o vício. Como podem aqueles que procuram, com prioridade suprema, a expansão do reino justo de Deus, contribuir ao mesmo tempo para a expansão da injustiça? O verdadeiro amor, que tanto se importa com o indivíduo como com a sociedade, age para deter o mal e promover o bem. E a ordem de Cristo foi "um preceito de amor, não de insensatez".[244] Ele não ensina a irresponsabilidade que incentiva o mal, mas a paciência que renuncia à vingança. A autêntica não-resistência cristã é a não-retaliação.

As familiares palavras da ERC "não resistais ao mal" têm sido aceitas por alguns como base para um pacifismo inflexível, com a proibição do uso da força em toda e qualquer situação.

Um dos exemplos mais absurdos disto é "o santo louco" que Lutero descreveu, "que deixava que os piolhos o beliscassem, recusando-se a matá-los, com base neste texto, declarando que tinha de sofrer e que não podia resistir ao mal"![245]

Um exemplo mais respeitável, embora também extremo, foi Leon Tolstoy, o reformador social e

---

[238] Is 50:6; Mc 14:65; 15:16-20.
[239] p.84.
[240] lPe2:21-23.
[241] p. 30.
[242] Jo 18:19-23.
[243] Gl 2:11-14.
[244] Glover.p.55.
[245] p. 110.

notável novelista russo do século XIX. Em sua obra *O que eu Creio,* 1884, ele descreve como, num período de profunda perplexidade pessoal sobre o significado da vida, ficou "sozinho com o meu coração e o livro misterioso". Enquanto lia e relia o Sermão do Monte, "subitamente compreendi o que antes não compreendia" e o que, segundo sua opinião, toda a Igreja não havia entendido durante 1.800 anos. "Compreendi que Cristo diz exatamente o que declara", particularmente na ordem "não resistais ao mal". "Estas palavras . . ., entendidas corretamente, foram para mim uma verdadeira chave para tudo o mais."[246] No segundo capítulo ("O Mandamento da Não-Resistência"), ele interpreta as palavras de Jesus como proibição a toda violência física contra pessoas e instituições. "E impossível confessar, ao mesmo tempo, que Cristo é Deus, cujo ensinamento básico é a não-resistência ao mal, e, consciente e calmamente, trabalhar para o estabelecimento da propriedade, dos tribunais legais, do governo e das forças armadas . . .".[247] E, outra vez, "Cristo proíbe completamente a instituição humana de qualquer tribunal legal" porque estes tribunais resistem ao mal e até mesmo retribuem o mal com o mal.[248] Os mesmos princípios se aplicam, diz ele, à polícia e ao exército. Quando os mandamentos de Cristo forem finalmente obedecidos, "todos os homens serão irmãos, e todos estarão em paz uns com os outros . . . Então o Reino de Deus terá chegado".[249] Quando, no último capítulo, tenta defender-se da acusação de ingenuidade porque "os inimigos virão ... e, se não os enfrentarmos, eles nos matarão", ele mesmo contradiz sua cândida, na verdade equivocada doutrina de que os seres humanos são basicamente sensatos e afáveis. Até os "chamados criminosos e ladrões . . . amam o bem e odeiam o mal como eu". E quando eles perceberem, através do ensino e das atitudes dos verdadeiros cristãos, que os não-violentos dedicam suas vidas ao serviço dos outros, "nenhum homem será tão insensato a ponto de privar de comida ou matar aqueles que lhe servem".[250]

Um homem que foi profundamente influenciado pelas obras de Tolstoy foi Gandhi. Já em criança aprendera a doutrina do *ahimsa,* "a abstenção de prejudicar aos outros". Mas, depois, como jovem, leu em Londres pela primeira vez o *Baghavad Gita* e o Sermão do Monte ("Foi esse Sermão que me fez estimar tanto a Jesus"), e depois, na África do Sul, *O Reino de Deus Está em Vós,* de Tolstoy. Quando retornou à Índia, cerca de dez anos mais tarde, estava resolvido a pôr em prática as idéias deste último. Falando francamente, sua política não foi nem "resistência passiva" (que ele considerava negativa demais), nem "desobediência civil" (que era muito desafiante), mas *satyagraha* ou "a força da verdade", a tentativa de vencer os seus oponentes pelo poder da verdade e "pelo exemplo do sofrimento voluntariamente suportado". Sua teoria aproximava-se muito da anarquia. "O Estado representa violência numa forma concentrada e organizada." No estado perfeito que ele imaginava, embora existisse polícia, esta raramente usaria da força; o castigo acabaria; as prisões seriam transformadas em escolas; e o litígio seria substituído pela arbitragem.[251]

E impossível não admirar a humildade e a sinceridade de propósito de Gandhi. Mas a sua política tem de ser considerada irrealista. Ele disse que resistiria aos invasores japoneses (se viessem) com uma brigada de paz, mas a sua declaração jamais precisou ser posta à prova. Ele insistia com os judeus que oferecessem uma resistência não-violenta a Hitler, mas estes não o atenderam. Em julho de 1940, enviou um apelo a todos os ingleses para uma cessação de hostilidades, no qual declarava: "Tenho praticado, com precisão científica, a não-violência e suas possibilidades por um período ininterrupto de mais de cinqüenta anos. Eu a tenho aplicado em todos os aspectos da vida: vida doméstica, vida institucional, vida econômica e vida política. Não conheço um só caso no qual tenha fracassado."[252] Mas o seu apelo caiu em ouvidos moucos. Jacques Ellul faz um perceptivo comentário, dizendo que "um fator essencial para o sucesso de Gandhi" foi o povo com quem estava envolvido. De um lado estavam os hindus, "um povo moldado por séculos de preocupação com a santidade e a espiritualidade, . . . um povo . . . capaz de entender de maneira única a sua mensagem e aceitá-la" e, do outro lado, os ingleses, que "oficialmente se declaravam uma nação cristã", que "não podia permanecer insensível à pregação da não-violência de Gandhi". "Mas coloquem Gandhi na Rússia de 1925 ou na Alemanha de 1933. A solução teria sido simples: depois de alguns poucos dias ele teria sido preso e ninguém mais ouviria falar dele."[253]

Nossa principal divergência com Tolstoy e Gandhi, entretanto, não se deve ao fato de seus pontos de vista serem irrealistas, mas de não serem bíblicos. Não podemos aceitar a ordem de Jesus, "não resistais ao mal", como proibição absoluta contra o uso de toda a força (incluindo a polícia), a não ser que estejamos preparados para dizer que a Bíblia se contradiz e que os apóstolos interpretaram mal a Jesus. O Novo

---

[246] Tolstoy, pp. 315-319.
[247] p.323.
[248] p. 331.
[249] p.406.
[250] pp. 535,536
[251] A maior parte das citações foram extraídas de *Gandhi* de George Woodstock (Fontana "Modern Masters", 1972).
[252] O texto de Reuter do apelo de Gandhi foi citado em *Charles Raven* de F. W. Dillistone (Hodder, 1975), pp. 230 ss.
[253] *Violence* de Jacques Ellul (SCM, 1970), p. 15.

Testamento ensina que o Estado é uma instituição divina, comissionada (através de suas autoridades executivas) para punir o malfeitor (isto é, "resistir ao mal", a ponto de fazê-lo pagar a penalidade pelo mal cometido) e recompensar aqueles que fazem o bem.[254] Esta verdade revelada não pode ser distorcida, entretanto, para justificar a violência institucionalizada de um regime opressor. Longe disso. Na verdade, o mesmo Estado, o Império Romano, que em Romanos 13 é chamado de "ministro de Deus", tendo autoridade dada por Deus, foi descrito em Apocalipse 13 como aliado do diabo, empunhando a autoridade deste. Mas estes dois aspectos do Estado complementam-se mutuamente; não são contraditórios. O fato de o Estado ter sido instituído por Deus não o preserva do abuso do poder e de tornar-se instrumento de Satanás. Nem a verdade histórica de que o Estado tem às vezes perseguido homens bons altera a verdade bíblica de que a sua verdadeira função é punir os homens maus. E quando o Estado exerce a sua autoridade, concedida por Deus, para punir, é "ministro de Deus, vingador, para castigar quem pratica o mal".[255]

Como pode este princípio ser aplicado à guerra? Nenhuma resposta astuta ou fácil, a favor ou contra a guerra, parece possível, embora todos os cristãos certamente concordem que, por sua própria natureza, a guerra é horrível e brutalizante. Naturalmente, também o conceito de "guerra justa" desenvolvido por Tomás de Aquino, uma guerra cuja causa, métodos e resultados devem ser "justos", dificilmente se relaciona com o mundo moderno. Não obstante, gostaria de argumentar, por um lado, que a guerra não pode ser absolutamente repudiada com base no "não resistais ao mal", assim como não podemos acabar com a polícia e as cadeias; e, por outro lado, que a sua única justificativa (do ponto de vista bíblico) seria como uma espécie de ação policial em escala maior. Além disso, é da essência da ação policial ser discriminatória: prender malfeitores específicos a fim de lhes fazer justiça. É porque grande parte da ação bélica moderna se desvia muito desses pontos, quer na definição dos malfeitores, ou na punição do mal, que as consciências cristãs revoltam-se contra ela. Certamente, os horrores indiscriminados da guerra atômica, levando os inocentes de roldão junto com os culpados, bastariam para condená-la totalmente.

O ponto que estou examinando é que os deveres e as funções do Estado são totalmente diferentes daqueles do indivíduo. A responsabilidade individual para com o malfeitor foi estipulada pelo apóstolo Paulo, no final de Romanos 12: "Não torneis a ninguém mal por mal (certamente um eco de "não resistais ao perverso"); esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens . . . não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira (de Deus); porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça" (isto é, envergonhando-o, farás que se arrependa). Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem."[256] Veremos que Paulo proíbe a prática da vingança, não porque seja errada em si mesma, mas porque é prerrogativa de Deus, não do homem. "A mim me pertence a vingança", diz o Senhor. O seu propósito é expressar a ira ou a vingança, agora, através dos tribunais legais (como Paulo prossegue escrevendo em Romanos 13) e, finalmente, no dia do juízo.

Esta diferença das funções dadas por Deus aos dois "ministros de Deus" — o estado para punir o malfeitor, e o cristão para não pagar o mal com o mal, mas vencer o mal com o bem — provoca fatalmente uma dolorosa tensão em todos nós, especialmente porque todos nós, em diferentes graus, somos indivíduos e cidadãos do estado, e, portanto, participamos de ambas as funções. Por exemplo, se minha casa for assaltada uma noite e eu pegar o ladrão, tenho a obrigação de fazê-lo sentar-se e lhe dar alguma coisa para comer e beber mas, ao mesmo tempo, tenho de telefonar à polícia.

Lutero explicou esta tensão, fazendo uma distinção útil entre a nossa "pessoa" e o nosso "ofício". Fazia parte do seu ensinamento sobre os "dois reinos", o qual foi, entretanto, criticado de maneira justa. Ele o extraiu do texto "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Lutero viu nestas palavras uma dupla existência: um reino divino e espiritual, "o reino de Deus"; e um reino secular e temporal, "o reino do mundo" (ou "do imperador"). No primeiro, que ele também chamou de "o reino à mão direita de Deus", o cristão vive como "pessoa"; no segundo, "o reino à esquerda de Deus", o cristão ocupa um "ofício" qualquer, como "pai", "patrão", "príncipe" ou "juiz". "É preciso não confundir os dois", escreveu Lutero, "a pessoa e o seu ofício".[257]

Eis aqui parte de como interpretou, na prática, essas duas colocações feitas à ordem de não resistir ao mal: um cristão "vive simultaneamente como cristão para com todos, pessoalmente sofrendo toda sorte de coisas no mundo, e, na qualidade de pessoa secular, mantendo, usando e executando todas as funções necessárias exigidas pela lei de seu país ou cidade . . ." "Um cristão não deve resistir ao mal; mas, dentro dos limites de seu ofício como pessoa secular, deve opor-se a todo o mal." Resumindo, a regra no reino de Cristo

[254] Rml3:lss
[255] Rml3:4.
[256] Rm 12:17-21.
[257] p. 83.

é tolerar tudo, perdoar e recompensar o mal com o bem. Por outro lado, no reino do imperador, não deve haver tolerância para com a injustiça mas, antes, defesa contra o mal e castigo para o mesmo, ... de acordo com as exigências do ofício ou a posição de cada pessoa." "Cristo .. . não disse: 'Jamais alguém deve resistir ao mal', pois solaparia completamente todo o governo e toda a autoridade. Mas ele disse: 'Vocês, vocês não o farão'."[258]

A diferença precisa que Lutero fez entre os dois "reinos" foi certamente exagerada. "É difícil fugir ao sentimento", escreve Harvey McArthur, "que este seu ensinamento concede à esfera secular uma autonomia à qual não tem direito".[259] Ele chegou ao ponto de dizer ao cristão que, no reino secular, "você não tem de consultar a Cristo qual é o seu dever", pois é o imperador que lhe diz. Mas as Escrituras não nos permitem colocar os dois reinos um contra o outro num contraste desses, como se a Igreja fosse esfera de Cristo governada pelo amor, e o Estado do imperador fosse governado pela justiça. Jesus Cristo tem autoridade universal, e nenhuma esfera pode ser excluída do seu governo. Mais ainda, a administração da justiça pelo Estado precisa ser temperada com amor, enquanto que, na Igreja, o amor precisa, às vezes, ser expresso em termos de disciplina. O próprio Jesus falou da necessidade dolorosa de excluir um transgressor obstinado e não arrependido.

Não obstante, acho que a distinção que Lutero fez entre a "pessoa" e o "ofício" ou, como diríamos, entre o indivíduo e a instituição, procede. O cristão tem de sentir-se totalmente livre do desejo de vingança, não só na ação, mas também no seu coração; mas, na posição de oficial do Estado ou da Igreja, poderá receber autoridade de Deus para resistir ao mal e puni-lo.

Para resumir o ensinamento desta antítese, Jesus não proibiu a administração da justiça, mas antes proibiu-nos de tomar a lei em nossas próprias mãos. "Olho por olho" é o princípio de justiça que pertence aos tribunais legais. Na vida pessoal, devemos nos livrar não só de toda retaliação em palavras e atos, mas também de toda animosidade de espírito. Podemos e devemos entregar nossa causa ao Juiz bom e justo, como o próprio Jesus fez,[260] mas não devemos procurar nem desejar qualquer vingança pessoal. Não devemos retribuir o mal, mas suportá-lo e, assim, vencer o mal com o bem.

Portanto, a ordem de Jesus de não resistir ao mal não deveria ser usada para justificar uma fraqueza de caráter, uma transigência moral ou uma anarquia política, ou até mesmo o pacifismo total. Pelo contrário, o que Jesus exige aqui de todos os seus discípulos é uma atitude pessoal para com os malfeitores, que seja fruto da misericórdia, não da justiça; que renuncie à retaliação a ponto de expor-se a custosos sofrimentos futuros; que jamais seja governada pelo desejo de causar o mal, mas sempre com a determinação de servir e proporcionar o mais alto bem.

Não conheço ninguém que tenha expressado isso em termos modernos mais relevantes do que Martin Luther King, que aprendeu tanto de Gandhi quanto este de Tolstoy, embora ele entendesse os ensinamentos de Jesus melhor do que aqueles. Não temos dúvidas quanto aos sofrimentos injustos que Luther King teve de suportar. O Dr. Benjamin Mays fez uma lista deles no seu funeral: "Se algum homem conheceu o significado do sofrimento, este foi King. A sua casa foi bombardeada; viveu, durante treze anos, dia após dia, sob constantes ameaças de morte; foi maliciosamente acusado de ser comunista; foi falsamente acusado de ser um hipócrita . . .; foi esfaqueado por um membro de sua própria raça; foi esmurrado no vestíbulo de um hotel; foi preso mais de vinte vezes; uma vez foi profundamente magoado porque os seus amigos o traíram, e, não obstante, este homem não guardava amargura em seu coração, nem rancor em sua alma, espírito de vingança em sua mente; e ele andou por este mundo pregando a não-violência e o poder redentor do amor."[261]

Um dos seus mais comoventes sermões, baseado em Mateus 5:43-45, intitulava-se "Amando os seus Inimigos" e foi escrito numa cadeia da Geórgia. Lutando com as perguntas *por quê* e *como* os cristãos devem amar, descreveu como "o ódio multiplica o ódio ... em uma espiral descendente de violência" e que é "exatamente tão perigoso para a pessoa que odeia" como para a sua vítima. Mas, acima de tudo, "o amor é a única força capaz de transformar um inimigo em um amigo", pois tem poder "criativo" e "redentor". Ele prosseguiu aplicando o seu tema à crise racial nos Estados Unidos. Por mais de três séculos, os negros americanos sofreram opressão, frustração e discriminação. Mas Martin Luther King e seus amigos estavam determinados a "enfrentar o ódio com amor". Então, ganhariam não somente a liberdade como também seus próprios opressores, "e a nossa vitória será uma vitória dupla".[262]

2. Amor ativo (vs. 43-48)

---

[258] pp. 113-114
[259] p. 135.
[260] lPe2:23.
[261] *My Life with Martin Luther King Jr* de Coretta Scott King (Hodder & Stoughton, 1970), pp. 365-369.
[262] *Strength toLove* (1963; Fontana, 1969), pp. 47-55.

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. [44]Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; [45]para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos. [46]Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? [47]E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? [48]Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

Já vimos como é gritante a distorção da lei, feita com a instrução: "Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo", considerando-se o que omite e o que acrescenta ao mandamento. Deliberadamente estreita tanto o padrão do amor (deixando de fora as palavras cruciais "como a ti mesmo", que elevam imensamente o padrão) quanto os destinatários desse amor (qualificando a categoria de próximo com a exclusão específica dos inimigos e acrescentando a ordem de odiá-los). Digo que a perversão é "gritante" porque lhe falta qualquer justificativa, apesar de os rabinos a defenderem como interpretação legítima. Eles apegavam-se ao contexto imediato da inconveniente ordem de amar o próximo, destacando que Levítico 19 dirigia-se "a toda a congregação do povo de Israel". São instruções para os israelitas sobre seus deveres para com seus pais e, de maneira mais ampla, para com seus "próximos" e seus "irmãos". Não deviam oprimi-los nem roubá-los, qualquer que fosse a sua posição social. "Não aborrecerás a teu irmão no teu íntimo . . . Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo" (vs. 17,18).

Era bastante fácil para a casuística ética (consciente ou inconscientemente ansiosa em aliviar o peso deste mandamento) torcê-lo para sua própria conveniência. "Meu próximo", argumentavam, "é alguém do meu próprio povo, um companheiro judeu, de minha própria parentela, que pertence a meu povo e à minha religião. A lei nada diz sobre estrangeiros ou inimigos. Portanto, considerando que o mandamento é de amar apenas o meu próximo, posso aceitar como permissão, até mesmo injunção, odiar o meu inimigo, pois ele não é meu próximo para que o ame." O raciocínio é bastante razoável para convencer aqueles que querem ser convencidos, e para confirmá-los em seu próprio preconceito racial. Mas é uma racionalização, e bastante especiosa. Eles evidentemente ignoravam a instrução anterior, dada no mesmo capítulo, de deixar as respigaduras dos campos e das vinhas "para o natural e *para o forasteiro",* que não era judeu mas um estrangeiro residente, bem como a declaração inequívoca contra a discriminação racial, no final do capítulo: "Como o natural será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos" (v. 34). Do mesmo modo, "a mesma lei haja para o natural e para o forasteiro que peregrinar entre vós" .[263]

Eles também faziam olhos cegos para os outros mandamentos que regulavam a sua conduta para com os inimigos. Por exemplo: "se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado, lho reconduzirás. Se vires prostrado debaixo da sua carga o jumento daquele que te aborrece, não o abandonarás, mas ajudá-lo-ás a erguê-lo".[264] Instruções quase idênticas foram dadas em relação ao boi ou jumento de um irmão,[265] indicando que as exigências do amor eram as mesmas para com os animais que pertenciam a um "irmão" ou a um "inimigo". Os rabinos também deviam saber muito bem os ensinamentos dos Provérbios, que o apóstolo Paulo citaria mais tarde como ilustração de como vencer o mal ao invés de se vingar: "Se o que te aborrece tiver fome, dá-lhe pão para comer; se tiver sede, dá-lhe água para beber".[266]

Não deixa de ser verdade que os escribas e fariseus podem ter acrescido, como se fosse concessão bíblica, o ódio aos inimigos, por causa das guerras dos israelitas contra os cananeus ou devido aos salmos imprecatórios. Mas, nesse caso, entenderam mal tanto as guerras como os salmos. Os cananeus eram, segundo estudos modernos sobre o Oriente próximo, povos totalmente corruptos na religião e na cultura. Tão nojentas eram as suas abomináveis práticas que foi dito que a própria terra "vomitou os seus moradores". Na verdade, se Israel seguisse os costumes deles, partilharia do seu destino.[267] "As guerras de Israel", escreveu Bonhoeffer, "são as únicas guerras santas da História. Eram as guerras de Deus contra o mundo da idolatria. Esta inimizade Jesus não a condena, pois que com ela condenaria toda a história de Deus com seu povo. Antes Jesus confirma a antiga aliança ... Já não pode mais haver guerras santas".[268]

Quanto aos salmos imprecatórios, neles o salmista fala não com alguma animosidade pessoal, mas como representante do povo escolhido de Deus, Israel, considerando os ímpios como inimigos de Deus e como seus próprios inimigos apenas por se ter identificado completamente com a causa de Deus; ele os odeia porque ama a Deus e está tão confiante que este "ódio" é um "ódio perfeito", que invoca a Deus no próximo instante para que sonde o seu coração, para que o esquadrinhe e examine os seus pensamentos, a fim de ver

---

[263] Êx 12:49.
[264] Êx23:4,5
[265] Dt22:l-4.
[266] Pv 25:21; cf. Rm 12:20.
[267] cf. Lv 18:25, 28; 20:22.
[268] p. 85

se há neles alguma coisa má.[269] Porque não podemos facilmente aspirar a algo assim é uma indicação não de nossa espiritualidade, mas de nossa falta dela; não de nosso amor superior pelos homens, mas de nosso amor inferior a Deus; na verdade, de nossa incapacidade de odiar os maus com um ódio que é "perfeito" e não "pessoal".

A verdade é que os homens deveriam constituir o objeto do nosso "amor" e do nosso "ódio" ao mesmo tempo, pois são, simultaneamente, objeto do amor e do ódio de Deus (embora o seu "ódio" seja expresso como "ira"). "Amá-los" ê desejar ardentemente que se arrependam e creiam para serem salvos. "Odiá-los" é desejar, com idêntico ardor, que incorram no juízo divino se, obstinadamente, se recusarem a arrepender-se e crer. Você já orou alguma vez pela salvação de homens perversos (por exemplo, de homens que blasfemam contra Deus ou que exploram os seus companheiros como se estes fossem animais), pedindo que, se recusarem a salvação, o juízo de Deus recaia sobre eles? Eu já. É uma expressão natural de nossa fé em Deus, de que ele é o Deus da salvação e do juízo, e que nós desejamos que a sua vontade perfeita se faça.

Portanto, existe algo assim como o ódio perfeito, exatamente como existe algo assim como a ira justa. Mas é o ódio contra os inimigos *de Deus*, não os nossos próprios. É totalmente livre de qualquer malevolência, rancor e espírito de vingança, e é ateado exclusivamente pelo amor à honra e glória de Deus. Encontra expressão na oração dos mártires por causa da palavra de Deus e do seu testemunho.[270] E será expresso no último dia por todo o grupo do povo redimido de Deus que, vendo o juízo divino recair sobre os maus, vai concordar com sua justiça perfeita e exclamará em uníssono: "Aleluia! A salvação, e a glória e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos . . . Amém, Aleluia!"[271]

Certamente teremos de concordar que um "ódio" assim puro, contra o mal e contra os homens perversos, isento de qualquer traço de malícia pessoal, não concedia aos rabinos qualquer justificativa possível para modificar a ordem divina de amar os nossos próximos, transformando-a em permissão de também odiar aqueles que nos odeiam, os nossos inimigos pessoais. As palavras "e odiarás o teu inimigo" foram um "acréscimo parasita"[272] à lei de Deus; eram completamente estranhos àquela passagem. Deus não ensinou «ao seu povo um padrão duplo de moral, um para o próximo e outro para o inimigo.

Assim, Jesus contestou aquela adição como grosseira distorção da lei, que era: *Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos* (v. 44). Pois o nosso próximo, como ele mais tarde exemplificou tão claramente na parábola do bom samaritano,[273] não é necessariamente um membro de nossa própria raça, classe social ou religião. Pode até nem ter qualquer ligação conosco. Pode ser nosso inimigo, que está à nossa procura com um punhal ou com uma arma de fogo. Nosso "próximo", no vocabulário de Deus, inclui o nosso inimigo. O que o faz ser nosso próximo é simplesmente o fato de ser um ser humano em necessidade, da qual tenhamos tomado conhecimento, estando em nós a possibilidade de aliviá-la de alguma forma.

Qual é, então, a nossa obrigação para com o nosso próximo, seja amigo ou inimigo? Temos de amá-lo. Mais ainda, se acrescentarmos as cláusulas da narrativa do Sermão do Monte em Lucas, o nosso amor por ele será expresso em atos, palavras e orações.

Primeiro, nossos atos. "Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam... Amai os vossos inimigos, fazei o bem.. ."[274] Os praticantes do bem (filantropos) são desprezados no mundo de hoje e, para se dizer a verdade, mesmo sendo a filantropia obrigatória e condescendente, ela não é o que Jesus quis dizer com "fazer o bem". O que ele quis dizer é que o verdadeiro amor não é tanto um sentimento mas, antes, um trabalho prático, humilde, sacrificial. Conforme Dostoyevsky disse: "O amor em ação é muito mais fatal do que o amor em sonhos." Nosso inimigo está procurando nos fazer mal; nós temos de procurar o bem dele, pois é assim que Deus nos tem tratado. Foi "enquanto ainda éramos inimigos" que Cristo morreu por nós para nos reconciliar com Deus.[275] Se ele se deu pelos seus inimigos, nós temos de nos dar pelos nossos.

As palavras também podem expressar o nosso amor, palavras dirigidas diretamente aos nossos inimigos e palavras dirigidas a Deus em benefício deles. "Bendizei aos que vos maldizem." Mesmo que eles invoquem o desastre e a catástrofe sobre as nossas cabeças, expressando em palavras o seu desejo de nos ver cair, devemos retribuir invocando as bênçãos dos céus sobre eles, declarando em palavras que só lhes desejamos o bem. Finalmente, dirigimos nossas palavras a Deus. Ambos os evangelistas registraram esta ordem de Jesus: "Orai pelos que vos perseguem."[276] Crisóstomo viu esta responsabilidade de orar por nossos inimigos como "o ápice do autocontrole".[277] Na verdade, quando voltamos os olhos para as exigências destas duas últimas

[269] Sl 139;19-24. cf. *Homilies*, p. 404.
[270] Ap6:10.
[271] Ap 19:1,3,4.
[272] Spurgeon, p. 31.
[273] Lc 10:29-37
[274] Lc 6:27, 35.
[275] Rm5:10.
[276] Mt 5:44; Lc 6:28.
[277] p.281.

antíteses, vemos nove degraus ascendentes, com a intercessão no alto. Primeiro, não devemos tomar qualquer iniciativa perversa. Segundo, não devemos nos vincar do mal. Terceiro, temos de ficar quietos, e, quarto, temos de sofrer a injustiça. Quinto, temos de conceder ao malfeitor mais do que ele exige. Sexto, não devemos odiá-lo, mas (degraus 7 e 8) devemos amá-lo e lhe fazer o bem. Como nosso nono dever, temos de "suplicar a Deus em benefício dele".[278]

Os comentaristas modernos também têm considerado tal intercessão como o auge do amor cristão. "Isto é o máximo", escreveu Bonhoeffer. "Na oração colocamo-nos ao lado do inimigo, estamos com ele, junto dele, por ele diante de Deus."[279] Mais ainda, se a oração intercessória for uma expressão do nosso amor, desenvolverá ainda mais esse amor. É impossível orar por alguém sem amar essa pessoa, e é impossível continuar orando por ela sem descobrir que nosso amor está crescendo e amadurecendo. Não devemos, portanto, esperar para orar pelo inimigo até que ele desperte algum amor em nosso coração. Devemos começar a orar por ele antes de tomarmos consciência de que o amamos, e descobriremos que o nosso amor está começando a brotar e, depois, a florir. Parece que Jesus orou por seus atormentadores enquanto os cravos de ferro estavam sendo introduzidos em suas mãos e pés; realmente o tempo imperfeito sugere que ele continuou orando, repetindo sua súplica: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23:34).[280] Se a cruel tortura da crucificação não pôde silenciar a oração de nosso Senhor pelos seus inimigos, que dor, orgulho, preconceito ou preguiça poderia justificar o nosso silêncio?

Sinto que neste capítulo estou citando Bonhoeffer mais do que qualquer outro comentarista. Suponho que isto se deva ao fato de que, apesar de ter escrito antes do começo da guerra, ele percebeu para onde o Nazismo caminhava e nós sabemos qual foi o destino do seu testemunho cristão. Ele citou um certo A. F. C. Villmar de 1880, mas suas palavras soavam tão proféticas quanto as do próprio Bonhoeffer: "Os mandamentos do amor ao próximo e da renúncia à vingança ficarão bem evidentes na luta divina que está iminente . . . Todo aquele que confessar o nome de Deus vivo será excluído da sociedade por causa desta confissão, será perseguido de cidade em cidade, será agredido fisicamente, maltratado e, eventualmente, assassinado. Está iminente uma perseguição geral aos cristãos . . . Tempos virão em que elevaremos nossas mãos em oração . . . Será a oração do amor mais íntimo para com esses perdidos que nos cercam e nos olham com ódio, com as mãos já erguidas para o golpe de misericórdia ... A Igreja que de fato aguarda o Senhor, que compreende os sinais decisivos dos tempos, há de lançar-se à oração do amor com todas as suas forças da alma, com todas as forças conjugadas de sua vida santificada. "[281]

Tendo mostrado que o nosso amor pelos nossos inimigos expressar-se-á em atos, palavras e orações, Jesus prossegue declarando que só então provaremos conclusivamente de quem somos filhos, pois só então estaremos exibindo um amor como o amor de nosso Pai celestial. *Porque ele faz nascer o seu sol* (a propósito, observe a quem o sol pertence!) *sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos* (v. 45). O amor divino é amor indiscriminado, para com os bons e maus indistintamente. Os teólogos (segundo Calvino) chamam a isto de "graça comum" de Deus. Não é a "graça salvadora", que leva os pecadores ao arrependimento, à fé e à salvação; mas a graça demonstrada para com toda a humanidade, para com o arrependido e para com o não-arrependido; para com o crente e para com o incrédulo, igualmente. Esta graça comum de Deus expressa-se, então, não no dom da salvação, mas nos dons da criação, e nas não menos importantes bênçãos da chuva e do sol, sem as quais não poderíamos comer, nem poderia a vida no planeta continuar. Isto, então, deve ser o padrão do amor cristão. Devemos amar como Deus, não como os homens.

Pois *se amardes os que vos amam, que recompensa tendes?* Qual seria o crédito? "Até os pecadores amam aos que os amam."[282] Os homens decaídos não são incapazes de amar. A doutrina da depravação total não significa (e jamais significou) que o pecado original deixou o homem incapaz de fazer qualquer coisa boa, mas, antes, que todo o bem que faz está até certo ponto manchado pelo mal. Os pecadores não redimidos podem amar. O amor paterno, o amor filial, o amor conjugai, o amor entre amigos, todos estes, que tão bem conhecemos, são experiências normais de homens e mulheres sem Cristo. Até os *publicanos* (os mesquinhos cobradores de impostos que, por causa de sua extorsão, tinham a reputação de gananciosos) amavam a quem os amava. Até *os gentios* (aqueles "cães", como os judeus os chamavam, esses intrusos que odiavam os judeus e que desviavam o olhar ao verem um deles na rua) até eles se saúdam entre si. Nada disso estava sendo posto em dúvida.

Mas todo o amor humano, até o mais elevado, o mais nobre e o melhor, está até certo ponto contaminado pelas impurezas do interesse próprio. Nós, os cristãos, somos especificamente chamados para amar os nossos inimigos (amor no qual não há interesse próprio), e isto torna-se impossível sem a graça

---

[278] pp. 276ss.
[279] p.86.
[280] Lc 23:34.
[281] pp. 87ss.
[282] Lc6:32.

sobrenatural de Deus. Se amamos apenas aqueles que nos amam, não somos melhores do que os vigaristas. Se cumprimentamos apenas os nossos irmãos e irmãs, apenas os nossos companheiros cristãos, não somos melhores do que os pagãos; eles também se cumprimentam uns aos outros. A pergunta de Jesus foi: *O que vocês estão fazendo mais do que os outros?* (v. 47). Esta simples palavra, *mais,* foi o ponto culminante do que ele estava dizendo. Não basta aos cristãos parecer-se com os não-cristãos; nossa vocação ê para ultrapassá-los em virtude. Nossa justiça tem de exceder *(perisseusê . . . pleion)* a dos fariseus (v. 20) e o nosso amor deve ultrapassar, ser mais do que *(perisson)* o dos gentios (v. 47). Bonhoeffer explica bem isso: "O fator especificamente cristão consiste no 'extraordinário, no *perisson,* no invulgar, não natural . . . É o muito mais, o muito superior. O natural é *to auto* (a mesma coisa) tanto para gentios como para cristãos; o especificamente cristão começa com o *perisson* ... O essencialmente cristão consiste no 'extraordinário'."[283]

E o que é *operisson,* este "mais" ou "extra" que os cristãos devem exibir? Bonhoeffer responde assim: "É o próprio amor de Jesus Cristo, o amor que sofrendo e obedecendo vai à cruz . . . A essência, o extraordinário do cristianismo é a cruz."[284] O que ele escrever é verdade. Mas, para sermos mais precisos, a maneira como Jesus o expôs declara que este "super-amor" não é o amor dos homens, mas o amor de Deus que, pela graça comum, concede o sol e a chuva aos ímpios. *Portanto, sede vós* (o "vós" é enfático, fazendo a distinção entre os cristãos e os não-cristãos) *perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste* (v. 48). O conceito de que o povo de Deus deve imitar a Deus e não aos homens não é novo. O livro de Levítico repete cerca de cinco vezes este mandamento como um refrão: "Eu sou o Senhor vosso Deus: portanto . . . sereis santos, porque eu sou santo."[285] Mas, aqui, Cristo nos chama para sermos "perfeitos", não apenas "santos".

Alguns mestres que ensinam a santidade têm erigido sobre este versículo grandes sonhos quanto à possibilidade de se atingir nesta vida um estado de perfeição sem pecado. Mas as palavras de Jesus não podem ser forçadas para significar algo assim sem provocar discordância no Sermão, pois ele já indicou nas bem-aventuranças que a fome e a sede de justiça são uma característica perpétua dos seus discípulos[286] e, no capítulo seguinte, ele nos ensina a orar constantemente "perdoa-nos as nossas dívidas".[287] A fome de justiça e a oração pelo perdão, sendo contínuas, são indicações claras de que Jesus não esperava que seus seguidores se tornassem moralmente perfeitos nesta vida. O contexto mostra que a "perfeição" à qual ele se refere relaciona-se com o amor, esse perfeito amor de Deus que é demonstrado até mesmo àqueles que não o retribuem. Na verdade, os mestres nos dizem que a palavra aramaica que Jesus teria usado significava "tudo-abrangente". O versículo paralelo da narrativa de Lucas sobre o Sermão confirma isso: "Sede misericordiosos, como também ê misericordioso vosso Pai."[288] Somos chamados para ser perfeitos em amor, isto é, para amar até os nossos inimigos com o amor misericordioso e abrangente de Deus.

O chamado que Cristo nos faz é novo, não apenas porque é uma ordem para sermos "perfeitos", mais do que "santos", mas também por causa da descrição que faz do Deus que devemos imitar. No Velho Testamento encontramos sempre: "Eu sou o Senhor, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus; portanto vós sereis santos, porque eu sou santo." Mas, agora, nos dias do Novo Testamento, não é mais ao único Redentor de Israel que somos chamados a seguir e obedecer; mas ao *Pai celeste* (vs. 45, 48). E nossa obediência virá dos nossos corações como manifestação de nossa nova natureza; pois somos filhos de Deus, através da fé em Jesus Cristo, e podemos demonstrar de quem somos filhos apenas quando exibimos a semelhança familiar, somente quando nos tornamos pacificadores como ele é (v. 9), apenas quando amamos com um amor todo-abrangente como o seu (vs. 45, 48).

As duas últimas antíteses da série revelam uma progressão. A primeira é uma ordem negativa: *Não resistais ao perverso;* a segunda é positiva: *Amai os vossos inimigos* e procurai o seu bem. A primeira é um chamado para uma não-retaliação passiva, a segunda para um amor ativo. Ou, nas palavras de Agostinho: "Muitos têm aprendido a oferecer a outra face, mas não sabem como amar a pessoa que os esbofeteou."[289] Portanto, temos de ir além da paciência, até o serviço; além da recusa de retribuir o mal, até a determinação de vencer o mal com o bem. Alfred Plummer resumiu as alternativas como admirável simplicidade: "Retribuir o bem com o mal ê demoníaco; retribuir o bem com o bem é humano; retribuir o mal com o bem é divino."[290]

Através de toda a sua exposição, Jesus apresenta-nos os modelos alternativos com os quais contrasta a cultura secular à contracultura cristã. Arraigada na cultura não-cristã está a noção de retribuição, a

---

[283] pp. 89ss.
[284] p.89.
[285] Lv 11:4, 45; 19:2; 20:7, 26. cf .lPe 1:16.
[286] 5:6.
[287] 6:12.
[288] 6:36.
[289] I.58.
[290] p.89.

retribuição tanto do mal como do bem. A primeira é óbvia, pois significa vingança. Mas a segunda, às vezes, é sobrelevada. Jesus expressou-a com a frase "fazer o bem aos que vos fazem o bem".[291] Portanto, a primeira diz: "Você me prejudicou, e eu vou lhe fazer o mesmo", e a segunda: "Você me fez um benefício, e eu lhe farei outro", ou (mais coloquialmente) "amor com amor se paga". Portanto, a retribuição é o método do mundo; a vingança, de um lado, e a recompensa, de outro, devolvendo injúrias e devolvendo favores. Então ficamos quites, nada devendo a ninguém, e acertamos as nossas contas. É o expediente do orgulhoso que não suporta ficar devendo nada a ninguém. É uma tentativa de ordenar a sociedade através de uma justiça dura e imediata que nós nos administramos, de modo que ninguém consegue, de forma alguma, ser melhor do que nós.

Mas isso não funciona no reino de Deus! Os pecadores, os gentios e os cobradores de impostos comportam-se assim. É o máximo que eles podem atingir. Mas esse perdão não é suficientemente alto para os cidadãos do reino de Deus: *o que vocês fazem mais do que os outros?,* Jesus pergunta (v. 47). Portanto, o modelo que ele coloca diante de nós como alternativa do mundo à nossa volta é o Pai que está acima de nós. Considerando que ele é bondoso para com o mau e o bom, igualmente, seus filhos também o devem ser. A vida da velha e decaída humanidade baseia-se na justiça rude, que se vinga das injúrias e retribui os favores. A vida da nova e redimida humanidade baseia-se no amor divino, recusando-se. à vingança, mas vencendo o mal com o bem.

Jesus acusou os fariseus por duas sérias restrições ao amor. Naturalmente eles criam no amor. Todas as pessoas crêem no amor. Sim, mas não o amor por aqueles que os tenham maltratado, e nem tampouco o amor pelos gentios intrusos. O espírito do farisaísmo continua difuso. É o espírito da vingança e do racismo. O primeiro diz: "Eu amo gente agradável, que não faz mal a ninguém, mas não vou me calar diante daqueles que me prejudicam." O segundo diz: "Eu amo meus amigos e parentes, mas não esperem que eu ame quem eu não conheço." Na verdade, Jesus *espera* que os seus discípulos façam exatamente aquelas coisas que as pessoas acham que não podem ser esperadas de ninguém que tenha a cabeça no lugar. Ele nos convoca a renunciar a todas aquelas restrições convenientes que gostamos de impor ao amor (especialmente a vingança e o racismo), para amarmos de maneira todo-inclusíva e construtiva, como Deus.

Examinando todas as seis antíteses, torna-se claro qual é a justiça "melhor" para a qual os cristãos são chamados. E uma justiça profunda, que vem do coração onde o Espírito Santo gravou a lei de Deus. É um fruto novo que exibe a novidade da árvore, vida nova desabrochando da nova natureza. Portanto, não temos liberdade para esquivar-nos ou fugir das sublimes exigências da lei. Esquivar-se à lei é um passatempo dos fariseus; a característica dos cristãos é um ávido apetite para a justiça, uma contínua fome e sede dela. E esta justiça, quer seja expressa na pureza, na honestidade ou na caridade, demonstrará a quem pertencemos. Nossa vocação cristã não ê para imitar o mundo, mas o Pai. E é por meio dessa imitação que a contracultura cristã se torna visível.

Mateus 6:1-6, 16-18
A religião do cristão: não hipócrita, mas real

Jesus começou a falar no monte, descrevendo nas bem-aventuranças os elementos essenciais do *caráter* cristão, e prosseguiu indicando, através das metáforas do sal e da luz, a *influência* para o bem que os cristãos exercerão na comunidade, se possuírem esse caráter. Descreveu, então, *a justiça* do cristão, que deve exceder à justiça dos escribas e fariseus na aceitação de todas as implicações da lei de Deus, sem esquivar-se de coisa alguma e sem criar limites artificiais. A justiça do cristão é uma justiça sem limites. Deve ter liberdade de penetrar além dos nossos atos e palavras, até o nosso coração, pensamentos e motivações, e deve nos dirigir até mesmo nessas partes escondidas e secretas.

Depois, Jesus continua a ensinar sobre a "justiça". O capítulo 6 começa (literalmente) com "Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens". A palavra usada nos melhores manuscritos é *dikaiosuné,* a mesma de 5:6 e 20. Mas muito embora a palavra seja a mesma, a ênfase mudou de lugar. Antes, a "justiça" estava relacionada com a bondade, a pureza, a honestidade e o amor; agora, relaciona-se com práticas tais como esmolas, oração e jejum. Assim, Jesus passa da justiça moral do cristão para a sua justiça "religiosa". A maior parte das versões reconhece esta mudança de assunto. A ERAB diz: "Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens", e a BLH: "Cuidado! Não pratiquem seus deveres religiosos em público a fim de serem vistos pelos outros."

[291] Lc6:33.

É importante reconhecer que, de acordo com Jesus Cristo, a "justiça" tem estas duas dimensões, a moral e a religiosa. Algumas pessoas falam em comportamento como se achassem que sua maior obrigação na vida cristã estivesse na esfera da atividade religiosa, quer em público (freqüência à igreja) ou em particular (exercícios devocionais). Outros reagiram tão fortemente contra essa superenfatização da piedade, que falam de Cristianismo "sem religião". Para eles, a igreja é a cidade secular, e a oração um encontro cheio de amor com os seus vizinhos. Mas não há necessidade de se escolher entre a piedade e a moralidade, entre a devoção religiosa na igreja e o serviço ativo no mundo, entre o amor a Deus e o amor ao nosso próximo, já que Jesus ensinou que a "justiça" cristã autêntica inclui as duas coisas.

Mais ainda, nas duas esferas da justiça, Jesus profere seu chamado insistente a seus discípulos para que sejam diferentes. Em Mateus 5, ele ensina que a nossa justiça deve ser maior do que a dos fariseus (porque eles obedeciam à letra da lei, enquanto a nossa obediência deve incluir o nosso coração) e maior também (na forma do amor) do que a dos pagãos (porque eles se amam uns aos outros, enquanto o nosso amor deve incluir nossos inimigos também). Mas em Mateus 6, no que se refere à justiça "religiosa", ele traça os mesmos dois contrastes. Ele fala primeiro da ostentação religiosa e diz: *Não sereis como os hipócritas* (v. 5). Depois prossegue referindo-se ao formalismo mecânico dos pagãos e diz: *Não vos assemelheis, pois, a eles* (v. 8). Assim, novamente, os cristãos têm de ser diferentes, tanto dos fariseus quanto dos pagãos, dos religiosos e dos irreligiosos, da igreja e do mundo. Que os cristãos não devem se conformar com o mundo é um conceito familiar no Novo Testamento. O que muitas vezes passa desapercebido é que Jesus também viu (e previu) o mundanismo da própria igreja, e exortou os seus discípulos a não se conformarem tampouco com a igreja formal, constituindo, pelo contrário, uma comunidade cristã distinta em sua vida e prática, separada da religião organizada, uma *ecclësiola* (igrejinha) na *ecclesia.* A diferença essencial na religião como na moralidade é que a justiça cristã autêntica não é uma simples manifestação, mas uma coisa escondida no coração.

6:1 *Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não ter eis galardão junto de vosso Pai celeste.*

A advertência fundamental de Jesus é contra o *praticar a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles.* A primeira vista, estas palavras parecem contradizer o seu mandamento anterior: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam . . ."[292] Nos dois versículos, ele fala de praticar boas obras "diante dos homens" e, em ambos, o objetivo fica declarado, isto é, ser "vistos" por eles. Mas, no primeiro caso, ele ordena que o façam, enquanto que, no outro, ele o proíbe. Como resolver esta discrepância? A contradição ê apenas verbal, não substancial. A pista está no fato de Jesus falar sobre diferentes pecados. Foi nossa covardia humana que o levou a dizer: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens", e a nossa vaidade humana que o fez dizer que tomássemos o cuidado de não praticar nossa piedade diante dos homens. A. B. Bruce resume a questão muito bem, escrevendo que devemos "mostrar quando tentados a *esconder"* e "esconder quando tentados a *mostrar".*[293] Nossas boas obras devem ser públicas para que a nossa luz brilhe; nossa devoção religiosa deve ser secreta para não nos vangloriarmos dela. Além disso, a finalidade de ambas as instruções de Jesus é a mesma, isto é, a glória de Deus. Por que devemos manter secreta a nossa piedade? É para que essa glória seja dada a Deus e não aos homens. Por que devemos fazer a nossa luz brilhar e praticar abertamente as boas obras? Para que os homens possam glorificar ao nosso Pai celestial.

Os três exemplos de justiça "religiosa" apresentados por Jesus — as esmolas, a oração e o jejum — aparecem de alguma forma em todas as religiões. Destacam-se, por exemplo, no Alcorão. Certamente esperava-se de todos os judeus que dessem esmolas aos pobres, que orassem e jejuassem; e todos os judeus devotos O faziam. Evidentemente, Jesus esperava que os seus discípulos fizessem o mesmo, já que ele não começou cada parágrafo dizendo: *"Se* vocês derem esmolas, *se* orarem, *se* jejuarem, então façam assim . . .", mas *"Quando"* vocês o fizerem . . . (vs. 2, 5, 16). Ele tomou como certo que assim os seus discípulos agiriam.

Mais ainda, este trio de obrigações religiosas expressa, num certo grau, nossa obrigação para com Deus, para com os outros e para com nós mesmos, pois dar esmolas é procurar servir ao nosso próximo, especialmente ao necessitado. Orar é buscar a face de Deus e reconhecer a nossa dependência dele. E jejuar (isto é, abster-se de alimentos por razões espirituais) é, pelo menos em parte, um modo de autonegação e autodisciplina. Jesus não levantou a questão se os seus discípulos iam se ocupar destas coisas mas, presumindo que o fariam, ensina-lhes por quê e como fazê-lo.

Os três parágrafos seguem um padrão idêntico. Em imagens pitorescas e deliberadamente humorísticas, Jesus pinta um quadro do hipócrita religioso. É o quadro da ostentação. Esse tal recebe a recompensa que

[292] 5:16.
[293] p. 116.

deseja, o aplauso dos homens. Com este, ele contrasta o cristão, que age em segredo, e que deseja, em recompensa, tão somente a bênção de Deus, que é o seu Pai celeste e que vê em segredo.

1. A esmola cristã (vs. 2-4)

Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. [3]Tu, *porém, ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita;* [4]*para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.*

O Velho Testamento ensina muito sobre a compaixão para com os pobres. A palavra grega para esmola no versículo 2 *(eleèmo-suné)* significa um ato de misericórdia ou piedade. Considerando que o nosso Deus é um Deus misericordioso, como Jesus acabou de enfatizar, "benigno até para com os ingratos e maus",[294] o seu povo deve também ser bom e misericordioso. Jesus obviamente esperava que os seus discípulos fossem doadores generosos. Suas palavras condenam "a egoísta sovinice de muitos", como diz Ryle.[295]

Mas só generosidade não basta. Nosso Senhor está preocupado do começo ao fim deste Sermão com as motivações, com os pensamentos escondidos no coração. Em sua exposição do sexto e do sétimo mandamentos, ele mostra que ambos, o homicídio e o adultério, podem ser cometidos no coração, sendo que a ira injustificada é uma espécie de homicídio do coração e os olhares concupiscentes uma espécie de adultério do coração. Na questão das esmolas, ele tem a mesma preocupação sobre os pensamentos secretos. A questão não é tanto sobre o que a mão está fazendo (passando algum dinheiro ou um cheque), mas o que o coração está pensando enquanto a mão age. Há três possibilidades: ou estamos querendo o louvor dos homens, ou preservamos o nosso anonimato mas silenciosamente congratulamo-nos pelo que fizemos, ou estamos apenas desejosos da aprovação de nosso Pai divino.

Uma fome voraz pelo louvor dos homens era o pecado habitual dos fariseus. "Vós . . . aceitais glória uns dos outros", Jesus lhes disse, "e contudo, não procurais a glória que vem do Deus único".[296] Semelhantemente João, o evangelista, comentou: "Amaram mais a glória dos homens, do que a glória de Deus."[297] Tão insaciável era o apetite deles pelos elogios humanos que prejudicava totalmente suas esmolas. Jesus ridicularizou o modo como eles as transformavam num acontecimento público. Ele descreve um fariseu pomposo a caminho do templo ou da sinagoga, onde vai depositar o seu dinheiro numa caixa especial, ou indo levar uma esmola aos pobres. Na sua frente, marcham os tocadores de trombeta, rapidamente atraindo a multidão com suas clarinadas. "Eles davam a entender, sem dúvida", comenta Calvino, "que era para chamar a atenção dos pobres, pois desculpas nunca faltam; mas era perfeitamente óbvio que buscavam os aplausos e os elogios".[298] Realmente não importa se os fariseus às vezes agiam assim literalmente, ou se Jesus estava pintando uma caricatura engraçada. De qualquer forma, ele estava condenado a nossa ansiedade infantil por ser grandemente estimados pelos homens. Como Spurgeon disse: "Ficar com um centavo em uma das mãos e uma trombeta na outra é atitude de hipócrita."[299]

E "hipocrisia" é a palavra que Jesus usou para caracterizar essa exibição. No grego clássico, *hupokrités* era, primeiro, um orador e, então, um ator. Assim, figuradamente, a palavra passou a ser aplicada a qualquer pessoa que trata o mundo como se fosse um palco onde ela executa um papel. Deixa de lado a sua verdadeira identidade e assume uma identidade falsa. Já não é mais ela mesma, mas disfarça-se, personalizando alguma outra pessoa. Usa uma máscara. No teatro, não há mal algum ou mentira da parte dos atores que executam os seus papéis. E uma situação convencional. O auditório sabe que veio assistir a uma peça; não é iludido. O problema com o hipócrita religioso, por outro lado, é que deliberadamente pretende enganar as pessoas. E como um ator na sua representação (de modo que o que vemos não é a pessoa real, mas um papel, uma máscara, um disfarce), mas é totalmente diferente do ator neste sentido: participa de alguma prática religiosa, que é uma atividade real, e a transforma em algo diferente daquilo que é na realidade, isto é, numa peça faz-de-conta, numa exibição teatral diante de um auditório. E tudo é feito para receber aplausos.

É fácil ridicularizar aqueles judeus fariseus do primeiro século. Nosso farisaísmo cristão não é tão engraçado. Nós não contratamos uma fanfarra para tocar toda vez que contribuímos para uma igreja ou uma obra de caridade. Mas, usando a metáfora familiar, gostamos de "tocar a nossa própria trombeta". Faz bem ao nosso ego ver o nosso nome nas listas de contribuintes de obras de caridade e de mantenedores de boas causas. Caímos exatamente na mesma tentação: chamamos a atenção para a nossa esmola para sermos "glorificados pelos homens".

---

[294] Lc 6:35, 36. cf. 5:45,48.
[295] p.47.
[296] Jo5:44.
[297] Jo 12:43.
[298] p.309.
[299] p.32.

Dessas pessoas que buscam a glória dos homens, Jesus disse com ênfase: *já receberam a recompensa.* O verbo traduzido por "receberam" *(apechö)* era, naquele tempo, um termo técnico usado nas transações comerciais; significava "receber uma quantia total e dar um recibo por ela".[300] Era freqüentemente usado nos papiros. Portanto, os hipócritas que procuram aplausos não hão de recebê-los, mas "já terão recebido toda a recompensa".[301] Nada mais têm a receber, nada mais que o juízo no último dia.

Tendo proibido a seus discípulos de contribuírem para os necessitados na maneira ostentosa dos fariseus, Jesus lhes diz, agora, qual a forma cristã, que é uma maneira secreta. Ele a expressa através de outra negativa: *Tu, porém, ao dares esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola fique em secreto.* A mão direita é normalmente a mão da atividade. Assim, Jesus presume que vamos usá-la ao dar a nossa esmola. Então, ele acrescenta que a nossa mão esquerda não deve ficar olhando. Não é difícil captar o significado. Não só não devemos contar a outras pessoas sobre a nossa contribuição cristã mas, num certo sentido, não devemos sequer contar a nós mesmos. Não devemos ser autoconscientes da nossa esmola, pois essa atitude rapidamente deteriora-se em justiça própria. Tão sutil é a injustiça do coração que é possível tomarmos passos deliberados para manter nossa esmola em segredo, e simultaneamente ficarmos pensando nisso com um espírito de autogratificação.

Seria difícil exagerar a perversidade disso, pois a esmola é uma atividade real que envolve gente real com necessidades reais. Seu propósito é aliviar o desespero dos necessitados. A palavra grega para o ato de dar esmolas, como já vimos, indica que é uma obra de misericórdia. Pois é possível transformar um ato de misericórdia em um ato de vaidade, de modo que a nossa motivação principal não seja o benefício da pessoa que recebe a oferta, mas o nosso próprio. O altruísmo foi desalojado por um egoísmo deformado.

Portanto, a fim de "mortificar" ou condenar à morte nossa vaidade iníqua, Jesus insiste conosco para que mantenhamos a nossa esmola em segredo, tanto dos outros como também de nós mesmos. "Com a frase 'ignore a tua esquerda o que faz a tua direita' ", escreve Bonhoeffer, "proclama-se a morte do velho homem",[302] pois o egocentrismo pertence à vida do velho homem; a nova vida em Cristo é de incalculável generosidade. Naturalmente, não é possível obedecer a esta ordem de Jesus com precisão literal. Se mantemos uma contabilidade e planejamos nossas contribuições, como devem fazer todos os cristãos conscientes, temos de saber quanto estamos ofertando. Não podemos fechar os olhos ao assinarmos os nossos cheques! Nâo obstante, logo depois que a oferta for decidida e feita, deveremos esquecê-la imediatamente para estarmos em harmonia com o ensinamento de Jesus. Não deveremos ficar pensando nela a fim de nos deleitarmos, nem nos orgulharmos sobre a generosidade, a disciplina ou o zelo por retidão da nossa oferta. A dádiva cristã deve ser marcada pelo auto-sacrifício e pela abnegação, não pela autogratificação.

O que deveríamos procurar, quando damos aos necessitados, não ê o louvor dos homens, nem um alicerce para a nossa auto-aprovação mas, antes, a aprovação de Deus. Isto implica na referência que nosso Senhor fez das mãos direita e esquerda. "Com esta expressão", escreveu Calvino, "ele quis dizer que devemos ficar satisfeitos por termos a Deus como única testemunha".[303] Embora possamos manter a oferta em segredo diante dos outros e, até certo ponto, de nós mesmos, não podemos escondê-la de Deus. Nenhum segredo fica encoberto diante dele. *Teu Pai que vê em segredo, te recompensará.*

Algumas pessoas rebelam-se contra este ensinamento de Jesus. Elas dizem que não esperam recompensa, seja qual for, de pessoa alguma. Mais do que isto, acham que a promessa que nosso Senhor fez de recompensar é incoerente. Como pode ele proibir o desejo do louvor dos outros ou de nós mesmos para, depois, incentivar-nos a procurar o de Deus? Naturalmente, dizem, isto só muda a forma da vaidade. Será que não poderíamos dar simplesmente pela necessidade de dar? Buscar o louvor de quem quer que seja — dos homens, do ego ou de Deus — é prejudicar o ato, acham.

A primeira razão por que tais argumentos estão errados relaciona-se com a natureza das recompensas. Quando as pessoas dizem que a idéia da recompensa lhes é desagradável, sempre suspeito de que o quadro que têm em mente é a concessão de prêmios numa escola, com os troféus de prata cintilando na mesa sobre o estrado e todo o mundo batendo palmas! O contraste não foi estabelecido entre a esmola secreta e a recompensa pública, mas entre os homens, que não vêem nem recompensam a esmola, e Deus, que faz as duas coisas.

C. S. Lewis escreveu sabiamente em um ensaio intitulado "O Esplendor da Glória" (The Weight of Glory) o seguinte: "Não devemos ficar perturbados com os incrédulos que dizem que esta promessa de recompensa torna a vida cristã um negócio mercenário. Há diferentes tipos de recompensa. Existe a recom-

---

[300] AG.
[301] NTV.
[302] p.95.
[303] p.310.

pensa que não tem conexão natural com as coisas que se faz para recebê-la, e é totalmente estranha aos desejos que deveriam acompanhar aquelas coisas. O dinheiro não é a recompensa natural do amor; é por isso que dizemos que um homem é mercenário quando se casa com uma mulher por causa do dinheiro dela. Mas o casamento é a recompensa apropriada para quem realmente ama, e este não é mercenário quando o deseja." Do mesmo modo, poderíamos dizer que uma taça de prata não é uma recompensa muito apropriada para um escolar que estudou muito, mas uma bolsa para a universidade seria o ideal. C. S. Lewis assim conclui este argumento: "As devidas recompensas não são simplesmente adicionadas à atividade pela qual foram concedidas, mas são a própria atividade em consumação."[304]

Qual é, então, a "recompensa" que o Pai celeste dá àquele que faz a sua dádiva em secreto? Não é pública nem, necessariamente, futura. Provavelmente a única recompensa que o verdadeiro amor deseja quando dá ao necessitado é ver o alívio deste. Quando, por meio de suas dádivas, o faminto é alimentado, o nu é vestido, o doente é curado, o oprimido é libertado e o perdido é salvo, o amor que provocou a dádiva fica satisfeito. Esse amor (que é o próprio amor de Deus expresso através do homem) traz consigo as suas próprias alegrias secretas e não espera outra recompensa.

Resumindo, nossas dádivas cristãs não devem ser feitas nem diante dos homens (na esperança de que comecem a bater palmas), nem diante de nós mesmos (com a nossa mão esquerda aplaudindo a generosidade da nossa mão direita), mas "diante de Deus", que vê o íntimo de nosso coração e nos recompensa com a descoberta de que, usando as palavras de Jesus, "Mais bem-aventurado é dar que receber."[305]

2. A oração do cristão (vs. 5 e 6)

E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. 6*Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.*

Neste segundo exemplo de justiça "religiosa", Jesus descreve dois homens orando. Novamente, a diferença básica é entre a hipocrisia e a realidade. Ele põe em contraste o motivo das orações e as suas recompensas.

O que ele diz sobre os hipócritas parece ótimo à primeira vista: "gostam de orar". Mas infelizmente não é da oração que eles gostam, nem do Deus a quem supostamente estão orando. Não, eles gostam de si mesmos e da oportunidade que a oração pública lhes dá de se exibirem.

Naturalmente, a disciplina da oração regular é uma coisa boa; todos os judeus devotos oravam três vezes por dia, como Daniel.[306] E não havia nada de errado em ficar de pé para orar, pois era a posição costumeira dos judeus para isto. Nem estavam necessariamente errados quando oravam *nos cantos das praças* ou *nas sinagogas*, se sua motivação fosse acabar com a segregação da religião e expressar que reconheciam Deus estar presente mesmo fora dos lugares santos, isto é, na vida secular cotidiana. Mas Jesus desmascarou as suas verdadeiras motivações, quando ficavam de pé na sinagoga ou nas ruas com as mãos erguidas para os céus, a fim de serem *vistos dos homens.* Por trás da sua piedade, espreitava o seu orgulho. O que realmente desejavam era o aplauso. E o conseguiam. "Já receberam a recompensa."

O farisaísmo religioso não está morto. A acusação de hipocrisia tem sido jogada inúmeras vezes sobre nós, os freqüentadores de igrejas. É possível ir à igreja pelos mesmos motivos errados que levavam o fariseu à sinagoga: não para adorar a Deus, mas para obter uma reputação de piedade. É possível vangloriar-nos de nossas devoções particulares pelo mesmo motivo. O que se destaca é a perversidade de toda prática hipócrita. Dar louvor a Deus, tal como dar esmolas aos homens, é um ato autêntico por si só. Um outro motivo qualquer destrói os dois. Degrada o serviço prestado a Deus e aos homens a uma espécie desprezível de auto-serviço. A religião e a caridade transformam-se em uma exibição. Como podemos fingir que estamos louvando a Deus, quando, na realidade, estamos preocupados com o louvor dos homens?

Como, então, os cristãos devem orar? *Entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás,* disse Jesus. Devemos fechar a porta para não sermos perturbados e distraídos, mas também para fugir aos olhos dos homens e para ficarmos a sós com Deus. Só então podemos obedecer à ordem seguinte do Senhor: *Orarás a teu Pai que está em secreto,* ou, como a Bíblia de Jerusalém esclarece: "que está naquele lugar secreto". Nosso Pai está lá, à nossa espera. Nada destrói mais uma oração do que olhares furtivos para os espectadores humanos, como também nada a enriquece mais do que o senso da presença de Deus. Pois ele não vê a nossa aparência externa, apenas o coração; não a pessoa que está orando, apenas o motivo por que o faz. A essência da oração cristã é buscar a Deus. Por trás de toda oração verdadeira está a conversa com Deus, que se inicia

[304] *They Asked for a Paper,* (Bles, 1962), p. 198.
[305] At 20:35.
[306] Dn6:10.

assim:

> "Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença; Buscarei, pois, Senhor, A tua presença."[307]

Nós o buscamos para reconhecê-lo tal como ele é, Deus, o Criador; Deus, o Senhor; Deus, o Juiz; Deus, nosso Pai celestial através de Jesus Cristo, nosso Salvador. Desejamos encontrá-lo no lugar secreto a fim de nos ajoelharmos diante dele em humilde adoração, amor e confiança. Então, Jesus prossegue, *"teu Pai que vê em secreto, te recompensará."* R. V. G. Tasker destaca que a palavra grega para "quarto" no qual devemos nos retirar para orar *(tameion)* "era empregada para designar a sala-depósito onde podiam guardar-se os tesouros". A implicação pode ser, então, que "já existem tesouros à sua espera" quando for orar.[308] Naturalmente, as recompensas secretas da oração são tantas, que não se poderiam enumerar. Nas palavras do apóstolo Paulo, quando clamamos "Aba, Pai", o Espírito Santo dá testemunho ao nosso espírito de que realmente somos filhos de Deus, e recebemos forte certeza de sua paternidade e amor.[309] Ele nos ilumina com a luz do seu rosto e nos dá a paz.[310] Ele refrigera a nossa alma, satisfaz a nossa fome, mitiga a nossa sede. Sabemos que não somos mais órfãos, porque o Pai nos adotou; não somos mais filhos pródigos, porque fomos perdoados; não estamos mais perdidos, porque voltamos para casa.

A ênfase de nosso Senhor sobre a necessidade do segredo não deve ser levada a extremos. Interpretá-lo com literalismo rígido seria incorrer no próprio farisaísmo contra o qual ele está nos advertindo. Se todas as nossas orações fossem mantidas em segredo, teríamos de desistir de ir à igreja, de orar em família e nas reuniões de oração. Sua referência aqui é à oração particular. As palavras gregas estão no singular, como indica a ERAB: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai." Jesus ainda não falara sobre a oração pública. Quando o faz, diz-nos para orarmos no plural, "Nosso Pai", e ninguém pode fazer esta oração sozinho, em segredo.

Em lugar de ficarmos preocupados com a técnica do sigilo, precisamos lembrar-nos de que o propósito da ênfase de Jesus sobre o "segredo" na oração é purificar nossas motivações. Assim como devemos dar nossas ofertas com amor genuíno pelas pessoas, também devemos orar com genuíno amor a Deus. Jamais deveríamos usar tais exercícios como um piedoso disfarce para o narcisismo.

3. O jejum do cristão (vs. 16-18)

Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa,[17]*Tu porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto;* [18]*com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.*

Os fariseus jejuavam "duas vezes por semana",[311] às segundas e às quintas-feiras. João Batista e seus discípulos também jejuavam regularmente, até mesmo "com freqüência", mas os discípulos de Jesus não jejuavam.[312] Por que então, nestes versículos do Sermão do Monte, Jesus não só esperava que seus seguidores jejuassem, mas também deu instruções sobre como fazê-lo? Eis aqui uma passagem comumente ignorada. Suspeito que alguns de nós vivemos nossa vida cristã como se estes versículos tivessem sido arrancados de nossas Bíblias. A maioria dos cristãos destaca a necessidade da oração diária e da contribuição sacrificial, mas poucos insistem no jejum. O Cristianismo evangélico, em particular, cuja ênfase característica está na religião interior, do coração e do espírito, tem dificuldade em render-se a uma prática física exterior como o jejum. Não é um hábito do Velho Testamento, perguntamos, ordenado por Moisés para o Dia da Expiação, e exigido após o retorno do exílio da Babilônia em outros dias do ano, mas agora revogado por Cristo? Não vieram perguntar a Jesus: "Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, mas os teus discípulos *não* jejuam?" E o jejum não é uma prática católico-romana, a ponto de a igreja medieval elaborar um calendário sofisticado de "dias de festa" e "dias de jejum"? Não está também associado a um ponto de vista supersticioso da missa e da "comunhão em jejum"?

Podemos dizer "sim" a todas estas perguntas. Mas ê fácil sermos seletivos em nosso conhecimento e uso das Escrituras e da história da Igreja. Eis alguns outros fatos que devemos considerar: o próprio Jesus, nosso Senhor e Mestre, jejuou por quarenta dias e quarenta noites, no deserto; em resposta à pergunta que o

---

[307] Sl 27:8.
[308] p.59.
[309] Rm 5:5; 8:16.
[310] Nm6:26.
[311] Lc 18:12.
[312] Mt9:14;Lc5:33.

povo lhe fez, disse: "Dias virão ... em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias eles (os meus discípulos) *hão de jejuar*. "[313] No Sermão do Monte ele nos disse como jejuar, pressupondo que o faríamos. E em Atos e nas cartas do Novo Testamento, temos diversas referências aos apóstolos jejuando. Portanto, não podemos ignorar o jejum como se fosse uma prática do Velho Testamento revogada no Novo, ou como uma prática católica rejeitada pelos protestantes.

Primeiro, então, o que é o jejum? Falando estritamente, é uma total abstenção de alimento. Mas pode ser legitimamente ampliado para uma abstenção parcial ou total, durante períodos de tempo mais curtos ou mais longos. Daí, naturalmente, vem o nome da primeira refeição do dia, "desjejum", uma vez que "quebramos o jejum" do período da noite, quando não comemos nada.

Não temos dúvidas de que, nas Escrituras, o jejum se relacionava de diversos modos com a renúncia e a autodisciplina. Em primeiro lugar e principalmente, "jejuar" e "humilhar-se diante de Deus" são termos virtualmente equivalentes (por exemplo, SI 35:13; Is 58:3, 5). Às vezes era uma expressão de penitência por pecados passados. Quando as pessoas estavam profundamente amarguradas por seu pecado e culpa, choravam e jejuavam. Por exemplo, Neemias reuniu o povo "com jejum e pano de saco" e "fizeram confissão dos seus pecados"; os habitantes de Nínive arrependeram-se quando Jonas pregou, proclamaram um jejum e vestiram-se de pano de saco; Daniel buscou a Deus "com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza", orou ao Senhor seu Deus e fez confissão dos pecados do seu povo; e Saulo de Tarso, depois de sua conversão, foi levado a penitenciar-se de sua perseguição a Cristo, pois durante três dias não comeu nem bebeu.[314]

Às vezes, mesmo hoje em dia, quando o povo de Deus está convencido do pecado e é levado ao arrependimento, não é coisa fora de propósito que, em sinal de penitência e tristeza, chore e jejue. A homília anglicana intitulada "Das Boas Obras, e do Jejum" dá a entender que esse é o modo de aplicarmos a nós mesmos a palavra de Jesus: "Dias virão em que lhes será tirado o noivo, e *nesses dias* hão de jejuar." Refere-se a Cristo, o noivo, que, pode-se dizer, está "conosco" na festa do casamento, quando nos regozijamos nele e na sua salvação. Mas o noivo pode ser "tirado" e a festa interrompida quando somos oprimidos pela derrota, pela aflição e pela adversidade. "Então é a hora adequada", diz a homília, "para o homem humilhar-se diante do Deus Todo-Poderoso, jejuando, chorando e gemendo pelos seus pecados, com um coração contrito."[315]

Não devemos, entretanto, nos humilhar diante de Deus apenas em arrependimento por pecados passados, mas também na dependência dele para a misericórdia futura. E aqui, novamente, o jejum pode expressar a nossa humildade diante de Deus. Pois se "o arrependimento e o jejum" andam juntos nas Escrituras, "a oração e o jejum" são ainda mais freqüentemente reunidos. Não constitui uma prática regular, pois nem sempre jejuamos quando oramos, mas algo ocasional e especial, quando precisamos buscar a Deus para orientação ou bênção especial e, então, nos abstemos do alimento e de outras distrações para fazê-lo. Assim, Moisés jejuou no monte Sinai imediatamente depois que foi renovada a aliança pela qual Deus aceitou a Israel como seu povo; Josafá, vendo que os exércitos de Moabe e Amom avançavam sobre ele, "se pôs a buscar ao Senhor; e apregoou jejum em todo o Judá"; a rainha Ester, antes de arriscar a sua vida apresentando-se diante do rei, insistiu com Mordecai que reunisse os judeus e que jejuassem por ela, enquanto ela e suas criadas faziam o mesmo; Esdras proclamou um jejum antes de conduzir os exilados de volta a Jerusalém, "para lhe pedirmos jornada feliz para nós, para nossos filhos e para tudo o que era nosso"; e, como já mencionamos, nosso Senhor Jesus jejuou exatamente antes de começar o seu ministério público; e a igreja primitiva seguiu-lhe o exemplo; a igreja de Antioquia jejuou antes de Paulo e Barnabé serem enviados em sua primeira viagem missionária; e eles próprios, antes de designar anciãos em cada nova igreja que iam organizando.[316] São evidências claras de que empreendimentos especiais exigem orações especiais, e que orações especiais envolvem o jejum.

Ainda há outro motivo bíblico para o jejum. A fome é um dos apetites básicos do homem, e a gula um pecado capital. Portanto, "o domínio próprio" não tem significado se não incluir o controle de nossos corpos, e é impossível sem a autodisciplina. Paulo usa o atleta como exemplo. Para participar dos jogos este tem de estar fisicamente apto, e por isso treina. Seu treinamento inclui a disciplina de um regime alimentar adequado, sono e exercícios: "Todo atleta em tudo se domina". E os cristãos participantes da competição cristã devem fazer o mesmo. Paulo escreve sobre "esmurrar" o seu corpo (deixando-o todo roxo) e sobre subjugá-lo (conduzindo-o como um escravo).[317] Isto não se refere ao masoquismo (sentir prazer na dor), nem ao falso ascetismo (tal como usar uma camisa áspera ou dormir sobre uma cama de pregos), nem a uma

[313] Mt9:15.
[314] Ne 9:1, 2; Jn 3:5; Dn 9:2ss; 10:2ss; At 9:9.
[315] p.307.
[316] Êx24:18; 2Cr20:lss; Et4:16; Ed8:21ss; Mt4:l,2; Atl3:l-3; 14:23.
[317] 1Co9:24-27.

tentativa de ganhar mérito como os fariseus no templo.[318] Paulo rejeitaria todas essas idéias, e nós também. Não temos motivos para "punir" nossos corpos, pois são criação de Deus; mas devemos discipliná-los para que nos obedeçam. E o jejum, sendo uma abstinência voluntária de alimento, é uma forma de aumentar o nosso autocontrole.

Uma outra razão para o jejum poderia ainda ser mencionada, isto é, deliberadamente deixar de participar do que poderíamos comer para partilhá-lo (ou o seu preço) com os subnutridos. Temos apoio bíblico para esta prática. Jó podia dizer que não comeu "o que os pobres desejavam", pois o partilhou com órfãos e viúvas.[319] Em contraste, quando, através de Isaías, Deus condenou o jejum hipócrita dos habitantes de Jerusalém, disse que eles procuravam satisfazer o seu próprio prazer, oprimindo seus empregados *no dia em que jejuais.* Isto significava, em parte, que não havia correlação entre suas mentes e suas ações, entre o alimento a que renunciavam e a necessidade material dos seus empregados. A religião deles era sem justiça ou caridade. Por isso Deus disse: "Não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade . . . deixes livres os oprimidos . . .? . . . Não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados . . .?"[320] Jesus deu a entender alguma coisa parecida quando falou do rico fazendo festas suntuosas todos os dias, enquanto o mendigo jazia à sua porta, desejando ser alimentado com as migalhas que caíam de sua mesa.[321]

Não é difícil encontrar outras aplicações mais atualizadas. No século dezesseis, a Inglaterra abstinha-se de carne em dias determinados e comia peixe em seu lugar, não por prescrição da Igreja mas do Estado, a fim de ajudar a manter "as cidades pesqueiras que bordejavam o mar" e, assim, reduzir "o preço dos gêneros alimentícios e assim ajudar na manutenção dos pobres".[322] Nos nossos dias, o desespero de milhares de famintos nos países em desenvolvimento é trazido diariamente para as telas de nossos aparelhos de TV. Passar ocasionalmente (ou, melhor, regularmente) com uma refeição mais frugal, ou deixar de tomar uma refeição uma ou duas vezes por semana, e sobretudo evitar o excesso de peso e o comer demais são formas de jejum que agradam a Deus porque expressam um sentimento de solidariedade com os pobres.

Portanto, por arrependimento ou por oração, por autodisciplina ou por amor solidário, temos boas razões bíblicas para o jejum. Sejam quais forem as nossas razões, Jesus assumiu que o jejum teria lugar na vida cristã. Ele se preocupou com a nossa contribuição, com a nossa oração e com o nosso jejum para que nós não façamos como os hipócritas, que chamavam a atenção para si mesmos. Eles costumavam *desfigurar o rosto* e *se mostravam contristados.* A palavra traduzida por "desfigurar" *(aphanizo)* significa literalmente "fazer desaparecer" e portanto "tornar invisível ou irreconhecível".[323] Eles provavelmente negligenciavam a higiene pessoal, ou cobriam a cabeça com panos de saco, ou talvez passavam cinza no rosto para ficarem mais pálidos, mais abatidos, mais tristes e, em conseqüência, visivelmente "santos". Tudo isso para que o seu jejum fosse visto e conhecido de todos. A admiração dos que passavam por eles seria a única recompensa obtida. "Mas quanto a vocês, meus discípulos", Jesus prosseguiu, *quando jejuarem, unjam a cabeça e lavem o rosto,* isto é, "penteiem o cabelo e lavem o rosto".[324] Jesus não estava recomendando nada fora do comum, como se agora eles tivessem de assumir uma expressão de alegria especial. Pois, como Calvino comentou acertadamente, "Cristo não nos afasta de um tipo de hipocrisia para nos levar a outro".[325] Ele presumiu que eles se lavavam e se penteavam todos os dias e, nos dias de jejum, fariam como de costume para que ninguém suspeitasse que estavam jejuando. Então, novamente, *teu Pai, que vê em segredo, te recompensará.* O propósito do jejum não é fazer propaganda de nós mesmos, mas disciplinar-nos; não obter uma reputação, mas expressar a nossa humildade diante de Deus e a nossa preocupação com os outros que estão passando necessidade. Se esses propósitos forem cumpridos, seremos bem recompensados.

Examinando estes versículos, fica evidente que Jesus esteve fazendo o contraste entre duas alternativas de piedade, a dos fariseus e a cristã. A piedade dos fariseus é ostentosa, motivada pela vaidade e recompensada pelos homens. A piedade cristã é secreta, motivada pela humildade e recompensada por Deus.

Para assimilarmos a alternativa ainda mais claramente, seria útil examinar a causa e o efeito de ambas as formas. Primeiro, o efeito. A religião hipócrita é perversa porque é destrutiva. Vimos que a oração, a contribuição e o jejum são todas atividades autênticas por si mesmas. Orar ê buscar a Deus, dar é servir aos outros, jejuar é disciplinar-se. Mas o efeito da hipocrisia é destruir a integridade destas práticas, transformando cada uma delas em oportunidades de auto-exibição.

---

[318] Lc 18:12.
[319] 31:16ss.
[320] 58:lss.
[321] Lc 16:19-31.
[322] *Homilies.* pp. 301-303.
[323] AG.
[324] BLH.
[325] p. 331.

Qual é, então, a causa? Se pudermos isolar isto, poderemos também encontrar o remédio. Embora um dos refrões desta passagem seja "diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles", não é com os homens que o hipócrita fica obcecado, mas consigo mesmo. "Em última análise", escreve o Dr. Lloyd-Jones, "nosso único motivo para agradar aos homens que nos rodeiam é agradar a nós mesmos".[326] O remédio, portanto, é óbvio. Precisamos ter tal consciência de Deus que deixemos de ser autoconscientes. E é nisto que Jesus se concentra.

Talvez eu possa explicar isso dizendo que o absoluto é algo impossível para qualquer um de nós. É impossível fazer, dizer ou pensar alguma coisa sem a presença de espectadores, pois, mesmo quando nenhum ser humano está presente, Deus está nos vendo; não como uma espécie de policial celeste "bisbilhotando" a fim de nos pegar, mas como o nosso amoroso Pai celeste, que sempre está procurando oportunidades para nos abençoar. Portanto, a pergunta é: que espectadores nos são mais importantes, os terrestres ou o celeste, os homens ou Deus? O hipócrita realiza seus rituais "com o fim de ser visto pelos homens". O verbo grego é *theathènai*. Isto ê, estão em um teatro, representando. Sua religião é um espetáculo público. O verdadeiro cristão também está consciente de que está sendo observado, mas, para ele, o auditório é Deus.

Mas por que, alguém pode perguntar, auditórios diferentes provocam representações diferentes? A resposta é certamente a seguinte: podemos blefar diante de um auditório humano; ele pode ser iludido pela nossa representação. Podemos enganá-lo, dando a impressão de que somos genuínos em nossas dádivas, nossas orações, nosso jejum, quando na realidade estamos apenas representando. Mas de Deus não se zomba; não podemos enganar a Deus. Ele olha para o coração. Por isso, qualquer coisa que façamos para sermos vistos pelos homens somente degrada o nosso ato, enquanto que fazê-lo para ser visto por Deus enobrece-o.

Por isso, devemos escolher nosso auditório com cuidado. Se preferimos espectadores humanos, perderemos nossa integridade cristã. O mesmo acontecerá se nós mesmos nos tornarmos o nosso auditório. Parafraseando Bonhoeffer: "É ainda mais pernicioso se eu mesmo me transformar no espectador de minha representação na oração ... Eu posso apresentar um show muito bonito para mim mesmo, na intimidade do meu próprio quarto."'[327] Devemos preferir que Deus seja o nosso auditório. Como Jesus observava as pessoas que colocavam suas ofertas no tesouro do templo,[328] assim Deus nos observa quando ofertamos; quando oramos e jejuamos em secreto, ele está ali, no lugar secreto. Deus odeia a hipocrisia, mas ama a realidade. É por isso que, apenas quando estamos conscientes de sua presença, a nossa dádiva, a nossa oração e o nosso jejum são reais.

Mateus 6:7-15
O oração do cristão:
não mecânica, mas refletida

E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. 8Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. 9Portanto, vós orareis assim:

Pai nosso que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
10 venha o teu reino,
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu;
11 o pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
12 e perdoa-nos as nossas dívidas,
assim como nós temos perdoado aos nossos devedores
13 e não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal. 14 Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; 15se, porém, não perdoardes aos homens (as suas ofensas), tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.

A hipocrisia não é o único pecado a ser evitado na oração; as "vãs repetições", ou a falta de significado,

[326] p.330.
[327] p.96.
[328] Mc l2:41ss.

a oração mecânica é o outro. O primeiro é a tolice dos fariseus, o último, a dos gentios ou pagãos (v. 7). A hipocrisia ê um abuso do propósito da oração, desviando-a da glória de Deus para a glória do ego; a verbosidade é um abuso da própria *natureza* da oração, rebaixando-a de um real e pessoal acesso a Deus a uma mera recitação de palavras.

Vemos novamente que o método de Jesus é pintar um contraste vivo entre duas alternativas, a fim de indicar o caminho com mais clareza. Quanto à prática da piedade em geral, ele mostrou o contraste entre o modo de ser dos fariseus (cheios de ostentação e egoístas) e o do cristão (secreto e piedoso). Agora, quanto à prática da oração em particular, ele contrasta o modo pagão da loqüacidade sem significado com a maneira cristã, a comunhão significativa com Deus. Assim, Jesus está sempre chamando os seus discípulos para algo mais elevado que as realizações ou feitos daqueles que os cercam, quer sejam pessoas religiosas ou seculares. Ele enfatiza que a justiça do cristão é maior, por ser interior; que o amor cristão é mais amplo, porque inclui os inimigos; e que a oração cristã, por ser sincera e refletida, é mais profunda do que qualquer coisa encontrada na comunidade não-cristã.

1. O modo pagão de orar

Não useis de vãs repetições, como os gentios, diz ele (v. 7). O verbo grego *battalogeõ* é raro, não só na. literatura bíblica mas de um modo geral; nenhum outro uso da palavra se conhece além das citações deste versículo. Por isso, ninguém sabe ao certo de onde se deriva e qual é o seu significado. Alguns (como Erasmo) "supõem que a palavra se deriva de Battus, um rei de Cirene, que diziam ser gago (como Heródoto); outros de Battus, um autor de poemas tediosos e prolixos".[329] Mas isso é um pouquinho forçado. A maioria o considera como uma expressão onomatopéica, o som da palavra indicando o seu significado. Assim, *battarizõ* significa gaguejar; e qualquer estrangeiro cuja língua parecesse aos ouvidos gregos como uma interminável repetição da sílaba "bar" era chamado de *bárbaros,* um bárbaro. *Battalogeõ* talvez seja algo semelhante. Assim, não estaríamos errados, se traduzíssemos: "Não fiquem tagarelando como os pagãos." A conhecida tradução (da ERAB) "não useis de vãs repetições", é enganosa, a não ser que fique claro que a ênfase foi colocada sobre "vãs" e não sobre "repetições". Jesus não podia estar proibindo toda repetição, pois ele mesmo repetiu sua oração, notavelmente no Getsêmane, quando "foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras";[330] a perseverança e até mesmo a importunação na oração também foram recomendadas por ele. Antes, ele está condenando a verbosidade, especialmente daqueles que "falam sem pensar".[331] Isto quer dizer: "não amontoem palavras vazias". A palavra descreve toda e qualquer oração que só contenha palavras e nenhum significado, que só venha dos lábios e não do pensamento ou do coração. *Battalogia* fica explicado no mesmo versículo (v. 7) como *polulogia,* "muito falar", isto é, uma torrente mecânica de palavras sem significado.

Como aplicar a proibição de nosso Senhor aos dias de hoje? Certamente se aplica às "rodas de oração" e muito mais às "bandeirolas de oração" orientais, com as quais o vento, muito convenientemente, faz a "oração". Penso que devemos aplicá-la à Meditação Transcendental, pois o próprio Maharishi Mahesh Yogi expressou pesar por sua errada escolha da palavra "meditação". A verdadeira meditação envolve o uso consciente da mente; mas a Meditação Transcendental é uma técnica simples e essencialmente mecânica para o relaxamento, tanto do corpo como da mente. Em lugar de estimular o pensamento, tem o intuito de levar a pessoa ao estado de completa tranqüilidade e inatividade.

Voltando da prática não-cristã para a prática cristã da oração, parece que a condenação de nosso Senhor certamente incluiria a reza com o rosário, com o qual nada acontece além do manejar das contas e do recitar de palavras, sendo que o rosário antes distrai do que faz a pessoa se concentrar na oração. Será que também se aplica à forma litúrgica de culto? Será que os simpatizantes do culto formal tradicional são culpados de *battalogia?* Sim, sem dúvida alguns o são, pois o uso de formas estabelecidas permite que se aproximem de Deus com os lábios, enquanto o coração está longe. Mas também é igualmente possível usar "palavras vazias" na oração improvisada e escorregar para o jargão religioso enquanto a mente vagueia. Resumindo, o que só então poderemos aproximar-nos de nosso amoroso Pai no céu com a devida humildade, devoção e confiança.

Além disso, quando nos tivermos dado ao trabalho de gastar algum tempo orientando-nos na direção de Deus, lembrando-nos do que Deus é: nosso Pai pessoal, amoroso e poderoso; então o conteúdo de nossas orações será radicalmente afetado de duas formas. Primeiro, os interesses de Deus terão prioridade ("teu nome . . ., teu reino . . ., tua vontade"). Segundo, nossas próprias necessidades, embora colocadas em segundo plano, serão totalmente entregues a ele ("Dá-nos . . ., perdoa-nos . . ., livra-nos . . ."). Todos sabem

[329] *A Greek-English lexicon of the New Testament* de C. L. W. Grimm e J. H. Thayer (T. and T. Clark, 1901).
[330] Mt 26:44.
[331] AG.

que a oração do Pai-Nosso, nessas duas partes, está preocupada em primeiro lugar com a glória de Deus e, depois, com as necessidades do homem. Mas acho que foi Calvino[332] o primeiro comentarista a sugerir um paralelo com os dez mandamentos, pois eles também estão divididos em duas partes e expressam a mesma prioridade: a primeira tábua esboça nossos deveres para com Deus, e a segunda, nossos deveres para com nosso próximo.

Os três primeiros pedidos na oração do Pai-Nosso expressam a nossa preocupação com a glória de Deus em relação ao seu nome, ao seu governo e à sua vontade. Se o nosso conceito de Deus fosse de alguma força impessoal, então, naturalmente, ele não precisaria ter um nome pessoal, governo ou vontade pelo qual devêssemos zelar. Repito, se pensássemos nele como "o máximo dentre de nós mesmos", ou como "a base de nosso ser", seria impossível distinguir entre as suas preocupações e as nossas. Mas se ele realmente é "nosso Pai que está nos céus", o Deus pessoal de amor e poder totalmente revelado em Jesus Cristo, o Criador de tudo, que se preocupa com as criaturas que criou e com os filhos que redimiu, então e só então se torna possível (na verdade, essencial) dar prioridade aos seus interesses e preocupar-se com o seu nome, com o seu reino e com a sua vontade. O nome de Deus não é uma simples combinação das letras D, E, U e S. O nome representa a pessoa que o usa, o seu caráter e a sua atividade. Portanto o "nome" de Deus é o próprio Deus, como ele é em si mesmo e se tem revelado. Seu nome já é "santo", porque é separado e exaltado acima de qualquer outro nome. Mas nós oramos que ele seja *santificado,* "tratado como santo", porque desejamos ardentemente que a devida honra lhe seja dada, isto é, àquele cujo nome representa, em nossas próprias vidas, na igreja e no mundo.

O reino de Deus é o seu governo real. Repetimos: como ele já é santo, também é Rei, reinando em soberania absoluta sobre a natureza e sobre a História. Mas quando Jesus veio, anunciou um aspecto novo e especial do governo real de Deus, com todas as bênçãos da salvação e as exigências de submissão que o governo divino implica. Orar que o seu reino "venha" é orar que ele cresça à medida que as pessoas se submetam a Jesus através do testemunho da Igreja, e que logo ele seja consumado com a volta de Jesus em glória para assumir o seu poder e o seu reino.

A vontade de Deus é "boa, aceitável e perfeita",[333] pois é a vontade de "nosso Pai que está nos céus", que é infinito em conhecimento, em amor e em poder. Portanto, resistir-lhe é loucura; e discerni-la, desejá-la e fazê-la é sabedoria. Assim como o seu nome já é santo e ele já é Rei, também a sua vontade está sendo feita "no céu". O que Jesus nos incita a orar é que a vida na terra se aproxime o mais possível da vida no céu, pois a expressão *na terra como no céu* parece aplicar-se igualmente à santificação do nome de Deus, à propagação do seu reino e à consumação da sua vontade.

É comparativamente fácil repetir as palavras da oração do Pai-Nosso como se fôssemos papagaios (ou como "palradores" pagãos). Contudo, fazer esta oração com sinceridade tem implicações revolucionárias, pois expressam as prioridades do cristão. Estamos constantemente sob pressão para nos conformarmos ao egocentrismo da cultura secular. Quando isto acontece, ficamos preocupados com o nosso próprio pequeno nome: gostamos de vê-lo gravado em relevo sobre os nossos papéis de carta, ou aparecendo nos cabeçalhos dos jornais, ou de defendê-lo quando é atacado. Também nos preocupa o nosso próprio pequeno império (chefiando, "influenciando" e manipulando pessoas para fomentarem o nosso ego), e a nossa própria vontade tola (sempre desejando as coisas a seu modo e se aborrecendo quando frustrada). Na contracultura cristã, todavia, nossa prioridade máxima não está no nosso nome, no nosso reino ou na nossa vontade, mas em Deus. Fazer tais petições com integridade é um teste para sondar a realidade e a profundidade de nossa profissão de fé cristã.

Na segunda metade da oração do Pai-Nosso, o adjetivo possessivo passa de "teu" para "nosso", quando passamos das coisas divinas para as nossas próprias. Tendo expressado nossa ardente preocupação com a sua glória, expressamos agora nossa humilde dependência da sua graça. Quando compreendemos verdadeiramente que o Deus a quem oramos é o Pai celeste e o grande Rei, colocamos nossas necessidades pessoais em lugar secundário e subsidiário, sem, contudo, eliminá-las. Deixar de mencioná-las na oração (alegando que não queremos aborrecer a Deus com tais trivialidades) é um grande erro, como também o seria deixar que elas dominassem nossas orações. Visto que Deus é "nosso Pai que está nos céus", e que nos ama com amor de pai, ele está preocupado com o bem-estar total de seus filhos e deseja que lhe apresentemos as nossas necessidades de alimento, de perdão e de livramento do mal, confiando nele.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Alguns comentaristas do passado não conseguiam crer que Jesus pretendesse que nosso primeiro pedido fosse literalmente o pão, pão para o corpo. Parecia-lhes impróprio, especialmente depois dos três nobres pedidos iniciais pela glória de Deus, que pudéssemos descer tão abruptamente a uma preocupação tão mundana e material. Por isso alegorizavam a petição. Diziam que o pão

[332] pp. 316,321.
[333] Rm l2:2.

a que ele se referia devia ser espiritual. Os primitivos pais da Igreja, tais como Tertuliano, Cipriano e Agostinho, pensavam que a referência era ao "pão invisível da Palavra de Deus"[334] ou à Ceia do Senhor. Jerônimo traduziu, na Vulgata, a palavra grega usada para "cada dia" com o monstruoso adjetivo "supersubstancial"; ele também se referia à Santa Comunhão. Devemos ser agradecidos pelo entendimento maior, equilibrado e bíblico dos reformadores. O comentário que Calvino fez sobre a espiritualização dos pais da igreja foi: "Isto é extremamente absurdo."[335] Lutero teve a sabedoria de ver que "pão" era um símbolo de "todas as coisas necessárias para a preservação desta vida, como o alimento, a saúde do corpo, o bom tempo, a casa, o lar, a esposa, os filhos, um bom governo e a paz"[336] e, provavelmente, deveríamos acrescentar que com "pão" Jesus quis se referir às necessidades e não aos luxos da vida.

O pedido para que Deus nos "dê" o nosso alimento não impede, é claro, que as pessoas ganhem a sua própria vida, que os agricultores tenham de arar, semear e colher a fim de fornecer os cereais básicos, nem nos isenta da ordem de nós mesmos alimentarmos os famintos.[337] Pelo contrário, é uma expressão de dependência máxima de Deus, que normalmente usa meios humanos de produção e de distribuição através dos quais ele realiza os seus propósitos. Mais ainda, parece que Jesus queria que seus discípulos tomassem consciência de uma dependência diária. O adjetivo *epiousios* em "pão nosso de cada dia" era tão completamente desconhecido dos antigos que Orígenes pensava que os evangelistas o tivessem criado. Moulton e Milligan são da mesma opinião nesta nossa geração.[338] Provavelmente deveria ser traduzido por "deste dia de hoje" ou "do dia seguinte".[339] Seja qual for a forma correta, é uma oração pelo imediato e não pelo futuro distante. Como A. M. Hunter comenta: "Feita de manhã, esta oração pede o pão para o dia que está começando. Feita à noite, pede o pão de amanhã."[340] Assim, devemos viver um dia de cada vez.

O perdão é tão indispensável à vida e à saúde da alma como o alimento para o corpo. Por isso, o pedido seguinte é: *Perdoa-nos as nossas dívidas.* O pecado é comparado a uma "dívida", porque merece o castigo. Mas quando Deus perdoa o pecado, ele cancela a penalidade e anula a acusação que há contra nós. A adição das palavras *como nós temos perdoado aos nossos devedores* está mais enfatizada nos versículos 14 e 15, que se seguem à oração e declaram que o nosso Pai nos perdoará se perdoarmos aos outros, mas não nos perdoará se nos recusarmos a perdoar aos outros. Isto certamente não significa que o perdão que concedemos aos outros garante-nos o direito de sermos perdoados. Antes, Deus perdoa somente o arrependido, e uma das principais evidências do verdadeiro arrependimento é um espírito perdoador. Quando nossos olhos são abertos para vermos a enormidade de nossa ofensa cometida contra Deus, as injúrias dos outros contra nós parecem, comparativamente, muitíssimo insignificantes. Se, por outro lado, temos uma visão exagerada das ofensas dos outros, é uma prova de que diminuímos muito a nossa própria. A disparidade entre o tamanho das dívidas é o ponto principal da parábola do credor incompassivo.[341] Sua conclusão é: "Perdoei-te *aquela dívida toda* (que era imensa) . . .; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" (v. 33).

Os dois últimos pedidos deveriam talvez ser entendidos como os aspectos negativo e positivo de um único pedido: *Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.* O pecador cujo mal praticado no passado foi perdoado anseia ser libertado de sua tirania no futuro. O sentido geral do pedido é claro. Mas dois problemas se levantam. Primeiro, a Bíblia diz que Deus não nos tenta (na realidade, não pode nos tentar) com o mal.[342] Portanto, que sentido tem orar que ele não faça o que já prometeu nunca fazer? Alguns respondem a esta pergunta interpretando "tentação" como "provação", com a explicação de que, embora Deus jamais nos induza ao pecado, ele prova nossa fé e caráter. Isto é possível. Uma explicação melhor parece-me que é entender "não nos deixes cair" à luz de sua correlativa "mas livra-nos", e o "mal" deveria ser traduzido por "o maligno" (como em 13:19). Em outras palavras, é o diabo que está sendo considerado, que tenta o povo de Deus a pecar, e do qual precisamos ser "livrados" (*rusai).*

O segundo problema refere-se ao fato de que a Bíblia diz serem a tentação e a provação duas coisas boas para nós: "Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações" ou

---

[334] É uma expressão de Agostinho. Ele começa fazendo uma lista de três outras interpretações alternativas, a saber, "todas aquelas coisas que atendem às necessidades desta vida", "o sacramento do corpo de Cristo" e "o alimento espiritual", isto é, "os preceitos divinos que devemos diariamente buscar e nos quais devemos meditar". Ele mesmo preferia a última explicação. Mas conclui que se alguém deseja entender "pão nosso de cada dia" como referindo-se também ao "alimento necessário ao corpo" ou aos "sacramentos do corpo do Senhor", então, "devemos tomar todas as três coisas em conjunto". Isto é, "devemos pedir todas estas coisas juntas com o pão nosso de cada dia: o pão necessário para o corpo, o pão visível santificado *(sc.* a Santa Comunhão) e o pão invisível da palavra de Deus" (VI. 25, 27).
[335] p.322.
[336] p. 147.
[337] Mt 25:35.
[338] *The Vocabulary of the Greek Testament* de J. H. Moulton e G. Milligan (Hodder, 1949).
[339] AG.
[340] p.75.
[341] Mt 18:23-35.
[342] Tg l:13.

"tentações".[343] Se elas são benéficas, por que deveríamos orar para que não ficássemos expostos a elas? A resposta provável é que a oração é mais no sentido de podermos vencer a tentação do que de a evitarmos. Talvez poderíamos parafrasear todo o pedido assim: "Não permitas que sejamos induzidos à tentação que nos possa derrotar, mas livra-nos do maligno". Assim, por trás dessas palavras que Jesus nos deu para orar, encontramos a implicação de que o diabo é forte demais para nós, que somos fracos demais para enfrentá-lo, mas que o nosso Pai celeste nos livrará se o invocarmos.

Os três pedidos que Jesus coloca em nossos lábios são magnificamente completos. Incluem, em princípio, todas as nossas necessidades humanas: materiais (o pão de cada dia), espirituais (perdão de pecados) e morais (livramento do mal). O que fazemos, sempre que proferimos esta oração, é expressar nossa dependência de Deus em cada setor da vida humana. Além disso, um cristão trinitário é levado a perceber nestes três pedidos uma alusão velada à Trindade, uma vez que é através da criação do Pai e da sua providência que recebemos o nosso pão de cada dia, e é através da morte expiatória do Filho que recebemos o perdão, e através do poder do Espírito que habita em nós que somos livrados do maligno. Não nos causa admiração que alguns manuscritos antigos (embora não os melhores) terminem com a doxologia, atribuindo a este Deus triúno "o reino e o poder e a glória", os quais somente a ele pertencem.

Parece, portanto, que Jesus deu a Oração do Pai-Nosso como modelo da *verdadeira* oração, da oração *cristã,* diferenciando-a das orações dos fariseus e dos pagãos. Na verdade, qualquer pessoa poderia recitar o Pai-Nosso hipócrita ou mecanicamente, ou de ambas as formas. Mas, se pensamos no que dizemos, então a oração do Pai-Nosso é a alternativa divina para as outras duas formas da falsa oração.

O erro dos hipócritas é o egoísmo. Até mesmo em suas orações estão obcecados com a sua própria imagem e com o efeito que ela produzirá naqueles que os observam. Mas, na oração do Pai-Nosso, os cristãos estão obcecados com Deus: com o seu nome, com o seu reino e com a sua vontade, não com o$ nossos nomes, reinos e vontades. A verdadeira oração cristã sempre consiste numa preocupação com Deus e sua glória. Portanto, é exatamente o oposto do exibicionismo dos hipócritas, que usam a oração como veículo de sua própria glória.

O erro do pagão é a irracionalidade. Ele simplesmente prossegue tagarelando suas palavras litúrgicas sem significado. Ele hão pensa no que está dizendo, pois sua preocupação ê com o Volume, não com o conteúdo. Mas Deus não se deixa impressionar com verborragia. Em oposição a esse disparate, Jesus nos convida a levarmos ao conhecimento de nosso Pai celeste, com ponderação humilde, todas as nossas necessidades, expressando, assim, nossa dependência diária dele.

Assim, a oração cristã contrasta com as alternativas não-cristãs. É *teocêntrica* (preocupada com a glória de Deus), em contraste com o egocentrismo dos fariseus (preocupados com a Sua própria glória); e é *inteligente* (expressão de uma dependência racional), em contraste com as recitações mecânicas dos pagãos. Portanto, quando nos aproximamos de Deus para orar, não o fazemos hipocritamente como os atores de teatro, que buscam o aplauso dos homens, nem mecanicamente como os pagãos tagarelas, cujo pensamento não acompanha os seus balbucios; devemos fazê-lo de forma racional, humilde e confiante, como criancinhas diante de seu pai.

Veremos que a diferença fundamental entre os diversos tipos de oração está nas imagens fundamentalmente diferentes de Deus que há por trás deles. O erro trágico dos fariseus e dos pagãos, dos hipócritas e dos que não conhecem a Deus está na falsa imagem que têm de Deus. Na verdade, nenhum deles pensa realmente em Deus, pois o hipócrita pensa apenas em si mesmo, enquanto que o pagão pensa em outras coisas. Que tipo de Deus Seria este que poderia interessar-se por tais orações egoístas ou Sem sentido? Será Deus um utensílio que podemos usar para fomentar o nosso próprio status, ou um computador que podemos alimentar mecanicamente com as nossas próprias palavras? Voltemo-nos destas noções desonrosas, com alívio, para o ensinamento de Jesus, que disse ser Deus o nosso Pai que está no céu. Precisamos nos lembrar de que ele ama seus filhos com a mais terna afeição, que ele vê os seus filhos até no lugar secreto, que ele conhece os seus filhos e todas as suas necessidades antes que eles lhas apresentem, e que ele age em benefício dos seus filhos com o seu poder celestial e real. Se permitirmos que as Escrituras formem assim nossa imagem de Deus, se nos lembrarmos do seu caráter e cultivarmos sua presença, jamais oraremos com hipocrisia mas sempre com integridade, nunca mecanicamente mas sempre racionalmente, como filhos de Deus que somos.

[343] Tg l:2.

Mateus 6:19-34
A ambição do cristão: não a segurança material, mas a direção de Deus

Na primeira metade de Mateus 6 (vs. 1-18), Jesus descreve a vida *particular* do cristão "no lugar secreto" (dando, orando, jejuando); na segunda parte (vs. 19-34) ele trata dos nossos negócios *públicos* no mundo (questões de dinheiro, de propriedades, de alimento, de bebida, de roupa e de ambição). Os mesmos contrastes poderiam ser expressos em termos de nossas responsabilidades "religiosas" e "seculares". Esta diferença é enganosa, porque não podemos separar estes dois aspectos em compartimentos herméticos. Na verdade, o divórcio entre o sagrado e o secular na história da Igreja tem sido desastroso. Se somos cristãos, tudo o que fazemos, por mais "secular" que possa parecer (como fazer compras, cozinhar, fazer cálculos no escritório, etc), é "religioso", no sentido de que é feito na presença de Deus e de acordo com a sua vontade. Uma ênfase de Jesus neste capítulo é exatamente sobre este ponto, que Deus está igualmente preocupado com as duas áreas da nossa vida: a particular e a pública; a religiosa e a secular. Pois, de um lado, "teu Pai celeste vê em secreto" (vs. 4, 6, 18) e, de outro, "vosso Pai celestial sabe que necessitais de alimento, bebida e roupa" (v. 32).

Ouvimos os mesmos insistentes convites de Jesus, nas duas esferas, o chamado para sermos diferentes da cultura popular: diferentes da hipocrisia do religioso (v. 1-18) e, agora, também diferentes do materialismo do irreligioso (vs. 19-34). Embora no começo do capítulo fossem principalmente os fariseus que estavam na mente de Jesus, agora é ao sistema de valores dos "gentios" que ele nos incita a renunciar (v. 32). Na verdade, Jesus coloca alternativas diante de nós em cada estágio. Há dois tesouros (na terra e no céu, vs. 19-21), duas condições físicas (luz e trevas, vs. 22, 23), dois senhores (Deus e as riquezas, v. 24) e duas preocupações (nosso corpo e o reino de Deus, vs. 25-34). E não podemos pôr os pés em duas canoas!

Mas, como fazer a escolha? A ambição do mundo nos fascina fortemente. O encanto do materialismo é difícil de se quebrar. Nesta seção, Jesus nos ajuda a escolher o melhor. Ele destaca a insensatez do caminho errado e a sabedoria do certo. Como nas seções anteriores, sobre a piedade e a oração, aqui, relativamente à ambição, ele coloca o falso e o verdadeiro, um em oposição ao outro, de tal modo que nos leva a compará-los e examiná-los por nós mesmos.

Este tópico coloca-nos diante da grande urgência da nossa geração. A medida que a população do mundo continua aumentando assustadoramente e os problemas econômicos das nações se tornam cada vez mais complexos, os ricos continuam ficando mais ricos e os pobres, mais pobres. Não podemos mais fechar os olhos diante dos fatos. A antiga complacência do Cristianismo burguês foi perturbada. A adormecida consciência social de muitos já foi despertada. Redescobriu-se que o Deus da Bíblia está do lado dos pobres e necessitados. Os cristãos responsáveis sentem desconforto quando pensam na abundância e estão procurando desenvolver um estilo de vida simples, que seja adequado face às necessidades do mundo e, por lealdade, de acordo com os ensinamentos e o exemplo do seu Mestre.

1. A questão do tesouro (vs. 19-21)

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; [20]mas *ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam;* [21]*porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.*

Aqui, o ponto para onde Jesus dirige nossa atenção é a durabilidade comparativa dos dois tesouros. Deveria ser fácil decidir qual dos dois ajuntar, ele dá a entender, porque *tesouros sobre a terra* são corruptíveis e, portanto, inseguros, enquanto que *tesouros no céu* são incorruptíveis e, conseqüentemente, seguros. Afinal, se nosso objetivo é ajuntar tesouros, presumivelmente nós nos concentraremos na espécie que vai durar mais e que pode ser armazenada sem depreciação ou deterioração.

E importante enfrentar franca e honestamente a questão: o que Jesus estava proibindo, quando nos disse para não ajuntarmos tesouros para nós mesmos na terra? Talvez seja melhor começarmos com uma lista do que ele não estava (e não está) proibindo. Primeiro, não há maldição alguma quanto às propriedades em si; as Escrituras não proíbem, em parte alguma, as propriedades particulares. Segundo, "economizar para dias piores" não foi proibido aos cristãos, nem fazer um seguro de vida, que é apenas uma espécie de economia compulsória auto-imposta. Pelo contrário, as Escrituras louvam a formiga que armazena no verão o alimento de que vai precisar no inverno, e declara que o crente que não faz provisão para a sua família é pior do que um incrédulo.[344] Terceiro, não devemos desprezar mas, antes, desfrutar as boas coisas que o nosso Criador

[344] Pv 6:6ss; lTm 5:8.

nos concedeu abundantemente.[345] Portanto, nem as propriedades, nem a provisão para o futuro, nem o desfrutar dos dons de um Criador bondoso estão incluídos na proibição dos tesouros acumulados na terra.

O que está, então? O que Jesus proíbe a seus discípulos é a acumulação *egoísta* de bens ("Não acumuleis *para vós outros* tesouros sobre a terra"); uma vida extravagante e luxuosa, a dureza de coração que não deixa perceber as necessidades colossais das pessoas menos privilegiadas neste mundo; a fantasia tola de que a vida de uma pessoa consiste na abundância de suas propriedades;[346] e o materialismo que acorrenta nossos corações à terra. O Sermão do Monte repetidas vezes refere-se ao "coração" e, aqui, Jesus declara que o nosso coração sempre segue o nosso tesouro, quer para baixo para a terra, quer parao alto para o céu (v. 21). Resumindo, "acumular tesouros sobre a terra" não significa ser previdente (fazer ajuizadas provisões para o futuro), mas ganancioso (como o sovina que acumula e os materialistas que sempre querem mais). Esta é a armadilha contra a qual Jesus nos adverte aqui. "Sempre que o Evangelho é ensinado", escreveu Lutero, "e as pessoas procuram viver de acordo com ele, surgem duas terríveis pragas: os falsos pregadores, que corrompem o ensino, e, então, a Sra. Ganância, que impede um viver justo."[347]

O "tesouro na terra", por nós cobiçado, Jesus nos lembra: "A traça e a ferrugem destroem, e ... os ladrões o arrombam e roubam" (BLH). A palavra grega para "ferrugem" *(brasis)* significa "comer"; pode referir-se à corrosão causada pela ferrugem, mas também a qualquer peste ou parasita devoradora. Naquele tempo, as traças entravam facilmente nas roupas das pessoas, os ratos comiam os cereais armazenados, pestes atacavam o que estivesse debaixo da terra, e os ladrões entravam nos lares e levavam o que fosse possível. Não havia a menor segurança no mundo antigo. E para nós, gente moderna, que procuramos proteger os nossos tesouros com inseticidas, venenos contra ratos, ratoeiras, tintas à prova de ferrugem e arames contra ladrões, mesmo assim eles se desintegram na inflação ou na desvalorização ou nos colapsos econômicos. Mesmo que uma parte permaneça através desta vida, nada podemos levar conosco para a outra. Jó estava certo: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei."[348]

Mas o "tesouro no céu" é incorruptível. Que tesouro é esse? Jesus não explica. Mas podemos dizer com toda certeza que "ajuntar tesouros no céu" é fazer na terra alguma coisa cujos efeitos durem pela eternidade. Jesus não estava, certamente, ensinando uma doutrina de méritos ou um "tesouro de méritos" (como a Igreja Católica medieval ensinava), como se pudéssemos acumular no céu, através de boas obras praticadas na terra, uma espécie de crédito bancário do qual nós e outros pudéssemos sacar, pois tal noção grotesca contradiz o Evangelho da graça que Jesus e seus apóstolos ensinaram coerentemente. E, de qualquer modo, Jesus estava falando a discípulos que já tinham recebido a salvação de Deus. Parece, antes, referir-se a coisas tais como: o desenvolvimento de um caráter semelhante ao de Cristo (uma vez que todos nós podemos levá-lo conosco para o céu); o aumento da fé, da esperança e da caridade, pois todas elas, segundo Paulo, "permanecem";[349] o crescimento no conhecimento de Cristo, o qual um dia veremos face a face; a tarefa ativa, por meio da oração e do testemunho, de apresentar outros a Cristo, para que também possam herdar a vida eterna; e o uso de nosso dinheiro nas causas cristãs, que é o único investimento financeiro cujos dividendos são eternos.

Todas estas atividades são temporais com conseqüências eternas. Este seria, então, "o tesouro no céu". Nenhum ladrão pode roubá-lo, e nenhuma praga pode destruí-lo, pois não há traças, nem ratos, nem assaltantes no céu. Portanto, o tesouro no céu é seguro. Medidas de precaução para protegê-lo são desnecessárias. Não precisa de apólices de seguro. É indestrutível. Portanto, parece que Jesus está nos dizendo: "É um investimento seguro para vocês; nada poderia ser mais seguro do que isto. E a única apólice de seguro que jamais perde o seu valor."

2. A questão da visão (vs. 22, 23)

São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; [23]se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!

Jesus passa da comparativa durabilidade dos dois tesouros para o benefício relativo de duas condições. O contraste agora é entre uma pessoa cega e uma pessoa que tem visão, e, conseqüentemente, entre as trevas e a luz em que elas respectivamente vivem. *São os olhos a lâmpada do corpo.* Não é literal, naturalmente, como se fossem uma espécie de janela deixando a luz entrar no corpo; mas é uma figura de linguagem facilmente inteligível. Quase tudo que o corpo faz depende de nossa capacidade de ver. Precisamos ver para correr, para pular, para dirigir um carro, para atravessar uma rua, para cozinhar, para bordar, para pintar. O

[345] ITm 4:3,4; 6:17.
[346] Lc 12:15.
[347] p. 166.
[348] Jó 1:21.
[349] 1 Co 13:13.

olho, pelo que é, "ilumina" o que o corpo faz com as mãos e os pés. É verdade que os cegos conseguem enfrentar sua situação maravilhosamente bem, aprendendo a fazer uma porção de coisas sem os olhos, e desenvolvendo suas demais faculdades para compensar a falta de visão. Mas o princípio continua: quem vê anda na luz, enquanto que o cego permanece nas trevas. E a grande diferença entre a luz e as trevas do corpo deve-se a esse pequenino mas complicado órgão, o olho. *Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas.* Na cegueira total, as trevas são completas.

Tudo isto é uma descrição de fatos. Mas também é uma metáfora. Com bastante freqüência, o "olho" nas Escrituras é equivalente ao "coração". Isto é, "colocar o coração" e "fixar os olhos" em alguma coisa são sinônimos. Um exemplo será suficiente, no Salmo 119. No versículo 10 o salmista escreve: "De todo o coração te busquei; não me deixes fugir aos teus mandamentos" e, no versículo 18: "Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei." Semelhantemente, aqui no Sermão do Monte, Jesus passa da importância de se ter o *coração* no lugar certo (v. 21) para a importância de se ter os *olhos* bons e sadios.

A argumentação parece ser esta: exatamente como nossos olhos afetam todo o nosso corpo, a nossa ambição (onde fixamos nossos olhos e nosso coração) afeta toda a nossa vida. Exatamente como o olho que vê dá luz ao corpo, uma ambição nobre e sincera de servir a Deus e aos homens aumenta o significado da vida e lança luz sobre tudo que fazemos. Repito: exatamente como a cegueira leva às trevas, uma ambição ignóbil e egoísta (por exemplo, ajuntar tesouros para nós mesmos sobre a terra) faz-nos mergulhar nas trevas morais. Ficamos intolerantes, desumanos, grosseiros, despojando a vida de seu principal significado.

Tudo é uma questão de visão. Se temos visão física, podemos ver o que estamos fazendo e para onde vamos. Da mesma forma, se temos visão espiritual, se nossa perspectiva espiritual está devidamente ajustada, então nossa vida fica cheia de propósito e de incentivo. Mas se a nossa visão se torna anuviada pelos falsos deuses e pelo materialismo, e nós perdemos nosso senso de valores, então toda a nossa vida fica em trevas e não podemos ver para onde vamos. Talvez a ênfase esteja, com muito mais força do que já sugeri, na perda da visão causada pela ganância, porque, de acordo com o conceito bíblico, um "olho mau" é um espírito sovina, avarento, e um "olho bom" é o generoso. De qualquer forma, Jesus acrescenta novos motivos para ajuntarmos um tesouro no céu. O primeiro é a sua grande durabilidade; o segundo resulta dos benefícios atuais, aqui na terra, de uma visão assim.

3. A questão das riquezas (v. 24)

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

Jesus explica, agora, que além da escolha entre dois tesouros (onde vamos ajuntá-los) e entre duas visões (onde vamos fixar os nossos olhos) jaz uma escolha ainda mais básica: entre dois senhores (a quem vamos servir). É uma escolha entre Deus e Mamom: "Não podeis servir a Deus e a Mamom" (ERC); isto é, entre o próprio Criador vivo e qualquer objeto de nossa própria criação que chamamos de "dinheiro" ("Mamom" é uma transliteração da palavra aramaica para riqueza). Não podemos servir aos dois.

Algumas pessoas discordam destas palavras de Jesus. Recusam-se a ser confrontadas com uma escolha tão rígida e direta, e não vêem a necessidade dela. Asseguram-nos que é perfeitamente possível servir a dois senhores simultaneamente, por conseguirem fazer isso muito bem. Diversos arranjos e ajustes possíveis parecem-lhes atraentes. Ou eles servem a Deus aos domingos e a Mamom nos dias úteis, ou a Deus com os lábios e a Mamom com o coração, ou a Deus na aparência e a Mamom na realidade, ou a Deus com metade de suas vidas e a Mamom com a outra.

Pois é esta solução popular de comprometimento que Jesus declara ser impossível: *Ninguém pode servir a dois senhores . . . Não podeis servir a Deus e às riquezas* (observe o "pode" e o "não podeis"). Os pretensos conciliadores interpretam mal este ensinamento, pois se esquecem da figura de escravo e dono de escravo que se encontra por trás destas palavras. Como McNeile disse: "Pode-se trabalhar para dois empregadores, mas nenhum escravo pode ser propriedade de dois senhores",[350] pois "ter um só dono e prestar serviço de tempo integral são da essência da escravidão".[351] Portanto, qualquer pessoa que divide sua devoção entre Deus e Mamom já a concedeu a Mamom, uma vez que Deus só pode ser servido com devoção total e exclusiva. Isto simplesmente porque ele é Deus: "Eu sou o Senhor, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem."[352] Tentar dividir a nossa lealdade é optar pela idolatria.

E quando percebemos a profundidade da escolha entre o Criador e a criatura, entre o Deus pessoal

[350] p. 85.
[351] Tasker, p. 61.
[352] Is 42:8; 48:11.

glorioso e essa coisinha miserável chamada dinheiro, entre a adoração e a idolatria, parece inconcebível que alguém faça a escolha errada, pois agora ê uma questão não apenas de durabilidade e benefício comparativos, mas sim de valor comparativo: o valor intrínseco de um e a intrínseca falta de valor do outro.

4. A questão da ambição (vs. 25-34)

Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes? [26]Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não vaieis vós muito mais do que as aves? [27]Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um cavado ao curso da sua vida? [28]E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. [29]Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. [30]Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? [31]Portanto não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ou: Com que nos vestiremos? [32]porque os gentios é que procuram todas estas cousas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; [33]buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas. [132]Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

É uma pena que, nas igrejas, esta passagem seja freqüentemente lida isoladamente, fora do seu contexto. E, assim, o significado do *Por isso vos digo* introdutório perde-se completamente. Portanto, devemos começar relacionando este "por isso", com o ensinamento que levou Jesus a esta conclusão. Antes de nos convocar a agir, ele nos convoca a pensar. Convida-nos a examinar clara e friamente as alternativas que foram expostas, pesando-as cuidadosamente. Queremos acumular tesouros? Então, qual das duas possibilidades é mais durável? Queremos ser livres e objetivos em nossas atividades? Queremos servir ao melhor dos senhores? Então devemos considerar qual é o mais digno da nossa devoção. Apenas depois que tivermos assimilado em nossas mentes a durabilidade comparativa dos dois tesouros (o corruptível e o incorruptível) e o valor comparativo dos dois senhores (Deus e Mamom), estaremos prontos a fazer a escolha. E só depois que tivermos feito a nossa escolha — o tesouro celeste, a luz, Deus — estaremos preparados para ouvir as palavras que seguem: *Por isso vos digo* como deveis vos comportar: *Não andeis ansiosos pela vossa vida. . . nem pelo vosso corpo. . . buscai, pois, em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça* (vs. 25, 33). Em outras palavras, nossa escolha básica quanto a qual dos dois mestres desejamos servir afetará radicalmente nossa atitude para com ambos. Não ficaremos ansiosos sobre um deles, já que o rejeitamos, mas nos concentraremos, mente e energia, no outro, a quem escolhemos. E, ao invés de nos perdermos em nossas próprias preocupações, *buscaremos em primeiro lugar* aquilo que interessa a Deus.

A linguagem de Cristo sobre a busca (contrastando *os gentios* no que os seus discípulos devem *buscar em primeiro lugar;* vs. 32, 33) introduz-nos à questão da ambição. Jesus considerou que todos os seres humanos "buscam" alguma coisa. Não é natural que as pessoas fiquem à deriva, sem alvo na vida, como um plâncton. Precisamos de alguma coisa pela qual viver, algo que dê significado à nossa existência, alguma coisa para "buscar", alguma coisa sobre a qual colocar o nosso coração e a nossa mente. Embora poucos hoje em dia usem a linguagem dos antigos filósofos gregos, o que nós buscamos, de fato, é aquilo que eles chamavam de "o Bem Supremo", para lhe dedicarmos as nossas vidas. Provavelmente, "ambição" é o termo equivalente moderno. E verdade que, no dicionário, esta palavra significa "um forte desejo de alcançar o sucesso" e, portanto, de um modo geral, a sua imagem é ruim, pois tem um sabor egoísta. É neste sentido que Shakespeare, em sua peça "Henrique VIII", faz este apelo a Thomas Cromwell: "Cromwell, eu te desafio, põe de lado a ambição. Por causa desse pecado caíram anjos . . ." Mas a "ambição" pode igualmente referir-se a fortes desejos, altruístas em lugar de egoístas, piedosos ao invés de mundanos. Resumindo, é possível ter "ambições para Deus". A ambição refere-se aos alvos de nossa vida e ao incentivo que temos de atingi-los. A ambição de uma pessoa é aquilo que a impele: revela a mola principal de suas ações, suas mais secretas motivações. Isto, então, é o que Jesus estava dizendo ao definir, na contracultura cristã, o que devemos buscar "em primeiro lugar".

Novamente, nosso Senhor simplifica o assunto para nós, reduzindo em apenas duas as alternativas possíveis de alvos na vida.

Nesta seção, ele as confronta uma com a outra, insistindo com os seus discípulos que não se preocupem com a própria segurança (alimento, bebida e vestimentas), pois essa é a obsessão dos "gentios", que não o conhecem; mas que se preocupem antes com o reino de Deus e com a justiça divina, bem como com a sua propagação e o seu triunfo no mundo.

a. Ambição falsa ou secular: nossa própria segurança material A maior parte deste parágrafo é negativa. Três vezes Jesus repete a sua proibição *Não andeis ansiosos* (vs. 25, 31, 34), ou "Não fiquem aflitos".[353] E a preocupação que ele nos proíbe é quanto ao alimento, quanto à bebida e quanto à roupa: *Que comeremos? Que beberemos? Que vestiremos?* (v. 31). Mas esta é precisamente "a trindade dos cuidados do mundo":[354] *porque os gentios é que procuram todas estas cousas* (v. 32). Basta olhar para a propaganda na televisão, nos jornais e nos transportes públicos para vermos uma vivida ilustração moderna do que Jesus ensinou há cerca de dois mil anos atrás.

Há alguns anos recebi um exemplar gratuito de *Accent*, uma nova revista, muito bem apresentada, cujo sub-título é "A Boa Vida em Foco" (Accent on Good Living). Continha atraentes anúncios de champanha, cigarros, alimentos, roupas, antigüidades e tapetes, junto com a descrição de um fim-de-semana para compras esotéricas em Roma. Havia artigos sobre como possuir um computador na cozinha; como ganhar uma viagem de luxo por mar ou, em lugar disso, cem dúzias de uísque escocês; e como quinze milhões de mulheres não podem estar erradas na escolha de cosméticos. Prometia, então, no exemplar do mês seguinte, artigos sedutores sobre férias no Caribe, roupa de cama aconchegante, roupa íntima elegante para o frio, e as delícias da carne de veado e de tâmaras importadas. Do começo ao fim preocupava-se com o bem-estar do corpo e como alimentá-lo, vesti-lo, aquecê-lo, refrescá-lo, relaxá-lo, entretê-lo, enfeitá-lo e estimulá-lo.

Por favor, não me entendam mal. Jesus Cristo não negou nem desprezou as necessidades do corpo. Para se dizer a verdade, foi ele que o criou, e dele ele cuida. E acabou de nos ensinar a orar: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje". O que, então, ele está a dizer? Está enfatizando que ficar absorto pelo conforto material é uma falsa preocupação. De um lado, não é produtivo (exceto pelas úlceras e pelas preocupações novas que surgem); por outro, não é necessário (porque "vosso Pai celeste sabe que necessitais . . .", vs. 8 e 32); mas especialmente porque não vale a pena. Indica uma falsa visão dos seres humanos (como se fossem apenas corpos precisando de alimento, água, roupas e casa) e da vida humana (como se fosse apenas um mecanismo fisiológico precisando de proteção, lubrificação e combustível). Uma preocupação exclusiva com alimento, bebida e roupas poderia se justificar apenas se a sobrevivência física fosse tudo nesta vida. Se vivêssemos apenas para viver, então, sim, o sustento do nosso corpo seria a nossa principal preocupação. Por isso entende-se que, em condições críticas de fome, a luta pela sobrevivência tenha precedência sobre outras coisas. Mas fazê-lo em circunstâncias comuns expressa um conceito reducionista do homem, que é totalmente inaceitável. Degrada-o ao nível dos animais, das aves e das plantas. Mas a grande maioria dos anúncios de hoje é dirigida para o corpo: roupa íntima visando torná-lo mais atraente, desodorantes para mantê-lo perfumado, bebidas alcoólicas para animá-lo quando está cansado . . . Esta preocupação provoca as seguintes perguntas: o bem-estar físico é um objetivo válido para lhe devotarmos nossas vidas? Não tem a vida humana mais significado do que isto? *Os gentios é que procuram todas estas comas.* Que procurem! Mas, quanto a vocês, meus discípulos, Jesus dá a entender, essas coisas são um alvo absolutamente sem valor, pois não constituem o "Supremo Bem" da vida.

Agora precisamos esclarecer o que Jesus está proibindo, e que motivos ele dá para essa proibição. Primeiro, não está proibindo o pensamento. Pelo contrário, está estimulando-o quando prossegue ordenando-nos a olhar para as aves e flores e "considerar" como Deus cuida delas. Segundo, não está proibindo a previdência. Já mencionei como a Bíblia aprova a formiga. Também os passarinhos, os quais Jesus elogiou, fazem provisão para o futuro, construindo ninhos, botando e chocando ovos, e alimentando os filhotes. Muitos migram para climas mais quentes antes do inverno (o que é um exemplo notável de previdência, embora instintiva), e alguns até armazenam alimento, como os picanços, que formam a sua própria despensa espetando insetos sobre espinhos. Portanto, não encontramos aqui nada que impeça os cristãos de fazer planos para o futuro ou de dar passos sensatos para a sua realização. O que Jesus proíbe não é o raciocínio nem a previdência, mas a preocupação ansiosa. Este ê o significado da ordem *më merimnate.* É a palavra que foi usada em relação a Marta, que estava "distraída" com o serviço da casa; e também em relação à boa semente lançada entre os espinhos, abafada pelos "cuidados" da vida; e ainda foi usada por Paulo na injunção: "Não andeis ansiosos de cousa alguma".[355] É como o Rev. Ryle expressou: "A provisão prudente para o futuro é boa; a fadiga, o desgaste, a ansiedade que atormenta são ruins."[356]

Por que são ruins? Jesus replica, argumentando que esse tipo de preocupação obsessiva é incompatível, tanto com a fé cristã (vs. 25-30) como com o bom senso (v. 34); mas se detém mais no primeiro ponto.

1. *A preocupação é incompatível com a fé cristã (vs. 25-30).* No versículo 30 Jesus atinge aqueles que ficam

[353] NIV
[354] Spurgeon, p. 39.
[355] Lc 10:40; 8:14; Fp 4:6.
[356] p. 59.

ansiosos por causa de roupa e de comida, chamando-os de "homens de pequena fé". Os motivos que ele apresenta, pelos quais deveríamos confiar em Deus em lugar de ficar ansiosos, são ambos argumentos *a fortiori* ("quanto mais"). Um foi extraído da experiência humana e argumenta partindo do maior para o menor; o outro vem da experiência sub-humana (aves e flores) e argumenta do menor para o maior.

Nossa experiência humana é a seguinte: Deus criou e agora sustenta a nossa vida; ele também criou e continua sustentando o nosso corpo. Este é um fato da experiência diária. Nós não nos fizemos, nem nos mantemos vivos. A nossa "vida" (pela qual Deus é o responsável) é obviamente mais importante do que o alimento e a bebida que nos nutrem. Semelhantemente, o nosso "corpo" (pelo qual Deus também ê responsável) é mais importante do que a roupa que o cobre e aquece. Pois bem, se Deus já cuida do maior (nossa vida e nosso corpo), não podemos confiar nele para cuidar do menor (nosso alimento e nossa roupa)? A lógica é inevitável e, no versículo 27, Jesus a reforça com a pergunta: *Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?* Não está claro se a última palavra dessa pergunta *(kêlikia)* deveria ser traduzida por "curso da sua vida" (ERAB) ou "estatura" (ERC); pode significar as duas coisas. Acrescentar meio metro à nossa estatura seria um feito realmente notável, embora Deus o faça a todos nós entre a nossa infância e a idade adulta. Acrescentar um período de tempo ao curso de nossa vida também está fora de nosso alcance; um ser humano não pode consegui-lo sozinho. Na verdade, ao invés de alongar a vida, a preocupação "pode muito bem encurtá-la",[357] como todos sabemos. Por. isso, exatamente como deixamos essas coisas aos cuidados de Deus (pois certamente estão fora do nosso alcance), não seria sensato confiar nele para as coisas de menor importância, como o alimento e a roupa?

A seguir Jesus volta-se para o mundo sub-humano e argumenta de outra maneira. Ele usa as aves como ilustração do cuidado divino em alimentar (v. 26) e as flores para ilustrar o seu cuidado no vestir (vs. 28-30). Em ambos os casos, ele nos manda "olhar" ou "considerar", isto é, pensar sobre os fatos do cuidado providencial de Deus nesses dois casos. Alguns leitores sabem que eu mesmo tenho sido, desde a minha meninice, um entusiástico observador de pássaros. Sei, naturalmente, que essa atividade é considerada por alguns como um passatempo bastante excêntrico; olham-me com divertimento e condescendência. Mas declaro que tenho apoio bíblico para esta atividade. "Observai as aves do céu", disse Jesus! Na verdade, o assunto ê sério, pois o verbo grego nesta ordem de Jesus *(emblepsate eis)* significa "fixe os olhos em (algo), para enxergar bem".[358] Quando nos interessamos pelas aves e pelas flores (e devemos, tal como o nosso Mestre, estar conscientes do mundo natural que nos cerca, sendo gratos por ele), ficamos sabendo que os pássaros *não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros*, mas mesmo assim *vosso Pai celeste os sustenta*, e que *os lírios do campo* (anemonas, papoulas, íris e gladíolos, todos têm sido sugeridos como alternativas para os lírios, embora a referência seja generalizada a todas as lindas flores da primavera na Galiléia) . . . *não trabalham nem fiam*, mas o nosso Pai celeste *veste assim* a todas, ainda mais suntuosamente que *Salomão, em toda a sua glória.* Sendo assim, não podemos confiar nele para nos alimentar e nos vestir, já que temos muito mais valor do que as aves e as flores? Pois ele não veste até a erva do campo, *que hoje existe e amanhã é lançada no forno?*

"Vejam", escreve Martinho Lutero com muita beleza, "ele está fazendo das aves nossos professores e mestres. E uma grande e permanente vergonha para nós o fato de, no Evangelho, um frágil pardal se tornar teólogo e pregador para o mais sábio dentre os homens . . . Portanto, sempre que você ouvir a voz de um rouxinol, está ouvindo um excelente pregador . . . É como se ele estivesse dizendo: 'Eu prefiro estar na cozinha do Senhor. Ele fez o céu e a terra, e ele mesmo é o cozinheiro e o anfitrião. Todos os dias ele aumenta e nutre inúmeros passarinhos em sua mão'."[359] Semelhantemente, desta vez citando Spurgeon: "Maravilhosos lírios, como vocês reprovam o nosso tolo nervosismo!" [360]

Não nos tocam estas singelas rimas?
Disse a rolinha ao pardal:
"Gostaria de saber Por que os homens, ansiosos,
Nunca param de correr!"
Respondeu o pardalzinho: "Minha amiga, eu penso assim:
Não sabem que o Pai celeste Cuida de ti e de mim!"

É uma figura encantadora, mas não um reflexo estritamente exato do ensinamento de Jesus, pois ele não disse que as aves têm um Pai celeste, mas sim que nós o temos, e que, se o Criador cuida de suas criaturas, podemos ter certeza de que o Pai também cuidará dos seus filhos.

---

[357] Tasker,p.62.
[358] Bruce, p. 125.
[359] pp. 197ss.
[360] p.39.

2. *Problemas relacionados com a fé cristã.* Preciso, a esta altura, fazer uma digressão para comentar três problemas relacionados com a fé cristã que, segundo Jesus, deve ser como a de uma criança. Todos os três são problemas grandes e só podem ser abordados de leve mas, considerando que eles surgem em nossas mentes por causa da promessa básica de nosso Senhor (de que o Pai celeste vai alimentar-nos e vestir-nos) seria errado fugir deles. Vou especificá-los negativamente, em termos de três liberdades que a fé *não* toma à luz da promessa de Deus, ou de três imunidades que a sua promessa *não* nos dá.

Primeiro, *os crentes não estão isentos de ganhar a sua própria vida.* Não podemos ficar sentados numa poltrona, girando os polegares, murmurando "meu Pai celestial provera", sem fazer nada. Temos de trabalhar. Como Paulo disse mais tarde: "Se alguém não quer trabalhar, também não coma."[361] Com sua simplicidade característica, Lutero escreve: "Deus . . . não tem nada a ver com os preguiçosos, com os glutões displicentes; eles agem como se apenas devessem ficar sentados à espera de que Deus lhes atire na boca um ganso assado."[362]

Jesus usou as aves e as flores como evidências da capacidade de Deus para nos alimentar e vestir, conforme vimos. Mas como Deus alimenta as aves? Poderíamos responder que ele não o faz, pois elas se alimentam sozinhas! Jesus era um observador meticuloso. Ele sabia perfeitamente bem quais são os hábitos alimentares dos pássaros; sabia que alguns comem sementes, outros comem cadáveres e outros comem peixes, enquanto que outros ainda são insetívoros, predadores ou lixeiros. Deus os alimenta a todos. Mas o modo como o faz não é estendendo-lhes uma mão divina cheia de comida, mas providenciando na natureza os recursos para que eles se alimentem. Pode-se dizer o mesmo das plantas. "As flores não fazem o trabalho dos homens no campo ('não trabalham'), nem o trabalho das mulheres em casa ('não fiam')",[363] mas Deus as veste. Como? Não milagrosamente, mas através de um processo complexo que arranjou, em que elas extraem do sol e do solo o seu sustento.

O mesmo acontece com os seres humanos. Deus supre, mas nós temos de cooperar. Hudson Taylor aprendeu esta lição em sua primeira viagem à China, em 1853. Quando uma tempestade violenta na costa gaulesa ameaçou o navio, ele achou que seria desonrar a Deus usar um salva-vidas. Por isso, desfez-se do seu. Mais tarde, entretanto, percebeu o seu erro: "O uso de meios não diminui a nossa fé em Deus, e a nossa fé em Deus não impede que usemos quaisquer meios que ele tenha fornecido para a realização dos seus propósitos".[364]

Semelhantemente, Deus não coloca todos os seus filhos na situação do profeta Elias, nem lhes dá alimento milagrosamente por meio de anjos ou corvos mas, antes, através de meios mais naturais: fazendeiros, moleiros, granjeiros, peixeiros, açougueiros, merceeiros e outros. Jesus insiste conosco sobre a necessidade de uma confiança despretenciosa em nosso Pai celeste, mas ele sabe que a fé não é ingênua (ignorante das causas secundárias) nem arcaica (incompatível com a ciência moderna). Segundo, *os crentes não estão isentos da responsabilidade para com os outros.* Digo isso em relação ao segundo problema, que é mais de providência do que de ciência. Se Deus promete alimentar e vestir os seus filhos, por que há tanta gente sub-nutrida e mal vestida? Eu não poderia dizer levianamente que Deus cuida só dos seus próprios filhos, e que os pobres que têm falta de alimento e roupa adequada são todos incrédulos que estão fora do seu círculo familiar, pois certamente há pessoas cristãs em algumas regiões atacadas pela seca e pela fome, as quais passam toda espécie de necessidades. Não me parece haver uma solução simples para este problema. Mas é preciso destacar um ponto importante, isto é, que a principal causa da fome não é a falta da provisão divina, mas uma injusta distribuição por parte do homem. A verdade é que Deus forneceu recursos amplos na terra e no mar. A terra produz plantas que dão sementes e árvores que dão frutos. Os animais, as aves e os peixes que ele criou são frutíferos e multiplicam-se. Mas o homem açambarca, desperdiça ou estraga esses recursos, e não os distribui. Parece significativo que, no próprio Evangelho de Mateus, o mesmo Jesus que aqui afirma que nosso Pai aumenta e veste os seus filhos, mais tarde diz que *nós* mesmos devemos alimentar os famintos e vestir os nus, e que seremos julgados de acordo com isso. Sempre é importante permitir que as Escrituras interpretem as Escrituras. O fato de Deus alimentar e vestir os seus filhos não nos isenta da responsabilidade de sermos seus agentes para isso. Terceiro, *os crentes hão estão isentos das dificuldades.* É verdade que Jesus proíbe que o seu povo se preocupe. Mas estar livre de *preocupações* e estar livre de *dificuldades* não é a mesma coisa. Cristo nos manda deixar de lado a ansiedade, mas não promete que seremos imunes a todos os infortúnios. Pelo contrário, há em seus ensinamentos muitas indicações de que ele sabia o que era a calamidade. Assim, embora Deus *vista a erva do campo,* não impede que ela seja cortada e queimada. Deus protege até mesmo os pardais, que são tão comuns e de um valor tão mínimo que se vendem

---

[361] 2Ts3:10.
[362] p.21.
[363] McNeile, p. 88.
[364] *The Man Who Believed God,* Marshall Broomhall (China Inland Mission, 1929), p. 53.

dois por um cruzeiro e cinco por dois cruzeiros, indo mais um de quebra. "Nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai",[365] disse Jesus. Mas os pardais caem ao chão e são mortos. Sua promessa não foi que eles não cairiam, mas que isto não aconteceria sem o conhecimento e consentimento de Deus. As pessoas também caem, e os aviões, também. As palavras de Cristo não podem ser tomadas como uma promessa de que a lei da gravidade será revogada em nosso benefício, mas sim que Deus sabe a respeito dos acidentes e que ele os permite. Mais ainda, é significativo que, no final deste parágrafo, o motivo por que Jesus diz que não devemos ficar *inquietos com o dia de amanhã* é o seguinte: *basta ao dia o seu próprio mal* (v. 34). Portanto, haverá "cuidados" *(kakia,* "males"). A libertação que um cristão tem da ansiedade não se deve a alguma garantia de ausência de cuidados, mas por ser a preocupação (que examinaremos mais tarde) uma insensatez, e especialmente pela confiança que temos de que Deus é nosso Pai, que até mesmo a permissão para o sofrimento está dentro da órbita do seu cuidado,[366] e que "todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito".[367]

Esta foi a certeza que fortaleceu o Dr. Helmut Thielicke, ao pregar uma série de sermões sobre o Sermão do Monte na Igreja de São Marcos, em Stuttgart, durante aqueles terríveis anos (1946-1948) imediatamente após a segunda guerra mundial. Freqüentemente aludia ao sonido das sirenes antiaéreas que durante a guerra alertavam o povo de ainda mais devastações e mortes provocadas pelas bombas dos aliados. O que a libertação da ansiedade poderia significar em tais circunstâncias? "Conhecemos a visão e o barulho das casas desmoronando em chamas . . . Nossos próprios olhos viram as chamas rubras e nossos próprios ouvidos ouviram os estrondos, os desmoronamentos e os gritos." Em tal cenário, ordenar que olhassem para as aves e os lírios poderia parecer muito falso. "Não obstante", o Dr. Thielicke prosseguiu, "acho que devemos parar e ouvir quando *este* homem, cuja vida na terra teve muito pouco de 'passarinhos e flores', aponta-nos para a despreocupação deles. Será que as tenebrosas sombras da cruz já não se espalhavam sobre esta hora em que ele pregou o Sermão do Monte?".[368] Em outras palavras, é razoável confiar no amor de nosso Pai celeste, até mesmo nos momentos de dificuldades cruéis, porque temos o privilégio de ver esta revelação em Cristo e na sua cruz.

Portanto, os filhos de Deus não têm a promessa de que ficarão livres do trabalho, nem da responsabilidade, nem das dificuldades, mas apenas da preocupação. Esta, sim, nos é proibida: é incompatível com a fé cristã.

3. *A preocupação é incompatível com o bom senso (v. 34).* Retornando de nossa digressão sobre os problemas da fé, temos agora de destacar que a preocupação é tão incoerente com o bom senso quanto o é com a fé cristã. No versículo 34, Jesus menciona o *hoje* e o *amanhã.* Toda a preocupação é sobre o *amanhã,* quer seja relacionada com a roupa ou o alimento ou qualquer outra coisa; mas toda a preocupação é experimentada *hoje.* Sempre que ficamos ansiosos, ficamos preocupados no momento presente sobre alguma coisa que vai acontecer no futuro. Entretanto, esses temores sobre o *amanhã,* que sentimos com tanta força *hoje,* talvez não se concretizem. O conselho popular "não se preocupe, talvez não aconteça nunca", sem dúvida não é nada simpático, mas perfeitamente verdadeiro. As pessoas se preocupam com os exames, ou com um emprego, ou com o casamento, ou com a saúde, ou com algum empreendimento . . . Mas tudo isso é fantasia. "Os temores podem ser mentirosos"; e geralmente o são. Muitas preocupações, talvez a maioria delas, jamais acontecerão.

Portanto, a preocupação é uma perda de tempo, de pensamentos e de energia nervosa. Precisamos aprender a viver um dia de cada vez. Devemos, naturalmente, planejar o futuro, mas não nos preocupar com ele. "Vivam um dia de cada vez",[369] ou "Bastam a cada dia suas próprias dificuldades".[370] Portanto, por que antecipá-las? Se o fizermos, nós as multiplicaremos, pois, se nossos temores não se concretizarem, teremos nos preocupado em vão; no caso de se concretizarem, estaremos nos preocupando duas vezes em vez de uma. De qualquer forma é tolice: a preocupação aumenta a nossa perturbação.

Chegou o momento de fazer uma síntese do que Jesus disse sobre as falsas ambições do mundo. Preocupar-se com coisas materiais, de modo que elas monopolizem a nossa atenção, absorvam a nossa energia e nos atormentem com ansiedade é incompatível com a fé cristã e com o bom senso. É falta de con-

---

[365] Mt 10:29; cf. 12:6.

[366] cf.Jó 2:10.
[367] Rm8:28.
[368] pp. 124,134.
[369] NTV.
[370] BLH.

fiança em nosso Pai celeste e, francamente, uma estupidez. É isto que os pagãos fazem; mas é totalmente impróprio e indigno para os cristãos. Portanto, assim como Jesus já nos convocou no Sermão para uma justiça maior, para um amor mais amplo e para uma piedade mais profunda, agora ele nos convoca para uma ambição mais alta.

b. Ambição verdadeira ou cristã: o reino e a justiça de Deus. É importante examinar os versículos 31, 32 e 33 juntos. O versículo 31 repete a proibição contra a ansiedade pelo alimento, pela bebida e pela roupa. O v. 32 acrescenta: *Os gentios é que procuram todas estas cousas.* Isto mostra que, no vocabulário de Jesus, "procurar" e "ficar ansioso" são intercambiáveis. Ele não está falando tanto de ansiedade, mas de ambição. A ambição dos pagãos está focalizada nas necessidades materiais. Mas isto não pode acontecer com os cristãos, em parte porque *vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas*, mas, principalmente, porque estas coisas não constituem objetivo apropriado ou digno da busca do cristão. Ele deve ter algo diferente, algo mais elevado, como o Bem Supremo, para procurar com toda a energia; não coisas materiais, mas valores espirituais; não o seu próprio bem, mas o de Deus; não alimento e roupa, mas o reino e a justiça de Deus. Isto nada mais é do que a contituidade dos ensinamentos implícitos na oração do Pai-Nosso. De acordo com isso, os cristãos devem reconhecer as necessidades do corpo ("o pão nosso de cada dia dá-nos hoje"), embora nossa preocupação prioritária seja com o nome, com o reino e com a vontade de Deus. Não podemos orar o Pai-Nosso até que nossas ambições sejam purificadas. Jesus nos diz para "buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça"; na oração do Pai-Nosso, transformamos esta busca suprema em oração.

1. *Buscar primeiro o reino de Deus.* Quando Jesus falou do reino de Deus, não se referia à soberania geral de Deus sobre a natureza e a História, mas àquele governo específico sobre o seu próprio povo, o qual ele mesmo inaugurou e que começa na vida de qualquer pessoa quando ela se humilha, se arrepende, crê, submete-se a ele e nasce de novo. O reino de Deus é Jesus Cristo governando o seu povo, com exigências e bênçãos, que desconhecem meios-termos. "Buscar primeiro" este reino é desejar, como coisa de primordial importância, a propagação do reino de Jesus Cristo. Tal desejo começará em nós mesmos, até que cada setor de nossa vida (lar, casamento e família, moralidade pessoal, vida profissional e ética comercial, saldo bancário, imposto de renda, estilo de vida, cidadania) seja submetido, prazeirosa e francamente, a Cristo. Esse desejo continuará, em nosso ambiente imediato, com a aceitação da responsabilidade evangelística para com nossos parentes, colegas, vizinhos e amigos. E também atingirá a preocupação pelo testemunho missionário mundial da Igreja.

Temos, então, de ser claros sobre a verdadeira motivação missionária. Por que desejamos a propagação do Evangelho por todo o mundo? Não por causa de um imperalismo ou triunfalismo iníquo, quer para nós mesmos, para a Igreja ou até mesmo para o "Cristianismo". Nem apenas porque a evangelização faz parte de nossa obediência cristã (embora o faça). Nem primariamente para tornar outras pessoas felizes (embora isso aconteça). Mas especialmente porque a glória de Deus e do seu Cristo estão em jogo. Deus é Rei, inaugurou seu reino de salvação através de Cristo, e tem o direito de governar a vida de suas criaturas. Nossa ambição, então, é buscar primeiro o seu reino, acalentar o desejo ardente de que o seu nome receba dos homens a honra a que tem direito.

Conceder prioridade aos interesses do reino de Deus aqui e agora não é perder de vista o seu alvo além da História, pois a presente manifestação do reino é apenas parcial. Jesus falou também de um reino futuro de glória e nos disse que orássemos por sua vinda. Portanto, "buscar primeiro o reino" inclui o desejo e a oração por sua consumação no fim dos tempos, quando todos os inimigos do Reino forem colocados sob os seus pés e o seu reino for incontestável.

2. Buscar primeiro a justiça de Deus. Não ficou claro por que Jesus fez distinção entre o *seu reino* e a *sua justiça,* como idéias gêmeas, mas de objetivos separados, em nossa prioritária busca cristã. Porque o reino de Deus é um reino justo e, já no Sermão do Monte, Jesus nos ensinou a termos fome e sede de justiça, a estarmos prontos a ser perseguidos por causa dele e a evidenciarmos uma justiça maior do que a dos escribas e fariseus. Agora ele nos manda *buscar primeiro* a justiça de Deus, além de buscar primeiro o reino de Deus.

Vou fazer uma tentativa de explicar a diferença entre os dois. O reino de Deus existe apenas onde Jesus Cristo é conscientemente reconhecido. Estar no seu reino é sinônimo de desfrutar da sua salvação. Apenas os que nasceram de novo viram e entraram no seu reino. E buscá-lo em primeiro lugar é propagar as boas novas da salvação em Cristo.

Mas a *justiça* de Deus é (pelo menos argumentavelmente) um conceito mais amplo do que o *reino* de Deus. Inclui aquela justiça individual e social à qual se fez referência anteriormente no Sermão. E Deus, sendo ele mesmo um Deus justo, deseja a justiça em cada comunidade humana, não apenas em cada comu-

nidade cristã. Os profetas hebreus condenaram a injustiça não só em Israel e Judá, mas também entre as nações pagãs à volta. O profeta Amos, por exemplo, advertiu que o juízo de Deus cairia sobre a Síria, Filistia, Tiro, Edom, Amom e Moabe por causa de sua crueldade na guerra e outras atrocidades, como também cairia sobre o povo de Deus. Deus odeia a injustiça e ama a justiça em qualquer lugar. O Pacto de Lausanne, estruturado no Congresso sobre Evangelização do Mundo, em julho de 1974, inclui um parágrafo sobre a "responsabilidade social cristã", que começa assim: "Afirmamos que Deus é o Criador e Juiz de todos os homens. Portanto, partilhamos de sua preocupação com a justiça e com a reconciliação de toda a sociedade humana."

Um dos propósitos de Deus para a sua comunidade nova e redimida é que, através dela, a sua justiça se faça agradável (na vida pessoal, familiar, comercial, nacional e internacional), e por isso a recomenda a todos os homens. Então as pessoas que estão fora do reino de Deus vão vê-la e desejá-la, e a justiça do reino de Deus transbordará, por assim dizer, sobre o mundo dos não-cristãos. Naturalmente a profunda justiça do coração, que Jesus enfatizou no Sermão, é impossível, a não ser nos que foram regenerados; mas certa porção de justiça é possível na sociedade não-regenerada: na vida pessoal, nos padrões familiares e na decência pública. Mas o cristão deseja ir muito além disso e ver as pessoas literalmente trazidas para dentro do reino de Deus através da fé em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, não deveríamos nos envergonhar de declarar que, fora do círculo do reino, Deus também prefere a justiça à injustiça, a liberdade à opressão, o amor ao ódio, a paz à guerra.

Se é assim (e não vejo como isso poderia ser contestado), então *buscar primeiro o seu reino e a sua justiça* pode-se dizer que abrange nossas responsabilidades cristãs evangelísticas e sociais, tanto quanto as metáforas do "sal" e da "luz" de Mateus 5. A fim de buscar primeiro o reino de Deus temos de evangelizar, uma vez que o reino só se propaga quando o evangelho de Cristo é pregado, ouvido, crido e obedecido. A fim de buscar primeiro a justiça de Deus, temos também de evangelizar (pois a justiça interior do coração torna-se impossível de outro modo), mas também temos de nos envolver em atividades e empreendimentos sociais para propagar por toda a comunidade aqueles padrões mais elevados de justiça que são agradáveis a Deus.

Qual é, então, a nossa ambição cristã? Todos nós somos ambiciosos de ser ou fazer alguma coisa, geralmente desde os mais tenros anos. As ambições da infância tendem a seguir certos protótipos; por exemplo: ser cowboy, astronauta ou bailarina. Os adultos também têm os seus próprios protótipos; por exemplo: ficar rico, famoso ou poderoso. Mas, em última análise, só há duas ambições possíveis para os seres humanos. Vimos até agora como Jesus comparou a verdadeira com a falsa ambição, a secular ("gentia") com a cristã, a material com a espiritual, os tesouros da terra com os tesouros do céu, o alimento e a roupa com o reino e a justiça de Deus. Mas, acima e além de tudo isso, fica um contraste ainda mais fundamental. No final, exatamente como há apenas dois tipos de piedade, a egocêntrica e a teocêntrica, também existem apenas dois tipos de ambição: podemos ser ambiciosos para nós mesmos ou para Deus. Não há uma terceira alternativa.

As ambições voltadas para o ego podem ser bastante modestas (o suficiente para comer, beber e vestir, como no Sermão) ou podem ser grandiosas (uma casa maior» um carro mais possante, um salário melhor, uma reputação mais influente, mais poder). Mas, modestas ou não, são ambições dirigidas a mim mesmo: *meu* conforto, *minha* riqueza, *meu* status, *meu* poder.

As ambições voltadas para Deus, entretanto, para serem dignas dele, nunca devem ser modestas. Há algo inerentemente impróprio em se ter pequenas ambições para Deus. Como poderíamos nos contentar em que ele adquira só mais um pouquinho de honra no mundo? Não. Quando percebemos que Deus é Rei, então desejamos vê-lo coroado de glória e honra, no lugar a que tem direito, que é o lugar supremo. Então tornamo-nos ambiciosos pela propagação do seu reino e da sua justiça por toda parte.

Quando isto constitui genuinamente a nossa ambição predominante, então não só *todas estas cousas vos serão acrescentadas* (isto é, nossas necessidades materiais serão supridas), como também não haverá mal algum em ter ambições secundárias, uma vez que estas serão subservientes à nossa ambição primária e não competirão com ela. Na verdade, só então é que as ambições secundárias tornam-se sadias. Os cristãos deveriam ser zelosos em desenvolver os seus talentos, alargar as suas oportunidades, estender a sua influência e receber promoções em seu trabalho, não mais para fomentar o seu próprio ego ou edificar o seu próprio império, mas sim para, através de tudo o que façam, glorificar a Deus. Ambições menores são sadias e corretas, contanto que não constituam um fim em si mesmas (isto é, em nós mesmos), mas sejam o meio de alcançar um fim maior (a propagação do reino e da justiça de Deus) e, portanto, o maior de todos, isto é, a glória de Deus. Este é o "Bem Supremo" que devemos *buscar primeiro;* não há outro.

Mateus 7:1-12
Os relacionamentos do cristão: com os seus irmãos e com o seu Pai

Mateus 7 consiste de um grupo de parágrafos aparentemente isolados. O elo existente entre eles não é óbvio. O capítulo como um todo também não segue o anterior numa seqüência explícita de pensamentos. Muitos comentaristas concluíram, portanto, que Mateus reuniu estes blocos de material que originalmente pertenciam a diferentes contextos e que ele talvez tenha feito o seu trabalho editorial um tanto desajeitadamente. Mas não é necessário chegar a tal conclusão. O fio de ligação que corre por todo o capítulo, embora de maneira solta, ê o dos relacionamentos. Poderia parecer bastante lógico que, tendo descrito o caráter, a influência, a justiça, a piedade e a ambição do cristão, Jesus se concentrasse finalmente nos seus relacionamentos, pois a contracultura cristã não é algo individualista, mas comunitário, e os relacionamentos dentro da comunidade e entre esta e os outros são de suma importância. Portanto, Mateus 7 nos dá um registro da rede de relacionamentos aos quais, como discípulos de Jesus, somos atraídos. Podem ser assim apresentados:

1. Para com o nosso irmão, em cujo olho percebemos um argueiro e a quem temos a responsabilidade de ajudar, não de julgar (vs. 1-5).
2. Para com um grupo espantosamente designado de "cães" e "porcos". São pessoas, é verdade, mas sua natureza animal é de tal espécie que somos instruídos a não partilhar o evangelho de Deus com elas (v. 6).
3. Para com o nosso Pai celeste, do qual nos aproximamos em oração, confiantes de que ele não nos dará nada menos que "boas coisas" (vs. 7-11).
4. Para com todos de maneira generalizada: a Regra Áurea deveria orientar a nossa atitude e o nosso comportamento para com eles (v. 12).
5. Para com os nossos companheiros de viagem nesta peregrinação pelo caminho estreito (vs. 13,14).
6. Para com os falsos profetas, que temos de reconhecer e dos quais devemos nos acautelar (vs. 15-20).
7. Para com Jesus, nosso Senhor, cujos ensinamentos temos de ouvir e obedecer (vs. 21-27).

1. Nossa atitude para com o nosso irmão (vs. 1-5)

Não julgueis, para que não sejais julgados. [2]Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também. [3]Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? [4]Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? [5]Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

Jesus não dá a entender que a comunidade cristã será perfeita. Pelo contrário, ele pressupõe que haverá contravenções e estas darão lugar a tensões, a problemas de relacionamento. Na prática, como deveria um cristão se comportar para com um companheiro que agiu mal? Será que Jesus tem alguma instrução sobre a disciplina dentro da sua comunidade? Sim, em tal situação ele proíbe duas alternativas e, então, aconselha a terceira, que é melhor, mais "cristã".

a. O cristão não deve ser juiz (vs. 1, 2)

As palavras de Jesus *Não julgueis para que não sejais julgados* são muito conhecidas, mas muito mal interpretadas. Para início de conversa, devemos rejeitar a crença de Tolstoy, o qual, com base neste versículo, achava que "Cristo proíbe totalmente a instituição de qualquer tribunal legal", e que ele "não poderia querer dizer qualquer outra coisa com essas palavras".[371] Mas a proibição de Jesus não pode absolutamente significar isso que Tolstoy tinha em mente, pois o contexto não se refere a juizes nos tribunais, mas sim à responsabilidade dos indivíduos uns para com os outros.

Além disso, a injunção de nosso Senhor para "não julgar" não pode ser entendida como uma ordem para suspendermos nossa faculdade crítica em relação a outras pessoas, ou fechar os olhos diante de suas faltas fingindo não percebê-las, ou nos abstermos de toda critica, recusando-nos a discernir entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal. Como podemos ter certeza de que Jesus não estava se referindo a estas coisas? Em parte, porque não seria honesto comportar-se assim, mas seria hipocrisia e sabemos, por esta e outras passagens, que ele ama a integridade e odeia a hipocrisia. Em parte, porque seria uma contradição da natureza do homem, o qual, criado à imagem de Deus, tem a capacidade de julgar valores. Em parte, também, porque muitos dos ensinamentos de Cristo no Sermão do Monte baseiam-se na pressuposição de que usaremos (e realmente deveríamos usar) o nosso poder de crítica. Por exemplo, repetidas vezes ouvimos a sua convocação a sermos diferentes do mundo que nos rodeia, desenvolvendo uma justiça que exceda a dos

[371] p.331.

fariseus, fazendo "mais do que os outros" no padrão de amor que adotamos, não sendo como os hipócritas em nossa piedade ou como os pagãos em nossa ambição. Mas como poderíamos obedecer a todos estes ensinamentos sem antes avaliar o comportamento dos outros e, então, nos assegurarmos de estar agindo de modo diferente, em um padrão mais elevado? Semelhantemente, em Mateus 7, esta mesma ordem de não "julgar" os outros é seguida quase imediatamente por duas outras ordens: evitar dar "o que é santo" aos cães, ou pérolas aos porcos (v. 6), e acautelar-se dos falsos profetas (v. 15). Seria impossível obedecer a estas ordens sem usar a nossa capacidade de julgamento, pois, para determinar o nosso comportamento em relação aos "cães", "porcos" e "falsos profetas", primeiro precisamos ter capacidade de reconhecê-los e, para isso, precisamos de algum discernimento.

Se, então, Jesus não estava abolindo os tribunais legais, nem proibindo a crítica, o que quis dizer com *não julgueis?* Com outras palavras: "não censurar". O discípulo de Jesus é um "crítico" no sentido de usar o seu poder de discernimento, mas não um "juiz" no sentido de censurar. A censura é um pecado composto, que consiste de diversos ingredientes desagradáveis. Não significa avaliar as pessoas com discernimento, mas condená-las severamente. O crítico que julga os outros é um descobridor de erros, num processo negativo e destrutivo para com as outras pessoas, e adora viver à procura de falhas nos outros. Imagina as piores intenções nas pessoas, joga água fria nos seus planos e é inexorável quanto aos erros delas.

Pior do que isso, censurar é assumir o papel de juiz, reivindicando assim a competência e a autoridade de fazer um julgamento de seu próximo. Mas, se eu o fizer, estarei colocando a mim e aos meus companheiros numa posição errada. Pois desde quando são eles meus servos, subordinados a mim? E desde quando sou eu seu senhor e juiz? Como Paulo escreveu aos Romanos, aplicando a verdade de Mateus 7:1 à sua situação: "Quem és tu que julgas o servo alheio? para o seu próprio senhor está de pé ou cai" (14:4). Paulo também aplicou a mesma verdade a si mesmo quando se encontrou rodeado de difamadores hostis: "Pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as cousas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações."[372] O ponto simples mas vital que Paulo está apresentando nestes versículos é que o homem não é Deus. Nenhum ser humano está qualificado a ser o juiz de outros seres humanos, pois não podemos ler os corações dos outros nem avaliar os seus motivos. Condenar é atrever-se a agir como se fosse o dia do juízo, usurpando a prerrogativa do divino Juiz; na verdade, é "brincar de Deus".

Não só não devemos julgar, como nos encontramos entre os julgados, e seremos julgados com muito maior severidade se nos atrevermos a julgar os outros. *Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.* A exposição dos princípios está clara. Se assumimos a posição de juizes, não podemos invocar a ignorância da lei que estamos reivindicando ser capazes de administrar aos outros.

Se gostamos de ocupar a cátedra, não devemos ficar surpresos ao nos encontrarmos no banco dos réus. Como Paulo explicou: "Portanto, és indesculpável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas; porque no julgar a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias cousas que condenas."[373]

Resumindo, a ordem de *não julgar* não é uma exigência para que sejamos cegos, mas antes uma exortação a sermos generosos. Jesus não nos diz que deixemos de ser homens (deixando de lado o poder crítico que nos distingue dos animais), mas que renunciemos à ambição presunçosa de sermos Deus, colocando-nos na posição de juizes.

b. O cristão não deve ser hipócrita (vs. 3, 4) Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? [4]Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?

Agora Jesus conta a sua pequena e famosa parábola sobre o "corpo estranho" nos olhos das pessoas, partículas de pó de um lado e traves ou toras de outro. James Moffatt chamou-os de "lasca" e "tábua". Primeiro, Jesus denunciou nossa hipocrisia para com Deus, isto é, a nossa prática de piedade diante dos homens para sermos vistos por eles. Agora, ele denuncia a nossa hipocrisia em relação aos outros, isto é, interferindo em seus pecadilhos, enquanto deixamos de resolver as nossas próprias faltas mais sérias. Eis aqui um outro motivo por que não temos capacidade para ser juizes: não apenas somos seres humanos falíveis (o que não ocorre com Deus) mas também somos seres humanos decaídos. Todos nós nos tornamos pecadores com a Queda. Portanto não estamos em posição de julgar outros pecadores iguais a nós; estamos desqualificados para a cátedra de juiz.

A figura de uma pessoa lutando na delicada operação de remover um cisco do olho de um amigo, enquanto uma imensa tábua em seu próprio olho impede totalmente a sua visão, é ridícula ao extremo. Mas,

---

[372] 1 Co 4:4,5.
[373] Rm2:l;cf.Tg3:l.

quando a caricatura ê transferida para nós mesmos e para a nossa atitude ridícula de ficar procurando os erros dos outros, nem sempre apreciamos a brincadeira. Temos uma tendência fatal de exagerar as faltas dos outros e diminuir a gravidade das nossas. Achamos impossível, quando nos comparamos com os outros, permanecer estritamente objetivos e imparciais. Pelo contrário, temos uma visão rósea de nós mesmos e uma deformada dos outros. Na verdade, o que geralmente acontece é que vemos nossas faltas nos outros e os julgamos vicariamente. Desse modo, experimentamos o prazer da justiça própria sem a dor do arrependimento. Portanto, *hipócrita* (v. 5) aqui é uma expressão chave. Pior ainda, esta espécie de hipocrisia é a mais desagradável porque, tendo até aparência de bondade (tirar um cisco do olho de alguém), transforma-se em um meio de inflar o nosso próprio ego. A condenação, escreve A. B. Bruce, é o "vício farisaico de exaltarmo-nos amesquinhando os outros, um modo muito baixo de obter superioridade moral".[374] A parábola do fariseu e do publicano foi o comentário de nosso Senhor sobre esta perversidade. Ele a contou "a alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros".[375] O fariseu fez uma comparação odiosa e incorreta, engrandecendo sua própria virtude e os erros do publicano.

O que nós deveríamos fazer é aplicar a nós mesmos um padrão pelo menos tão estrito e crítico como aquele que aplicamos aos outros. "Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados",[376] escreveu Paulo. Não só escaparíamos do julgamento divino, mas também estaríamos em condição de ajudar com humildade e amabilidade ao irmão que está em erro. Tendo removido antes a trave de nosso próprio olho, veríamos claramente como remover o cisco do olho dele.

c. O cristão deve antes ser um irmão (v. 5)

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.

Algumas pessoas supõem que, na parábola dos corpos estranhos, Jesus estivesse proibindo-nos de agir como oculistas morais e espirituais que interferem nos olhos dos outros, e dizendo-nos que tratássemos de nossa própria vida. Mas não é assim. O fato da condenação e da hipocrisia serem proibidas não nos isenta da responsabilidade de irmãos, uns para com os outros. Pelo contrário, Jesus mais tarde ensinaria que, se nosso irmão pecar contra nós, a nossa primeira obrigação (embora geralmente negligenciada) é de "argüi-lo entre ti e ele só".[377] A mesma obrigação é colocada sobre nós aqui. Na verdade, em determinadas circunstâncias, somos proibidos de interferir, isto é, quando há um corpo estranho muito maior em nosso próprio olho e não o tenhamos removido. Mas, em outras circunstâncias, Jesus realmente nos ordena que reprovemos e corrijamos nosso irmão. Depois de resolver o problema com o nosso próprio olho, podemos ver claramente e mexer no olho do outro. Uma sujeirinha no olho dele é chamada, afinal de contas e muito corretamente, de corpo "estranho". Não pertence ao olho. Sempre será estranho, geralmente doloroso e, às vezes, perigoso. Deixá-lo ali, sem nenhuma tentativa de remoção, dificilmente seria coerente com o nosso amor fraternal.

Nosso dever cristão, então, não é *ver o argueiro* no olho do nosso irmão, enquanto, ao mesmo tempo, *não reparamos na trave* (v. 3) no nosso próprio olho; e, muito menos, *dizer* ao nosso irmão: *"Deixa-me tirar o argueiro do teu olho"*, enquanto ainda não retiramos a trave de nosso próprio olho (v. 4); mas, antes, *tirar primeiro a trave* de nosso próprio olho, para que com a claridade de visão resultante possamos *tirar o argueiro* do olho de nosso irmão (v. 5). Novamente se evidencia que Jesus não está condenando a crítica propriamente dita mas, antes, a crítica desvinculada de uma concomitante autocrítica; não a correção propriamente dita mas, antes, corrigir os outros quando nós mesmos ainda não nos corrigimos.

O padrão de Jesus para os relacionamentos na contracultura cristã é alto e sadio. Em todas as nossas atitudes e no comportamento relativo a outras pessoas, nem devemos representar o juiz (severo, censurador e condenador), nem o hipócrita (que acusa os outros enquanto se justifica), mas o irmão, cuidando dos outros a ponto de primeiro acusar-nos e corrigir-nos para depois procurarmos ser construtivos na ajuda que lhes vamos dar. "Corrija-o", disse Crisóstomo, referindo-se a alguém que tinha pecado, "mas não como um inimigo, nem como um adversário que exige o cumprimento da pena, mas como um médico que fornece o remédio",[378] e, ainda mais, como um irmão amoroso e ansioso em salvar e restaurar. Precisamos ser tão críticos conosco como somos geralmente com os outros, e tão generosos com os outros como sempre somos conosco. Assim cumpriremos a Regra Áurea que Jesus nos dá no versículo 12 e agiremos em relação aos outros como gostaríamos que eles fizessem conosco.

2. Nossa atitude para com os "cães" e os "porcos" (v. 6)

---

[374] p. 128.
[375] Lc l8:9.
[376] 1 Co 11:31.
[377] Mt 18:15.
[378] p.345.

Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem.

À primeira vista, parece uma linguagem chocante nos lábios de Jesus, especialmente no Sermão do Monte, logo após o seu apelo ao comportamento fraternal construtivo. Mas Jesus sempre chamou o boi pelo nome! Sua franqueza levou-o a chamar Herodes Antipas de "a raposa" e os escribas e fariseus hipócritas de "sepulcros caiados" e "raça de víboras".[379] Aqui ele afirma que há certos seres humanos que agem como animais e podem, portanto, ser acertadamente chamados de "cães" e de "porcos".

O contexto fornece um equilíbrio sadio. Se não devemos julgar os outros, acusá-los e condená-los de maneira hipócrita, não devemos tampouco ignorar suas faltas, fingindo que todos são iguais. Os dois extremos devem ser evitados. Os santos não são juizes, mas também "os santos não são simplórios".[380] Se primeiro removermos a trave de nosso olho para, vendo claramente, podermos retirar o cisco do olho de nosso irmão, ele (se for realmente um irmão no Senhor) apreciará a nossa solicitude. Mas nem todos gostam de críticas e correção. De acordo com o livro de Provérbios, esta é uma das óbvias diferenças entre o homem sábio e o tolo: "Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará."[381]

Quem são, pois, estes "cães" e "porcos"? Dando-lhes tais nomes Jesus está indicando que, além de serem mais animais que humanos, são também animais com hábitos de sujeira. Os cães que ele tinha em mente não eram os bem comportados cachorrinhos de colo de uma casa elegante, mas os cães párias selvagens, vagabundos e vira-latas, que fuçavam no lixo da cidade. Os porcos eram animais imundos para os judeus, para não mencionar a inclinação que têm de viver na lama. O apóstolo Pedro referir-se-ia a eles mais tarde, reunindo dois provérbios em um só: "O cão voltou ao seu próprio vômito" e "a porca lavada voltou a' revolver-se no lamaçal".[382] A referência deve ser aos incrédulos, cuja natureza nunca foi renovada, que possuem vida física ou animal, mas nenhuma vida espiritual ou eterna. Lembremo-nos também de que os judeus chamavam os gentios de "cães".[383] Mas os cristãos certamente não consideram os que não são cristãos deste modo desdenhoso. Por isso, temos de penetrar mais profundamente no significado dado por Jesus.

Sua ordem é: *não deis aos cães* o *que é santo* e *nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas.* A figura é clara. Um judeu jamais daria alimento "santo" (talvez alimento que fora antes oferecido como sacrifício) a cães imundos. Nem jamais sonharia em jogar pérolas aos porcos. Estes não só eram animais impuros, mas também provavelmente confundiriam as pérolas com nozes ou ervilhas e tentariam comê-las e, então, descobrindo que não eram comestíveis, pisá-las-iam e até mesmo atacariam o doador. Mas se a figura da parábola é explícita, qual o significado? O que é a coisa "santa" e o que são as "pérolas"? Alguns dos pais da Igreja achavam que a referência era à Ceia do Senhor, e argumentavam que pessoas incrédulas, ainda não batizadas, não deviam ser admitidas a ela.[384] Embora estivessem certos neste ensinamento, é extremamente duvidoso que Jesus tenha pensado nisso. É melhor encontrar um elo com a "pérola de grande valor" da sua parábola referente ao reino de Deus[385] ou à salvação e, por extensão, ao Evangelho. Não podemos deduzir disto, entretanto, que Jesus nos estivesse proibindo de pregar o Evangelho aos incrédulos. Supor tal coisa seria emborcar e esvaziar todo o Novo Testamento e contradizer a Grande Comissão (com a qual o Evangelho de Mateus termina), que nos manda "ir e fazer discípulos de todas as nações". Os calvinistas extremos não podem usar isto como argumento contra a evangelização, pois o próprio Calvino insistia que é dever nosso "apresentar a doutrina da salvação indiscriminadamente a todos".[386]

Portanto, os "cães" e "porcos" com os quais estamos proibidos de partilhar as pérolas do Evangelho não são simplesmente os incrédulos. Devem ser, antes, aqueles que tiveram ampla oportunidade de ouvir e aceitar as boas novas, mas que determinadamente (e até mesmo provocadoramente) as rejeitaram. "É preciso entender", escreveu Calvino com sabedoria, "que *cães* e *porcos* são nomes que foram dados, não a toda espécie de homens debochados, ou àqueles que são destituídos do temor de Deus e da verdadeira piedade, mas àqueles que, através de evidências claras, manifestaram um desrespeito obstinado para com Deus, de modo que sua condição parece ser incurável".[387] Crisóstomo usa uma expressão semelhante, identificando os

---

[379] Lc 13:32; Mt 23:27, 33.
[380] Spurgeon, p. 42
[381] Pv9:8.
[382] 2Pe2:22.
[383] cf.Mt 15:26, 27; Fp 3:2; Ap 22:15.
[384] Por exemplo, o capítulo IX da *Didache,* provavelmente um primitivo documento do segundo século, inclui esta instrução: "Não se permita que comam ou bebam de vossa Eucaristia, a não ser aqueles que foram batizados no nome do Senhor; pois com referência a isto também o Senhor disse: "Não deis o que ê santo aos cães".
[385] Mt 13:46.
[386] p. 349
[387] p.349.

"cães" com pessoas "que vivem em impiedade incurável";[388] e, nos dias de hoje, o Professor Jeremias definiu-os como sendo "aqueles que totalmente se entregaram a caminhos depravados".[389]

O fato é que persistir em oferecer o Evangelho a essas pessoas, além de um determinado ponto, é provocar sua rejeição com desprezo e até mesmo com blasfêmias. Jesus aplicou o mesmo princípio ao ministério dos doze quando os comissionou, antes de enviá-los em sua primeira missão. Ele os advertiu que, em cada cidade e casa que entrassem, embora algumas pessoas fossem receptivas e "dignas", outras não seriam receptivas e seriam "indignas". "Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade", prosseguiu, "sacudi o pó dos vossos pés".[390]

O apóstolo Paulo também seguiu este princípio em sua obra missionária. Em sua primeira expedição, ele e Barnabé disseram aos judeus que "contradiziam" a sua pregação em Antioquia da Pisídia: "Cumpria que a vós outros em primeiro lugar fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios." E quando os judeus incitaram os líderes da cidade a que os expulsassem, Paulo e Barnabé, "sacudindo contra aqueles o pó de seus pés, partiram para Icônio".[391] Quase o mesmo aconteceu em Corinto na segunda viagem missionária. Quando os judeus se lhe opuseram e o injuriaram, "sacudiu Paulo as vestes" e lhes disse: "Sobre a vossa cabeça o vosso sangue! eu dele estou limpo, e desde agora vou para os gentios."[392] Pela terceira vez Paulo reagiu da mesma maneira, quando em Roma os líderes judeus rejeitaram o Evangelho. "Tomai, pois, conhecimento", disse, "de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão".[393]

Nosso testemunho cristão e pregação evangelística não devem, portanto, ser totalmente indiscriminados. Se as pessoas tiveram muita oportunidade de ouvir a verdade mas não a aceitaram, se elas obstinadamente voltam suas costas a Cristo, se (em outras palavras) elas se colocam na categoria de "cães" e "porcos", não devemos continuar pregando-lhes indefinidamente, pois assim estaremos amesquinhando o evangelho de Deus e permitindo que ele seja espezinhado. Pode alguma coisa ser mais depravada do que confundir a preciosa pérola de Deus com uma coisa sem valor e praticamente pisoteá-la na lama? Ao mesmo tempo, desistir das pessoas é um passo muito sério. Eu me lembro de apenas uma ou duas ocasiões em minha experiência quando senti que devia fazê-lo. Este ensinamento de Jesus é apenas para situações excepcionais; nosso dever cristão normal é ser paciente e perseverar com as pessoas, como Deus pacientemente perseverou conosco.

3. Nossa atitude para com o nosso Pai celeste (vs. 7-11)

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achar eis; batei, e abrir-se-vos-á. [8]Pois todo o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á. [9]Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? [10]Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma cobra? [11]Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas cousas aos que lhe pedirem?

Parece natural que Jesus tenha passado de nosso relacionamento com os homens para nosso relacionamento com o nosso Pai celeste, principalmente porque o nosso dever cristão para com eles (não julgá-los, não lançar pérolas aos porcos e ser prestativos sem ser hipócritas) é por demais difícil sem a graça divina.

a. O que Jesus promete

Esta passagem não é a primeira instrução sobre a oração, no Sermão do Monte. Jesus já nos advertiu contra a hipocrisia dos fariseus e o formalismo dos pagãos, e nos deu o seu próprio modelo de oração. Agora, entretanto, ativamente nos incentiva a orar, dando-nos algumas grandes promessas de sua graça. Pois "nada é melhor para nos levar à oração do que a convicção plena de que seremos ouvidos".[394] Ou, então, "Ele sabe que somos tímidos e acanhados, que nos sentimos indignos e inaptos para apresentar nossas necessidades a Deus . . . Pensamos que Deus é tão grande e nós tão pequeninos que não nos atrevemos a orar . . . Foi por isso que Cristo quis desviar-nos de pensamentos tão tímidos, remover nossas dúvidas e fazer-nos avançar confiante e ousadamente".[395]

Jesus procura imprimir suas promessas em nossa mente e memória através dos golpes do martelo da

---

[388] p.348.
[389] *Jesus'Promise to theNations*, (1953: SCM, 1958), p. 20.
[390] Mt 10:14 = Lc 10:10,11.
[391] At 13:44-51.
[392] At 18:5, 6.
[393] At 28:17-28.
[394] Calvino, p. 351
[395] Lutero, p. 234.

repetição. Primeiro, suas promessas vêm ligadas a ordens diretas: *Pedi. . . buscai. . . batei* . . . (v. 7). Talvez tenham sido deliberadamente colocadas em escala ascendente de insistência. Richard Glover sugere que uma criança, estando a sua mãe perto e visível, pede; caso contrário, ela busca; enquanto que, se a mãe estiver inacessível no seu quarto, ela bate.[396] Seja como for, todos os três verbos estão no presente do imperativo e indicam a persistência com a qual devemos fazer nossos pedidos conhecidos a Deus. Em segundo lugar, as promessas foram expressas em declarações universais: *Pois todo o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-Ihe-á* (v. 8).

Terceiro, Jesus exemplifica suas promessas através de uma singela parábola (vs. 9-11). Ele imagina uma situação com a qual todos os seus ouvintes devem estar familiarizados, isto é, uma criança achegando-se a seu pai com um pedido. Se ela lhe pede um pedaço de pão, receberá por acaso alguma coisa parecida com pão, mas na realidade nocivamente diferente? Por exemplo, uma pedra em lugar de pão, ou uma cobra em lugar de peixe? Isto é, se a criança pede alguma coisa sadia para comer (pão ou peixe), receberia alguma coisa prejudicial, que não pode ser comida (uma pedra) ou perniciosa (uma cobra venenosa)? Claro que não! Os pais, ainda que sejam *maus,* isto é, egoístas por natureza, amam os seus filhos e lhes dão *boas dádivas.* Observe que Jesus aqui admite, e até mesmo declara, ser o pecado inerente à natureza humana. Ao mesmo tempo, ele não nega que os homens maus sejam capazes de fazer o bem. Pelo contrário, pais *maus* dão *boas* dádivas a seus filhos, pois "Deus derrama em seus corações uma porção de sua bondade".[397] O que Jesus está dizendo é que, mesmo quando estão fazendo o bem, seguindo os nobres instintos da paternidade e cuidando dos seus filhos, mesmo assim não escapam à designação de "maus", pois é o que os seres humanos são.

Portanto, a força da parábola jaz mais no contraste do que na comparação entre Deus e os homens. É um outro argumento *a fortiori* ou "com tanto mais razão": se os pais humanos, embora sendo maus, sabem dar boas dádivas a seus filhos, quanto mais o nosso Pai celeste, que não é mau, mas totalmente bom, *dará boas cousas aos que lhe pedirem?* (v. 11). "Pois o que poderia ele deixar de dar agora aos filhos quando pedem, uma vez que já lhes garantiu exatamente isto, a saber, que podem ser seus filhos?".[398] Não há dúvida de que as nossas orações são transformadas quando nos lembramos de que o Deus de quem nos aproximamos é "Abba, Pai", e infinitamente bom e gentil.

O Professor Jeremias demonstrou a novidade deste ensino de Jesus. Ele escreve que, com a ajuda dos seus assistentes, examinou cuidadosamente "a literatura relacionada com a oração dos judeus antigos, literatura grande e rica, muito pouco explorada", mas que "em lugar nenhum dessa imensa literatura encontrou esta inovação de Deus como *Abba* . . . *Abba* era uma palavra de uso diário, uma palavra conhecida em família. Nenhum judeu teria se atrevido a dirigir-se a Deus desta maneira. Jesus o fazia sempre . . . e autoriza seus discípulos a repetirem a palavra *Abba* depois dele".[399] O que poderia ser mais simples do que este conceito de oração? Se pertencemos a Cristo, se Deus é nosso Pai, somos seus filhos, e a oração é a apresentação que lhe fazemos de nossos pedidos. O problema é que, para muitos de nós, a coisa parece simples demais, até mesmo simplista. Em nossa sofisticação, dizemos que não podemos crer nisso, e de qualquer modo isso não corresponde absolutamente à nossa experiência. Assim, voltamo-nos das promessas de Cristo sobre a oração para os nossos problemas com a oração.

b. Os problemas que se criam

Diante das promessas diretas de Jesus, *Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á,* são levantadas diversas objeções que precisam ser consideradas agora.

1. *A oração é descabida.* "Este incentivo a orar apresenta um quadro falso de Deus. Implica em que ele precisa ser informado do que precisamos ou intimidado a concedê-lo, quando o próprio Jesus disse antes que nosso Pai celeste sabe disso e não deixa de cuidar de nós. Além disso, é claro que ele não pode ser incomodado com nossas trivialidades. Por que deveríamos supor que suas dádivas dependem de nossos pedidos? Será que os pais humanos esperam que seus filhos lhes peçam alguma coisa para depois suprir suas necessidades?"

A isto respondemos que Deus espera que lhe pecamos, não porque permaneça ignorante até que o informemos, nem porque seja relutante até que o persuadamos. O motivo relaciona-se conosco, não com ele; a questão não é se ele está pronto a dar, mas se nós estamos prontos a receber. Portanto, na oração, nós não "persuadimos" a Deus, mas antes persuadimos a nós mesmos a nos submeter a Deus. É verdade que a linguagem "insistir com Deus" geralmente ê usada com referência à oração, mas é uma acomodação à

---

[396] p. 70.
[397] Calvino, p. 353.
[398] Agostinho, 11:16.
[399] *The Prayer of Jesus,* de Joachim Jeremias (SCM, 1967), pp. 96,97.

fraqueza humana. Mesmo quando Jacó "prevaleceu em oração", o que realmente aconteceu é que Deus prevaleceu sobre ele, levando-o ao ponto da submissão quando ele se tornou capaz de receber a bênção que Deus tinha estado o tempo todo desejando dar-lhe.

A verdade é que o Pai celeste jamais mima seus filhos. Ele não nos cobre de presentes, quer o desejemos ou não, quer estejamos prontos a recebê-los ou não. Pelo contrário, ele espera que nós reconheçamos as nossas necessidades, voltando-nos para ele com humildade. É por isso que ele diz: *Pedi, e dar-se-vós-á,* e Tiago acrescentou: "Nada tendes, porque não pedis".[400] A oração, então, não é "descabida"; é exatamente a maneira que o próprio Deus escolheu para expressarmos a nossa consciente necessidade e a nossa humilde dependência dele.

2. *A oração é desnecessária.* Esta segunda objeção surge mais da experiência do que da teologia. Cristãos sérios olham à volta e vêem uma porção de pessoas vivendo bem sem oração. Na realidade, parecem receber, sem oração, exatamente as mesmas coisas que nós recebemos com ela. Obtêm o que precisam trabalhando, não orando. O fazendeiro consegue uma boa colheita trabalhando, não orando. A mãe consegue ter um filho através da técnica médica, não da oração. A família equilibra o seu orçamento por meio do salário do pai e talvez de outros, não pela oração. "Certamente" podemos nos sentir tentados a dizer "isto prova que a oração não faz a menor diferença; é perda de tempo".

Mas espere um pouco! Ao pensarmos nisso, é preciso diferenciar entre as dádivas de Deus como Criador e suas dádivas como Pai, ou entre os dons da criação e os dons da redenção. É realmente verdade que ele dá certas coisas (colheita, filhos, alimento, vida), quer oremos ou não, quer creiamos ou não. Ele dá vida e respiração a todos. Ele envia chuva do céu e as estações do ano a todos. Ele faz o sol nascer para os maus e os bons igualmente.[401] Ele "visita" uma mãe quando ela concebe e, mais tarde, quando ela dá à luz. Nenhum destes dons depende do conhecimento que as pessoas têm do seu Criador ou de orarem.

Mas os dons divinos da redenção são diferentes. Deus não concede salvação a todos, mas é "rico para com todos os que o invocam", pois, "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".[402] O mesmo se aplica às bênçãos pós-salvação, as "boas dádivas" que Jesus diz que o Pai dá a seus filhos. Não são bênçãos materiais, mas espirituais: perdão diário, livramento do mal, paz, aumento de fé, esperança e amor; na verdade é a bênção completa de Deus na obra do "Espírito Santo" que habita em nós, que é, como Lucas traduz, as "boas dádivas" .[403] Por esses dons certamente devemos orar.

A oração do Pai-Nosso, que Jesus ensinou um pouco antes, no Sermão, reúne as duas espécies de dádivas, pois "pão nosso de cada dia" é uma dádiva da criação, enquanto que "perdão" e "livramento" são dádivas da redenção. Por que, então, estão reunidas na mesma oração? Provavelmente a resposta é a seguinte: oramos pelo pão de cada dia, não porque tememos morrer de fome (pois milhares de pessoas conseguem o seu pão de cada dia sem orar ou agradecer antes de comer), mas por sabermos que, em última análise, ele vem de Deus e porque, na qualidade de seus filhos, é apropriado que regularmente reconheçamos nossa dependência física dele. Entretanto, oramos pedindo perdão e libertação, porque estas dádivas só são concedidas em resposta à oração e porque sem elas estaríamos perdidos. Portanto, a oração não é desnecessária.

3. *A oração é improdutiva.* O terceiro problema é um corolário óbvio do segundo. Argumenta-se que a oração é *desnecessária,* porque Deus dá aos que não pedem, e é *improdutiva,* porque ele deixa de dar a muitos que o fazem. "Eu orei para passar no exame, mas não passei. Eu orei para ser curado de uma enfermidade, e fiquei pior. Eu orei pela paz, mas o mundo está cheio de rumores de guerra. A oração não funciona!" Este é o problema familiar da oração não respondida.

A melhor forma de resolver este problema é lembrar que as promessas de Jesus no Sermão do Monte não são incondicionais. Um pouco de meditação e ficaremos convencidos disso. É absurdo supor que a promessa "Pedi, e dar-se-vos-á", seja uma garantia absoluta, sem condições; que "Batei, e abrir-se-vos-á" seja um "Abre-te, Sésamo" para todas as portas fechadas, sem exceção; e que ao agitar da varinha mágica da oração todo desejo se realizará e todo sonho se concretizará. A idéia ê ridícula. Isto transformaria a oração em magia, e transformaria a pessoa que ora em um mágico igual a Aladim, e ainda Deus em nosso servo, que apareceria instantaneamente quando o chamássemos, como o gênio que sempre apareceu quando Aladim esfregava a sua lâmpada. Além disso, este conceito de oração abalaria qualquer cristão sensível se soubesse que poderia obter tudo o que pedisse. "Se fosse assim", escreve Alec Motyer, "que tudo o que pedíssemos

---

[400] Tg4:2.
[401] Mt5:45.
[402] Rm 10:12,13.
[403] Mt 7:11 = Lc 11:13.

Deus fosse obrigado a conceder, então eu nunca mais haveria de orar, pois não teria confiança suficiente em minha própria sabedoria para pedir alguma coisa a Deus; e penso que você vai concordar comigo por pensar assim. Seria um fardo intolerável para a frágil sabedoria humana se, através de suas promessas relacionadas com a oração, Deus estivesse obrigado a conceder tudo o que pedimos, quando o pedimos e exatamente nos termos em que pedimos. Como poderíamos agüentar um fardo desses?"[404]

Talvez pudéssemos apresentar o assunto assim: sendo *bom,* nosso Pai celeste só concede boas dádivas a seus filhos; sendo *sábio,* ele sabe quais dádivas são boas e quais não são. Acabamos de ouvir que Jesus disse que os pais humanos nunca dariam uma pedra ou uma cobra a seus filhos quando estes lhes pedissem pão ou peixe. Mas, e se os filhos (devido a ignorância ou loucura) realmente lhes pedissem uma pedra ou uma cobra? O que fariam? Duvidamos que até mesmo um pai extremamente irresponsável atendesse ao pedido de seu filho, mas a grande maioria dos pais seria bastante sábia e amorosa para não atender. Certamente nosso Pai celeste jamais nos daria alguma coisa que pudesse nos prejudicar, ainda que a pedíssemos com urgência e insistência, pelo simples motivo de ele dar a seus filhos "boas dádivas". Portanto, se pedimos coisas boas, ele no-las dá; se pedimos coisas que não são boas (não boas em si mesmas, ou não boas para nós ou outras pessoas, direta ou indiretamente, imediata ou posteriormente) ele no-las nega; e somente ele sabe a diferença. Podemos agradecer a Deus porque o seu atendimento às nossas necessidades é condicional, não depende apenas de pedir, buscar e bater, mas também de se o que desejamos, pedindo, buscando e batendo, é bom. Graças a Deus, porque ele atende a oração. Graças a Deus, que às vezes também não a atende. "Dou graças a Deus", escreve o Dr. Lloyd-Jones, "que ele não esteja pronto a conceder tudo que eu possa lhe pedir . . . Estou profundamente grato a Deus por não me conceder certas coisas que lhe peço, e por fechar determinadas portas na minha cara" [405]

c. As lições que aprendemos

A oração parece ser uma coisa muito simples, quando Jesus fala sobre ela. Simplesmente *Pedi. . ., buscai. . ., batei. . .,* e, em qualquer caso, receberemos a resposta. Não obstante, é uma simplicidade ilusória; há muita coisa por detrás dela. Primeiro, oração pressupõe conhecimento. Considerando que Deus só concede dádivas de acordo com a sua vontade, temos de esmerar-nos em descobri-la — pela meditação nas Escrituras e pelo exercício da mente cristã disciplinada nessa meditação. Segundo, oração pressupõe fé. Uma coisa é conhecer a vontade de Deus; outra é nos humilharmos diante dele e expressarmos a nossa confiança em que ele é capaz de executar a sua vontade. Terceiro, oração pressupõe desejo. Podemos conhecer a vontade de Deus e crer que ele pode executá-la, e ainda assim não desejá-la. A oração é o principal meio ordenado por Deus para a expressão de nossos mais profundos desejos.[406] E por isso que a ordem de "pedir — buscar — bater" está no imperativo presente e em escala ascendente, para desafio de nossa perseverança.

Assim, antes de pedir, precisamos saber o que pedir e se está de acordo com a vontade de Deus; temos de crer que Deus pode concedê-lo; e precisamos genuinamente desejar recebê-lo. Então, as graciosas promessas de Jesus se realizarão.

4. Nossa atitude para com todos os homens (v. **12)**

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas.

A lógica do "pois" ou "portanto" *(oun),* com o qual este versículo começa, não está clara. Talvez se refira ao versículo anterior e signifique que, se Deus é bom para com todos que o buscam em oração, seus filhos devem ser igualmente bons para com todos. Ou talvez se refira à verdade anterior, à ordem *não julgueis,* e esteja retomando o argumento subjacente contra a condenação e a hipocrisia. Em qualquer caso, parece que Jesus enunciou este princípio em diferentes ocasiões e em diferentes contextos, pois, na versão do Sermão feita por Lucas, vem imediatamente após os três pequenos camafeus que ilustravam o mandamento de amar os nossos inimigos.[407] Certamente, tal amor é inatingível, a não ser pela graça de Deus. É, na verdade, o seu próprio amor e é uma das "boas dádivas" que ele nos dá através do seu Santo Espírito em resposta às nossas orações.[408] Diversos comentaristas têm discutido o fato de a Regra Áurea se encontrar de forma semelhante, ainda que sempre negativa, em outros lugares. Confúcio, por exemplo, leva o crédito de ter dito: "Não faça aos outros o que você não quiser que lhe façam"; e os estóicos tinham uma máxima quase idêntica. Nos apócrifos do Velho Testamento encontramos: "Não faça a ninguém o que você mesmo

[404] *Studies in the Epistle of James* de Alec Motyer (New Mildmay Press, 1968), p.88.
[405] p.513.
[406] cf. Rm 10:l.
[407] Lc6:31.
[408] Versículo 11 = Lc 11:13.

odiaria."[409] E parece que isto foi o que o Rabi Hillel citou, por volta de 20 a.C, quando um futuro prosélito pediu que lhe ensinasse toda a lei no espaço de tempo em que ele conseguisse ficar de pé numa perna só. Seu rival, o Rabi Shammai, fora incapaz, relutando em responder, e o mandara embora. Mas o Rabi Hillel respondeu: "O que você achar odioso, não o faça a ninguém. Esta é toda a lei; o restante não passa de comentário. "[410]

Sendo este o exemplo mais conhecido do suposto paralelismo entre o Talmude judaico e o Sermão do Monte, um comentário mais detalhado seria apropriado. Alguns foram ao ponto de declarar que *tudo* que se encontra no Sermão também se encontra no Talmude, e muitas coisas mais. O Professor Jeremias reage deste modo: "O fato é exatamente este: que no Talmude 'há muitas coisas mais', e que é preciso procurar os grãos no meio de muita palha, os minguados grãos dourados que possam ser comparados às palavras do Sermão do Monte."[411] Alfred Edersheim, que escreveu no final do século passado, foi ainda mais franco. Ele concorda que há "sagacidade e lógica, vivacidade e presteza, sinceridade e zelo" no Talmude mas, ao mesmo tempo, há uma verdadeira "contradição de espírito e substância" entre ele e o Novo Testamento. Na verdade, "como um todo, não só é totalmente desprovido de espiritualidade, como também é antiespiritual".[412]

Voltando à Regra Áurea, realmente há uma enorme diferença entre o aforismo negativo e até relutante de Hillel ("Não faça aos outros o que for odioso a você") e a iniciativa positiva contida na instrução de Jesus ("Faça aos outros o que você quer que lhe façam"). Mesmo assim, pode parecer que é um padrão bastante baixo, como "Ame o seu próximo como a si mesmo". Mas, na verdade, é um padrão elevado, porque o amor-próprio é uma força poderosa em nossas vidas. Edersheim chamou este amor ao próximo de "a aproximação mais achegada ao amor absoluto da qual a natureza humana é capaz".[413] Mas também é um princípio ético notavelmente flexível. A nossa própria vantagem freqüentemente nos orienta em nossos próprios negócios; pois deve também nos orientar em nosso comportamento para com os outros. Tudo que temos a fazer é usar a nossa imaginação, colocar-nos no lugar da outra pessoa e perguntar: "Como gostaria eu de ser tratado em tal situação?" Como o Rev. Ryle escreveu: "Isto esclarece uma centena de pontos difíceis . . . Evita a necessidade de estabelecer uma infinidade de pequenas regras para a nossa conduta em casos específicos."[414] Realmente, é um princípio de aplicação tão ampla, que Jesus poderia dizer: *pois esta é a lei e os profetas.* Isto é, qualquer pessoa que oriente a sua conduta para com os outros de acordo com o que gostaria que fosse a conduta dos outros para consigo, cumpriu a lei e os profetas, pelo menos na questão do amor,ao próximo.[415]

Percebemos, no início deste capítulo, que a contracultura cristã não é simplesmente um sistema de valores e um estilo de vida individuais, mas uma questão de comunidade. Envolve relacionamentos. E a comunidade cristã é, em essência, uma família, a família de Deus. Provavelmente os dois elementos mais fortes de nossa consciência cristã sejam a percepção de Deus como nosso Pai e a de nossos companheiros cristãos como irmãos e irmãs em Cristo, sem jamais nos esquecermos da nossa responsabilidade para com aqueles que estão fora da família e que ansiamos que sejam introduzidos nela.

Portanto, em Mateus 7:1-12, Jesus apresentou-nos os relacionamentos básicos. No centro está nosso Pai celeste, Deus, do qual nos aproximamos, de quem dependemos e que nunca dá a seus filhos outra coisa que não sejam boas dádivas. Logo a seguir, vêm os nossos companheiros de crença. E a anomalia de um espírito de condenação (que julga) e de um espírito hipócrita (que vê o cisco apesar da trave), é que é incompatível com a fraternidade cristã. Se nossos companheiros cristãos são verdadeiramente nossos irmãos e irmãs no Senhor, é inconcebível que não sejamos interessados e construtivos em nossa atitude para com eles.

Quanto àqueles que estão fora da família, há o caso extremo dos "cães" e "porcos", mas não são típicos. Há um grupo excepcional de pessoas obstinadas que se comportam como "cães" e "porcos", poderíamos dizer, em sua rejeição decisiva de Jesus Cristo. Relutantemente temos de abandoná-las. Mas, se o versículo 6 é uma exceção, o versículo 12 é uma regra, a Regra Áurea. Ela transforma as nossas atitudes. Se nos colocarmos sensitivamente no lugar de outra pessoa, desejando-lhe o que gostaríamos para nós mesmos, jamais seremos maus, porém sempre generosos; jamais rudes, mas sempre compreensivos; jamais cruéis, mas sempre bondosos.

---

[409] Tobias 4:15.
[410] Registrado no Talmude: Sabá 31a.
[411] p. 10.
[412] *The Life and Times of Jesus the Messiah,* Alfred Edersheim (Longmans, 1883), pp. 525ss.
[413] p.535.
[414] p.66.
[415] cf. 5:17; Rm 13:8-10.

Mateus 7:13-20
Os relacionamentos do cristão: os falsos profetas

Alguns comentaristas têm sugerido que a parte principal do Sermão (os ensinamentos) de Jesus termina aqui, e que com o versículo 13 começam as aplicações ou a conclusão. Certamente ele enfatiza aqui ainda mais fortemente do que antes a necessidade da escolha. *Entrai pela porta estreita,* começa. Isto é, os contrastes entre as duas espécies de justiça e devoção, os dois tesouros, os dois senhores e as duas ambições foram fielmente descritos; chegou o momento da decisão. Há que escolher entre o reino de Satanás e o reino de Deus; a cultura prevalecente ou a contracultura cristã. Jesus continua com a sua apresentação de alternativas descrevendo os dois caminhos (o largo e o estreito), os dois mestres (o falso e o verdadeiro), os dois apelos (palavras e atos) e, finalmente, os dois fundamentos (areia e rocha).

1. A escolha inevitável (vs. 13,14)

Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), [14]porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

O que se nota de imediato nestes versículos é a natureza absoluta da escolha que se nos apresenta. Todos nós preferiríamos ter muito mais opções do que uma só, ou, melhor ainda, gostaríamos de fundi-las todas em uma religião conglomerada, eliminando assim a necessidade de qualquer escolha. Mas Jesus descarta o nosso sincretismo condescendente. Ele não nos permite as confortáveis soluções que propomos. Em lugar disso, ele insiste que, afinal de contas, há uma só escolha, porque só há duas possibilidades.

Primeiro, há dois caminhos. Este conceito já se encontra no Velho Testamento. O Salmo 1, por exemplo, contrasta "o caminho dos justos", que se deleitam na lei de Deus, dão frutos e prosperam, com "o caminho dos ímpios", que são levados como a palha pelo vento e perecem. Agora Jesus complementa essa figura. Um dos caminhos é fácil. A palavra significa "largo, espaçoso e confortável"[416] e alguns manuscritos combinam estas imagens e chamam este caminho de "largo e confortável". Há muito lugar nele para a diversidade de opiniões e a frouxidão moral. É o caminho da tolerância e da permissividade. Não tem freios, nem limites de pensamento ou de conduta. Os viajantes deste caminho seguem as suas próprias inclinações, isto é, os desejos do coração humano em sua degradação. Superficialidade, egoísmo, hipocrisia, religião mecânica, falsa ambição, condenação; estas coisas não precisam ser aprendidas ou cultivadas. É preciso esforço para lhes resistir. Nenhum esforço é necessário para praticá-las. Por isso é que o caminho largo é fácil. O caminho *difícil,* por outro lado, é estreito. Seus limites são claramente demarcados. Sua estreiteza se deve a uma coisa chamada "revelação divina", que restringe os peregrinos às fronteiras do que Deus tem revelado nas Escrituras como bom e verdadeiro. C. S. Lewis descreveu, em sua autobiografia, como, ainda um escolar de treze anos de idade, começou a "alargar a sua mente". "Logo troquei (nas famosas palavras) o 'eu creio' pelo 'eu sinto'. E, oh! que alívio! ... Da tirania da revelação meridiana passei para o suave luscofusco do Pensamento Superior, onde nada havia a ser obedecido e nada a ser crido exceto o que fosse confortante ou excitante."[417] É um fato que a verdade revelada impõe uma limitação sobre

O que os cristãos podem crer, e a bondade revelada, sobre como podemos nos comportar. E, num certo sentido, isto é "difícil". Mas, em outro sentido, como Crisóstomo destacou há séculos atrás, o caminho difícil e estreito de Cristo também deve ser acolhido como "jugo suave" e "fardo leve".[418]

Em segundo lugar, há duas portas. A porta que leva ao caminho fácil é *larga,* pois é só uma questão de tomar o caminho fácil. Evidentemente, não há limites para a bagagem que podemos levar conosco. Não precisamos deixar nada para trás, nem mesmo nossos pecados, a justiça própria ou o orgulho. A porta que leva ao caminho difícil, por outro lado, é *estreita.* É preciso procurar para encontrá-la. É fácil errar. Como Jesus disse em outra ocasião, é estreita como o buraco de uma agulha. Além disso, a fim de entrar por ela temos de deixar tudo para trás: o pecado, a ambição egoísta, a cobiça e, até mesmo, se for necessário, a família e os amigos, pois ninguém pode seguir a Cristo sem antes negar-se a si mesmo. A entrada também é como uma barreira de pedágio: é preciso que as pessoas entrem uma a uma. Como encontrá-la? E o próprio Jesus Cristo. "Eu sou a porta", ele disse; "se alguém entrar por mim, será salvo".[419]

Terceiro, há dois destinos. Já vimos isto em figura no Salmo 1, onde encontramos as duas alternativas, os que "prosperam" e os que "perecem". Moisés também o tornou explícito: "Vê que proponho hoje a vida e

---

[416] AG.
[417] *Surprised by Joy,* (Bles, 1955) p. 63.
[418] Mt 11:30.
[419] Jo l0:9.

o bem, a morte e o mal... a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida".[420] Semelhantemente, Jesus ensinou que o caminho fácil, cuja entrada é a porta larga, leva à *destruição.* Ele não definiu o que queria dizer com isso, e presumivelmente a natureza exata do inferno está tão além de nosso entendimento finito quanto a natureza exata do céu. Mas a terrível palavra "destruição" (terrível porque Deus é exatamente o Criador, não o Destruidor, e porque o homem foi criado para viver, não para morrer) parece pelo menos nos conceder a liberdade de dizer que tudo o que é bom será destruído no inferno: o amor e a beleza, o encanto e a verdade, a alegria, a paz e a esperança, e para sempre. É um futuro horrível demais para se contemplar sem lágrimas. Portanto, o caminho espaçoso é o caminho suicida.

Por outro lado, o caminho difícil, ao qual se chega pela porta estreita, leva à *vida,* exatamente à "vida eterna" que Jesus explicou em termos de comunhão com Deus, começando aqui mas aperfeiçoada no além, na qual veremos e partilharemos de sua glória, e encontraremos a realização perfeita de seres humanos no serviço altruísta prestado a Deus e a nossos companheiros.

Quarto, há duas multidões. Entrando pela porta larga e viajando pelo caminho espaçoso que leva à destruição, há *muitos.* O caminho largo e fácil é um lugar de muita atividade, freqüentado por pedestres de todo tipo. O caminho estreito e difícil que leva à vida, entretanto, parece ser comparativamente mais deserto. *São poucos os que acertam.* Parece que Jesus previa que os seus seguidores seriam (ou, pelo menos, pareceriam ser e se sentiriam) um desprezado movimento de minoria. Ele viu multidões na estrada larga, rindo, sem cuidados, aparentemente sem idéia alguma do fim tenebroso para o qual se destinavam, enquanto que, no caminho estreito, apenas um "feliz grupo de peregrinos", de mãos dadas, as costas voltadas para o pecado e os rostos voltados para a direção da Cidade Celestial, "cantando hinos de expectativa, marchava para a terra prometida".

Penso que não podemos especular, a partir deste contraste entre os *poucos* e os *muitos,* que os remidos serão poucos. Se compararmos passagem bíblica com passagem bíblica (como sempre o fazemos), teremos de colocar este ensinamento de Jesus junto à visão que João teve dos remidos diante do trono de Deus, "grande multidão que ninguém podia enumerar".[421] Como conciliar estes dois conceitos, eu não sei. Nem tenho certeza de como esta passagem se relaciona com o problema desconcertante daqueles que jamais ouviram o Evangelho, pois uma palavra comum às duas multidões, dos "poucos" e dos "muitos", é o verbo "entrar". Justamente porque muitos "entram" pela porta larga, Jesus insiste com seus ouvintes para que "entrem pela porta estreita". Isto implica que nenhuma das duas multidões é ignorante do que está em jogo; cada um recebeu a oportunidade da escolha e deliberadamente "entrou" pelo outro caminho. O quadro todo parece relacionar-se apenas com aqueles que tiveram oportunidade de decisão a favor ou contra Cristo; simplesmente deixa de fora aqueles que nunca ouviram. Deveríamos, portanto, ser sábios e não nos preocupar com essas questões especulativas, como Jesus deu a entender em outra ocasião. Alguém lhe perguntou: "Senhor, são poucos os que são salvos?" Mas ele negou-se a satisfazer sua curiosidade. Apenas respondeu: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita."[422]

Para recapitular: de acordo com as palavras de Jesus, há apenas dois caminhos, o difícil e o fácil (não existe um caminho do meio), nos quais se entra por duas portas, a larga e a estreita (não existe outra porta), que terminam em dois destinos, a destruição e a vida (não há uma terceira alternativa). Nem é preciso dizer que uma conversa assim é extremamente fora de moda hoje em dia. As pessoas gostam de ser sem compromisso. Toda pesquisa de opinião pública permite, além do "sim" e do "não", um conveniente "eu não sei". Os homens adoram Aristóteles e o seu dourado meio-termo. O caminho mais popular é a *via media.* Desviar-se do meio é arriscar-se a ser chamado de "extremista" ou "fanático". Todos se ressentem quando são postos diante da necessidade de uma escolha. Mas Jesus não nos deixa escapar dela.

2. O perigo dos falsos mestres (vs. 15-20)

Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. [16]Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? [17]Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. [18]Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. [19]Toda *árvore que não produz bom fruto é cortada, e lançada ao fogo.* [20]*Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.*

a. Suposições

Ao dizer às pessoas *acautelai-vos dos falsos profetas,* Jesus obviamente supunha que estes existiam. Não há sentido em colocar-se no portão do jardim um aviso: "Cuidado com o cachorro!", se tudo o que você

[420] Dt 30:15,19; cf.Jr 21:8.
[421] Ap 7:9.
[422] Lc 13:23, 24.

tem em casa é um casal de gatos e um piriquito! Não. Jesus advertiu os seus discípulos sobre os falsos profetas porque eles já existiam. Encontramo-los em muitas ocasiões no Velho Testamento, e parece que Jesus colocou os fariseus e saduceus no mesmo quadro. "Cegos condutores de cegos", ele os chamou. Ele também deu a entender que aumentariam de número, e que o período precedente ao fim se caracterizaria, não só pela propagação mundial do Evangelho, mas também pelo surgimento de falsos mestres, que desviariam a muitos.[423] Lemos sobre eles em quase todas as cartas do Novo Testamento. São chamados de "pseudo-profetas", como aqui ("profetas" presumivelmente porque proclamavam inspiração divina), ou "pseudo-apóstolos" (porque diziam ter autoridade apostólica),[424] ou "pseudo-mestres",[425] ou até mesmo "pseudo-Cristos" [426](porque tinham pretensões messiânicas ou porque negavam que Jesus fosse o Cristo que veio em carne). Mas cada um deles era "pseudo", e *pseudos* é a palavra grega para mentira. A história da igreja cristã tem sido uma história longa e fatigante de controvérsias com falsos mestres. Seu valor, na providência soberana de Deus, é que apresentaram à Igreja um desafio para examinar e definir a verdade, mas causaram muitos prejuízos. Sinto que ainda há muitos deles nas igrejas de hoje.

Ao dizer-nos para nos acautelarmos com os falsos profetas, Jesus fez outra pressuposição, isto é, que há um padrão objetivo da verdade, do qual a falsidade dos falsos profetas se distingue. Caso contrário, a noção de profeta "falso" tornar-se-ia sem significado. Nos tempos bíblicos, um verdadeiro profeta era aquele que ensinava a verdade por inspiração divina, e o falso profeta era aquele que reivindicava a mesma inspiração divina mas propagava a mentira. Jeremias contrastou-os nestes termos: falsos profetas "falam visões do seu coração", enquanto que os verdadeiros profetas "permanecem no conselho do Senhor", "ouvem a palavra de Deus", "proclamam-na ao povo" e "falam da boca do Senhor".[427] Novamente, "o profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo?"[428] Portanto, ao referir-se a determinados mestres chamando-os de "falsos profetas", está claro que Jesus não era sincretista, ensinando que opiniões contraditórias eram na realidade visões complementares da mesma verdade. Não. Ele defendeu que verdade e mentira são mutuamente excludentes, e que aqueles que propagam mentiras em nome de Deus são profetas falsos, dos quais os seus discípulos deveriam se acautelar.

b. Advertências

Depois de anotar as pressuposições de Jesus (que existem falsos profetas, bem como uma verdade da qual eles se desviam), temos de considerar mais precisamente sua advertência: *Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores* (v. 15). Desta metáfora aprendemos que os pseudo-profetas são perigosos e mentirosos.

Seu perigo é que, na realidade, são *lobos.* Na Palestina do primeiro século, o lobo era o inimigo natural das ovelhas, que ficavam totalmente sem defesa diante dele. Por isso, um bom pastor, como Jesus ensinaria mais tarde, tinha de estar sempre alerta e proteger suas ovelhas contra os lobos, enquanto que o empregado contratado (o qual, não sendo dono das ovelhas, não se importava com elas) geralmente as abandonava e fugia ao primeiro sinal da fera, deixando-as ser atacadas e dispersas.[429] Exatamente da mesma forma o rebanho de Cristo está à mercê ou de bons pastores, ou de mercenários, ou de lobos. O bom pastor alimenta o rebanho com a verdade; o falso mestre, como um lobo, divide-o através do erro, enquanto o profissional temporário nada faz para protegê-lo, abandonando-o aos falsos mestres. "Eu sei", disse Paulo aos anciãos de Éfeso, "que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando cousas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai. . ."[430]

Que "cousas pervertidas" seriam estas que constituem uma perturbação e um perigo para a Igreja? Uma das principais características dos falsos profetas no Velho Testamento era o seu otimismo amoral, sua negação de que Deus era o Deus do Juízo, como também o Deus do amor e da misericórdia constantes. Eles eram culpados, disse Jeremias ao povo, pois "enchem de vãs esperanças . . . Dizem continuamente aos que desprezam a Palavra de Deus: "O Senhor disse: Paz tereis; e a qualquer que anda segundo a dureza do seu coração, dizem: Não virá mal sobre vós".[431] Semelhantemente, Deus se queixa: "Curam superficialmente a

[423] Mt 24:11-14.
[424] 2 Co 11:13.
[425] 2Pe2:l.
[426] Mt 24:24; Mc 13:22; cf.1Jo 2:18, 22.
[427] 23:16,18,22.
[428] 23:28.
[429] Jo 10:11-13.
[430] At20:29,30.
[431] 23:16,17

ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz".[432] Tais palavras constituem um grande mau serviço ao povo de Deus, para não se dizer coisa pior. Dão-lhes um falso sentimento de segurança. Embalam-nos em seus pecados. Deixam de adverti-los sobre o juízo iminente de Deus ou sobre a maneira de como escapar dele.

Portanto, certamente não é por acaso que a advertência de Jesus sobre os falsos profetas no Sermão do Monte segue-se imediatamente após o seu ensinamento sobre as duas portas, os dois caminhos, as duas multidões e os dois destinos: os falsos profetas são peritos em tornar indistinta a questão da salvação. Alguns emporcalham ou distorcem de tal maneira o Evangelho que o tornam difícil de ser entendido pelos que tentam encontrar a porta estreita. Outros procuram demonstrar que o caminho estreito ê, na realidade, muito mais largo do que Jesus deu a entender, e que andar nele exige pouca ou nenhuma restrição na crença e no comportamento da pessoa. Outros ainda, talvez os mais perniciosos de todos, atrevem-se a contradizer Jesus, afirmando que o caminho largo não leva à destruição, mas que na verdade todos os caminhos levam a Deus, e até mesmo que os caminhos largo e estreito, embora levem a direções opostas, finalmente acabarão no mesmo destino, a vida. Não foi por menos que Jesus comparou esses mestres com *lobos vorazes*, não tanto porque fossem gananciosos, ávidos de prestígio ou de poder (embora geralmente o sejam), mas por serem "selvagens" (BLH), isto é, extremamente perigosos. São responsáveis pela condução de algumas pessoas à própria destruição que eles afirmam não existir.

Mais que perigosos, são também mentirosos. Os "cães" e os "porcos" do versículo 6, por causa de seus hábitos imundos, são fáceis de se reconhecer. Mas não os "lobos", pois penetram sorrateiramente no rebanho, disfarçados de ovelhas. Como resultado, as ovelhas incautas os confundem com outras ovelhas e os recebem com boas vindas, de nada suspeitando. Seu verdadeiro caráter só é descoberto tarde demais, e quando o prejuízo já ocorreu.

Em outras palavras, um falso mestre não se anuncia nem faz propaganda de si mesmo como um fornecedor de mentiras; pelo contrário, reivindica ser um mestre da verdade. "Sabendo que os cristãos são um povo crédulo, disfarça seu propósito sombrio sob o manto da piedade cristã, esperando que seu inócuo disfarce evite o desmascaramento."[433] Não só ele simula piedade, mas freqüentemente usa a linguagem da ortodoxia histórica, a fim de ganhar aceitação dos simplórios, enquanto, na verdade, suas pretensões são totalmente diferentes, algo destrutivo da própria verdade que pretende defender. Igualmente esconde-se sob o manto dos títulos altissonantes e dos graus acadêmicos impressionantes.

Portanto, "acautelai-vos!", Jesus adverte. Devemos ficar de guarda, orando por discernimento, usando nossas faculdades de crítica e jamais relaxando nossa vigilância. Não devemos ficar fascinados com o seu exterior, com o seu encanto pessoal, com a sua cultura, com seus títulos doutorais e eclesiásticos. Não devemos ser ingênuos a ponto de supor que, sendo um Doutor em Filosofia ou em Teologia, um professor ou um bacharel, ele *deve* ser um verdadeiro e ortodoxo embaixador de Cristo. Devemos olhar por trás de sua aparência para a realidade. O que se encontra sob o pelo: uma ovelha ou um lobo?

c. Provas

Tendo notado as pressuposições feitas por Jesus e as advertências que deu, estamos agora prontos a examinar o teste ou testes que ele nos mandou aplicar. Ele mudou suas metáforas de ovelhas e lobos para árvores e seus frutos, e da roupagem das ovelhas que um lobo poderia usar para o fruto que uma árvore deve dar. Fazendo assim, ele passou do risco do não-reconhecimento para os meios do reconhecimento. Embora certamente possamos confundir muitas vezes um lobo com uma ovelha, ele nos diz que não podemos cometer o mesmo engano com uma árvore. Nenhuma árvore pode esconder a sua identidade por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde ela se trai, pelo seu fruto. Um lobo pode disfarçar-se; uma árvore, não. Ervas daninhas, como espinhos e abrolhos, simplesmente não podem produzir fruto comestível como uvas e figos. Não só o caráter do fruto fica determinado pela árvore (uma figueira dá figos e uma videira, uvas), mas também a sua condição *(toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz maus frutos,* v. 17). Na verdade, *não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons* (v. 18). E o dia do juízo concluirá a diferenciação, quando as árvores não frutíferas serão cortadas e queimadas (v. 19). Portanto (pois esta é a conclusão que Jesus enfatiza duas vezes), *pelos seus frutos os conhecereis* (vs. 16, 20). Que frutos são estes?

A primeira espécie de "fruto" pelo qual os falsos profetas revelam a sua verdadeira identidade está no campo do caráter e da conduta. Na alegoria do próprio Jesus, a produtividade significa semelhança com Cristo, o que Paulo mais tarde designou como "o fruto do Espírito". Sendo assim, sempre que vemos em um mestre a mansidão e a humildade de Cristo, o seu amor, a sua paciência, a sua bondade, a sua delicadeza e

[432] 8:11.
[433] Bonhoeffer, p. 171.

auto-controle, temos motivos para considerá-lo verdadeiro, não falso. Por outro lado, sempre que estas qualidades estão ausentes, e "as obras da carne" estão mais aparentes do que "o fruto do Espírito", especialmente a inimizade, a impureza, a inveja e a auto-indulgência, devemos suspeitar que o profeta é um impostor, por mais pretensiosas que sejam as suas reivindicações e por mais plausíveis que sejam os seus ensinamentos.

Mas os "frutos" do profeta não são apenas o seu caráter e modo de vida. Na verdade, os intérpretes "que os confinam a esta vida estão, na minha opinião, enganados", escreveu Calvino.[434] O segundo "fruto" é o próprio ensinamento da pessoa. Isto ficou fortemente sugerido pelo outro uso que Jesus fez da mesma metáfora da árvore frutífera: "Pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras! como podeis falar cousas boas, sendo maus? porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom cousas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira cousas más. Digo-vos que toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo; porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado."[435] Portanto, se o coração de uma pessoa revela-se em suas palavras, como a árvore se conhece pelos seus frutos, temos a responsabilidade de experimentar um mestre pelos seus ensinamentos. O apóstolo João dá-nos um exemplo disto, pois as igrejas da Ásia às quais escreveu tinham sido invadidas pelos falsos mestres. Assim como Jesus, ele admoestou-as a não se deixarem enganar, mas que "provassem os espíritos" Cisto é, dos mestres que reivindicavam a inspiração) para ver se procediam de Deus.[436] Incentivou-as a buscar retidão e amor em seus mestres e a rejeitar como espúrios os injustos e os que não tivessem amor. Mas a este teste moral ele acrescentou um doutrinário. Generalizando, era se a mensagem dos mestres estava de acordo com a instrução apostólica original,[437] e, particularmente, se confessava Jesus como o Cristo que veio em carne, reconhecendo assim sua pessoa divino-humana.[438]

Os reformadores do século dezesseis, que foram acusados pela Igreja de Roma de serem inovadores e falsos mestres, defenderam-se através deste teste doutrinário. Apelaram para as Escrituras e declararam que os seus ensinamentos não eram a introdução de alguma coisa nova, mas a recuperação de uma coisa velha, a saber, o Evangelho original de Cristo e dos seus apóstolos. Foram antes os católicos medievais que se afastaram da fé, caindo no erro. "Apeguem-se à Palavra de Deus pura", clamava Lutero, para serem capazes de "reconhecer o juiz" que está certo.[439] Calvino enfatizou a mesma coisa: "Todas as doutrinas têm de ser colocadas junto ao padrão da Palavra de Deus", pois "no julgamento dos falsos profetas, a regra da fé (isto é, das Escrituras) tem o primeiro lugar".[440] Ele foi ainda um passo adiante, chamando a atenção para as motivações dos falsos mestres, além do conteúdo de seus ensinamentos: "Com os *frutos, o modo de ensinar* está incluído . . ., pois Cristo provou ter sido enviado por Deus, ao dizer que não estava 'procurando a sua própria glória', mas a glória do Pai que o tinha enviado" (João 7:18).[441]

Ao examinar as credenciais de um mestre, então, temos de observar tanto o seu caráter como a sua mensagem. O Rev. Ryle resumiu bem: "Doutrina sadia e vida santa são os sinais dos verdadeiros profetas."[442] Penso que há um terceiro teste que devemos aplicar aos mestres, e refere-se à sua influência. Temos de nos perguntar que efeitos os seus ensinamentos estão produzindo nos seus discípulos. As vezes, a falsidade do ensino falso não aparece imediatamente quando olhamos para o comportamento ou para a doutrina de um mestre; apenas mais tarde percebemos que seus resultados foram desastrosos. Foi isto que Paulo quis dizer ao escrever que o mal tem a tendência de "corroer como o câncer".[443] Seu processo canceroso progride conforme vai perturbando a fé das pessoas,[444] promovendo a impiedade[445] e provocando divisões dolorosas.[446] O ensinamento bom, por outro lado, produz fé, amor e piedade.[447]

Naturalmente, a aplicação deste teste dos "frutos" nem é simples nem direta, pois os frutos levam tempo para crescer e amadurecer. Temos de esperar pacientemente. Precisamos também de uma oportunidade para examiná-los atentamente, pois nem sempre é possível reconhecer uma árvore e seus frutos à distância. Na verdade, até mesmo de perto podemos não perceber imediatamente os sintomas de uma doença na árvore ou a presença de um verme no fruto. Para aplicar isso a um mestre, precisamos, não de uma estimativa

---

[434] p.364.
[435] Mt 12:33-37; cf. Lc 6:45
[436] 1Jo 2:26; 4:1.
[437] p.ex. 1Jo 2:44; 4:6.
[438] 1Jo 2:22, 23; 4:2,3; 2: Jo 7-9
[439] p. 263.
[440] p. 365.
[441] pp. 364ss.
[442] p.68.
[443] 2Tm2:17.
[444] 2Tm2:18.
[445] 2Tm2:16.
[446] p. ex. 1 Tm6:4,5; 2Tm2:23; Tt 1:1.
[447] p. ex. 1 Tm 1:4,5; 4:7; 6:3; 2Tm3:16,17; Tt 1:1.

superficial de sua posição na Igreja, mas de um escrutínio íntimo e crítico do seu caráter, da sua conduta, da sua mensagem, das suas motivações e da sua influência.

Entretanto, esta advertência de Jesus não nos incentiva a ficarmos desconfiados de todos ou a adotarmos como passatempo o esporte indecoroso de "caça à heresia". Antes, é um lembrete solene de que há falsos mestres na Igreja e que devemos ficar em guarda. O que importa é a verdade, pois Deus é a verdade e esta edifica a igreja de Deus, enquanto que o erro é demoníaco e destrutivo. Se damos importância à verdade de Deus e à Igreja de Deus, temos de levar a sério a advertência de Cristo.

Ele e seus apóstolos colocaram a responsabilidade da pureza doutrinária da Igreja parcialmente sobre os ombros dos líderes cristãos, mas também e especialmente sobre cada congregação. A igreja local tem mais poder do que geralmente percebe ou usa na decisão de qual dos mestres vai ouvir. O *Acautelai-vos dos falsos profetas*, proferido por Jesus Cristo, dirige-se a todos nós. Se a Igreja desse atenção à sua advertência e aplicasse os seus testes, não estaria nesse terrível estado de confusão moral e teológica em que se encontra atualmente.

Com este parágrafo Jesus conclui o seu esboço dos relacionamentos cristãos. Ao olharmos para trás, reunindo os ensinamentos, vemos como são ricos e variados. Como irmão, o cristão odeia a hipocrisia, critica a si mesmo e procura dar apoio moral construtivo aos outros. Como evangelista, valoriza tanto a pérola do Evangelho que se recusa a expô-la à rejeição desdenhosa dos pecadores endurecidos. Como amante de todos os homens, está resolvido a comportar-se em relação a eles como gostaria de vê-los comportando-se para com ele mesmo. Como filho, olha humilde e confiantemente para o seu Pai celeste para receber as boas dádivas de que precisa. Como viajante no caminho difícil e estreito, desfruta da comunhão com os companheiros de peregrinação e mantém os olhos no alvo da vida. Como defensor da verdade revelada de Deus, dá atenção à advertência de Cristo de acautelar-se dos falsos mestres, que poderiam pervertê-lo e assim prejudicar o rebanho de Cristo.

Mateus 7:21-27
O compromisso cristão: uma escolha radical

Se não foi no versículo 13 que Jesus começou a sua conclusão do Sermão do Monte, certamente agora ele o faz. Neste ponto ele não está preocupado em acrescentar mais instruções, mas deseja assegurar uma reação adequada à instrução que acaba de dar. "O Senhor Jesus finaliza o Sermão do Monte", escreve J. C. Ryle, "com uma passagem de aplicação penetrante. Ele volta-se dos falsos profetas para os falsos professos, dos falsos mestres para os falsos ouvintes".[448] R. V. G. Tasker comenta de maneira semelhante: "Entretanto, não são somente os falsos mestres que tornam o caminho estreito difícil de achar e mais difícil de palmilhar. Um homem também pode enganar-se dolorosamente."[449]

Por isso, Jesus nos leva a um confronto próprio, colocando diante de nós a escolha radical entre a obediência e a desobediência, e nos convoca a um compromisso incondicional da mente, da vontade e da vida com os seus ensinamentos. Ele nos adverte quanto a duas alternativas inaceitáveis: a profissão de fé meramente verbal (vs. 21-23) e o conhecimento meramente intelectual (vs. 24-27). Nenhum dos dois pode substituir a obediência; na verdade, ambos constituem um disfarce da desobediência. Jesus enfatiza com grande solenidade que o nosso destino eterno depende de uma obediência total.

No que se refere a isso, os dois parágrafos finais do Sermão são muito parecidos. Ambos contrastam as reações certa e errada aos ensinamentos de Cristo. Ambos indicam que a neutralidade é impossível e que uma decisão definida tem de ser tomada. Ambos destacam que nada pode substituir a obediência ativa e prática. E ambos ensinam que a questão da vida e da morte no dia do juízo será determinada pela nossa reação moral a Cristo e a seus ensinamentos nesta vida. A única diferença entre os parágrafos é que, no primeiro, se oferece como alternativa para a obediência uma profissão de fé com os lábios, e, no segundo, um mero ouvir, também como alternativa para a obediência.

1. O perigo de uma profissão de fé simplesmente verbal (vs. 21-23)

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. [22]Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? [23]Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a

[448] pp. 69, 70.
[449] p. 67.

iniqüidade.

As pessoas que Jesus está descrevendo aqui estão confiando para a sua salvação em uma afirmação do credo, no que elas "dizem" a Cristo ou a respeito de Cristo. "Nem todo o que me *diz"* (v. 21). "Muitos, naquele dia, hão de *dizer"* (v. 22). Mas o nosso destino final será estabelecido, Jesus insiste, não pelo que lhe dizemos hoje, nem pelo que lhe diremos no último dia, mas por fazermos o que dizemos, por estar a nossa profissão verbal acompanhada da obediência moral.

Uma profissão verbal de Cristo é indispensável. Para sermos salvos, escreveu Paulo, temos de confessá-lo com nossos lábios e crer em nossos corações.[450] E uma verdadeira profissão de fé em Jesus como Senhor é impossível sem o Espírito Santo.[451] Além disso, o tipo de profissão cristã que Jesus descreve no final do Sermão parece, pelo menos superficialmente, que é totalmente admirável. Começando, é respeitosa; chama-o de "Senhor", exatamente como hoje em dia a maneira mais respeitosa e educada de se referir a Jesus ainda é dizer "nosso Senhor". Depois, a profissão é ortodoxa. Embora chamar Jesus de "Senhor" talvez não signifique mais do que chamá-lo de "senhor" (com minúscula), o presente contexto contém alusões a Deus como seu Pai, e a ele mesmo como Juiz, e portanto parece implicar em algo mais. Depois de sua morte e ressurreição, os cristãos primitivos certamente sabiam o que estavam fazendo, quando o chamavam de "Senhor". Era um título divino, uma tradução da palavra judaica "Jeová" no grego do Velho Testamento. Portanto, dentro dessa perspectiva, podemos dizer que isto constitui uma confissão exata, ortodoxa de Jesus Cristo. Terceiro, é fervorosa, pois não é um "Senhor" frio ou formal, mas um "Senhor, Senhor" entusiástico, como se o orador desejasse chamar a atenção para a força e o zelo de sua devoção.

Quarto ponto: é uma confissão pública. Não é uma declaração particular e pessoal de fidelidade a Jesus. Alguns até "profetizaram" em nome de Cristo, chegando até a insinuar que pregaram em público com a autoridade e a inspiração do próprio Jesus. Mais do que isto, a profissão de fé às vezes chega a ser espetacular. A fim de destacar este ponto, Jesus cita os mais extremos exemplos de profissão de fé verbal, a saber, o exercício de um ministério sobrenatural envolvendo profecia, exorcismo e milagres. O que essas pessoas destacam ao falar com Cristo no dia do juízo é o *nome* pelo qual ministraram. Três vezes usaram-no, sempre colocando-o em primeiro lugar para dar ênfase. Reivindicam que, em nome de Cristo, pública e abertamente confessado, eles profetizaram, expeliram demônios e fizeram muitas obras maravilhosas. E não temos motivo para não acreditar nas suas reivindicações, pois "grandes sinais e prodígios" serão realizados até mesmo pelos falsos Cristos e falsos profetas.[452] Que profissão de fé cristã poderia ser melhor? Temos aqui pessoas que chamam Jesus de "Senhor" com cortesia, ortodoxia e entusiasmo, em devoção particular e ministério público. O que poderia haver de errado nisto? Em si, nada de mau. E, não obstante, tudo está errado, porque são palavras que não contêm a verdade; é uma profissão de fé sem realidade. Não os salvará no dia do juízo. Por isso, Jesus passa do que eles dizem e dirão para o que *ele* lhes dirá. Ele também fará uma declaração solene. A palavra usada no versículo 23 é *homologësö,* "confessarei".

A confissão de Cristo será, como a deles, em público, mas diferente, porque será verdadeira. Ele lhes dirigirá as terríveis palavras: *Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade,* pois, embora tenham usado o nome dele livremente, Jesus não conhecia seus nomes.

A razão por que Jesus os rejeita é que a profissão de fé deles foi verbal, não moral. Era uma confissão apenas de lábios, não de vida. Chamam a Jesus "Senhor, Senhor", mas jamais se submeteram ao seu senhorio, nem obedeceram à vontade de seu Pai celeste. A versão de Lucas desta declaração é um tanto mais forte: "Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?"[453] A diferença vital está entre o "dizer" e o "fazer". A razão por que Cristo, o Juiz, os banirá de sua presença é que são *malfeitores, praticam a iniqüidade.* Podem *alegar feitos grandiosos* em seu ministério; mas, no seu comportamento diário, as suas obras não são boas, são más. Que valor teria para tais pessoas tomar o nome de Cristo nos lábios? Como Paulo expressou alguns anos depois: "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome de Cristo".[454]

Nós que, atualmente, declaramos ser cristãos, fizemos uma profissão de fé em Jesus, particularmente na conversão e publicamente no batismo. Damos a impressão de honrar a Jesus, chamando-o de "o Senhor" ou "nosso Senhor". Recitamos o credo na igreja e cantamos expressivos hinos de devoção a Cristo. Até exercemos uma variedade de ministérios em seu nome. Mas ele não fica impressionado com nossas palavras piedosas e ortodoxas. Ele continua pedindo evidências de nossa sinceridade em boas obras de obediência.

2. O perigo de um conhecimento meramente intelectual (vs. 24-27)

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem

[450] Rm 10:9,10.
[451] 1 Co 12:3.
[452] Mt24:24;2Ts2:9,10.
[453] Lc6:46.
[454] 2Tm2:19.

prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; [25]e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.[26] *E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; [27]e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.*

Enquanto, no parágrafo anterior, o contraste era entre o "dizer" e o "fazer", o contraste agora é entre o "ouvir" e o "fazer". De um lado, diz Jesus, está a pessoa *que ouve estas minhas palavras e as pratica* (v. 24) e, do outro, a pessoa *que ouve estas minhas palavras e não as pratica* (v. 26). Depois ele ilustra o contraste entre os seus ouvintes, o obediente e o desobediente, com a sua conhecida parábola dos dois construtores, o homem sábio que "cavou"[455] e construiu a sua casa sobre a rocha, e o tolo que não queria se aborrecer com alicerces e contentou-se em edificar sobre a areia. Enquanto os dois prosseguiam com a sua construção, um observador casual não poderia perceber qualquer diferença entre as duas casas, pois a única diferença estava nos alicerces, e estes não podiam ser vistos. Só depois que uma tempestade se desencadeou sobre as duas casas com grande ferocidade: "chuva no telhado, rio nos alicerces, vento nas paredes",[456] foi revelada a diferença fatal e fundamental. A casa edificada sobre a rocha resistiu à tormenta, enquanto que a casa sobre a areia ficou irreparavelmente arruinada.

Da mesma maneira, os cristãos professos (os genuínos e os espúrios) freqüentemente se parecem. Não podemos facilmente distinguir qual é qual. Ambos parecem estar edificando vidas cristãs. Jesus não está fazendo uma comparação entre cristãos e não-cristãos que não fizeram nenhuma profissão de fé. Pelo contrário, o que é comum aos dois edificadores espirituais é que eles *ouvem estas minhas palavras.* Portanto, os dois são membros da comunidade cristã visível. Ambos lêem a Bíblia, vão à igreja, ouvem os sermões e compram literatura cristã. O motivo por que tão freqüentemente não podemos diferençar um do outro é que os alicerces de suas vidas estão ocultos aos nossos olhos. A verdadeira pergunta não é se *ouvem* os ensinamentos de Cristo (nem mesmo se os respeitam ou crêem neles), mas se *fazem* o que ouvem. Apenas uma tempestade revelará a verdade. Às vezes, uma tempestade de crises ou calamidades revela que tipo de pessoa somos, pois "a verdadeira piedade não se distingue totalmente de sua imitação até que venham as provações".[457] Caso contrário, a tempestade do dia do juízo certamente o fará.

A verdade sobre a qual Jesus está insistindo nestes dois parágrafos finais do Sermão é que nem um conhecimento intelectual dele, nem uma profissão de fé verbal, embora ambos sejam essenciais em si mesmos, podem substituir a obediência. A pergunta não é se nós *dizemos* coisas bonitas, polidas, ortodoxas e entusiásticas sobre Jesus; nem se *ouvimos* suas palavras, se prestamos atenção, se estudamos, se meditamos e se memorizamos até empanturrar as nossas mentes com os seus ensinamentos, mas se nós *fazemos* o que dizemos e se *fazemos* o que sabemos; em outras palavras, se o senhorio do Jesus que professamos é a grande realidade de nossa vida.

Isto não é, naturalmente, ensinar que o caminho da salvação, ou o caminho para *entrar no reino dos céus* (v. 21), é pelas boas obras da obediência, pois todo o Novo Testamento oferece salvação apenas pela graça pura de Deus mediante a fé. O que Jesus está destacando, entretanto, é que aqueles que verdadeiramente ouvem o Evangelho e professam a sua fé sempre hão de obedecê-lo, expressando a sua fé em suas obras. Os apóstolos de Jesus jamais se esqueceram deste ensinamento. Isto se vê em suas cartas. A primeira carta de João, por exemplo, alerta muito quanto aos perigos de uma profissão de fé verbal: "Se dissermos que mantemos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos . . . Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso".[458] A carta de Tiago, por sua vez, avisa dos perigos de um conhecimento intelectual. Uma ortodoxia árida não pode salvar, ele escreve, mas apenas uma fé que se traduza em boas obras; por isso, devemos ser "praticantes da palavra, e não somente ouvintes".[459]

Ao aplicar este ensinamento a nós mesmos, precisamos considerar que a Bíblia é um livro perigoso de se ler, e que a igreja é uma comunidade perigosa de se juntar, pois na leitura da Bíblia ouvimos as palavras de Cristo, e quando nos filiamos à igreja dizemos que cremos em Cristo. Como resultado, pertencemos a um grupo descrito por Jesus como aqueles que ouvem os seus ensinamentos e o chamam de Senhor. Nossa filiação, portanto, coloca sobre nós a séria responsabilidade de garantir que aquilo que sabemos e dizemos está sendo traduzido no que fazemos.

Assim, o Sermão termina com a mesma nota de escolha radical da qual estivemos conscientes o tempo todo. Jesus não coloca diante de seus discípulos uma lista de regras éticas fáceis de obedecer, mas um conjunto de valores e ideais que é totalmente diferente do caminho do mundo. Ele nos incentiva a

---

[455] Lc6:48.
[456] Bruce, p. 135.
[457] Calvino, p. 370
[458] 1Jo 1:6;2:4
[459] Tg 1:22-25; 2:14-20.

renunciarmos a cultura secular prevalecente em favor da contracultura cristã. Repetidas vezes, durante o nosso estudo, ouvimos o chamado que faz ao seu povo para ser diferente de todos os outros. A primeira vez que isto tornou-se claro foi na responsabilidade que nos transmitiu de sermos "o sal da terra" e "a luz do mundo", pois estas metáforas colocam as comunidades cristã e não-cristã em posições antagônicas, por serem reconhecida e fundamentalmente distintas. O mundo é como alimento podre, cheio de bactérias que causam a sua desintegração; os discípulos de Jesus têm de ser o seu sal, evitando o apodrecimento. O mundo é um lugar escuro e triste, sem sal, mergulhado nas trevas; os discípulos de Jesus têm de ser a luz do mundo, dissipando suas trevas e sua melancolia.

A partir de então, os padrões opostos são pitorescamente descritos, e o caminho de Jesus é recomendado. Nossa justiça tem de ser mais profunda porque atinge também o nosso coração, e o nosso amor tem de ser mais amplo porque abrange também nossos inimigos. Na piedade devemos evitar a ostentação dos hipócritas e, na oração, a verbosidade dos pagãos. Por outro lado, nossas dádivas, nossa oração e nosso jejum têm de ser verdadeiros, sem comprometer a nossa integridade cristã. Devemos escolher para ser nosso tesouro algo que dure por toda a eternidade, que não se desintegre na terra; e por senhor devemos escolher a Deus, não o dinheiro e as propriedades. Quanto às nossas ambições (aquilo que preocupa nossas mentes), não a nossa própria segurança material, mas a propagação do governo e da justiça de Deus no mundo. Em lugar de nos conformarmos com este mundo, quer na forma dos fariseus religiosos, ou dos pagãos irreligiosos, somos chamados por Jesus a imitar o nosso Pai celeste. Ele é um pacificador. E ele ama até mesmo os ingratos e egoístas. Por isso devemos copiá-lo, e não aos homens. Só então provaremos que verdadeiramente somos seus filhos e filhas (5:9, 44-48). Então vem a alternativa de seguir a multidão ou a nosso Pai que está nos céus, ser como a cana agitada pelos ventos da opinião pública ou ser dirigido pela Palavra de Deus, pela revelação do seu caráter e pela sua vontade. E o propósito principal do Sermão do Monte é apresentar-nos esta alternativa, defrontando-nos, assim, com a necessidade indispensável da escolha.

É por isso que a conclusão do Sermão é tão apropriada: Jesus esboçando os dois caminhos (o estreito e o largo) e os dois edifícios (sobre a rocha e sobre a areia). Seria impossível exagerar a importância da escolha entre os dois, considerando que um deles leva à vida, enquanto que o outro termina na destruição, e que um edifício é seguro enquanto que o outro é derrubado pela calamidade. Muito mais notável que a escolha de uma carreira profissional ou de um companheiro para a vida ê a escolha da própria vida. Qual a estrada que vamos tomar para viajar? Sobre que alicerce vamos começar a construir?

MATEUS 7:28, 29
Conclusão: quem é esse pregador?

Muitas pessoas, inclusive os adeptos de outras religiões e os que não têm nenhuma, dizem-nos que estão preparadas para aceitar o Sermão do Monte como contendo a verdade auto-evidente. Sabem que ele inclui sentenças tais como "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia", "Amai os vossos inimigos", "Ninguém pode servir a dois senhores", "Não julgueis, para que não sejais julgados" e "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles". Lindo! Aqui, dizem eles, Jesus de Nazaré é o mestre da moral em sua forma melhor e mais simples. Aqui está o âmago de sua mensagem antes de ser incrustada, por seus intérpretes, de adições sem valor. Aqui está o "Jesus original", com ética simples e sem dogmas, um profeta da justiça, sem sofisticação, reivindicando ser nada mais que um mestre humano e nos dizendo que façamos o bem e que nos amemos uns aos outros. "O Jesus do dogma eu não entendo", disse certa vez um professor hindu a Stanley Jones, "mas o Jesus do Sermão do Monte e da cruz eu amo e me sinto atraído por ele". Semelhantemente, um mestre islâmico sufi disse-lhe que "quando lia o Sermão do Monte não podia conter as lágrimas".[460]

Mas esta explicação popular do Sermão não pode ficar de pé após um exame detalhado. Ela está errada em dois pontos: primeiro, na sua opinião sobre o mestre e, segundo, na sua apresentação dos seus ensinamentos. Pois, ao examinarmos esses dois pontos mais detalhadamente, surge uma coisa muito diferente.

Consideramos no último capítulo as características dos ensinamentos de Jesus, o seu esboço da contracultura cristã e a sua chamada para o discipulado radical. Agora resta-nos considerar a excepcionalidade do mestre propriamente dito.

O que vamos descobrir é que é impossível construir um muro entre o Jesus do Sermão do Monte e o Jesus do restante do Novo Testamento. Em lugar disso, o pregador do Sermão do Monte é o mesmo Jesus

[460] *Christ at the Round Table*, Stanley Jones (Abingdon, 1938), pp. 38, 60.

sobrenatural, dogmático, divino, que se encontra em outros lugares. Portanto, a pergunta principal que se nos impõe, não é "O que fazer com estes ensinamentos?", mas "Quem, afinal de contas, é esse mestre?" Esta foi certamente a reação daqueles que ouviram o Sermão pregado.

Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;
[29] *porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.*

O que primeiro impressionou os ouvintes do Sermão *(as multidões*, como também *os seus discípulos*, 5:1) foi a autoridade extraordinária do pregador. Ele não titubeava nem hesitava. Não era inseguro, sentindo necessidade de se justificar, nem tampouco era extravagante ou empolado. Pelo contrário, com uma certeza calma e despretenciosa, expunha a lei para os cidadãos do reino de Deus. E *estavam as multidões maravilhadas* e (o termo grego aqui é muito forte) *atônitas.*[461] "Após mil e novecentos anos", comenta A. M. Hunter, "nós ainda continuamos atônitos".[462]

Portanto, seria proveitoso tentarmos analisar esta "autoridade" de Jesus, conforme exposta no Sermão. Sobre o que se firmava? De onde vinha a autoconsciência que o levava a falar deste modo? Que indicações o Sermão dá sobre como ele entendia a sua identidade e a sua missão? Não temos de procurar muito para encontrar as respostas a estas perguntas.

1. A autoridade de Jesus como mestre

As multidões ficaram atônitas diante da sua *doutrina,* pois ele as *ensinava* com autoridade. Sim, ele se apresentou primeiro e mais do que tudo como um mestre, e deixava os seus ouvintes perplexos com o conteúdo, com a qualidade e com a maneira de expor a sua instrução. Mas, naturalmente, existiram milhares de outros mestres entre os judeus e outros povos. Muitos foram seus contemporâneos. O que, então, havia de tão especial nele? De uma certa forma, ele assumia o direito de ensinar a verdade absoluta. Ele era judeu, mas sua mensagem não era segundo os padrões judaicos. Ele estava interpretando a lei de Moisés, mas de tal modo a mostrar que era a lei de Deus. O que ele tinha a dizer não estava culturalmente condicionado, no sentido de ficar limitado a um povo em particular (os judeus) ou a um lugar em particular (a Palestina). Sendo absoluto, era universal. Portanto, ele falava como quem sabia o que estava falando. "Nós dizemos o que sabemos", ele declarou em outro contexto.[463] Ele sabia quem seria grande no reino de Deus e quem seria o menor, quem era "bem-aventurado" diante de Deus e quem não o era, qual o caminho que leva à vida e qual à destruição. Com absoluta confiança em si mesmo, declarou quem herdaria o reino dos céus, quem herdaria a terra, quem obteria misericórdia, quem veria a Deus e quem estava apto a ser chamado filho de Deus. Como podia ele ter tanta certeza?

Comentaristas têm procurado uma linguagem adequada para descrever este sabor peculiar da doutrina de Jesus. Tenho colecionado algumas de suas tentativas, que tendem a descrever Jesus como um rei ou legislador. "Ele falou com realeza", escreveu Spurgeon,[464] com "segurança real",[465] ou com "soberania". Stonehouse, p. 199. A expressão de Gresham Machen foi que "ele reivindicou o direito de legislar pelo reino de Deus",[466] enquanto James Denney combinou as figuras de rei e legislador ao escrever sobre a sua "soberania prática sobre a consciência, a vontade e os afetos do homem" e a respeito de sua "autoridade moral suprema, legislando sem vacilação e exigindo obediência implícita".[467] E Calvino disse que as multidões ficaram atônitas "porque uma majestade estranha, indescritível e fora do comum atraía para ele a mente dos homens".[468]

Seus ouvintes naturalmente comparavam e contrastavam a pessoa dele com muitos mestres com os quais estavam familiarizados, especialmente os escribas. O que mais os surpreendia era que ele os ensinava *como quem tem autoridade* e de modo nenhum *como os escribas*, pois estes não tinham autoridade própria. Eles concebiam seu dever em termos de fidelidade à tradição que tinham recebido. Por isso, eram artiquários; mergulhavam em comentários, buscavam precedentes, reivindicavam o apoio de nomes famosos entre os rabinos. Sua única autoridade encontrava-se nas autoridades que constantemente citavam. Jesus, por outro lado, que não recebera formação de escriba,[469] escandalizava o conservadorismo de então, varrendo as tradições dos anciãos, sem reverência pelas convenções sociais e falava com uma originalidade própria que cativava alguns e enfurecia outros. A. B. Bruce resumia a diferença, dizendo que os escribas falavam *"pela*

[461] Lenski, p. 314
[462] p. 96.
[463] Jo3:ll.
[464] p.46.
[465] Plummer, p. 117.
[466] *Christianity and Liberalism,* (1923; Eerdmans, s.d.), p. 36.
[467] *Studies in Theology*, palestras feitas em 1894; (Hodder, 1906), pp. 31, 42.
[468] p.371.
[469] cf.Jo7:15.

autoridade", enquanto que Jesus falava *"com* autoridade".[470]

Ele não ensinava como os escribas, e tampouco ensinava como os profetas do Velho Testamento. Estes não eram como os escribas, presos ao passado. Viviam no presente. Reivindicavam falar em nome de Jeová, de modo que a voz viva do Deus vivo se ouvia através dos seus lábios. Jesus também insistia que suas palavras eram as palavras de Deus: "O meu ensino não ê meu, e, sim, daquele que me enviou".[471] Mas havia uma diferença. A fórmula mais comum com a qual os profetas introduziam seus oráculos era "Assim diz o Senhor", expressão que Jesus nunca usou. Em vez disso, ele começava com "Em verdade, em verdade vos digo", atrevendo-se assim a falar em seu próprio nome e com sua própria autoridade, a qual ele sabia ser idêntica à do Pai.[472] Este "Em verdade, em verdade vos digo" *(amëèn lego humiri),* ou "Eu vos digo" *(lego humin)* aparece seis vezes no Sermão do Monte (5:18; 6:2, 5, 16, 25, 29). Em mais seis ocasiões, isto é, nas seis antíteses do capítulo 5, encontramos uma asserção ainda mais forte com o seu *egö* enfático, "Mas *eu* vos digo" *(egó de lego humin).* Não que ele estivesse contradizendo Moisés, como já vimos mas, antes, as corrupções que os escribas faziam de Moisés. Todavia, quando o fazia, desafiava a tradição herdada há séculos e reivindicava substituí-la com a sua própria interpretação exata e autorizada da lei de Deus. Assim, ele "apresentava-se como um legislador, não como um intérprete; ordenava e proibia, abolia e prometia, sobre a sua palavra apenas".[473]

Tão certo estava da verdade e da validade da sua doutrina, que disse que a sabedoria e a insensatez humanas deviam ser avaliadas pela reação àquela doutrina. As únicas pessoas sábias, deu ele a entender, eram aquelas que edificavam suas vidas sobre as suas palavras, obedecendo-lhes. Todas as outras pessoas eram néscias porque rejeitavam a sua doutrina. Ele podia até aplicar a si mesmo aquelas palavras da sabedoria personificada que aparecem em Provérbios 1:33: "O que me der ouvidos habitará seguro". É prestando atenção a ele, a sabedoria de Deus, que o homem aprende a ser sábio.

2. A autoridade de Jesus como o Cristo

Há evidências no Sermão do Monte, como em muitas outras partes da sua doutrina, de que Jesus sabia que viera ao mundo com uma missão. "Em vim", ele diria[474] em diversas ocasiões no Evangelho de Mateus, referindo-se a si mesmo como o "enviado".[475] Ele não viera, insistia em dizer, "para abolir a lei e os profetas", mas para "cumpri-los" *(plérõsaí).*

A reivindicação pode parecer bastante inocente até que reflitamos sobre suas conseqüências. O que ele está asseverando é que todos os prenúncios e predições da lei e dos profetas encontravam seu cumprimento nele, e que, portanto, todas as linhas do testemunho do Velho Testamento convergiam nele. Ele não pensava em si mesmo como um outro profeta, nem sequer como o maior dos profetas, mas, antes, como o cumprimento de toda a profecia. Esta crença de que os dias de expectativa tinham acabado e que ele tinha introduzido o período do cumprimento estava profundamente enraizada na consciência de Jesus. As primeiras palavras registradas do seu ministério público foram: "O tempo está cumprido *(peplêrõtai),* e o reino de Deus está próximo".[476] No Sermão do Monte há cinco referências diretas ao reino de Deus.[477] Decorrem delas, embora com diversos graus de clareza, que ele mesmo inaugurara o reino de Deus, e que ele tinha autoridade para admitir pessoas nesse reino e conceder-lhes as bênçãos do mesmo. Tudo isto significa, resumindo, que o próprio Jesus sabia ser o Cristo, o Messias de Deus da expectativa do Velho Testamento.

3. A autoridade de Jesus como Senhor

Já tivemos ocasião de observar que a concessão do título "Senhor" a Jesus não implica necessariamente num reconhecimento dele como o divino Senhor. Como N. B. Stonehouse explicou: "A flexibilidade da palavra grega 'Senhor' deve realmente ser reconhecida: nem todo exemplo do seu uso implica em uma consciência da divina autoridade. Nem todos os que se dirigiram a Jesus chamando-o de Senhor escolheram esse nome especificamente como o equivalente à divindade; como forma polida de tratamento, poderia significar um pouco mais do que o 'senhor' (com s minúsculo)."[478] Não obstante, em alguns contextos, Jesus parece deliberadamente aceitar todas as implicações que o título leva, como quando ele o associou a outro título favorito seu, "Filho do homem", o qual na visão de Daniel receberia o domínio universal,[479] e com o

---

[470] p. 136.
[471] Jo7:16.
[472] cf. Jo 14:8-11.
[473] Plummer,p. 118.
[474] 5:17; 9:13; 10:34; 11:3,19; 20:28.
[475] 10:40; 15:24; 21:37.
[476] Mc 1:15; cf. Mt 4:17.
[477] 5:3, 10; 6:10, 33; 7:21.
[478] p.254.
[479] Dn 7:14; Mt 24:39,42, "vosso Senhor".

"senhor" de Davi que se assentaria à direita de Deus.[480]

Apenas o contexto pode nos ajudar a julgar quanto domínio e quanta divindade podem ser adequadamente incluídos na palavra "Senhor". Tomemos como exemplo a seção do Sermão do Monte na qual Jesus se referiu às pessoas que o chamavam de "Senhor, Senhor".[481] Ele não estava se queixando porque tinham escolhido este título, pois o aceitava como apropriado. O que ele tinha contra era que eles o usavam superficialmente, sem lhe dar o devido significado. Ele não era simplesmente um "senhor" que devia ser respeitado; ele era o "Senhor", que devia ser obedecido. O equivalente de Lucas torna claro este ponto: "Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?"[482] Portanto, Jesus via-se a si mesmo como mais do que um mestre, dando conselhos que as pessoas podiam atender ou não, a seu bel-prazer. Ele era senhor delas; dava ordens esperando ser obedecido, e as advertia de que o bem-estar eterno delas estava em jogo. Explicitamente, em tudo isto, Jesus não era simplesmente um rabino. Os alunos de um rabino judeu assentavam-se a seus pés para estudar o Tora. Jesus era rabino num certo sentido, uma vez que ensinava a seus discípulos o verdadeiro significado do Tora. Mas sua expectativa não era que simplesmente absorvesse seus ensinamentos, mas, sim, que se lhe devotassem pessoalmente. Isto, sem dúvida, era a razão por que não se contentava tão somente com o título "Rabi", pois na verdade era seu "Mestre e Senhor".[483] Foi por isso também que eles, por sua vez, não se tornaram simplesmente "rabis", guardando e manejando a tradição de sua doutrina; eles também foram, muito mais, "testemunhas" dele.

4. A autoridade de Jesus como Salvador

Está claro no Sermão que Jesus conhecia o caminho da salvação e o ensinava. Ele foi capaz de declarar quem era bem-aventurado e quem não o era. Ele pôde apontar para a porta estreita, que levava ao caminho difícil para a vida. E foi bastante explícito sobre que espécie de casa sobreviveria às tempestades do juízo, e qual desmoronaria.

Mas, se penetrarmos mais profundamente em sua mensagem, descobriremos que ele não só ensinou a salvação; ele também a concedeu. Mesmo nas bem-aventuranças, ele aparece no papel daquele que virtualmente distribui bênçãos e concede o reino. O Professor Jeremias cita a insistência de J. Schniewind de que "as bem-aventuranças são testemunhos ocultos que Jesus deu de si mesmo como o salvador dos pobres, dos que choram, etc."[484]

Ou consideremos como Jesus estabeleceu que os seus ouvintes, aquele grupinho de camponeses, eram "o sal da terra" e "a luz do mundo". Como poderiam ter uma influência restritiva e iluminadora do mundo? Só por seguirem a Jesus. Porque Jesus não era mau, como todo o mundo,[485] nem partilhava das trevas universais, mas era a "luz do mundo"[486] e assim podia fazê-los sal e luz. É ainda mais significativo que, no Evangelho de Mateus, o Sermão do Monte (capítulos 5-7), característico das palavras de Jesus, é seguido da narrativa do seu ministério prático (capítulos 8 e 9), característico de suas obras. Aqui vemo-lo reivindicando autoridade para perdoar pecados e realmente conceder perdão a um paralitico (9:2-6), e então comparando-se, como salvador dos pecadores, a um médico dos doentes (9:12).

5. A autoridade de Jesus como Juiz

Todo o Sermão do Monte foi pregado ante o sombrio cenário do dia do juízo vindouro. Jesus sabia que este era uma realidade e desejava que o fosse nas mentes e nas vidas dos seus discípulos. Por isso declarou as condições da salvação e advertiu quanto às causas da destruição, especialmente em seu pitoresco retrato dos dois caminhos e dos dois destinos.

Muito mais notável que esta ênfase sobre a certeza de um juízo futuro foi a sua reivindicação de que ele mesmo seria o juiz.[487] O egocentrismo da cena que ele descreveu é notavelmente extraordinário. Três vezes usou os pronomes pessoais "eu" e "me". Primeiro, ele mesmo seria o Juiz, ouvindo as provas indiciadoras e enunciando a sentença. Daquele solene dia, ele disse: "Muitos *me* dirão naquele dia, Senhor, Senhor . . . Então lhes direi..." Assim, os acusados lhe endereçarão seu caso e ele lhes responderá. Apenas ele, ninguém mais, decidirá e declarará o destino deles. Segundo, o próprio Jesus será o critério de julgamento. As pessoas apresentarão como evidência o uso que fizeram do seu nome, bem como os seus ministérios; mas isto será inadmissível como evidência. "Nunca vos conheci", lhes dirá. O destino dos seres humanos dependerá, não

[480] Mc 12:35-37.
[481] Mt 7:21-23.
[482] Lc6:46
[483] Jo 13:13
[484] Jeremias, p. 24.
[485] 7:11
[486] Jo8:12
[487] 7:22,23.

do seu conhecimento e do uso que fizerem do seu nome, mas do conhecimento que tiverem dele pessoalmente. Nenhum serviço prestado a Cristo, mas o relacionamento com Cristo, será o tema. Terceiro, a sentença que Jesus pronunciar também se relacionará com ele: "Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade." A hediondez da "perdição"[488] e da "ruína"[489] que ele predisse será o banimento de sua presença. Destino pior não poderia ser descortinado, deu a entender, do que a eterna separação dele.

Assim, o carpinteiro de Nazaré fez-se a figura central do dia do juízo. Ele mesmo assumirá o papel de Juiz (e mais tarde, no Evangelho de Mateus, ele descreve mais detalhadamente como "se assentará no trono da sua glória").[490] Além disso, a base do julgamento será a atitude das pessoas em relação a ele, e a natureza do julgamento será exclusão de sua presença. Seria difícil exagerar a assustadora egocentricidade destas reivindicações.

6. A autoridade de Jesus como Filho de Deus

No Sermão do Monte, Jesus dá-nos uma doutrina compreensiva de Deus. Ele é o Criador, o Deus vivo da ordem natural, que dá o sol e a chuva, que alimenta as aves, que veste as flores e supre as necessidades vitais dos seres humanos. Ele é também o Rei, cujo governo justo e salvador irrompeu nas vidas humanas através de Jesus. Mas acima de tudo (e novamente através de Jesus) ele é o nosso Pai. Dirigindo-se aos discípulos, Jesus constantemente referia-se a ele, chamando-o de "vosso Pai que está nos céus", de quem eram filhos, cuja misericórdia deviam copiar, em cuja amorosa providência deviam confiar e do qual deviam se aproximar em oração, sabendo que ele jamais lhes daria alguma coisa que não fossem "boas dádivas".

Em todos estes discursos, Jesus chamava Deus de *"vosso* Pai". E uma vez referiu-se "à vontade de *meu* Pai".[491] Nunca, porém, ele se inclui entre os discípulos para falar de Deus como o "nosso Pai". Naturalmente disse-lhes que eles orassem "Nosso Pai",[492] mas não se associou a eles nisso. Na verdade, não poderia, pois, embora desse a seus discípulos o privilégio de dirigir-se a Deus com o mesmo título de intimidade que ele usava ("Abba, Pai"), continuava profundamente cônscio de que Deus era seu Pai em um sentido totalmente diferente, único. Mais tarde, ele expressaria isto em palavras também registradas por Mateus: "Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar".[493] Esta filiação exclusiva Jesus não reivindicou nem declarou explicitamente no Sermão do Monte, mas ficou implícita no uso preciso dos possessivos "meu Pai", "vosso Pai", "nosso Pai".

7. A autoridade de Jesus como Deus

Entendo que, sempre que nos aventuramos a investigar a consciência que Jesus tinha de sua divindade, tentamos mergulhar em águas profundas demais para serem sondadas. Que ele conhecia a Deus como "meu Pai" está claro; também está claro que sabia de sua própria filiação excepcional. Mas agora podemos arriscar mais um passo, pois temos evidências de que ele se considerava igual a Deus, um só com Deus. Não que ele o dissesse explicitamente no Sermão, mas as reivindicações de exercer prerrogativas divinas, bem como o seu modo de falar de si mesmo dão a entender isso. Podemos apresentar três exemplos.

O primeiro refere-se à bem-aventurança final. É preciso lembrar que as oito bem-aventuranças são generalizações na terceira pessoa ("Bem-aventurados os mansos, os misericordiosos, os pacificadores", etc), enquanto que a nona muda para a segunda pessoa, quando Jesus se dirige a seus discípulos: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós".[494] É esta analogia com os profetas que é impressionante. A lógica parece ser esta: Jesus espera que seus discípulos tenham de sofrer por causa dele ("por minha causa"), e então compara essa perseguição com a dos profetas do Velho Testamento. Aqueles profetas sofreram por causa de sua fidelidade a Deus, enquanto que os discípulos de Jesus sofreriam por sua fidelidade para com ele. Daí se conclui que, ao comparar os seus discípulos aos profetas de Deus (e mais tarde ele os "enviou" como os profetas foram "enviados"),[495] ele está comparando-se a Deus. Como Crisóstomo explicou no fim do quarto século, "Aqui ele . . . veladamente indica a sua própria dignidade, e a sua igualdade na honra com aquele que o gerou".[496] Um equivalente similar percebe-se em dois outros exemplos. Quando ele os advertiu de que uma

[488] Mt7:13
[489][489] Mt7:27.
[490] 25:31ss.
[491] Mt7:21.
[492] Mt6:9.
[493] 11:27.
[494] Mt5:11, 12.
[495] cf. Mt 10:1ss.
[496] pp. 207 ss.

pessoa que simplesmente o chamasse de "Senhor, Senhor" não entraria no reino dos céus, seria de se esperar que ele continuasse dizendo "mas aquele que se submete ao meu senhorio", ou "mas aquele que me obedece como Senhor". E isto é o que, de fato, encontramos na versão do Sermão em Lucas, onde chamá-lo de "Senhor, Senhor" é contrastado com o fazer o que ele diz. Mas, de acordo com Mateus 7:21, ele continuou: "Mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus". Se, então, Jesus considerava o obedecer-lhe como Senhor e o fazer a vontade do Pai como coisas equivalentes, estava se colocando no mesmo nível de Deus. É ainda mais impressionante porque Jesus não se empenhou nesta declaração sobre si mesmo. Este não era o seu propósito no contexto. Esta prova de consciência de sua divindade escapou quando ele falava sobre uma coisa totalmente diferente, isto é, o significado do verdadeiro discipulado.

O mesmo é verdade no terceiro exemplo. Encontra-se nos versículos seguintes, que falam do dia do julgamento e já foram mencionados. Todos sabem que Deus é o Juiz. E Jesus também. Aqui, ele não antecipou uma declaração direta e específica de que Deus lhe confiara o julgamento do mundo. Ele simplesmente sabia que, no último dia, as pessoas lhe apelariam e que então ele teria a responsabilidade de declarar-lhes a sentença. E, ao dizê-lo, novamente igualou-se a Deus.

Eis aqui, portanto, o seu "Jesus original", o seu "simples e inofensivo mestre da justiça", cujo sermão do Monte contém "ética simples e nenhum dogma"! Ele ensina com a autoridade de Deus e declara a lei de Deus. Ele espera que as pessoas edifiquem a casa de suas vidas sobre as palavras dele, e acrescenta que só aqueles que o fazem são sábios e estarão seguros. Ele diz que veio para cumprir a lei e os profetas. Ele é o Senhor que deve ser obedecido e o Salvador que concede bênçãos. Ele se coloca no papel central do drama do dia do juízo. Ele fala de Deus, chamado-o de seu Pai num sentido único, e finalmente dá a entender que faz o que Deus faz, e que o que as pessoas lhe fazem estão fazendo para Deus.

Não se pode fugir do que em tudo isso implica. As reivindicações de Jesus foram verdadeiramente expostas com tanta naturalidade e modéstia e de maneira tão indireta que muitas pessoas jamais as percebem. Mas estão aí; não podemos ignorá-las e ainda assim manter a nossa integridade. Ou elas são verdadeiras, ou Jesus sofria de uma coisa que C. S. Lewis chamou de "megalomania aguda". Mas poderia alguém defender seriamente que a ética sublime do Sermão do Monte é produto de uma mente perturbada? É preciso um alto grau de cinismo para chegar a tal conclusão.

A única alternativa é aceitar Jesus ao pé da letra, e suas reivindicações pelo que realmente são. Neste caso, devemos aceitar o seu Sermão do Monte com seriedade extrema, pois aqui está o quadro que ele apresenta da sociedade alternativa de Deus. São os padrões, os valores e as prioridades do reino de Deus. Com demasiada freqüência, a Igreja tem se afastado deste desafio, mergulhando numa respeitabilidade burguesa e conformista. Nessas ocasiões fica quase impossível distingui-la do mundo: perde a sua salinidade, a sua luz se extingue e ela repele todos os idealistas, pois não dá evidências de ser a nova sociedade de Deus que já está desfrutando das alegrias e do poder da era vindoura. Só quando a comunidade cristã viver pelo manifesto de Cristo é que o mundo será atraído e Deus, glorificado. Portanto, quando Jesus nos chama é para isto que o faz, pois ele é o Senhor da contracultura!

A Aliança Bíblica Universitária do Brasil, através da sua publicadora, a ABU Editora, se propõe a apresentar esta série que se intitula A BÍBLIA FALA HOJE, constituída somente de exposições bíblicas.

A A.B.U.B. é uma entidade interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização do universitário e do estudante secundarista. Sua atuação é feita principalmente através dos próprios estudantes, através dos núcleos de estudo bíblico, dos acampamentos e congressos. A fim de preservar sua característica essencialmente evangélica e bíblica, a A.B.U.B. adota as seguintes Bases de Fé, que são subscritas, sem reservas, pela sua liderança, em todos os níveis:

a) A existência de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Um em essência e Trino em pessoa.

b) A soberania de Deus na Criação, Revelação, Redenção e Juízo Final.

c) A inspiração divina, veracidade e integridade da Bíblia, tal como revelada originalmente, e sua suprema autoridade em matéria de fé e conduta.

d) A pecaminosidade universal e a culpabilidade de todos os homens, desde a queda de Adão, pondo-nos sob ira e condenação de Deus.

e) A redenção da culpa, pena, domínio e corrupção do pecado, somente por meio da morte expiatória do Senhor Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus, nosso representante e substituto.

f) A ressurreição corporal do Senhor Jesus Cristo e sua ascensão à direita de Deus Pai.

g) A missão pessoal do Espírito Santo no arrependimento, na regeneração e na santificaçâo dos cristãos.

h) A justificação do pecador somente pela graça de Deus, por meio da fé em Jesus Cristo,

i) A intercessão de Jesus Cristo, como único mediador entre Deus e os homens,

j) A única Igreja, Santa e Universal, que é o Corpo de Cristo, à qual todos os cristãos verdadeiros pertencem e que na terra se manifesta nas congregações locais.

k) A certeza da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo em corpo glorificado e a consumação do Seu reino naquela manifestação,

l) A ressurreição dos mortos, a vida eterna dos salvos e a condenação eterna dos injustos.

Estas Bases de Fé são conforme às da C.I.E.E. — Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos.